



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 4 - Quarto levantamento | **JANEIRO 2017**



Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)**

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Guilherme Ailton de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.4 - Quarto levantamento | **JANEIRO 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Quarto levantamento, Brasília, p. 1-160 janeiro 2017.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Antonio Sergio Ribeiro Camelo (Geint)

Bruno Pereira Nogueira(Gefiab algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab -trigo)
Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Saulo Tomiyoshi Medeiros (Garm-Suarm)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctâo do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Márcio Araaes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz C. Vissoci(PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); Cézar Rubin, Dionizio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider(SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Ateam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana e Martha Helena Gama de Macêdo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- 8



2. Introdução----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade ----- 14



5. Estimativa de produção ----- 17



6. Crédito rural ----- 21



7. Prognóstico Climático ----- 29



8. Monitoramento agrícola ----- 33

**9. Análise das culturas ----- 61**

9.1. Culturas de verão -----	61
9.1.1. Algodão -----	61
9.1.2. Amendoim -----	66
9.1.3. Arroz -----	71
9.1.4. Feijão -----	76
9.1.5. Girassol -----	93
9.1.6. Mamona -----	94
9.1.7. Milho -----	96
9.1.8. Soja -----	107
9.1.9. Sorgo -----	119
9.2. Culturas de inverno -----	120
9.2.1. Aveia -----	120
9.2.2. Canola -----	122
9.2.3. Centeio -----	123
9.2.4. Cevada -----	124
9.2.5. Trigo -----	125
9.2.6. Triticale -----	128

**10. Receita Bruta ----- 130****11. Armazenagem ----- 137****12. Balanço de oferta e demanda ----- 143****13. Calendários de plantio e colheita ----- 145**





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

A estimativa da produção de grãos para a safra 2016/17 é de 215,3 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 15,3% em relação à safra anterior, ou 28,6 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 59,1 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 1,3% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: a produção deverá ser superior em relação à safra passada, apesar da redução de área.

Amendoim primeira safra: a estimativa é de safra de 390,7 mil toneladas, aumento de 0,5%. Preços favoráveis impulsionaram o plantio de área, semelhante à safra passada.

Arroz: apesar da queda na área de sequeiro, a retomada da semeadura nas áreas irrigadas deverá resultar numa produção de 11,6 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: o forte incremento de área (14,6%) reflete numa produção 25,7% superior à safra passada. Tanto o feijão carioca, quanto o preto e caupi, apresentam ganho de área e produtividade.

Milho primeira safra: após três anos consecutivos de queda, a produção deverá ser de 9,9% superior à anterior.

Soja: projeção de crescimento de 8,7% na produção, atingindo 103,8 milhões de toneladas.

Safra inverno 2016

Aveia: significativo aumento de área e produtividade. Canola: leve aumento de área, mas a produção será superior em 31% em relação à safra anterior devido à recuperação da produtividade.

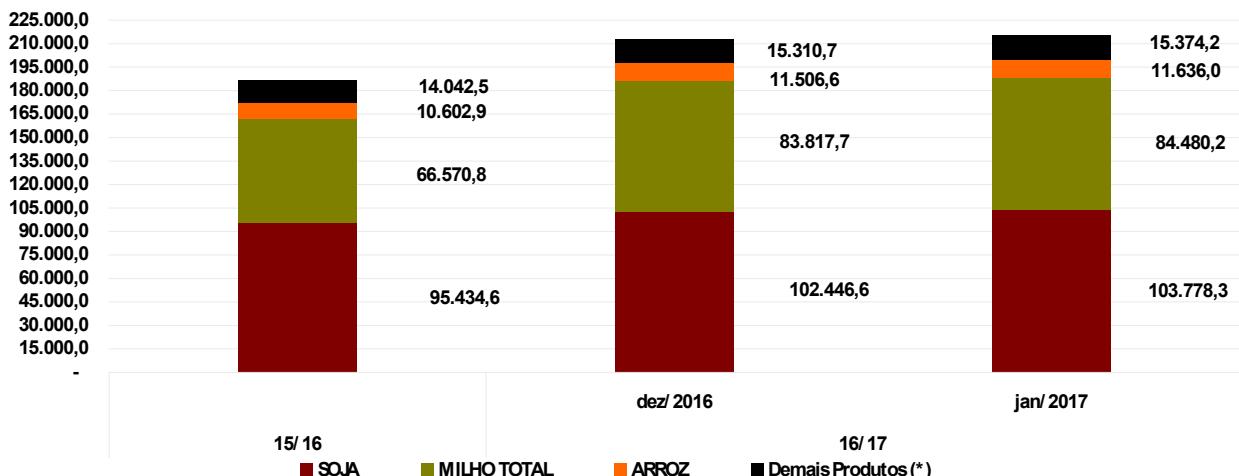
Centeio: significativo aumento de área e produtividade.

Cevada: apesar da redução de área, o expressivo au-

mento de produtividade resulta numa produção de 42,5% maior que à da safra passada.

Trigo: a produção será maior que a safra 2015. A redução da área foi compensada pela recuperação da produtividade, com a produção atingindo de 6,7 milhões de toneladas.

Gráfico 1 – Produção de grãos





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento – Conab, tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do quarto levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade,

produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2016 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução da evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de

safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Desta maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Companhia Nacional de Abastecimento – Conab, registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Neste quarto levantamento a estimativa é que o Brasil cultive 59,08 milhões de hectares. São informações coletadas na pesquisa de campo pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. De forma geral, há a expectativa de incremento de área para o cultivo da soja nas principais regiões produtoras em função da maior liquidez, rentabilidade e menor custo. Espera-se, também, que a área para a próxima safra seja maior para milho primeira safra e do feijão em virtude de boas cotações. O arroz tem uma leve redução, reflexo da queda nas áreas de sequeiro.

A área semeada de algodão se concentra em Mato Grosso e Bahia, por apresentarem condições edafo-climáticas favoráveis à tecnificação. No entanto, para a safra 2016/17 se estima a manutenção ou redução da área plantada em quase todos os estados produtores, principalmente pelos problemas climáticos nas últimas safras e a incorporação de áreas de soja antes destinadas ao algodão primeira safra.

A tendência de retração da área plantada do arroz de sequeiro e manutenção e/ou incremento do seu cultivo em áreas provenientes do ecossistema várzeas é mais uma vez constatado nos levantamentos da Conab. Em Mato Grosso, estado com a maior área plantada de sequeiro, é um exemplo dessa retração, principalmente pela competitividade com a soja no estado. Rio Grande do Sul, maior estado produtor, deve aumentar a área plantada.

Na primeira safra, a destinação de área para o cultivo do milho tem apresentado forte concorrência com o cultivo da soja, resultando em quedas recorrentes. No entanto, em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. Rio Grande do Sul, grande produtor e consumidor, deve destinar parte da área plantada para produção de silagem. Há também expectativa de aumento da área plantada na Bahia por apresentar um perfil edafoclimático favorável e consequente viabilidade do manejo tecnificado, visando o abastecimento da região Nordeste.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadu-

ra similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agronômico e de pacotes tecnológicos acessíveis são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente nos principais estados produtores, exceto no Paraná e Santa Catarina. No Paraná é consequência da proibição de plantio de soja na segunda safra no estado e em Santa Catarina é reflexo do incentivo estadual para o cultivo do milho.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território brasileiro. Estima-se que a área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumente na maior parte dos estados produtores, influenciado pelos preços de mercado e à possibilidade de clima favorável.

Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		DEZ/2016 (b)	JAN/2017 (c)		
ALGODÃO	954,7	902,3	905,2	(5,2)	(49,5)
AMENDOIM TOTAL	119,6	119,9	119,7	0,1	0,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	110,6	110,4	0,1	0,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	9,3	9,3	-	-
ARROZ	2.007,8	1.946,7	1.943,6	(3,2)	(64,2)
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	2.964,3	2.980,8	5,1	143,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.105,4	1.121,9	14,6	143,3
CARIOCA	409,9	480,9	488,3	19,1	78,4
PRETO	180,5	187,1	185,6	2,8	5,1
CAUPI	388,2	437,4	448,0	15,4	59,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.313,9	1.313,9	1.313,9	-	-
CARIOCA	402,7	402,7	402,7	-	-
PRETO	118,0	118,0	118,0	-	-
CAUPI	793,2	793,2	793,2	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	545,0	545,0	545,0	-	-
CARIOCA	477,2	477,2	477,2	-	-
PRETO	0,2	0,2	0,2	-	-
CAUPI	67,6	67,6	67,6	-	-
GIRASSOL	51,2	51,2	51,2	-	-
MAMONA	30,2	30,8	31,8	5,3	1,6
MILHO TOTAL	15.922,5	16.083,9	16.093,3	1,1	170,8
MILHO 1ª SAFRA	5.387,7	5.549,1	5.558,5	3,2	170,8
MILHO 2ª SAFRA	10.534,8	10.534,8	10.534,8	-	-
SOJA	33.251,9	33.903,4	33.787,2	1,6	535,3
SORGO	579,0	579,0	587,2	1,4	8,2
SUBTOTAL	55.754,4	56.581,5	56.500,0	1,3	745,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		DEZ/2016 (b)	JAN/2017 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	291,5	291,5	291,5	-	-
CANOLA	47,5	47,5	47,5	-	-
CENTEIO	2,5	2,5	2,5	-	-
CEVADA	95,6	95,6	95,6	-	-
TRIGO	2.118,4	2.116,6	2.118,4	-	-
TRITICALE	23,5	23,5	23,5	-	-
SUBTOTAL	2.579,0	2.577,2	2.579,0	-	-
BRASIL	58.333,4	59.158,7	59.079,0	1,3	745,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em janeiro/2017



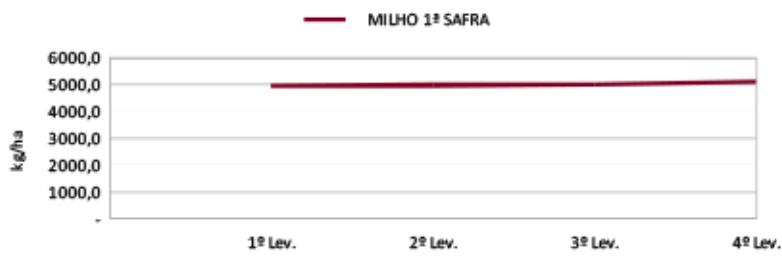


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Uma das principais variáveis analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Neste quarto levantamento de safra a Companhia continua a fase da sobreposição e da análise das produtividades estimadas estatisticamente com os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e com o acompanhamento agrometeorológico e espectral realizado pela Conab. Nessa ocasião a maior parte do plantio está finalizado ou próximo do término, o que dá mais consistência às informações coletadas junto aos informantes. Para os produtos que ainda não iniciaram a semeadura, como é o caso das culturas de segunda e terceira safras, continuamos nos baseando nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada.

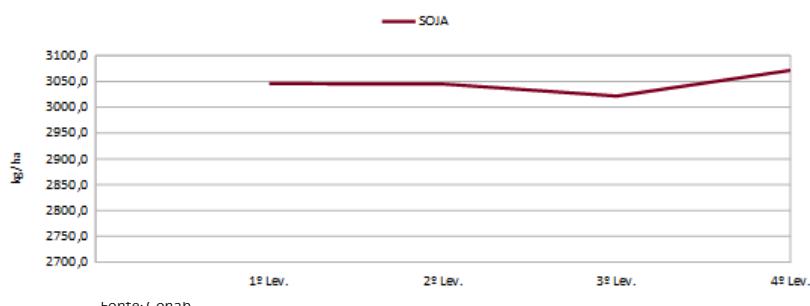
As melhores condições climáticas apresentadas deve favorecer ao aumento da produtividade das principais culturas.

Gráfico 2 - Produtividade milho



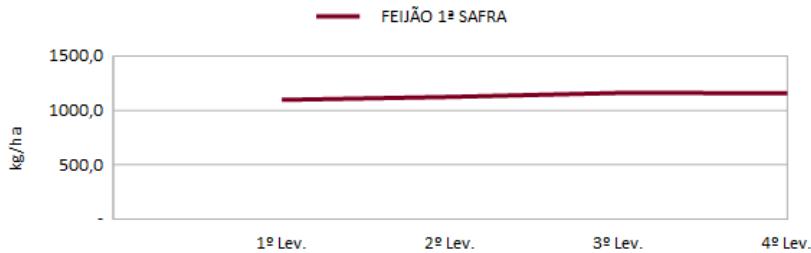
Fonte: Conab

Gráfico 3 - Produtividade soja



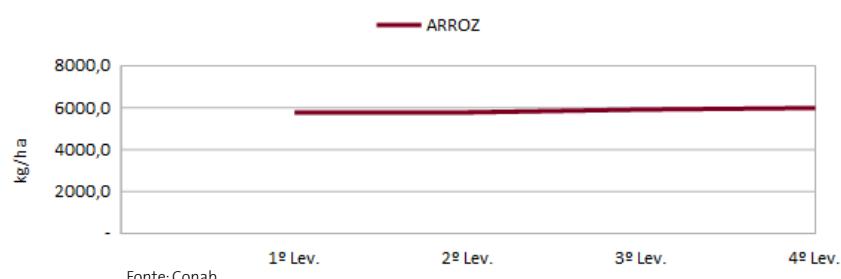
Fonte: Conab

Gráfico 4 - Produtividade feijão



Fonte: Conab

Gráfico 5 - Produtividade arroz



Fonte: Conab



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

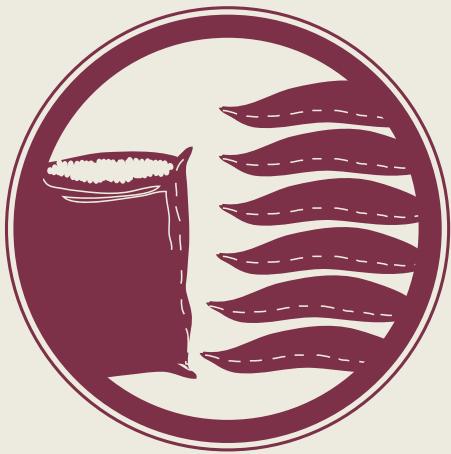
(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		DEZ/2016 (b)	JAN/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	2.028	2.354	2.355	16,1	326,5
ALGODÃO - PLUMA	1.350	1.567	1.567	16,1	217,0
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.443	3.429	1,0	33,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.552	3.538	0,4	14,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.135	2.135	14,0	261,7
ARROZ	5.281	5.911	5.987	13,4	706,1
FEIJÃO TOTAL	886	1.048	1.048	18,2	161,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.161	1.159	9,7	102,1
CARIOCA	1.619	1.703	1.700	5,0	81,4
PRETO	1.601	1.686	1.701	6,3	100,3
CAUPI	210	340	345	63,7	134,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	876	876	25,9	180,3
CARIOCA	1.232	1.424	1.424	15,6	192,0
PRETO	1.494	1.554	1.554	4,0	59,6
CAUPI	305	497	497	63,0	192,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.039	1.234	1.234	18,8	195,1
CARIOCA	1.105	1.317	1.317	19,2	212,1
PRETO	2.000	3.000	3.000	50,0	1.000,0
CAUPI	572	645	645	12,7	72,7
GIRASSOL	1.216	1.379	1.395	14,7	178,8
MAMONA	477	655	659	38,2	182,3
MILHO TOTAL	4.181	5.211	5.249	25,6	1.068,5
MILHO 1ª SAFRA	4.799	4.999	5.110	6,5	311,3
MILHO 2ª SAFRA	3.865	5.323	5.323	37,7	1.458,0
SOJA	2.870	3.022	3.072	7,0	201,5
SORGO	1.782	2.642	2.623	47,2	840,9
SUBTOTAL	3.203	3.624	3.667	14,5	464,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		DEZ/2016 (b)	JAN/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.840	2.840	2.840	-	-
CANOLA	1.514	1.514	1.514	-	-
CENTEIO	2.600	2.600	2.600	-	-
CEVADA	3.921	3.921	3.921	-	-
TRIGO	3.175	3.164	3.175	-	-
TRITICALE	2.898	2.898	2.898	-	-
SUBTOTAL	3.131	3.122	3.131	-	-
BRASIL (²)	3.200	3.602	3.644	13,9	443,7

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro 2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (215,3 MILHÕES DE TONELADAS)

Neste quarto levantamento, para a safra 2016/17, a produção estimada indica um volume de 215,3 milhões de toneladas, aumento de 15,3% em relação à safra passada. Esse resultado representa um aumento na produção de 28,6 milhões toneladas. Cabe ressaltar que este incremento é influenciado fortemente pela produtividade média das culturas que, nesta safra, recupera-se da influência negativa das condições climáticas na safra passada.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção acima de 103,8 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 84,5 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira (28,4 milhões de toneladas) e segunda safra (56,1 milhões de toneladas). A primeira safra deve ter o primeiro incremento em relação à safra anterior nos últimos cinco anos.

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 11,6 milhões de toneladas e 3,1 milhões de toneladas, respectivamente.

Gráfico 6 - Produção milho

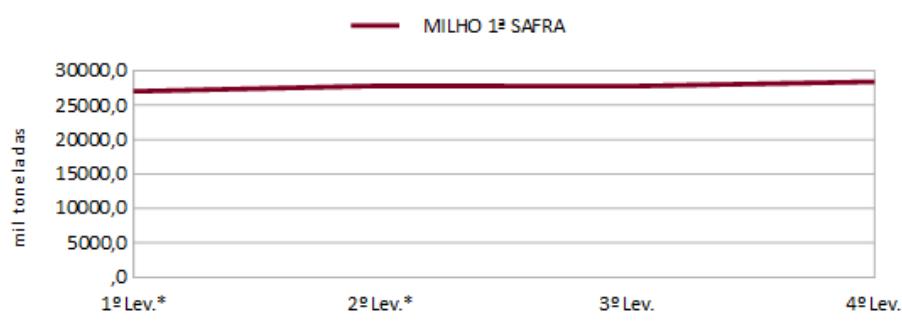


Gráfico 7 - Produção soja

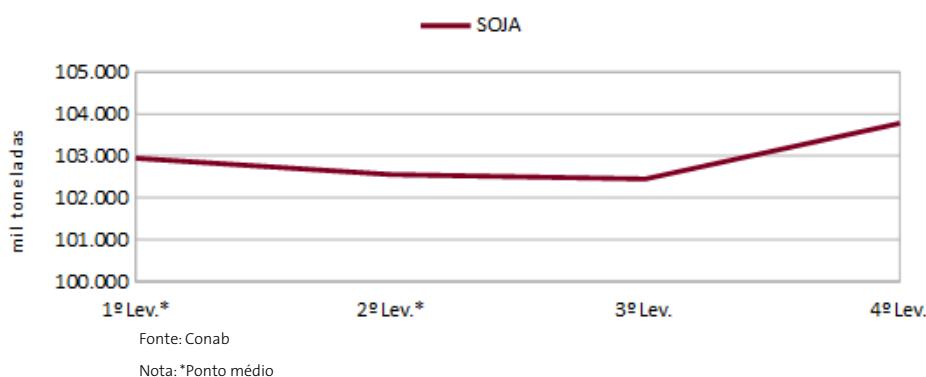


Gráfico 8 - Produção feijão

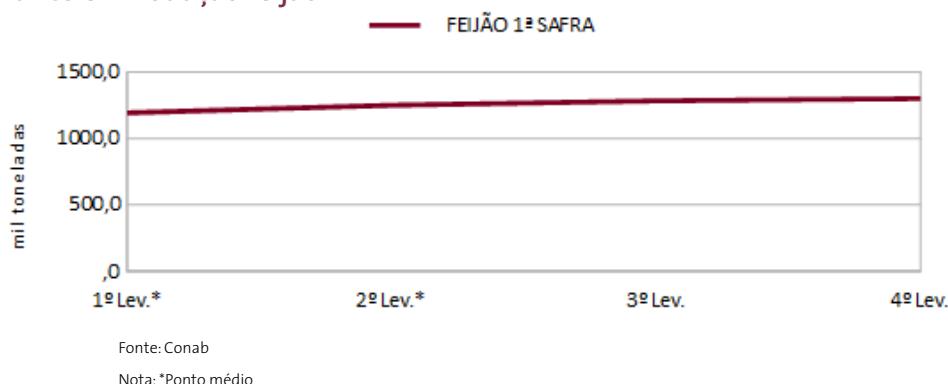


Gráfico 9 - Produção arroz

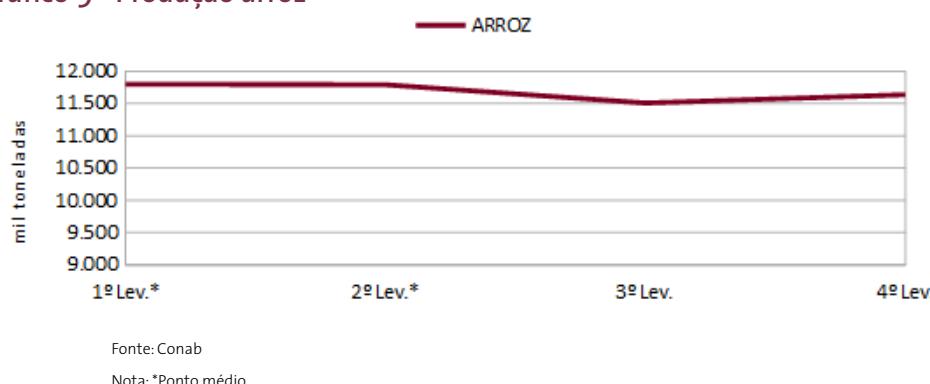


Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Dez/2016 (b)	Jan/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	1.936,5	2.124,2	2.131,5	10,1	195,0
ALGODÃO - PLUMA	1.288,8	1.413,7	1.418,4	10,1	129,6
AMENDOIM TOTAL	406,1	412,7	410,5	1,1	4,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	392,9	390,7	0,5	1,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	19,8	19,8	14,5	2,5
ARROZ	10.602,9	11.506,6	11.636,0	9,7	1.033,1
FEIJÃO TOTAL	2.515,0	3.107,1	3.124,1	24,2	609,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.283,2	1.300,1	25,7	265,8
CARIOCA	663,5	819,0	830,1	25,1	166,6
PRETO	289,1	315,4	315,7	9,2	26,6
CAUPI	81,7	148,7	154,5	89,1	72,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	914,7	1.151,3	1.151,3	25,9	236,6
CARIOCA	496,4	573,5	573,5	15,5	77,1
PRETO	176,3	183,3	183,3	4,0	7,0
CAUPI	242,0	394,6	394,6	63,1	152,6
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,5	672,6	672,6	18,7	106,1
CARIOCA	527,4	628,3	628,3	19,1	100,9
PRETO	0,4	0,6	0,6	50,0	0,2
CAUPI	38,7	43,6	43,6	12,7	4,9
GIRASSOL	62,3	70,5	71,4	14,6	9,1
MAMONA	14,4	20,2	21,0	45,8	6,6
MILHO TOTAL	66.570,8	83.817,7	84.480,2	26,9	17.909,4
MILHO 1ª SAFRA	25.853,6	27.740,8	28.403,3	9,9	2.549,7
MILHO 2ª SAFRA	40.717,5	56.076,9	56.076,9	37,7	15.359,4
SOJA	95.434,6	102.446,6	103.778,3	8,7	8.343,7
SORGO	1.031,5	1.529,8	1.539,9	49,3	508,4
SUBTOTAL	178.574,9	205.035,4	207.192,8	16,0	28.617,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Dez/2016 (b)	Jan/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	827,8	827,8	-	-
CANOLA	71,9	71,9	71,9	-	-
CENTEIO	6,5	6,5	6,5	-	-
CEVADA	374,8	374,8	374,8	-	-
TRIGO	6.726,8	6.697,1	6.726,8	-	-
TRITICALE	68,1	68,1	68,1	-	-
SUBTOTAL	8.075,9	8.046,2	8.075,9	-	-
BRASIL (2)	186.650,8	213.081,6	215.268,7	15,3	28.617,9

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.539,6	2.741,5	8,0	2.731	3.206	17,4	6.936,6	8.789,9	26,7
RR	39,9	54,7	37,1	3.900	3.755	(3,7)	155,6	205,4	32,0
RO	474,1	482,6	1,8	3.338	3.323	(0,5)	1.582,5	1.603,5	1,3
AC	52,4	47,2	(9,9)	2.065	1.975	(4,4)	108,2	93,2	(13,9)
AM	11,4	18,4	61,4	1.912	2.147	12,3	21,8	39,5	81,2
AP	4,6	4,3	(6,5)	891	884	(0,8)	4,1	3,8	(7,3)
PA	730,8	843,9	15,5	2.932	2.985	1,8	2.142,4	2.519,0	17,6
TO	1.226,4	1.290,4	5,2	2.383	3.352	40,7	2.922,0	4.325,5	48,0
NORDESTE	7.395,3	7.645,8	3,4	1.335	2.116	58,5	9.869,2	16.179,6	63,9
MA	1.420,1	1.453,3	2,3	1.748	2.555	46,2	2.481,7	3.713,6	49,6
PI	1.360,0	1.421,9	4,6	1.089	2.226	104,4	1.480,5	3.164,6	113,8
CE	850,3	850,3	-	267	589	120,7	227,4	501,1	120,4
RN	56,6	56,6	-	323	435	34,6	18,3	24,6	34,4
PB	173,1	173,1	-	191	370	93,9	33,1	64,1	93,7
PE	386,5	386,5	-	176	334	89,8	67,9	129,1	90,1
AL	61,6	61,6	-	722	818	13,3	44,5	50,4	13,3
SE	195,9	195,9	-	1.138	4.202	269,2	223,0	823,1	269,1
BA	2.891,2	3.046,6	5,4	1.831	2.530	38,2	5.292,8	7.709,0	45,7
CENTRO-OESTE	23.583,9	23.790,4	0,9	3.192	3.849	20,6	75.289,7	91.566,9	21,6
MT	14.001,5	14.084,9	0,6	3.101	3.764	21,4	43.425,3	53.008,7	22,1
MS	4.213,1	4.316,7	2,5	3.267	3.929	20,2	13.765,7	16.958,4	23,2
GO	5.213,9	5.231,6	0,3	3.366	3.965	17,8	17.549,7	20.745,4	18,2
DF	155,4	157,2	1,2	3.533	5.435	53,8	549,0	854,4	55,6
SUDESTE	5.315,3	5.435,3	2,3	3.658	4.066	11,2	19.444,3	22.101,0	13,7
MG	3.304,5	3.360,5	1,7	3.574	4.114	15,1	11.809,3	13.825,0	17,1
ES	24,4	24,4	-	2.098	1.775	(15,4)	51,2	43,3	(15,4)
RJ	4,1	5,8	41,5	1.976	1.741	(11,9)	8,1	10,1	24,7
SP	1.982,3	2.044,6	3,1	3.822	4.022	5,2	7.575,7	8.222,6	8,5
SUL	19.499,3	19.466,0	(0,2)	3.852	3.937	2,2	75.111,0	76.631,4	2,0
PR	9.686,4	9.566,4	(1,2)	3.700	3.926	6,1	35.842,0	37.560,6	4,8
SC	1.279,9	1.314,3	2,7	4.880	5.086	4,2	6.245,9	6.684,0	7,0
RS	8.533,0	8.585,3	0,6	3.870	3.772	(2,5)	33.023,1	32.386,8	(1,9)
NORTE/NORDESTE	9.934,9	10.387,3	4,6	1.692	2.404	42,1	16.805,8	24.969,5	48,6
CENTRO-SUL	48.398,5	48.691,7	0,6	3.509	3.908	11,4	169.845,0	190.299,3	12,0
BRASIL	58.333,4	59.079,0	1,3	3.200	3.644	13,9	186.650,8	215.268,8	15,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro 2017.





6. CRÉDITO RURAL

O crédito rural é importante para acompanhar as escolhas de investimento do produtor em determinada cultura. O financiamento da agricultura tem outras fontes além da disponibilidade bancária, no entanto é possível analisar o comportamento do crédito, como na forma apresentada neste documento, a partir de outras informações disponíveis.

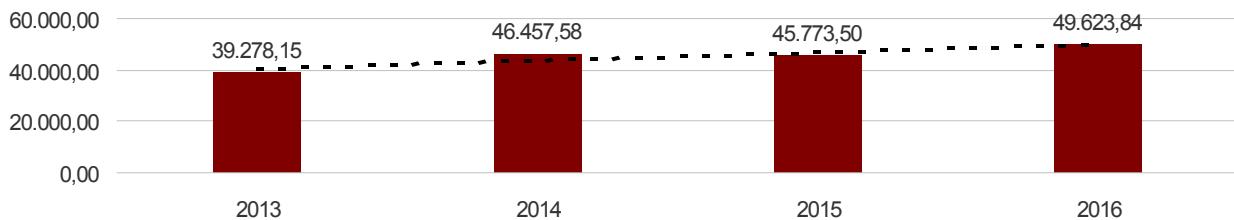
A análise terá como suporte as informações de custeio do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 10 de dezembro de 2016, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SISTEMA DE OPERAÇÕES DO CRÉDITO RURAL E DO PROAGRO (SICOR), DO BANCO CENTRAL DO BRASIL (BACEN)

Inicialmente, pode-se comentar que a utilização do crédito de custeio em 2016 é superior aos anos ante-

riores (Gráfico 10), com crescimento de 8,41% em relação a 2015.

Gráfico 10 –Total de financiamento



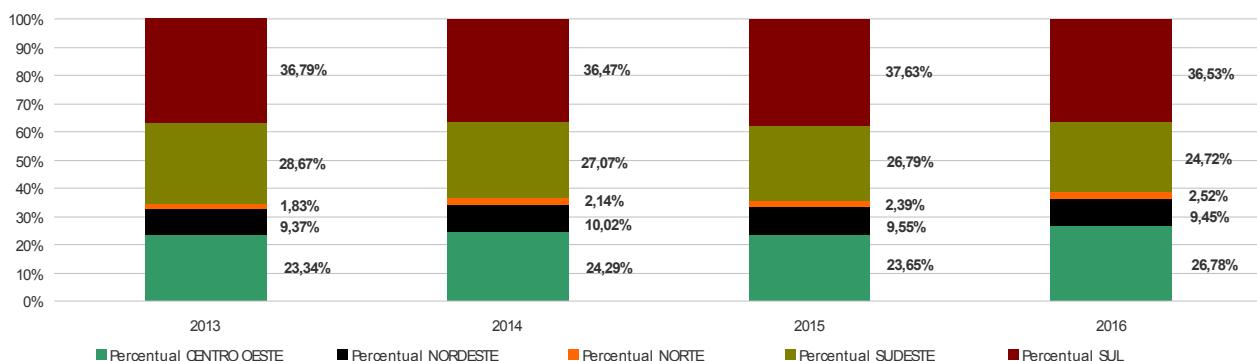
Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

O Gráfico 11 demonstra a participação percentual a utilização do crédito por região geográfica. Observa-se que a participação do crédito, se comparado a 2013, é crescente nas Regiões Centro-Oeste e Norte o que é compatível com a evolução do plantio nessas regiões. A redução percentual nas Regiões Sul e Sudeste

podem ser explicadas pelos problemas de diversificação de fontes de recursos e restrições bancárias. O comportamento da Região Nordeste tem relação com os problemas climáticos nos últimos cinco anos, não sendo menor devido à região sul do Maranhão e Piauí e oeste baiano.

Gráfico 11- Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

as informações do crédito rural obtidas do Sincor/Bacen, nos anos de 2013 a 2016.

6.2. ARROZ

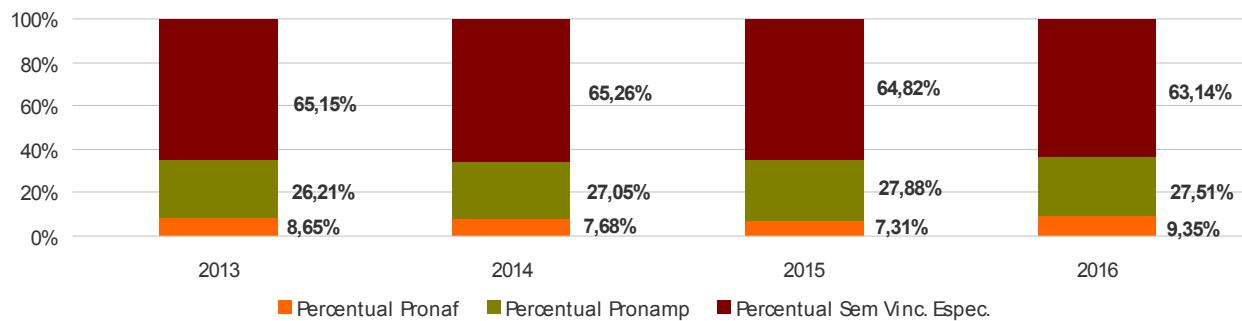
Das informações constantes do Gráfico 12 se pode destacar a baixa utilização de crédito pelo Pronaf. O Gráfico 13 demonstra a participação de regiões no financiamento da produção e o Gráfico 14 indica a redução da utilização do crédito em relação a 2014 e 2015.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na

região Sul explica as informações da aplicação por tipo de financiamento e por região. A queda do uso do crédito, destacado no Gráfico 14, pode ser explicada pela opção do produtor em investir em outra cultura com melhor rentabilidade, redução do uso do arroz para abertura de área de produção, exigências na disponibilidade do crédito pelas instituições financeiras e migração do financiamento para outras fontes de crédito.



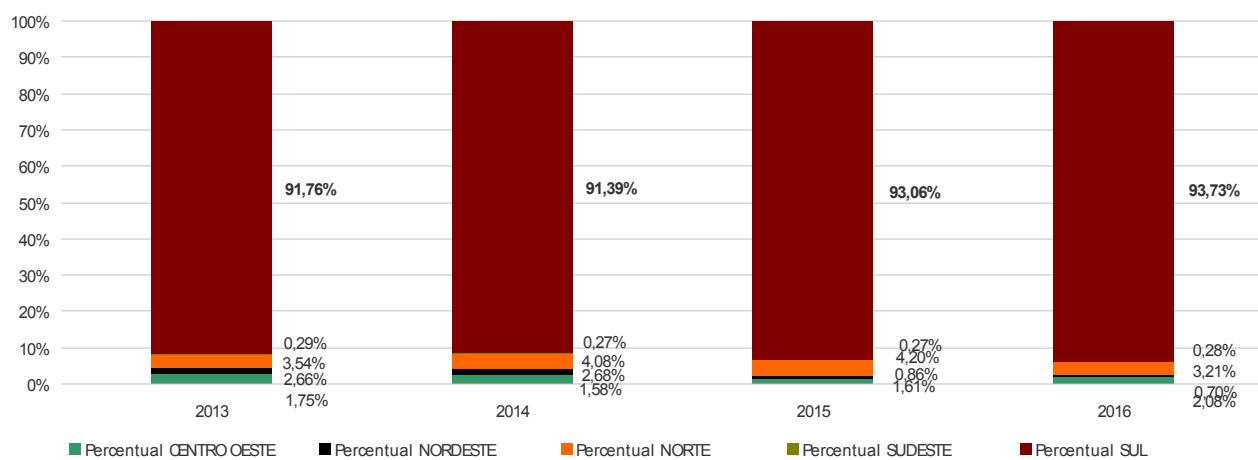
Gráfico 12 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

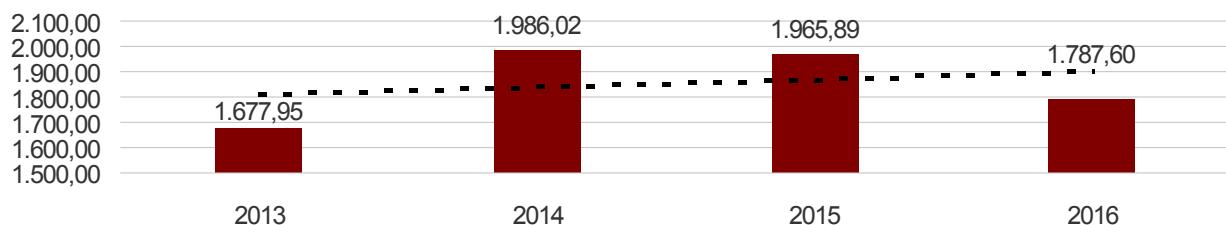
Gráfico 13 – Arroz -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

Gráfico 14 - Arroz -Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

6.3. MILHO

No Gráfico 15 se observa que há aumento na participação percentual do Pronaf nos tipos de financiamentos no presente exercício. No Gráfico 16 se pode perceber que as Regiões Centro-Oeste e Sul são as que mais utilizam o crédito. O Gráfico 17 indica aumento do crédito utilizado em 2016 em relação a 2015. Outro aspecto importante a ser comentado é que em todas as regiões houve aumento do uso do crédito para o

custeio de milho, se comparado com 2015: 26,45% no Centro-Oeste, 20,97% no Nordeste, 70,12% no Norte, 14,72% no Sudeste e 26,59% no Sul.

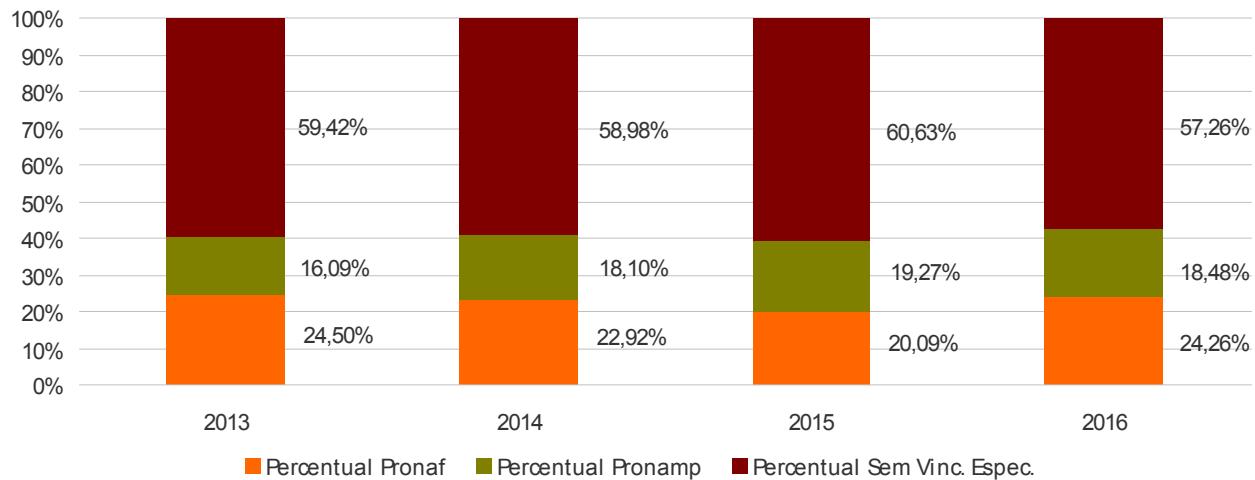
As hipóteses para esse comportamento, principalmente para os investimentos na Primeira safra são: a quebra da safra 2015/16, a necessidade de cumprir com obrigações de crédito com fornecedores em ra-



zão dos problemas da safra passada e a melhoria dos preços do milho. Deve-se registrar que continua a ser

destaque a concentração do plantio do milho da segunda safra para o início de 2017.

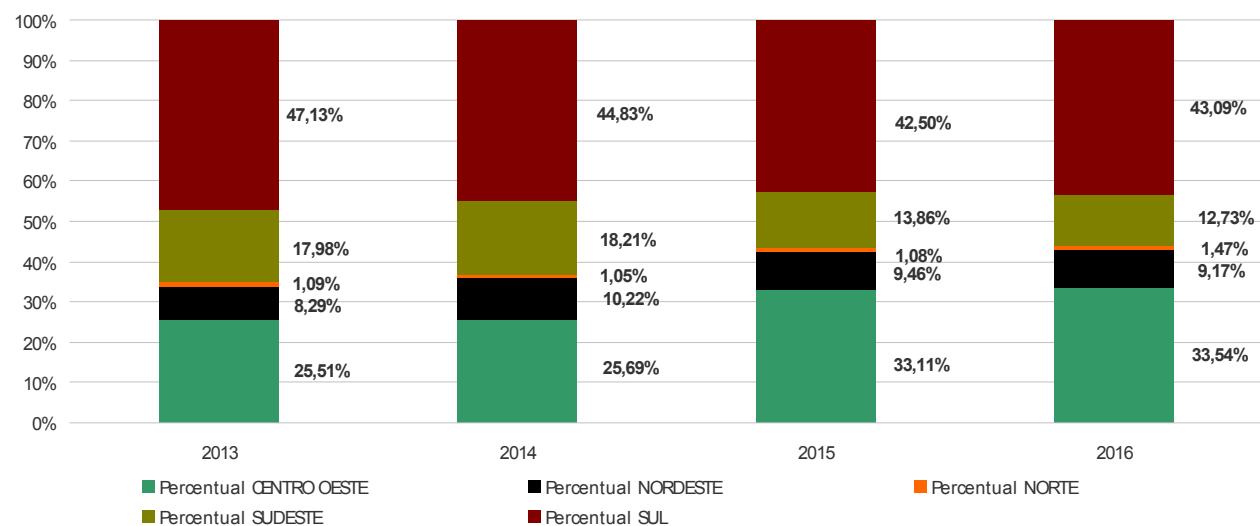
Gráfico 15 – Milho - Tipo de financiamento - Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

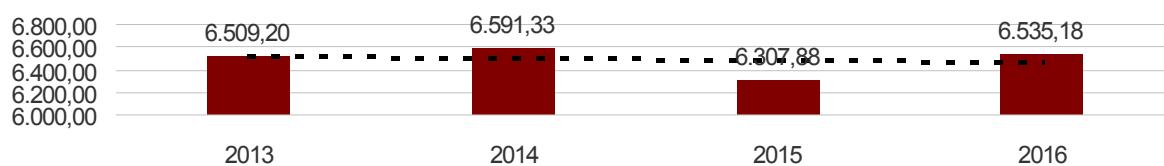
Gráfico 16 – Milho -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

Gráfico 17 – Milho – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.



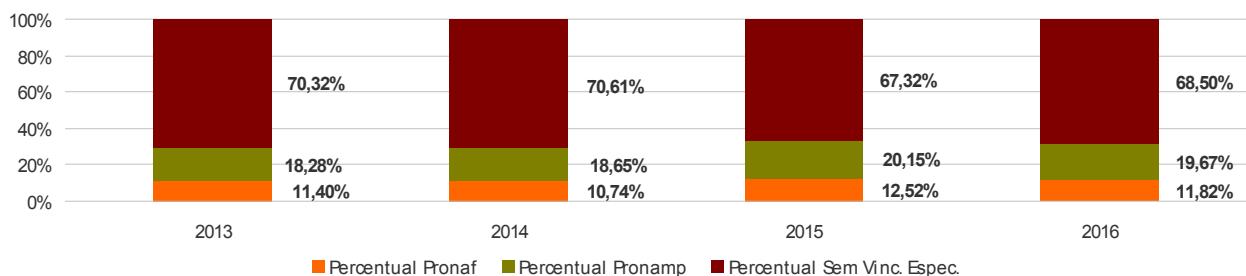
6.4. Soja

O Gráfico 18 tem a participação do uso do crédito por tipo de financiamento, com forte concentração no financiamento sem vínculo específico. No Gráfico 19 se nota o uso do crédito nas Regiões Centro-Oeste e Sul, que são as principais regiões produtoras; e no Gráfico 20 é demonstrado o crescente aumento do crédito de

custeio para o plantio da soja.

A principal hipótese que explica as situações relatadas anteriormente é a opção do produtor em investir na soja em detrimento a outras culturas dada a sua maior liquidez e rentabilidade.

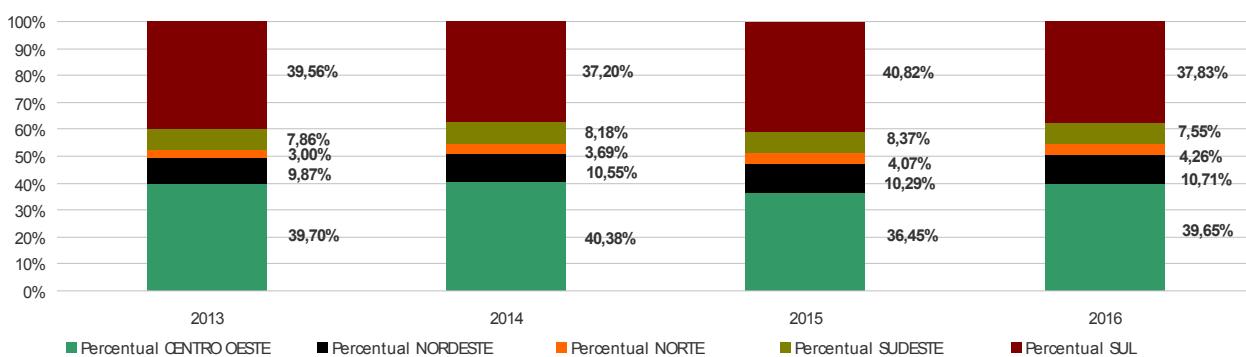
Gráfico 18 – Soja - Tipo de financiamento - Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

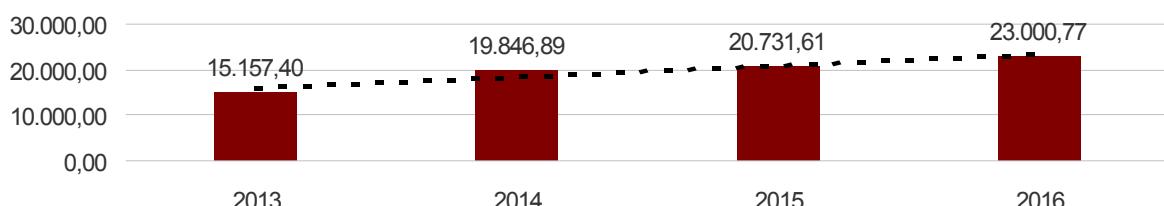
Gráfico 19 – Soja -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

Gráfico 20 - Soja – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

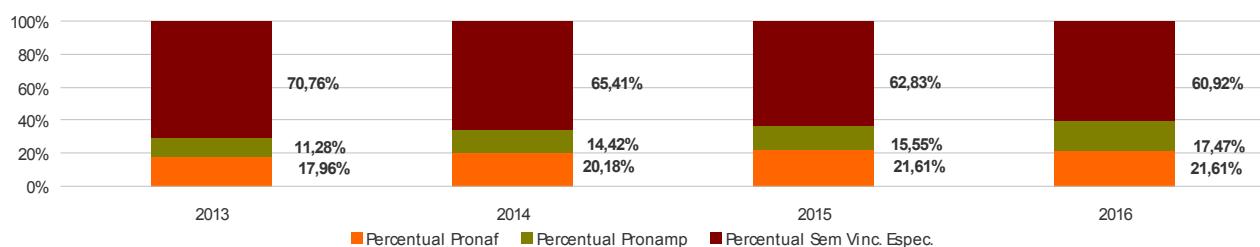


6.5. FEIJÃO

O Gráfico 21, observando o período de 2013 a 2016, há alterações na distribuição percentual do crédito nos programas onde o crédito vem perdendo espaço para o Pronamp e Pronaf. As informações constantes do Gráfico 22 são compatíveis com as principais regiões produtoras. O Gráfico 23 demonstra o aumento do uso do crédito em 2016 em relação a 2015 e 2016, mas inferior a 2013.

O crescimento dos financiamentos pode ter relação com a queda da safra 2015/16, os reflexos dos preços internos e da visão do produtor da oportunidade de plantio de feijão. No entanto, pode-se observar pelos números da safra a redução de área de produção nos últimos anos.

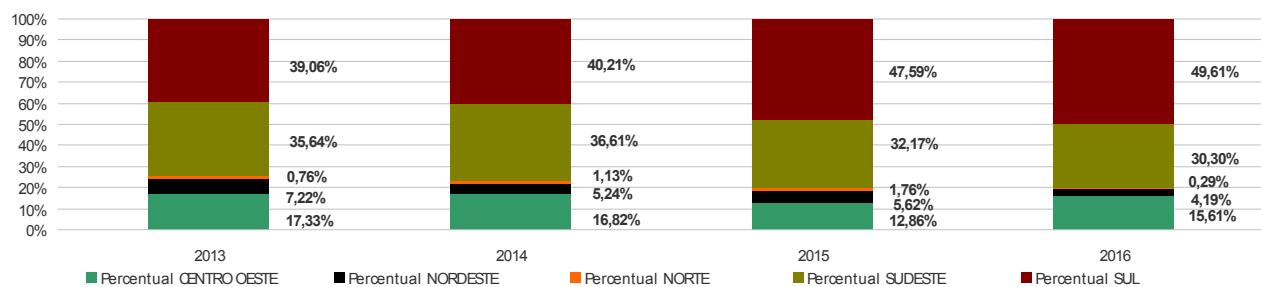
Gráfico 21 Feijão – Tipo de financiamento – Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

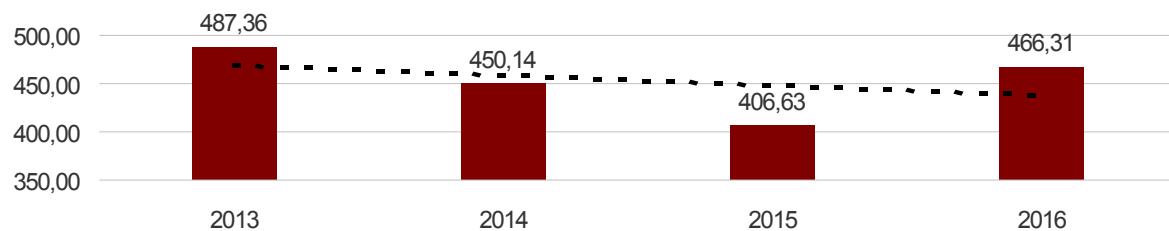
Gráfico 22 – Feijão -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

Gráfico 23– Feijão - Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

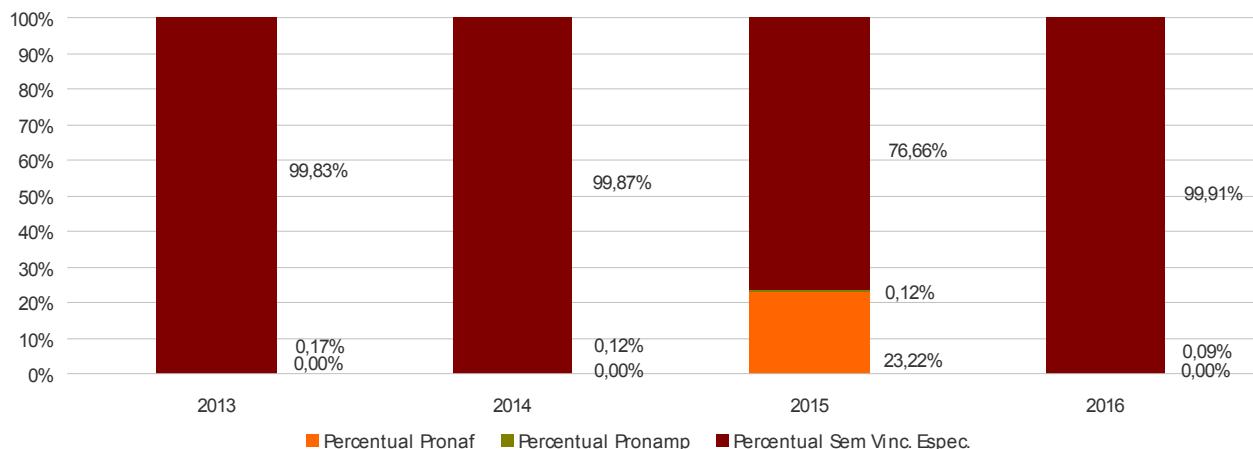


6.6. ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do financiamento sem vínculo específico (Gráfico 24). A produção se concentra na Bahia e Mato Grosso e a informação do Gráfico 25 é

condizente com tal assertiva. A queda de uso do financiamento para custeio tem relação direta com as questões econômicas - excesso de estoque no âmbito internacional com impactos nos preços.

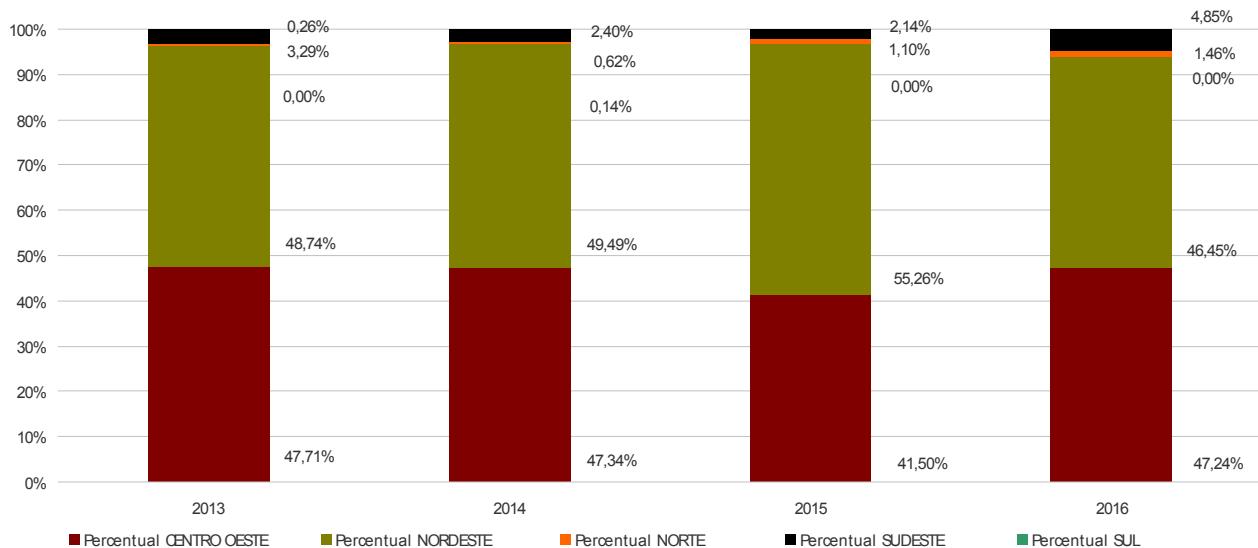
Gráfico 24 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação de Programa



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.

Gráfico 25 –Algodão -Tipo de financiamento – Participação por região

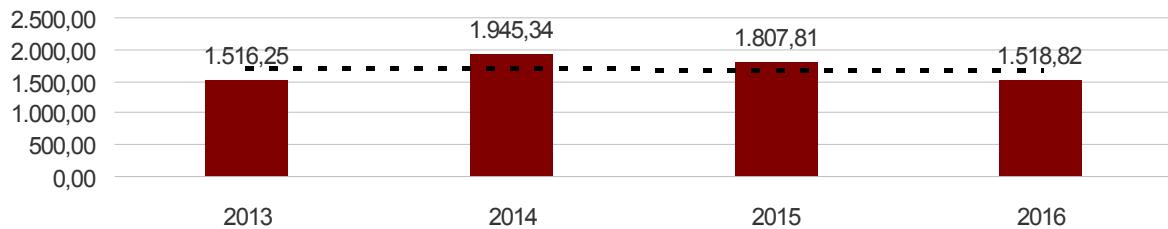


Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.



Gráfico 26– Algodão - Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a novembro de 2016.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DO MÊS DE DEZEMBRO DE 2016

O volume de chuvas em dezembro de 2016 na Região Centro-Oeste se apresentou de forma irregular, tanto espacialmente quanto ao longo do tempo. No Estado do Mato Grosso, os totais acumulados nas estações meteorológicas do INMET variaram entre 250 e 420 mm distribuídos entre 18 e 20 dias de chuva ao longo do mês, como em Canarana, onde o volume ultrapassou os 400 mm. No Mato Grosso do Sul e sul de Goiás, os volumes acumulados entre 150 e 300 mm ficaram próximas à faixa normal do período e foram registrados, em média 15 dias de chuva bem distribuídos ao longo do mês. De maneira oposta, os registros indicam que no centro-norte de Goiás e no Distrito Federal os volumes entre 100 e 200 mm ficaram abaixo da média, e a quase totalidade desse volume ocorreu na primeira quinzena de dezembro (Figura 1).

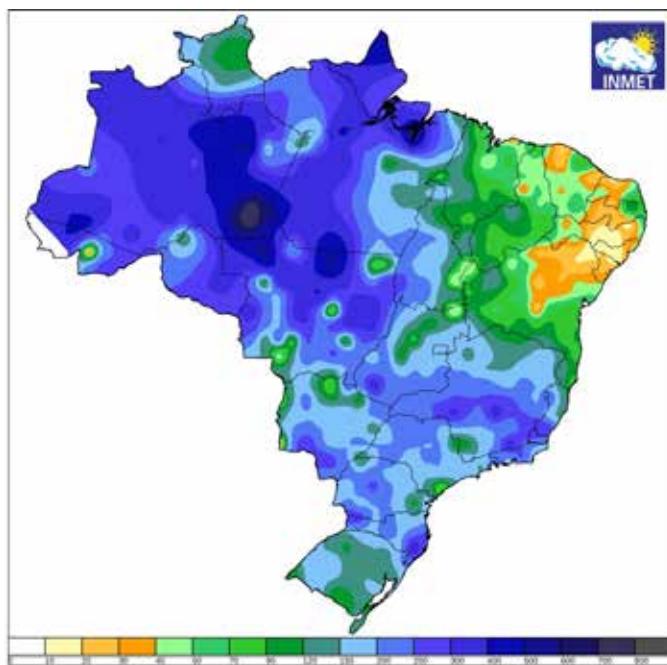
Na Região Sudeste, os volumes variaram entre 90 e 300 mm. Os maiores volumes, entre 200 e 300 mm, ocorreram no Estado do Rio de Janeiro, no centro-sul de Minas Gerais e no oeste de São Paulo, resultando em acumulados próximos ou acima da média. Já no

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meterologista CDP-INMET-Brasília

norte de Minas Gerais, os volumes na faixa entre 90 e 200 mm resultaram em acumulados abaixo da média na maioria das localidades e as ocorrências de dias chuvosos se concentraram basicamente na primeira metade do mês.

Na Região do MATOPIBA, de forma geral, predominaram volumes de chuva abaixo da média em dezembro. No Estado do Tocantins, foram registrados volumes entre 100 e 250 mm; no Sul do Maranhão, sul do Piauí e Oeste da Bahia, os volumes ficaram na faixa entre 50 e 150 mm. O número de dias com chuva variou entre 7 e 16, dependendo da localidade, porém, basicamente ocorreram todos nos primeiros 15 dias.

Figura 1 - Precipitação acumulada no mês de dezembro/2016 no Brasil (em mm)



Fonte: Inmet

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS E LA NINÃ

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de dezembro (Figura 2) mostra que a área com águas mais frias no Pacífico Equatorial ficou reduzida em comparação com a primeira quinzena de dezembro e com o mês de novembro, com apenas alguns núcleos isolados com desvios negativos de pouco mais de 1°C. Essa condição demonstra que há uma tendência de rápida evolução para uma condição de neutralidade no Oceano Pacífico Tropical.

De maneira geral, a ocorrência do fenômeno La Niña é favorável às chuvas na Região Nordeste e desfavorável no Sul nos meses de verão e outono.

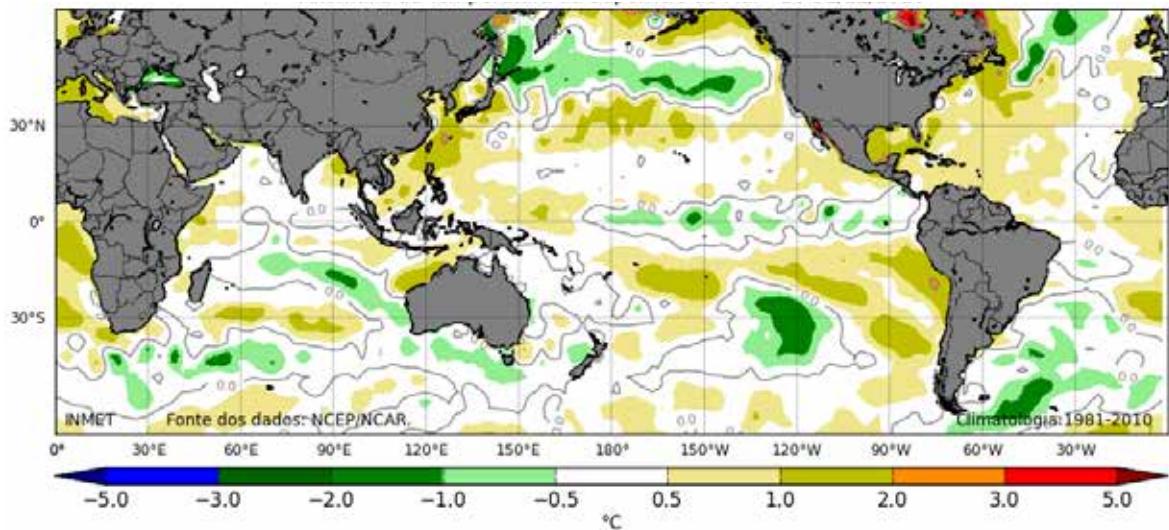
Por outro lado, o resfriamento observado no Oceano

Atlântico Tropical Norte na última quinzena de dezembro em comparação com a primeira é um sinal favorável às chuvas mais regulares no centro-norte do Nordeste do Brasil, caso esse resfriamento evolua durante o mês de janeiro (Figura 2).

A condição térmica na superfície do Atlântico Tropical é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte do Nordeste durante o primeiro semestre que é a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). Quanto mais o Atlântico Tropical Norte se resfria ao mesmo tempo em que Atlântico Tropical Sul aquece, mais a ZCIT se aproxima da Região Nordeste, gerando mais instabilidade na atmosfera e, consequentemente, mais chuva.



Figura 2 - Anomalias da TSM no período 16-31 de dezembro de 2016

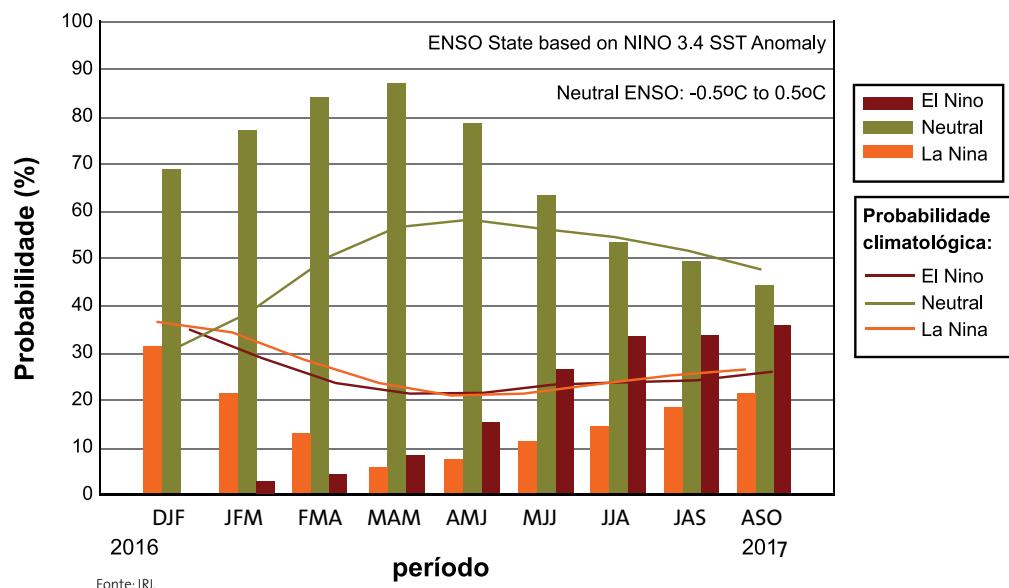


Fonte: Inmet.

Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam que o fenômeno tem baixa probabilidade de persistir além do mês de fevereiro de 2017 (Gráfico 31). O atual prognóstico e

as últimas observações sugerem que o fenômeno La Niña está em processo de enfraquecimento, devendo o Pacífico Tropical entrar em uma fase de neutralidade nos primeiros meses de 2017.

Gráfico 27 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



Fonte: IRI.



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA - TRIMESTRE JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2017

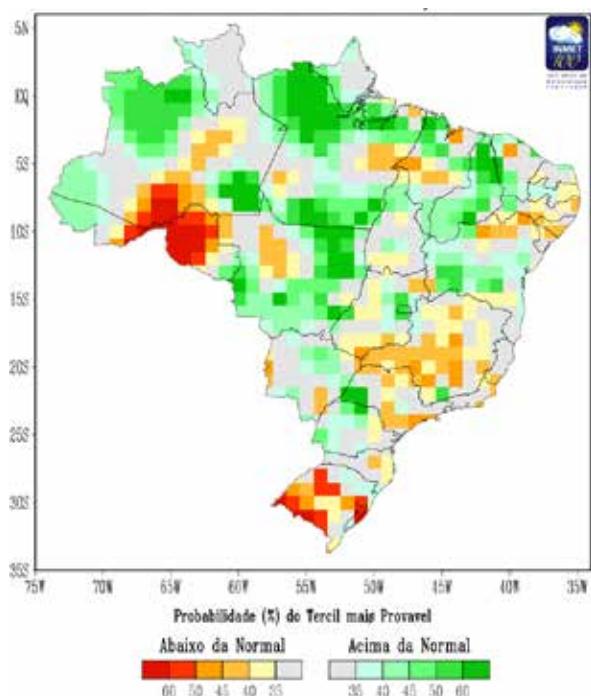
Os modelos de previsão climática, como o do INMET (figura¹), indicam que pode haver significativa variabilidade espacial no acumulado de chuva nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima nos na maioria das localidades dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Na primeira quinzena de janeiro, os maiores volumes devem se concentrar no Mato Grosso do Sul, em São Paulo, norte do Mato Grosso e sul de Goiás. Na segunda metade de janeiro, as chuvas poderão ter uma distribuição mais uniforme nas duas regiões.

Na região Sul, o prognóstico indica maior probabi-

lidade de chuvas abaixo da média no centro-sul do Rio Grande do Sul e acima ou dentro da faixa normal no norte do estado e em Santa Catarina e no Paraná. Porém, no mês de janeiro devem ocorrer chuvas mais frequentes, principalmente durante a primeira quinzena, atingindo, ou mesmo ultrapassando, a média do mês em várias localidades da região.

Na Região Nordeste, o volume de chuvas deve ficar dentro da faixa normal do período dezembro-janeiro-fevereiro em grande parte da região, com probabilidade de desvios positivos na faixa norte, incluindo parte do semiárido dos estados do Piauí, Ceará e localidades próximas.

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do INMET para o trimestre janeiro-fevereiro-março/2017.



Fonte: Inmet.

¹ Mozar de Araújo Salvador e Danielle Barros Ferreira – Meteorologistas CDP-INMET-Brasília.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (1ª SAFRA – 2016/2017) - DEZEMBRO/2016

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de dezembro de 2016.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos: precipitação acumulada, desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo; e os espectrais: índice de vegetação calculado a partir de imagens de satélite, que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, ou, geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - DEZEMBRO DE 2016

Em Rondônia, no Pará e nas regiões produtoras do Sudeste e Centro-Oeste, embora o acumulado de chuvas do mês de dezembro tenha ficado abaixo da média, a regularidade, a distribuição espacial e a intensidade das precipitações foram favoráveis para a manutenção da umidade do solo e o desenvolvimento das lavouras. No Mato Grosso do Sul, o acumulado de chuvas no primeiro decêndio do mês favoreceu a retomada do crescimento das lavouras prejudicadas pela falta de chuvas no mês anterior.

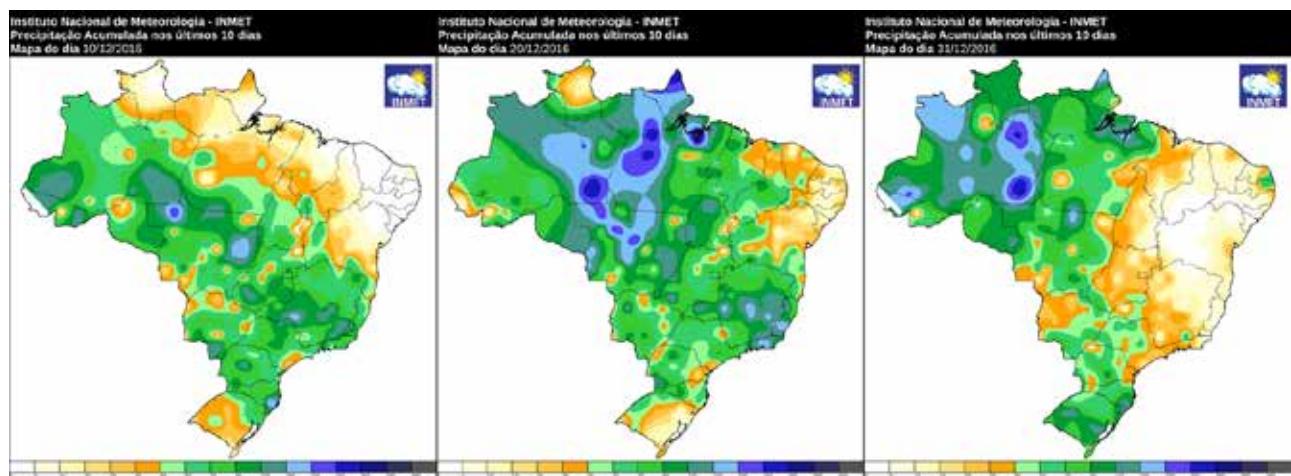
Já na região do MATOPIBA, a irregularidade das chuvas no mês de dezembro pode ter causados impactos pontuais nas lavouras de soja, principalmente, naquelas que já haviam sofrido alguma restrição pelo mesmo motivo no mês anterior. Além disso, essa irre-

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja.

gularidade pode ter causado paralizações no plantio, que refletirão em possíveis atrasos na implantação de algumas lavouras.

Na Região Sul, chuvas regulares e bem distribuídas durante o mês de dezembro favoreceram o desenvolvimento das lavouras no Paraná e em Santa Catarina, possibilitando, inclusive, a recuperação de lavouras de milho e soja afetadas pela falta de chuvas no mês anterior no Paraná, e a recuperação do nível dos arroios para a irrigação do arroz em Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, embora as precipitações tenham ocorrido com mais regularidade e melhor distribuídas apenas no terceiro decêndio do mês, no geral, as condições climáticas em dezembro também foram favoráveis para o desenvolvimento das culturas de verão.

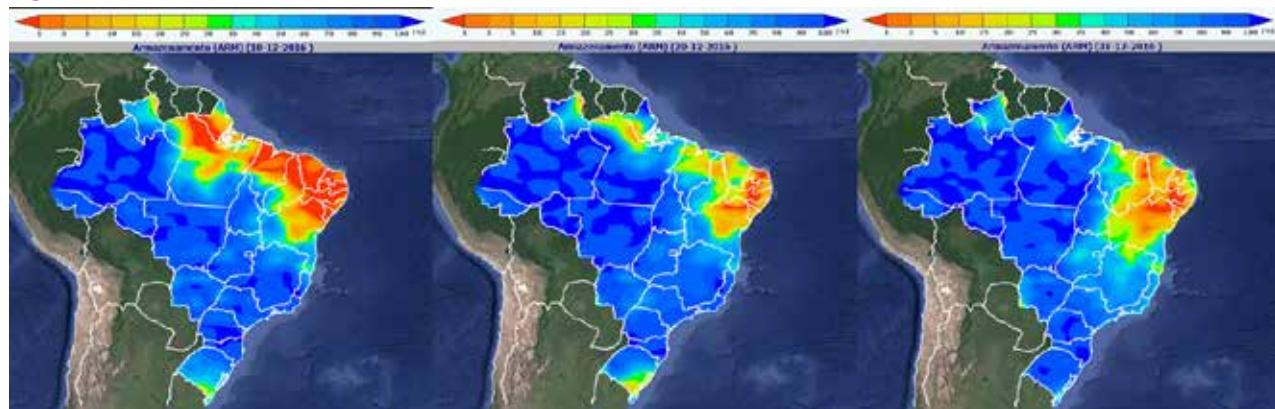
Figura 4 - Chuva acumulada de 1 a 10 de dezembro, de 11 a 20 de dezembro e de 22 a 31 de dezembro de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 5 -Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 31 de dezembro/16.



Fonte: Inmet.

8.2. MONITORAMENTO ESPECTRAL – DEZEMBRO DE 2016

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é a safra de verão 2016/2017.

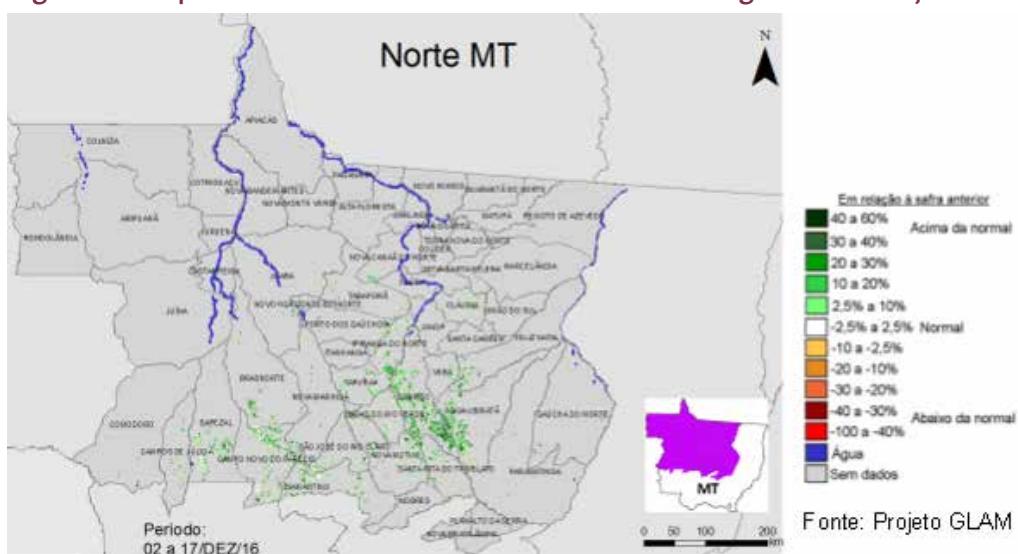
O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da

média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam acompanhar o desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, além da possibilidade de comparação entre diferentes anos safra.

No total, estão sendo monitoradas 19 mesorregiões produtoras. Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas 19 mesorregiões.

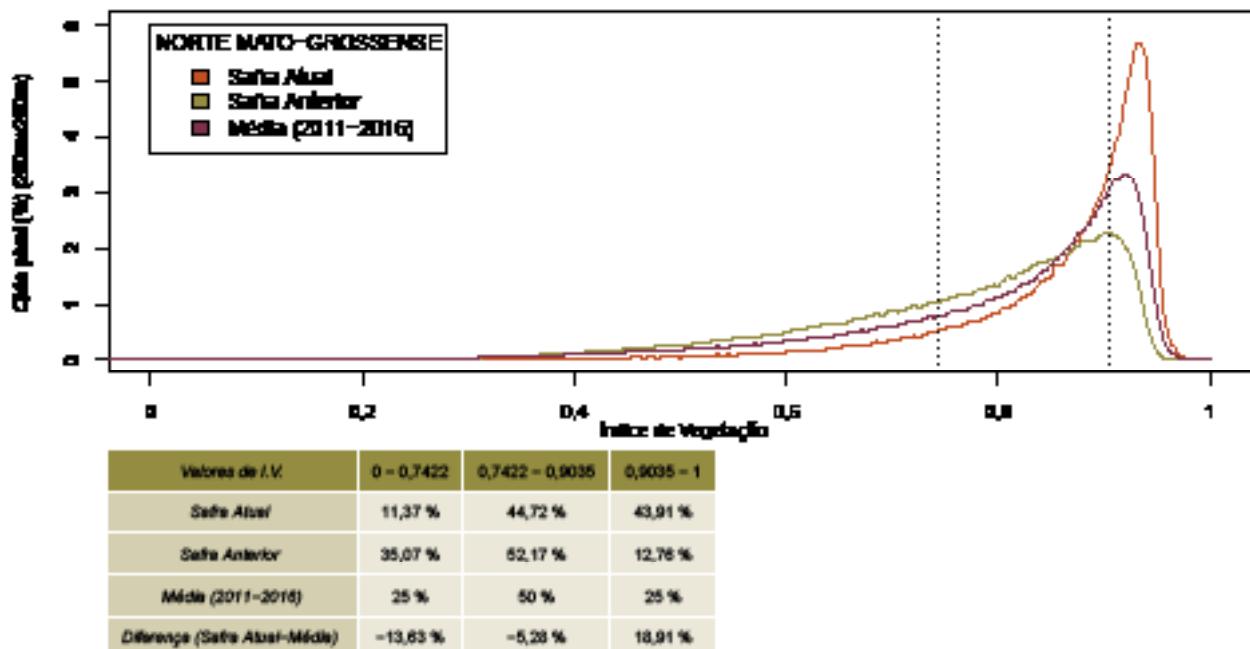
8.2.1. MATO GROSSO

Figura 6 - Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado



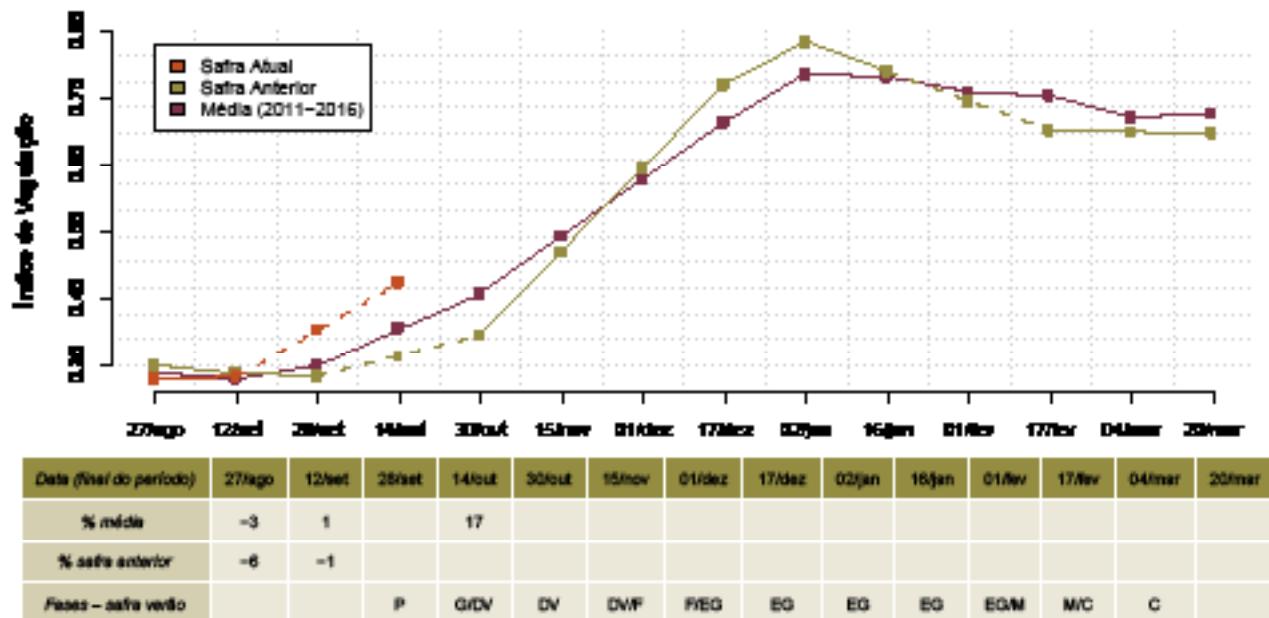
No mapa a expressiva quantidade de áreas em verde mostra padrão superior ao ano passado em decorrência principalmente da conclusão antecipada do plantio da safra atual e, adicionalmente, ao favorecimento do clima.

Gráfico 28 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Norte Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 29 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam.

O gráfico de quantificação mostra que na safra atual existe uma maior quantidade de lavouras respondendo com altos valores de IV do que nos anos-safra anteriores. O cálculo ponderado com dados deste período, integrando todas as faixas de valores de IV

e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos 6 últimos anos e 12% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal,

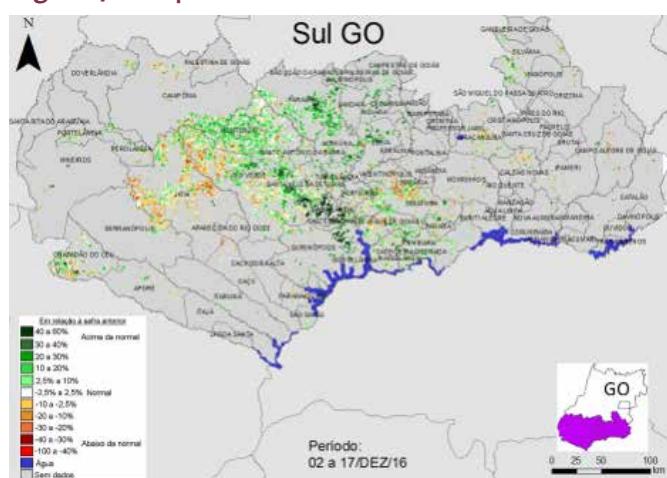


mostra que a atual safra tem respostas de IV superiores às de anos anteriores em decorrência de atividade fotossintética da cobertura foliar já presente. O dado

em 28/Set/16 foi interpolado pelos valores de períodos vizinhos, em decorrência do excesso de nuvens naquele período.

8.2.2. Goiás

Figura 7 - Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado

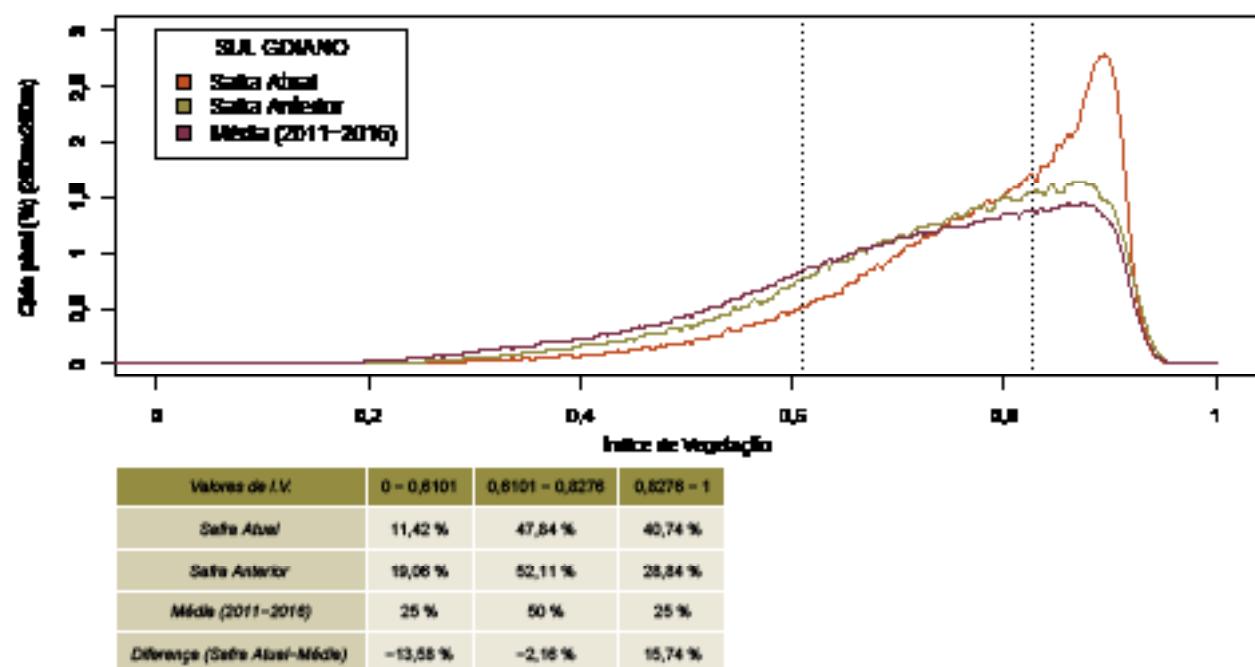


Fonte: Projeto Glam

No mapa acima, as extensas áreas agrícolas da faixa central que vai de Caiapônia a Itumbiara passando por Montividiu, Paraúna, Santa Helena entre outros municípios, apresentam padrão superior ao ano passado. Clima favorável em 2016 é a principal causa da

diferença. Já em Jataí e noroeste de Rio Verde constata-se lavouras com anomalia negativa em relação à safra passada. Possivelmente, atraso de plantio nesta parte da região é a principal razão. Áreas em branco são cultivos em padrão semelhante ao ano passado.

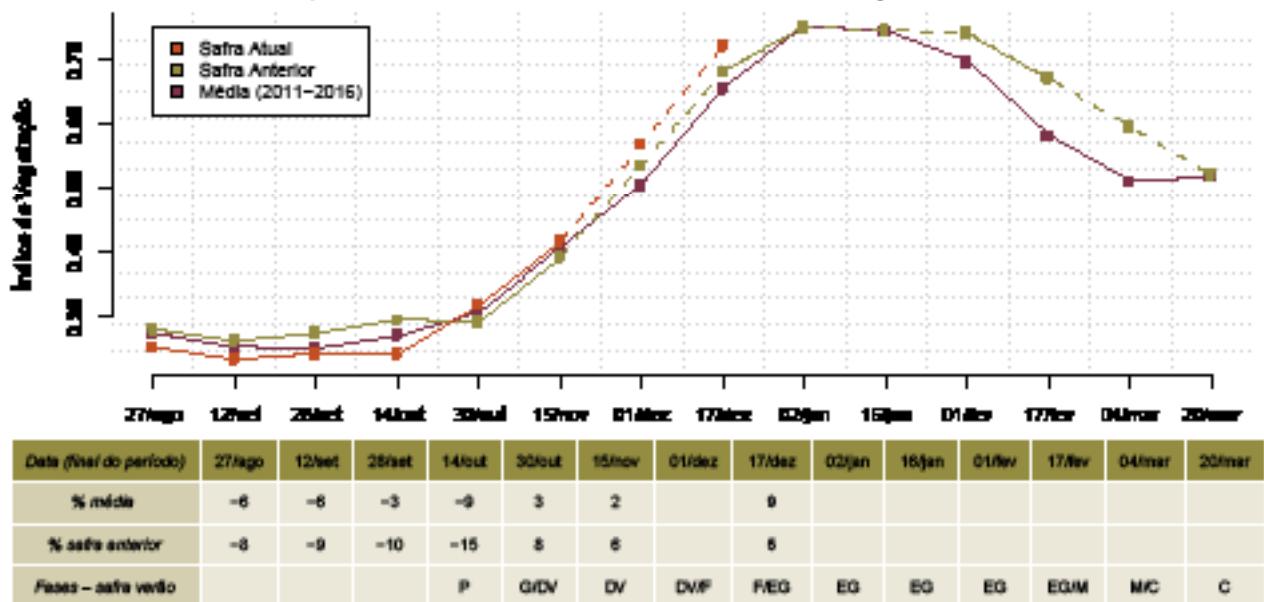
Gráfico 30 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 31 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam.

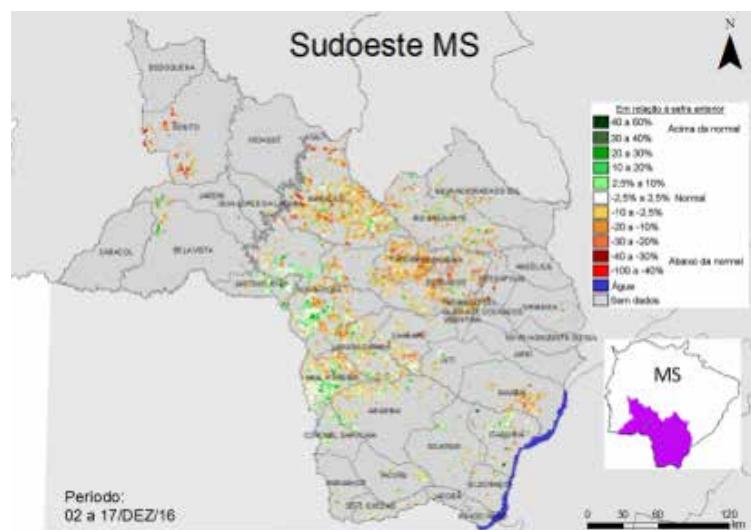
O gráfico de quantificação mostra que a atual safra tem uma maior quantidade de lavouras respondendo com altos valores de IV que ao ano passado. O cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% acima da média dos 6 últimos anos e 6% acima da

safra anterior.

O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, mostra boa evolução dos cultivos nesta fase reprodutiva das lavouras.

8.2.3. MATO GROSSO DO SUL

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ou ano passado



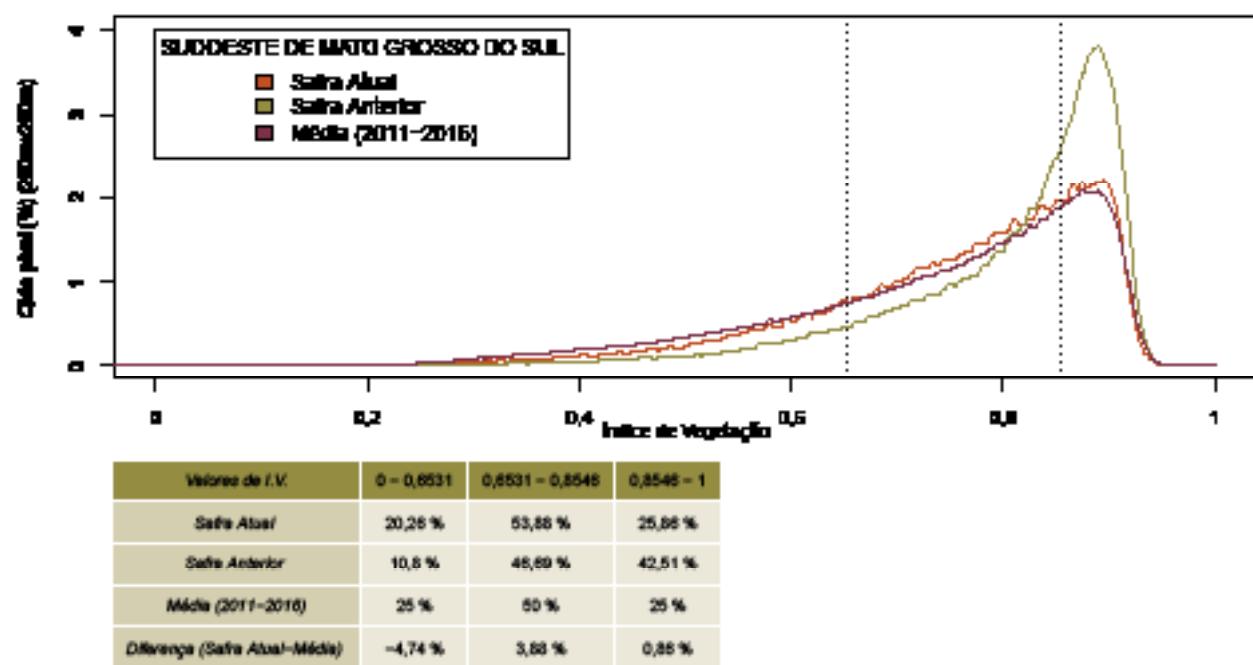
Fonte: Projeto Glam.

O mapa acima mostra predomínio das anomalias negativas em relação ao ano passado em grande parte dos municípios, principalmente na faixa que vai de Maracaju a Naviraí. A escassez de chuvas no final de novembro e início de dezembro é a principal causa

desta diferença nos padrões de desenvolvimento das lavouras. As áreas em verde, mais pelo lado oeste da região, são cultivos com padrão acima da safra passada. Em branco são lavouras com o mesmo padrão do ano anterior.

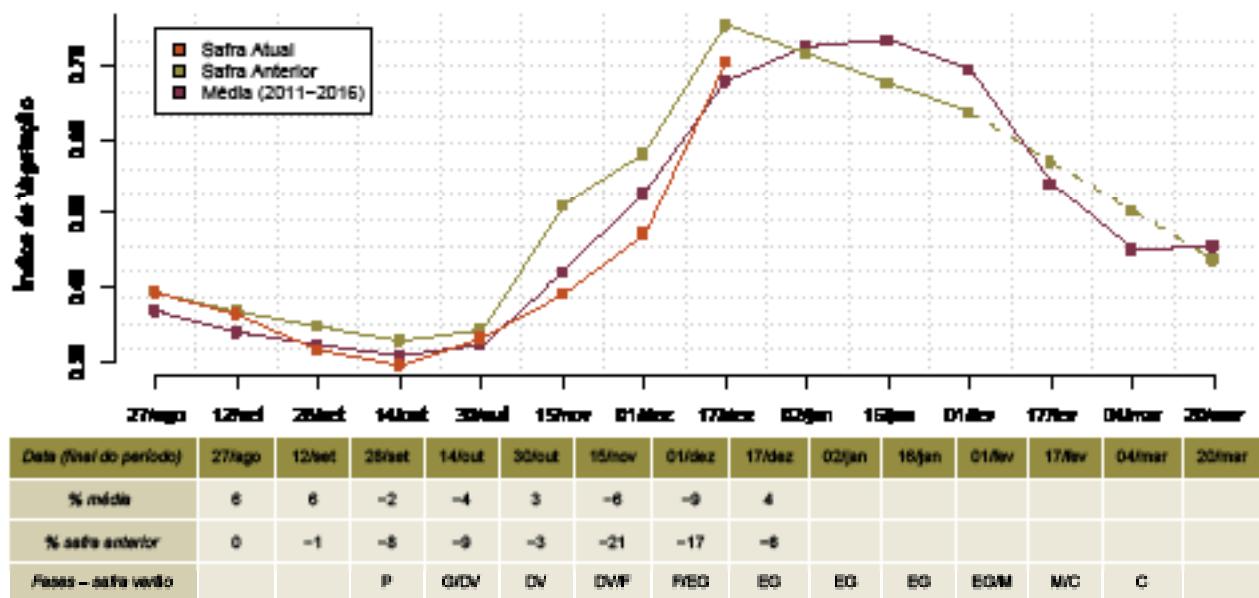


Gráfico 32 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Sudoeste/MS



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 33 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/MS



Fonte: Projeto Glam.

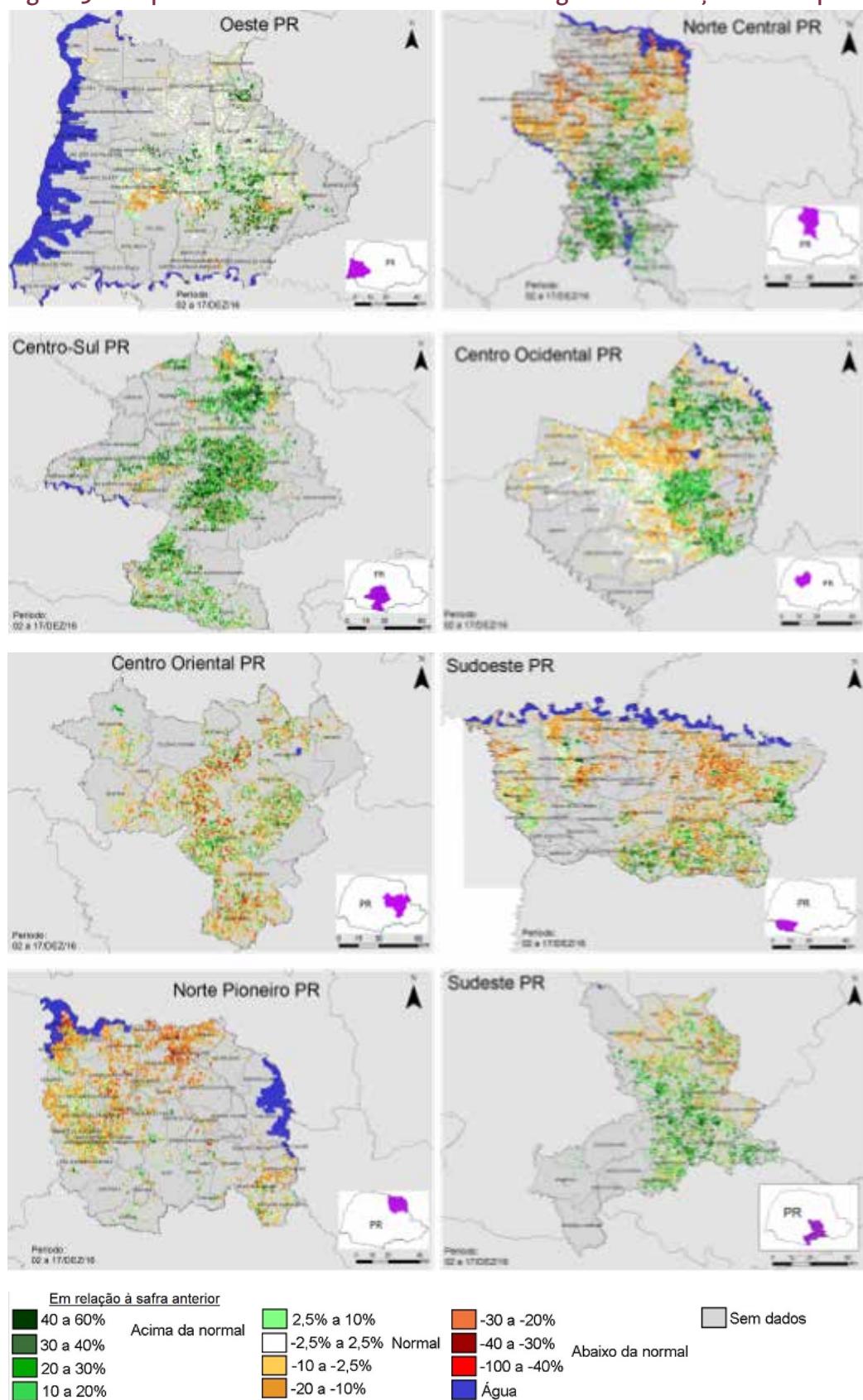
O gráfico de quantificação mostra que no mesmo período do ano passado existiam uma maior quantidade de lavouras respondendo com altos valores de IV. O cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 4% acima da média dos 6 últimos anos e 6% abaixo da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, mostra, pelas baixas respostas de IV nos dois períodos que antecedem 14 de outubro, um pequeno retardamento de plantio. Falta de chuvas em boa parte da região puxaram o IV para baixo em meados de novembro e início de dezembro. No período atual observa-se boa ascensão embora ainda com padrão abaixo da safra passada.



8.2.4. PARANÁ

Figura 9 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.



Para o Norte Central os pontos de anomalia negativa retratam, possivelmente, um mau desenvolvimento das lavouras de verão devido ao baixo volume pluviométrico em alguns períodos desde a época do plantio. Os pontos de anomalia positiva estão em regiões de maior altitude onde as precipitações foram suficientes para a demanda hídrica. A diferença para a safra anterior pode ser justificada pela boa sanidade das lavouras que, no ano passado, foram fortemente atacadas por ferrugem asiática dentre outras doenças fúngicas.

Na mesorregião Centro Sul, devido ao alto índice de nuvens na mesma data do ano anterior, não houve pontos de leituras suficientes para geração de um mapa de IV, ao contrário do mapa atual onde foram observados muitos pontos e, consequentemente, a forte anomalia positiva generalizada na mesorregião.

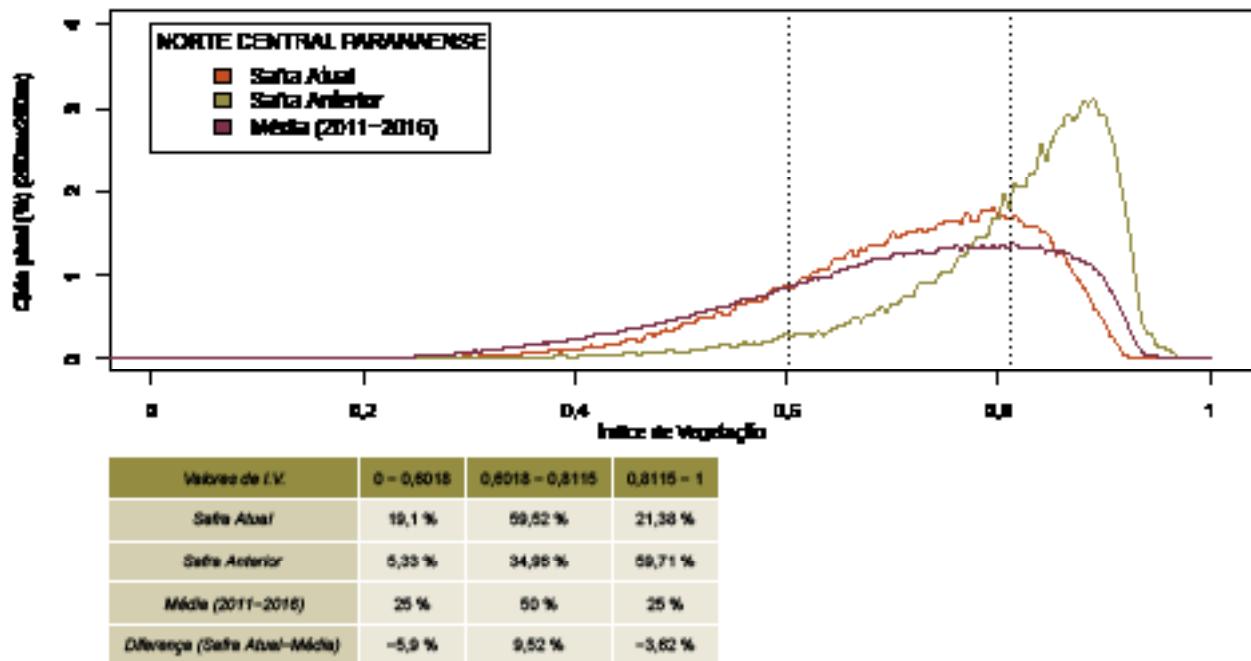
A região Centro Oriental Paranaense planta áreas significativas de feijão e milho para silagem e para grãos logo a partir do mês de agosto, áreas estas que tiveram desenvolvimento vegetativo retardado pelas temperaturas bem abaixo do ideal. Algumas lavouras nos municípios mais ao norte também sofreram estresse hídrico. Estes fatores justificam os pontos majoritariamente de anomalia negativa.

A grande evidencia no Norte Pioneiro de pontos de anomalia negativa foi devida à falta de chuvas em novembro que, tanto afetou o bom desenvolvimento das lavouras quanto atrasou o calendário de plantio em relação ao ano passado.

O Sudeste do Paraná tem calendário de plantio bastante desuniforme em seus municípios. A maioria das anomalias negativas são lavouras plantadas antes da primavera como o feijão que não obteve bom desenvolvimento vegetativo esse ano. Enquanto as anomalias positivas observadas são de áreas as quais o ano passado houve atraso de plantio devido ao excesso de chuvas e, neste ano, estão em uma fase mais adianta do ciclo fenológico.

As regiões Oeste, Sudoeste e Centro Ocidental Paranaenses apresentam variabilidade nos padrões de índice de vegetação quando comparados com a safra anterior. Nestas três regiões as anomalias negativas foram causadas, basicamente, pelo estresse hídrico em novembro. Já as anomalias positivas podem ser explicadas pelo ciclo fenológico adiantado, bem como pela melhor condição fitossanitária quando comparada ao ano anterior, quando as lavouras sofreram forte pressão de doenças fúngicas.

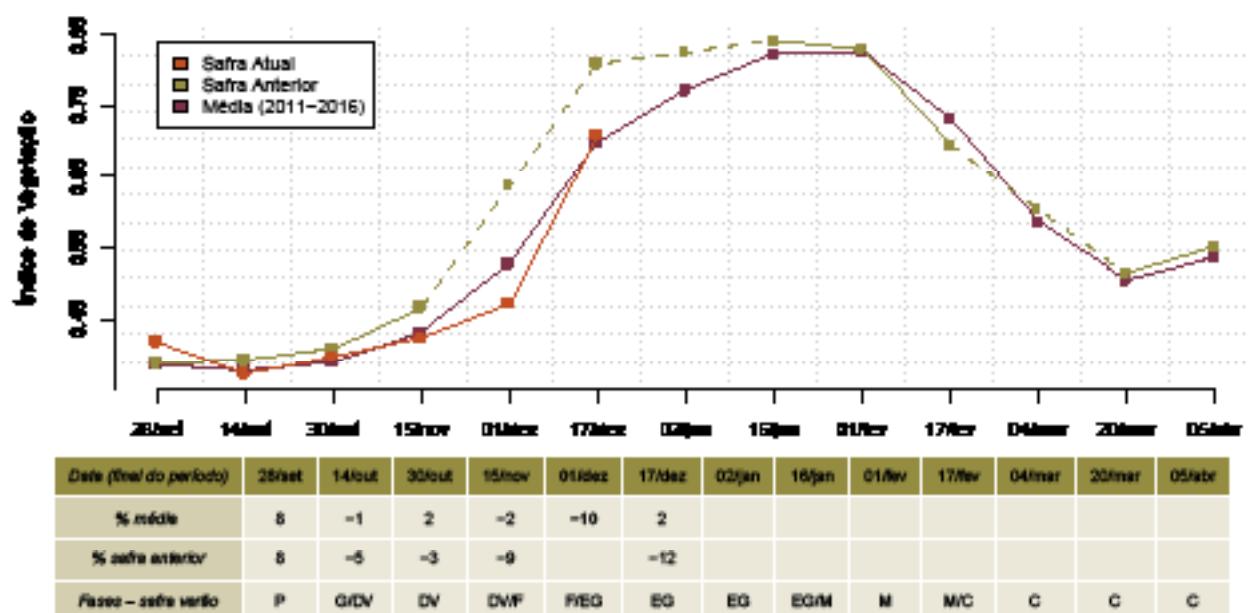
Gráfico 34 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Norte Central/PR



Fonte: Projeto Glam.

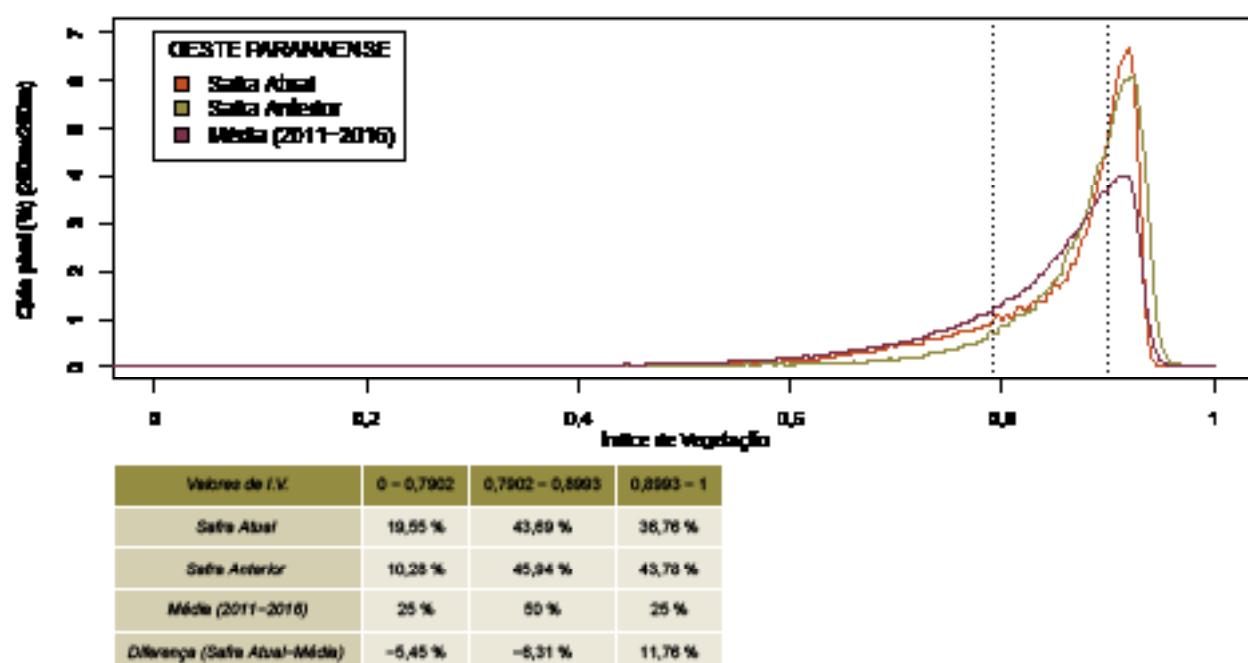


Gráfico 35 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Central/PR



Fonte: Projeto Glam.

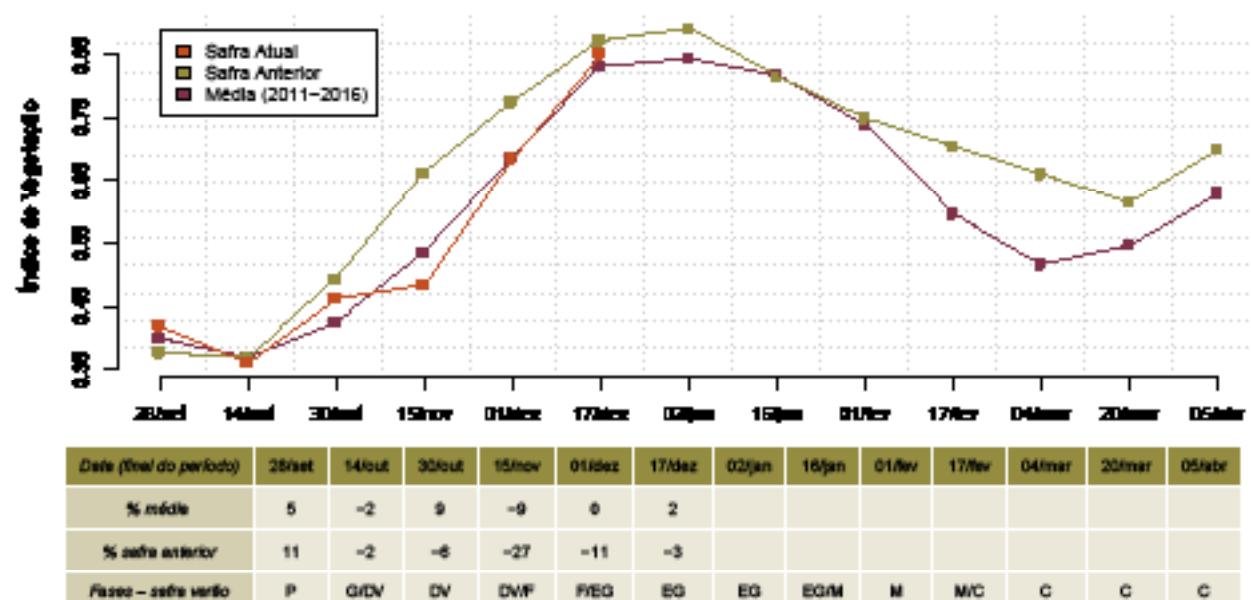
Gráfico 36 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

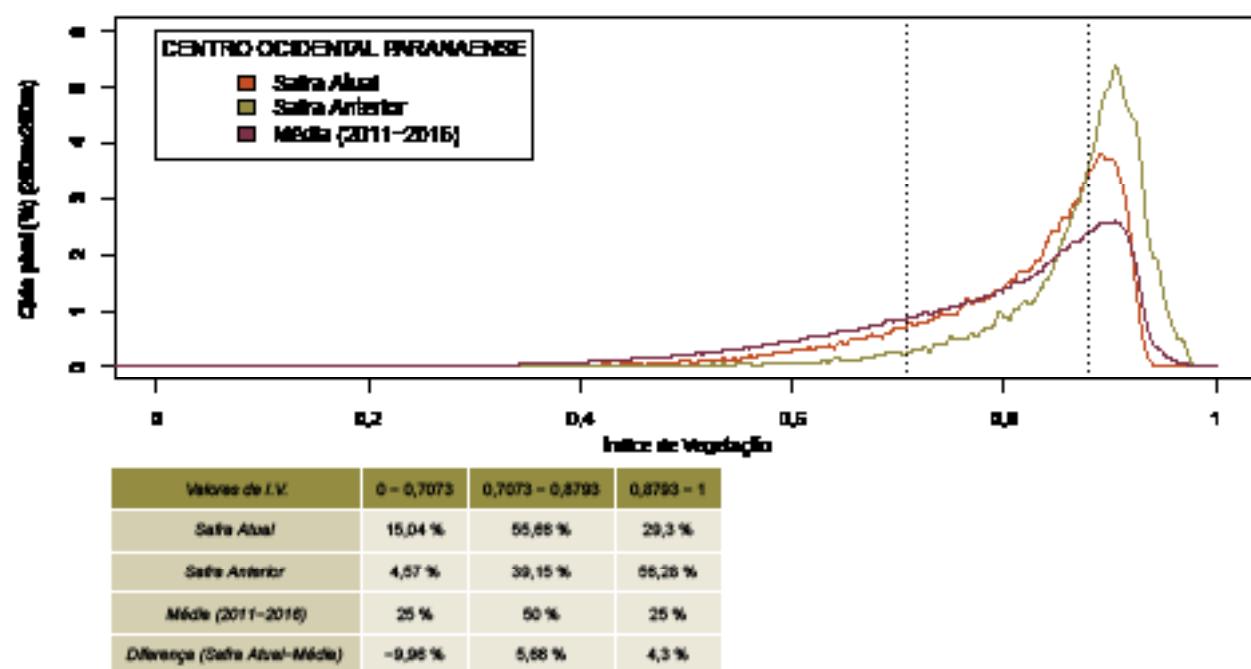


Gráfico 37 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

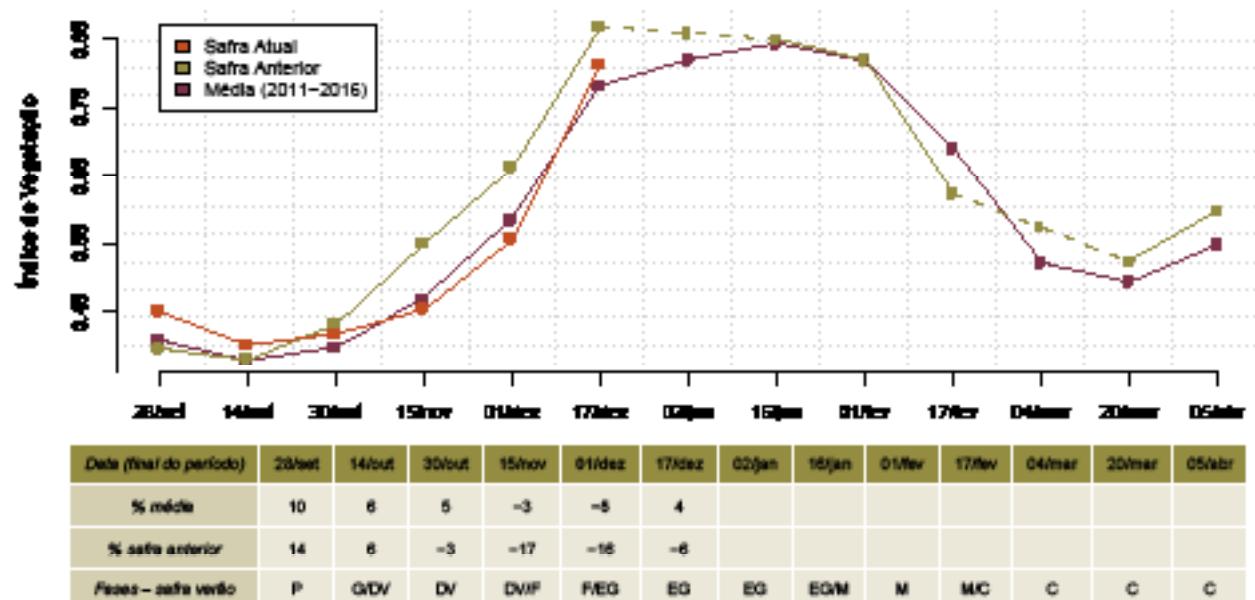
Gráfico 38 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Centro Ocidental/PR



Fonte: Projeto Glam.

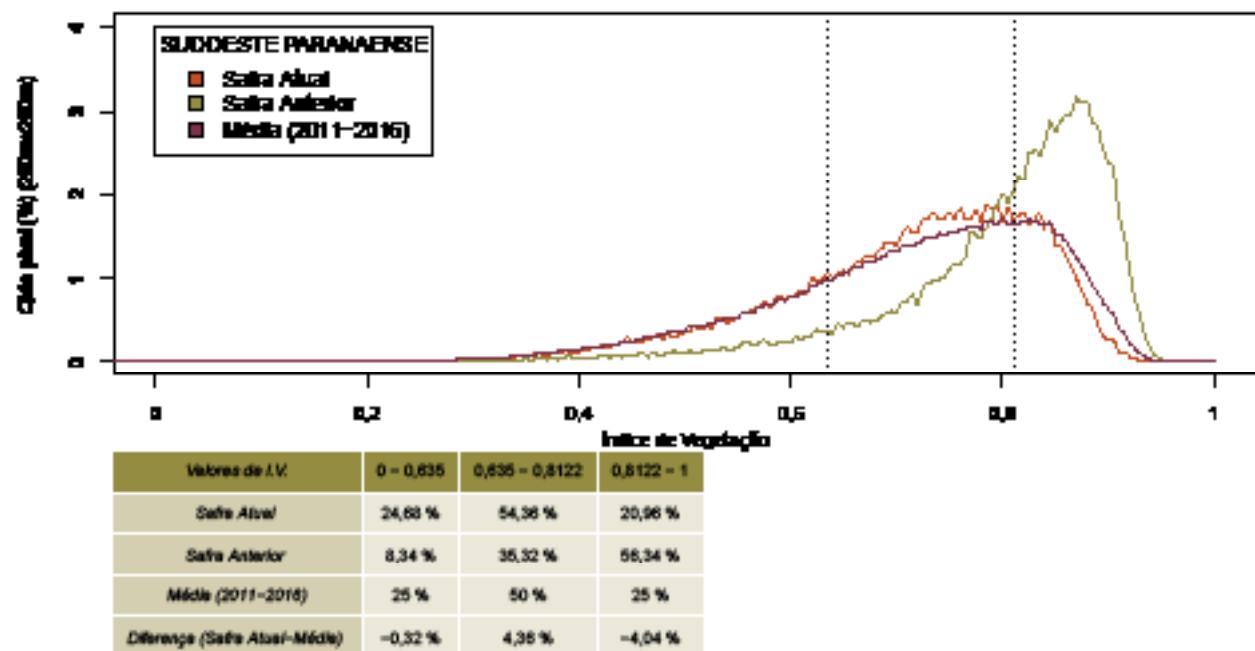


Gráfico 39 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/PR



Fonte: Projeto Glam.

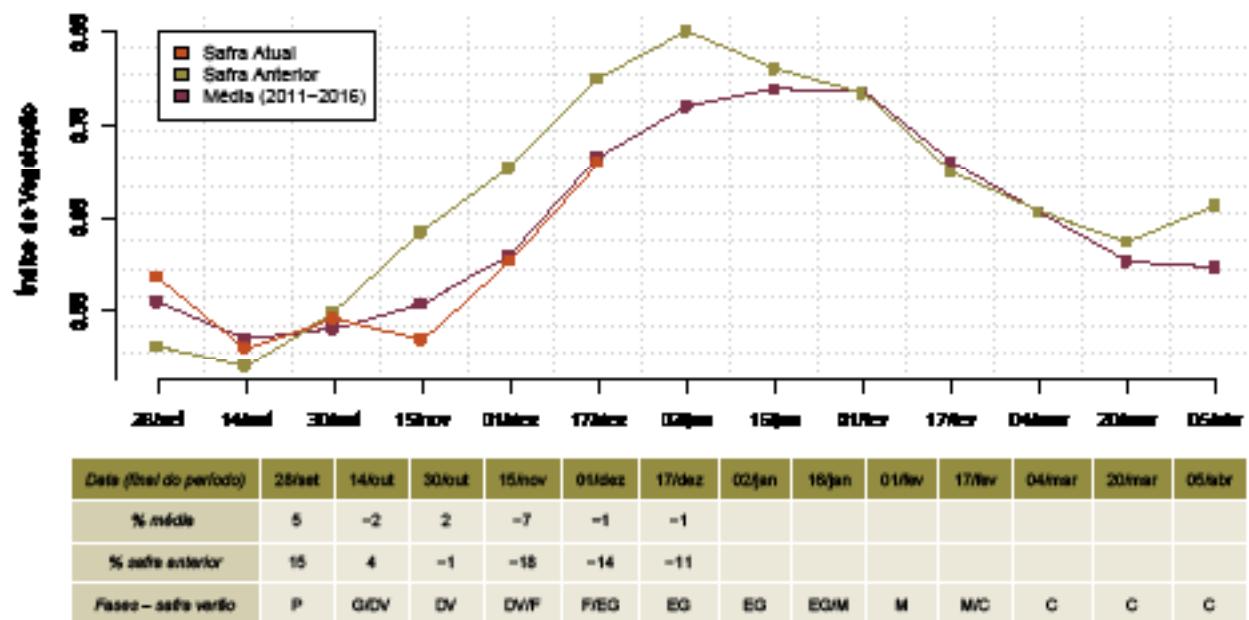
Gráfico 40 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

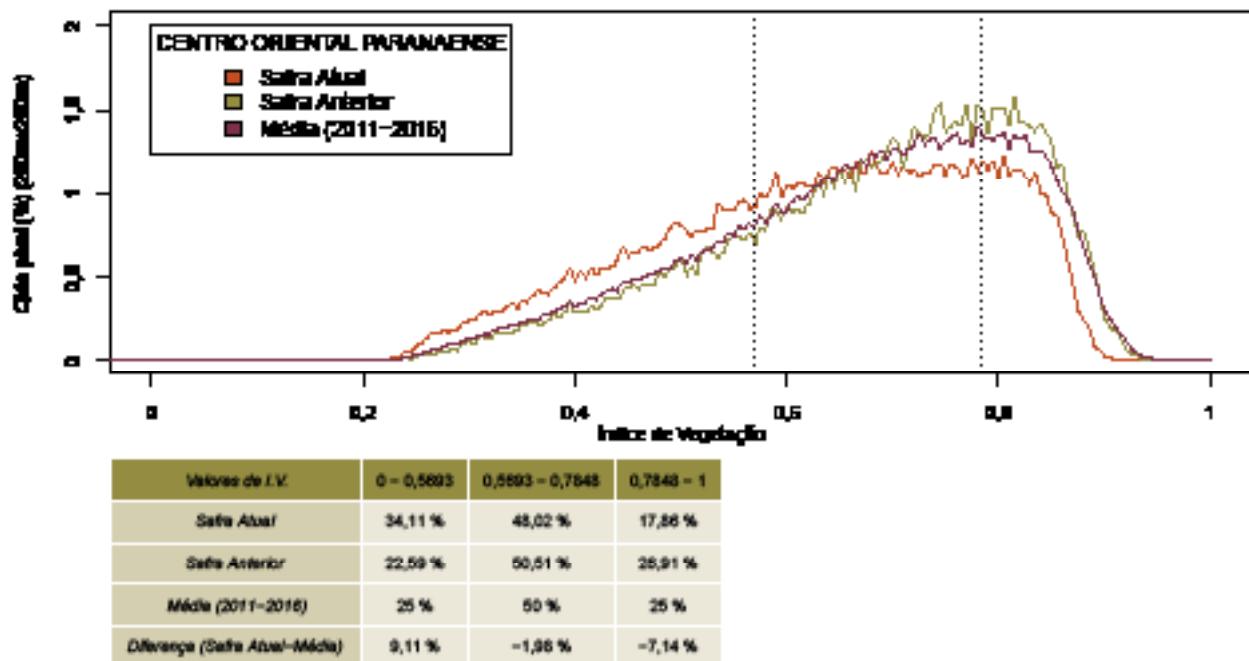


Gráfico 41 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

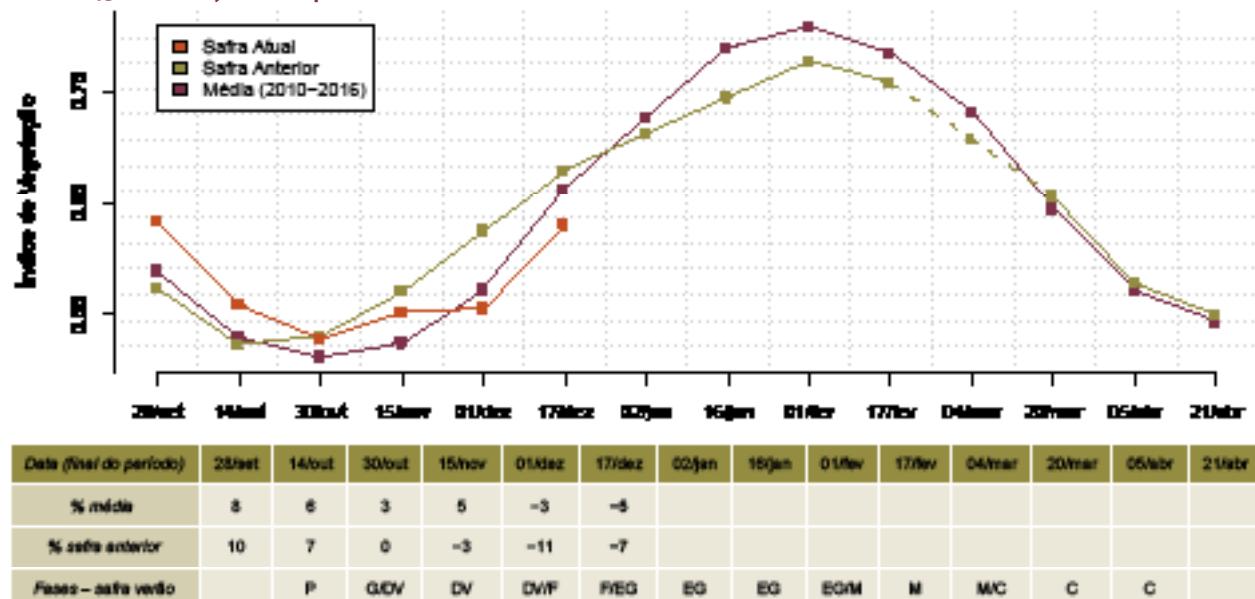
Gráfico 42 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.

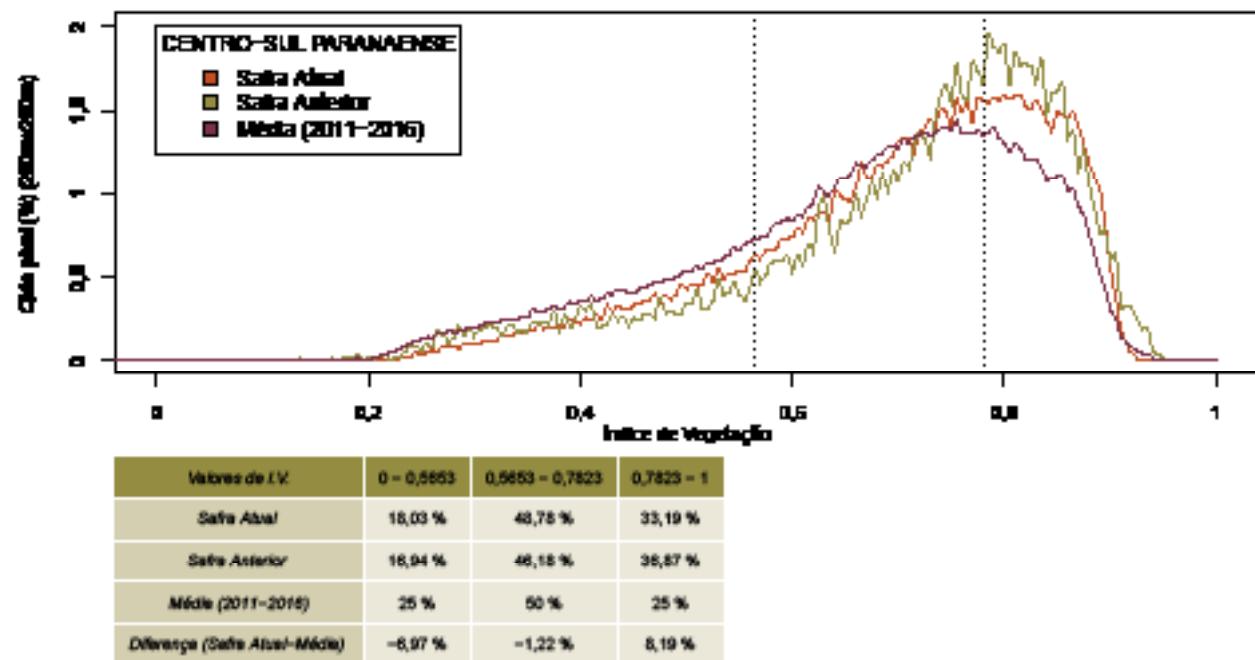


Gráfico 43 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.

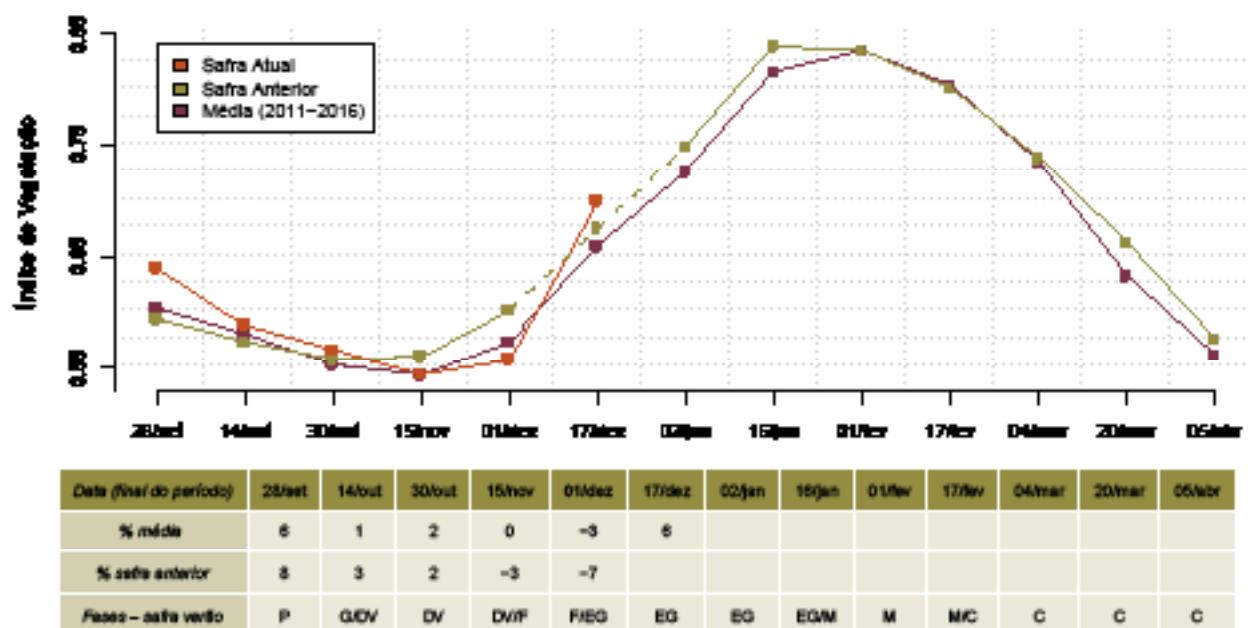
Gráfico 44 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Centro Sul/PR



Fonte: Projeto Glam.

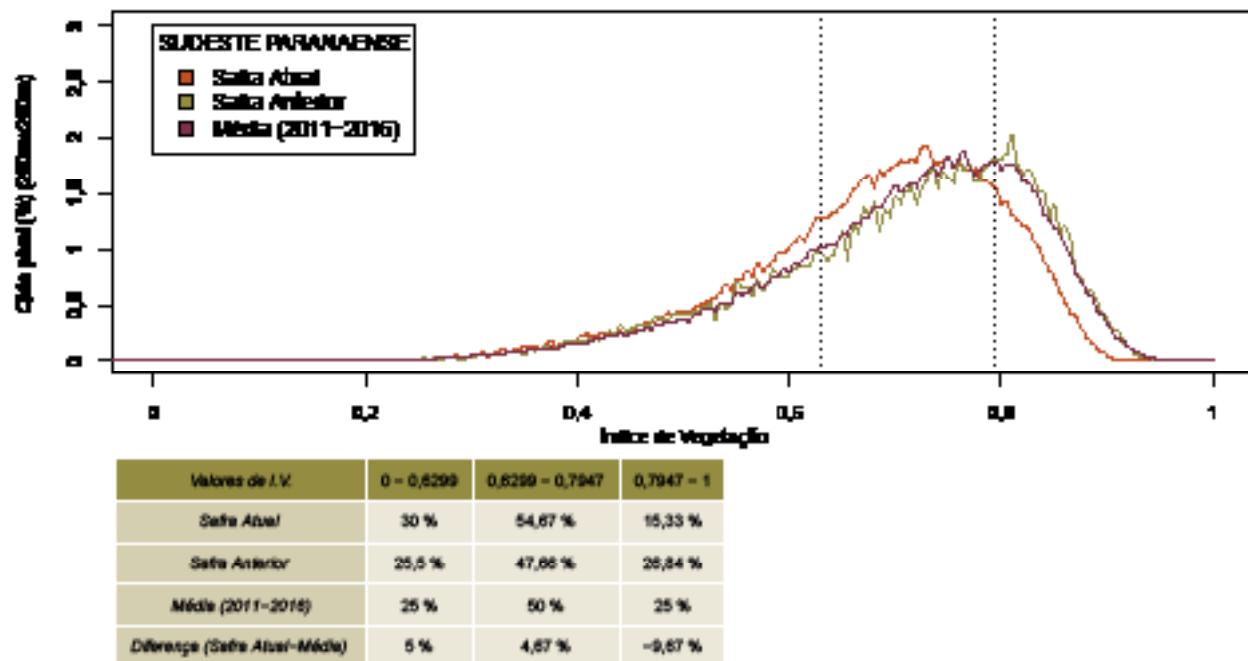


Gráfico 45- Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Sul/PR



Fonte: Projeto Glam.

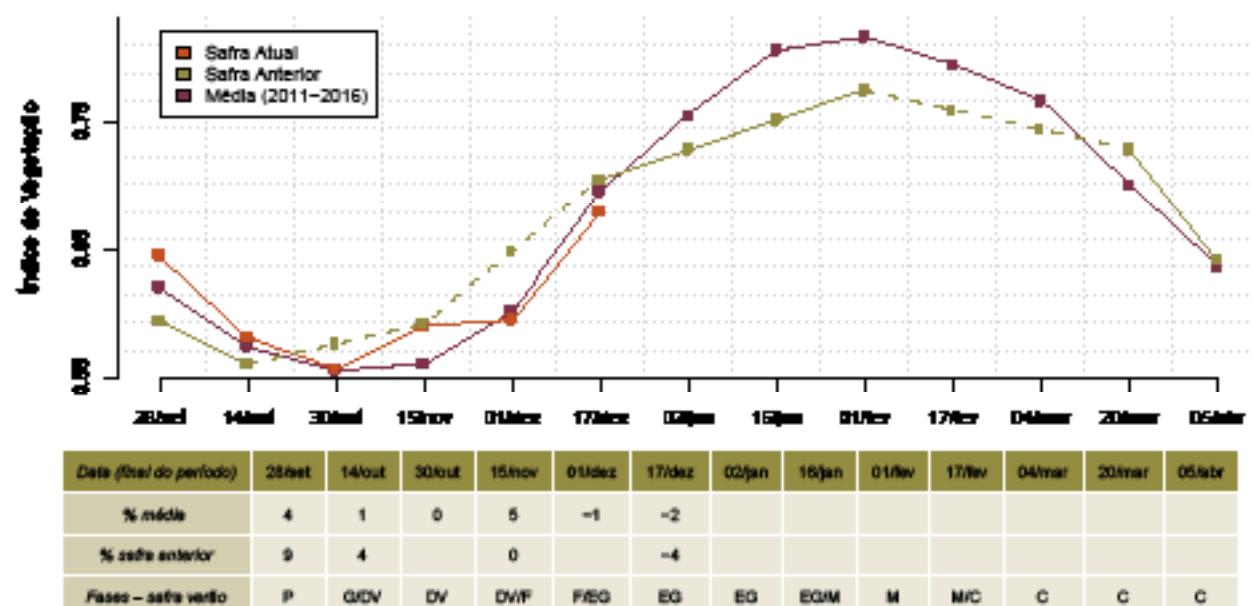
Gráfico 46 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Sudeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

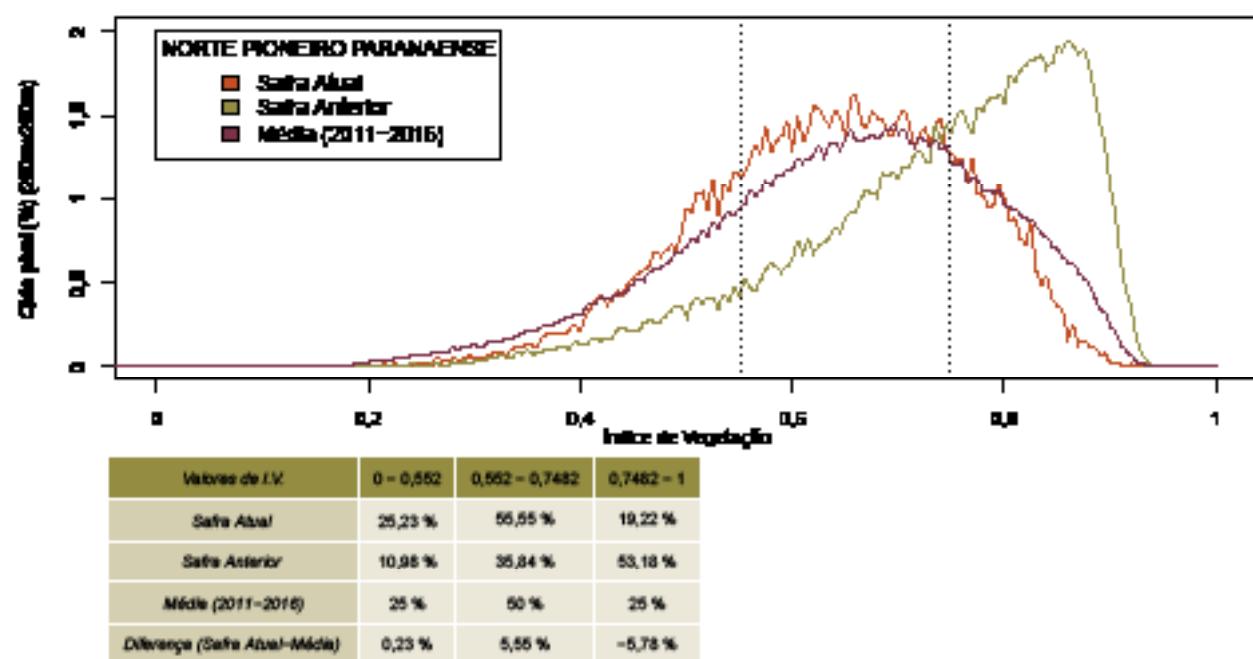


Gráfico 47 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

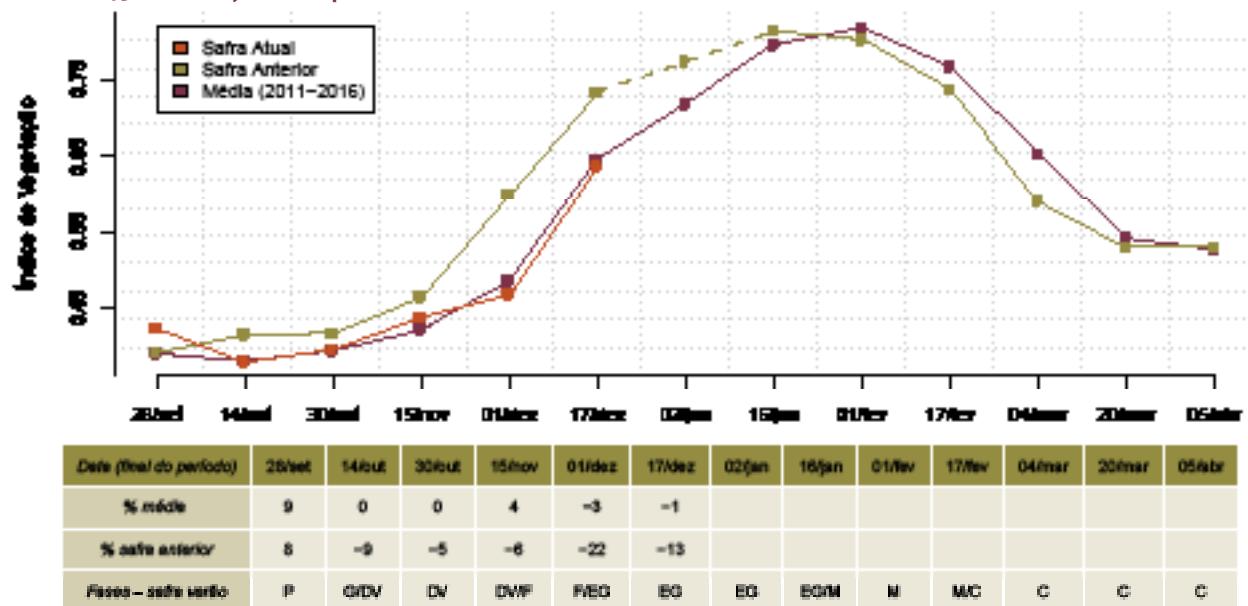
Gráfico 48 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Norte Pioneiro/PR



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 49 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Pioneiro/PR



Fonte: Projeto Giam.

Os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica:

- Oeste - 2% acima da média dos 6 últimos anos e 3% abaixo da safra anterior.
- Norte Central - 2% acima da média dos 6 últimos anos e 12% abaixo da safra anterior.
- C. Sul - 6% acima da média dos 6 últimos anos e 4% acima da safra anterior.
- C. Ocidental - 4% acima da média dos 6 últimos anos e 6% abaixo da safra anterior.
- C. Oriental - 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e 7% abaixo da safra anterior.
- Sudoeste - 1% abaixo da média dos 6 últimos anos e 11% abaixo da safra anterior.
- Norte Pioneiro - 1% abaixo da média dos 6 últimos anos e 13% abaixo da safra anterior.
- Sudeste - 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 4% abaixo da safra anterior.

No Oeste Paranaense observou-se uma estagnação

na média no desenvolvimento vegetativo na primeira quinzena de novembro devido ao estresse hídrico. Com a retomada das chuvas o gráfico evoluiu de maneira excelente apontando para uma recuperação das lavouras na região.

No Norte Central o gráfico de evolução apresenta a ascendência com diferença de cerca de quinze dias em relação ao ano passado, o que denota o atraso do plantio.

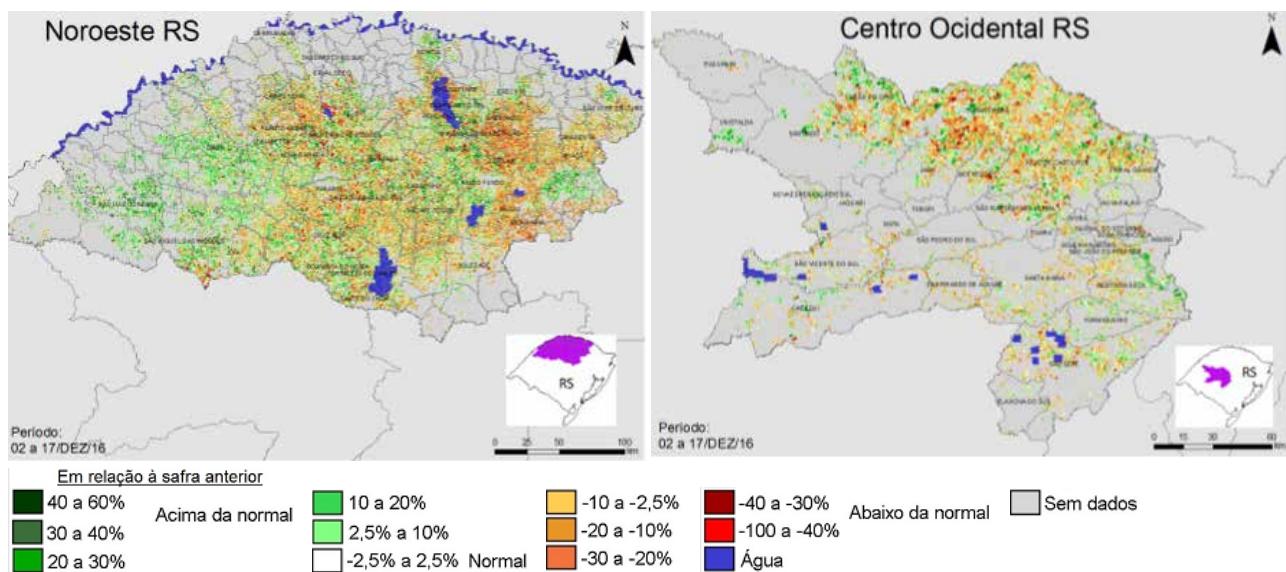
Na mesorregião Centro Sul há uma forte evolução no índice de vegetação nos últimos quinze dias o que demonstra concentração no plantio além da boa condição sanitária das lavouras.

O Centro Ocidental e o Norte Pioneiro apresentam gráficos de evolução muito semelhante à média das últimas cinco safras. A linha do gráfico da safra anterior se distingue das demais devido ao excelente regime pluviométrico do ano passado.



8.2.5. RIO GRANDE DO SUL

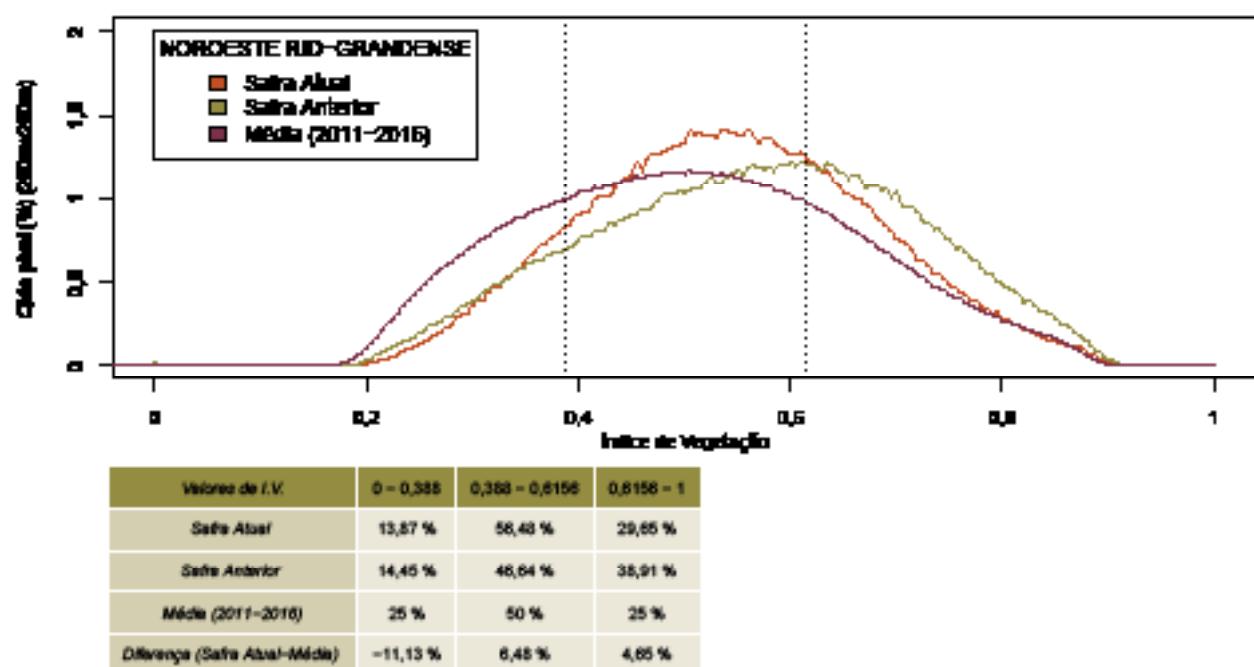
Figura 10 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Nos dois mapas há predomínio das áreas com anomalia negativa. Isto se deve principalmente a chuvas de intensidades irregulares e com variabilidade regionais

e também às diferenças de calendário em relação à safra passada. Em verde estão as lavouras com padrão superior ao ano passado.

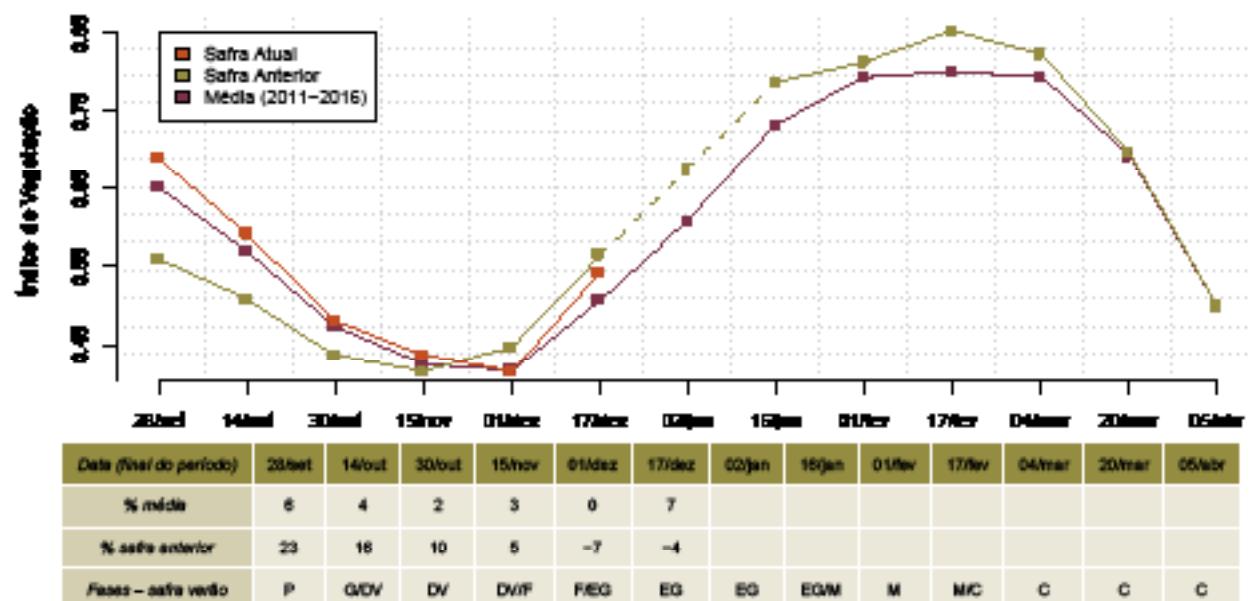
Gráfico 50 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Noroeste/RS



Fonte: Projeto Glam.

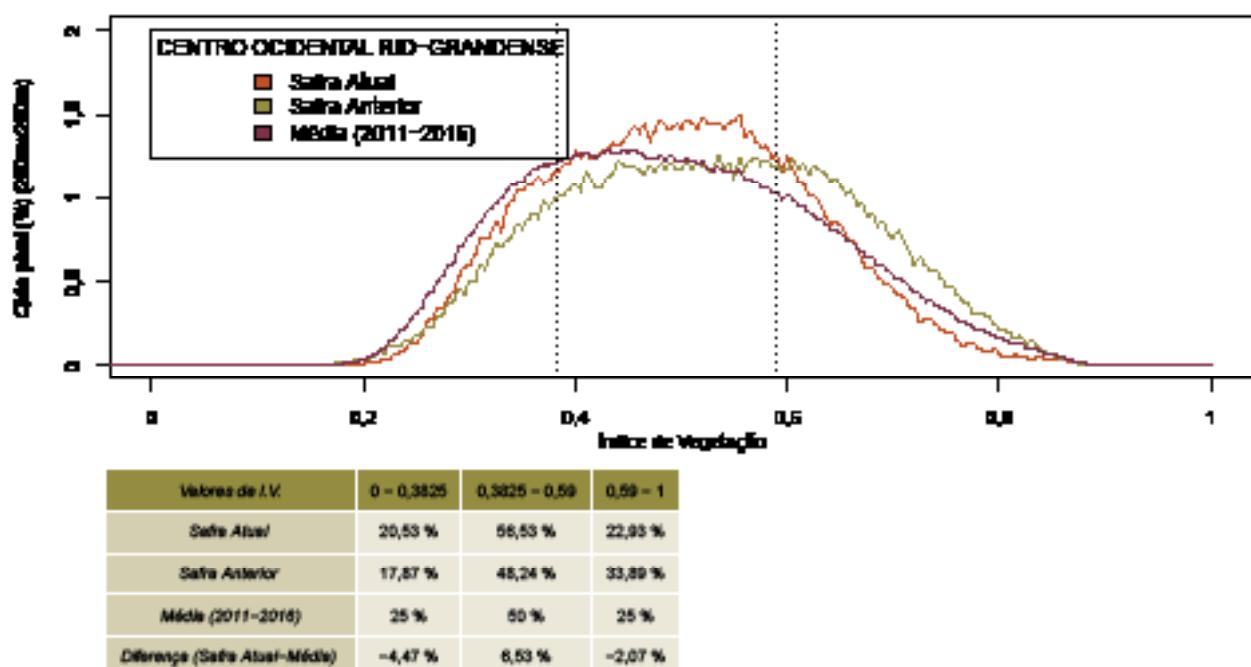


Gráfico 51 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/RS



Fonte: Projeto Glam.

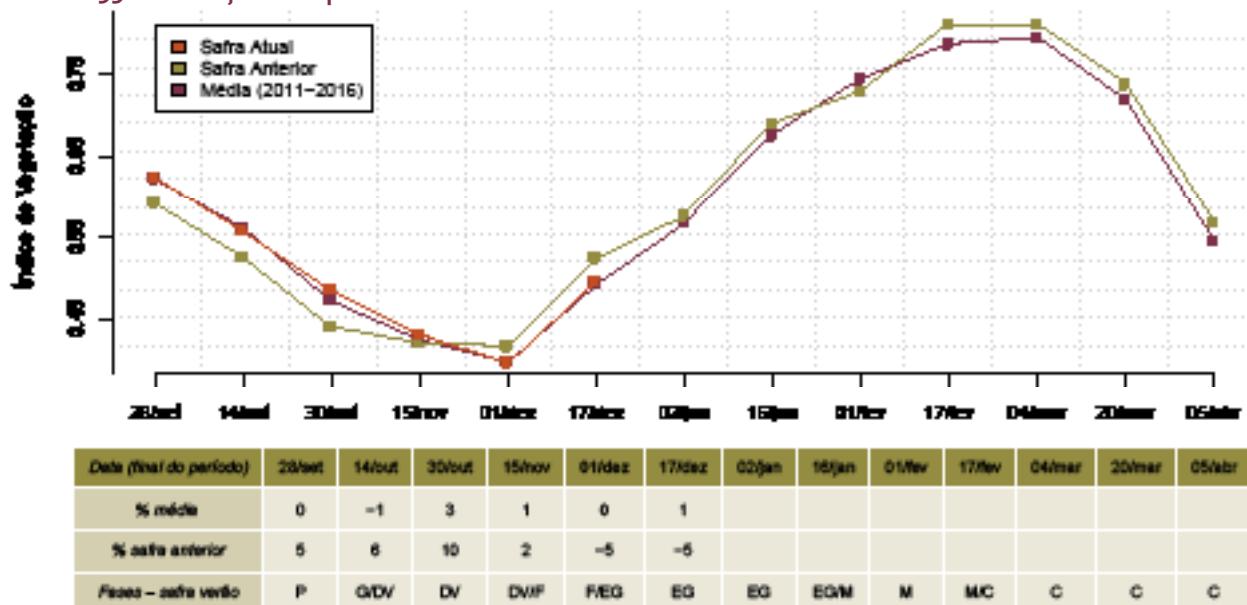
Gráfico 52 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Centro Ocidental/RS



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 53 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/RS



Fonte: Projeto Glam.

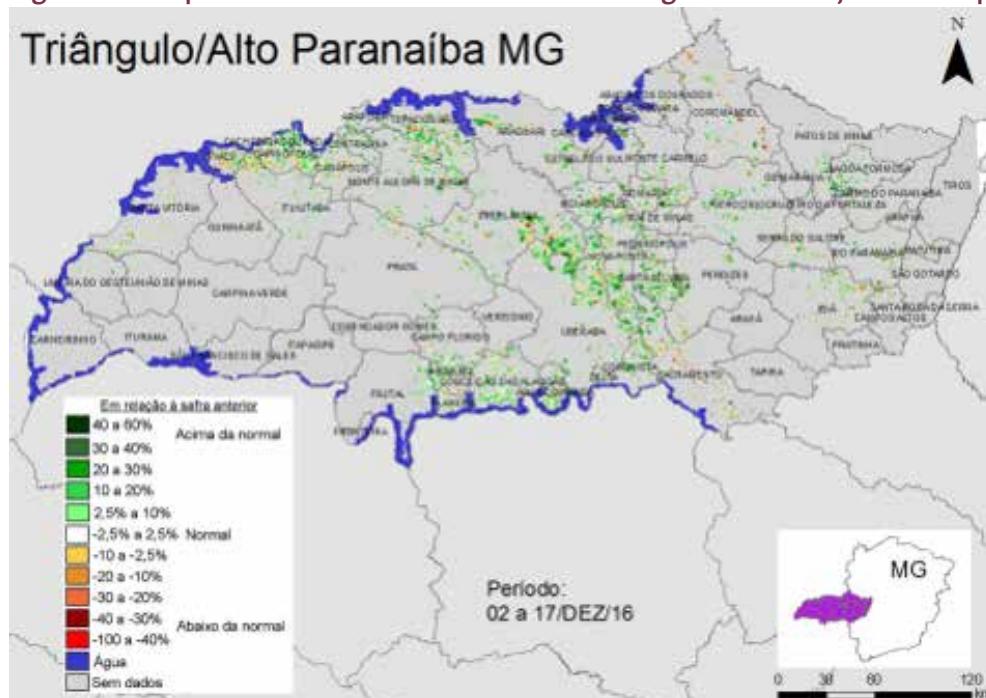
Os gráficos de quantificação de áreas mostram que, no ano passado, tinham mais lavouras com altos padrões de IV do que agora em 2016, nas duas regiões. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos 6 últimos anos e 4% abaixo da safra passada no Noroeste e, 1%

acima da média dos 6 últimos anos e 5% abaixo da safra passada no Centro Ocidental.

Nos gráficos de evolução temporal a linha vermelha em ascensão caracteriza bom padrão de desenvolvimento das lavouras atuais.

8.2.6. MINAS GERAIS

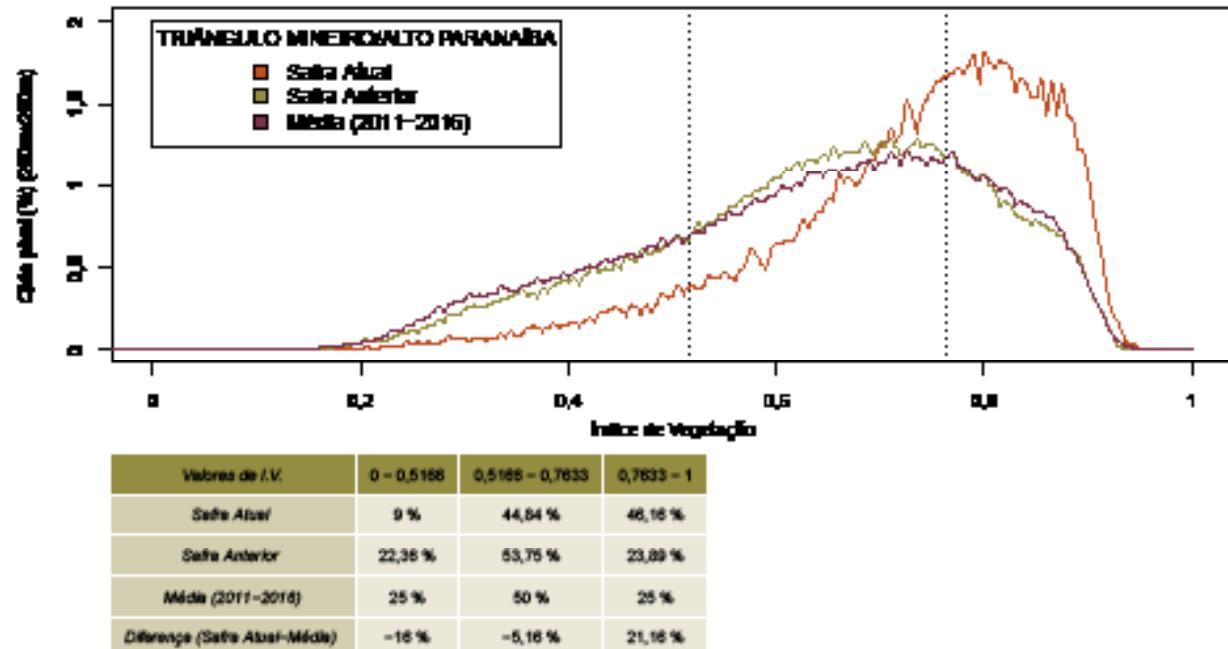
Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



O mapa mostra que a região apresenta padrão superior ao ano passado na grande maioria de suas lavouras, conforme predomínio das áreas em verde. O clima tem favorecido este padrão de desenvolvimento. Em

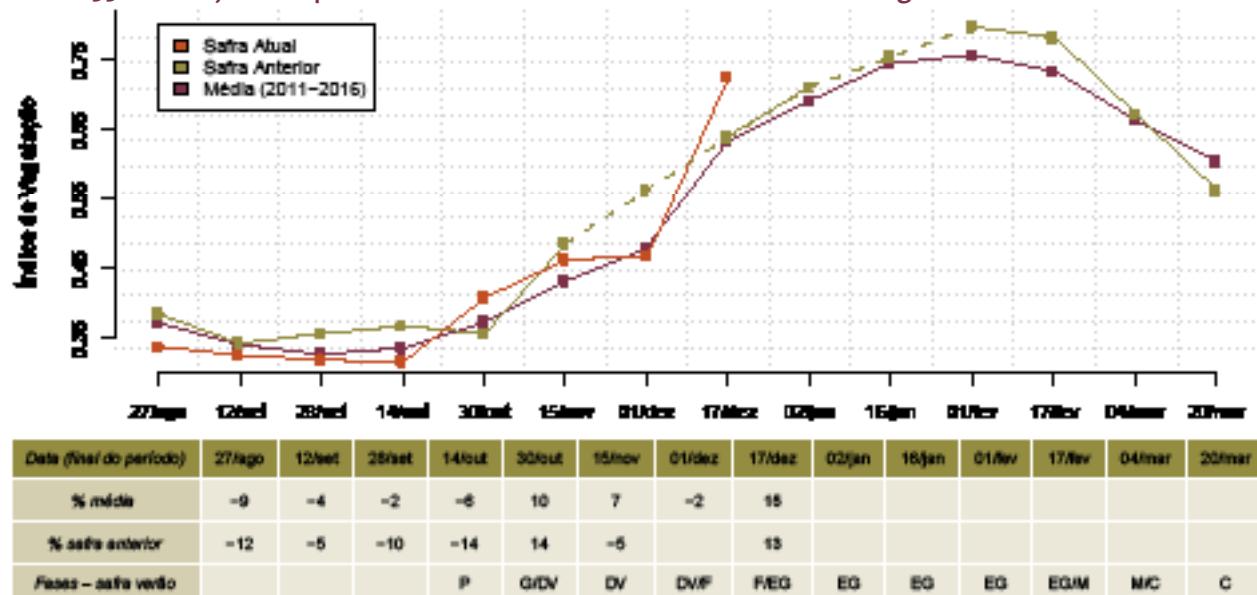
vermelho, amarelo e marrom são cultivos que, por razões climáticas ou por defasagem de calendário de plantio, apresentam padrão inferior à safra anterior.

Gráfico 54 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Triângulo/Alto Paranaíba/MG



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 55 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Triângulo/Alto Paranaíba/MG



Fonte: Projeto Glam.

O gráfico de quantificação mostra que a safra atual tem uma maior quantidade de lavouras com altos valores de IV em comparação com o ano anterior. O cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 15% acima da média dos 6 últimos anos e 13%

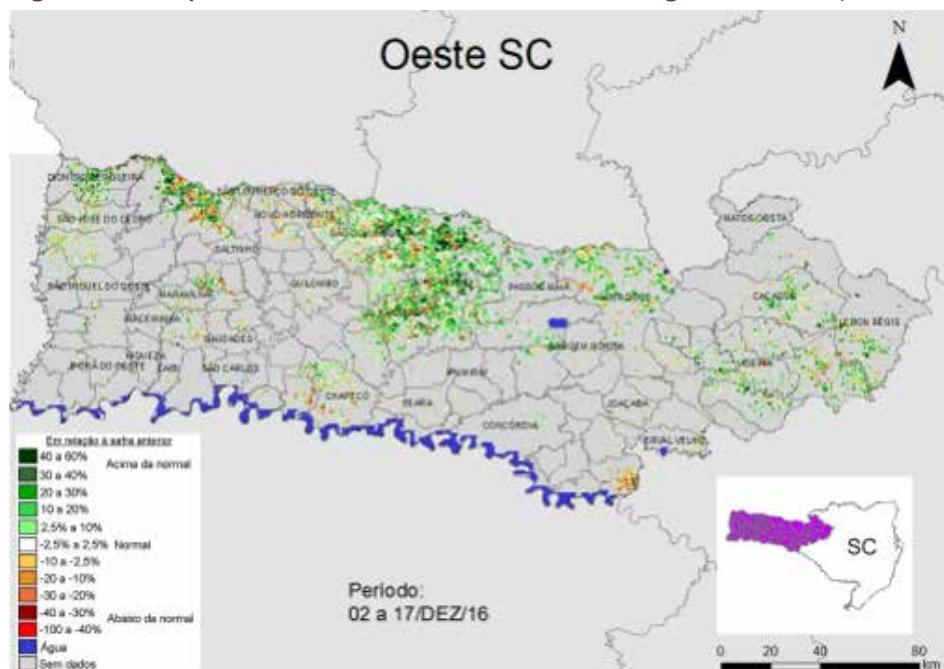
acima da safra passada.

A linha vermelha no gráfico da direita mostra uma queda no início de dezembro, mas a forte ascensão neste momento indica recuperação das lavouras da região.



8.2.7. SANTA CATARINA

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado

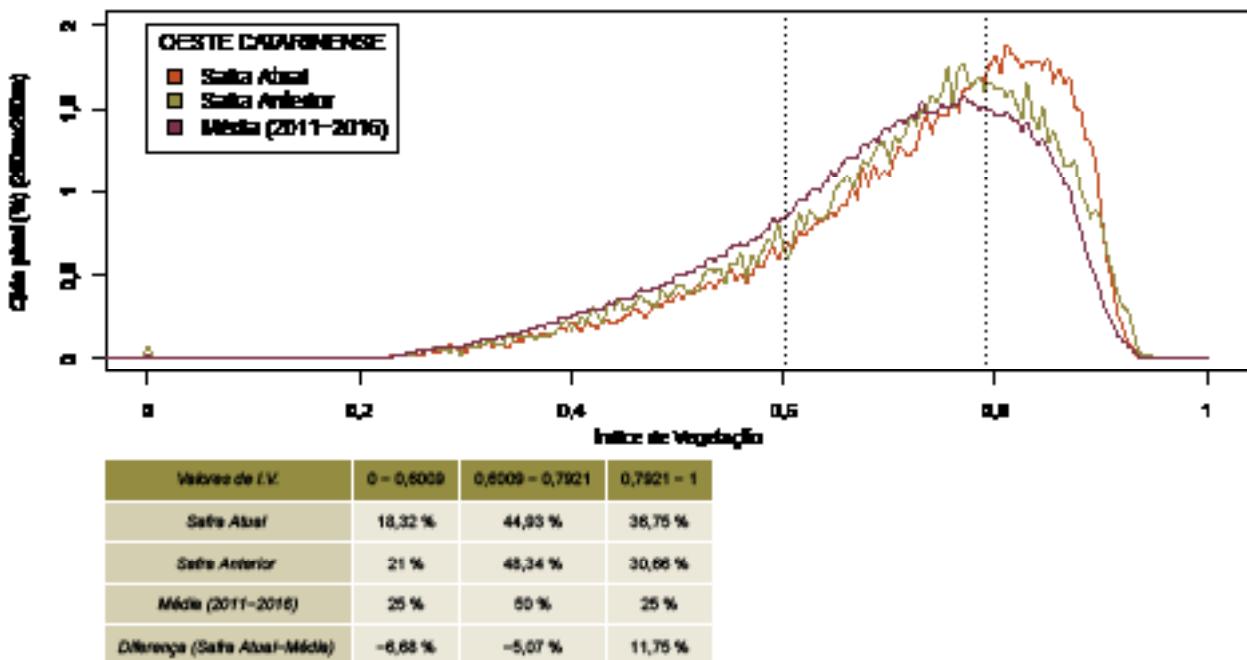


Fonte: Projeto Glam.

O mapa mostra nas cores em verde onde a safra atual apresenta padrão acima do ano passado, principalmente na parte centro-norte da região. Clima favorável e diferença de calendários de plantio são as prin-

cipais causas desta diferença. Em amarelo, marrom e vermelho são lavouras com padrão de desenvolvimento inferior ao ano anterior.

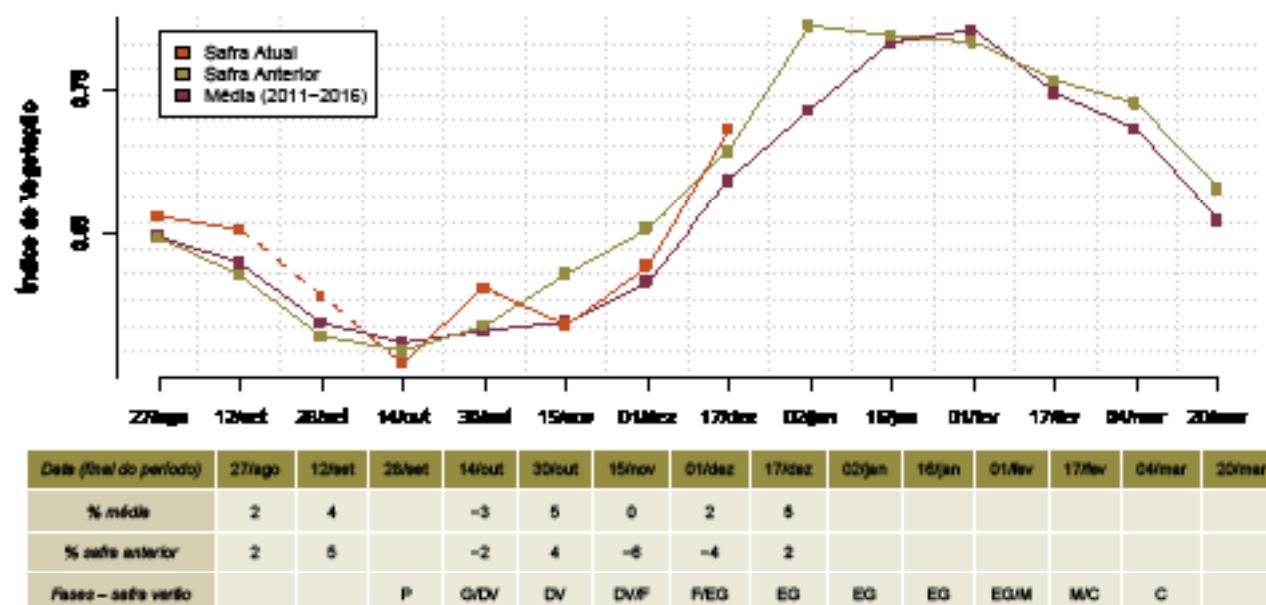
Gráfico 56 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Oeste SC



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 57 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste SC



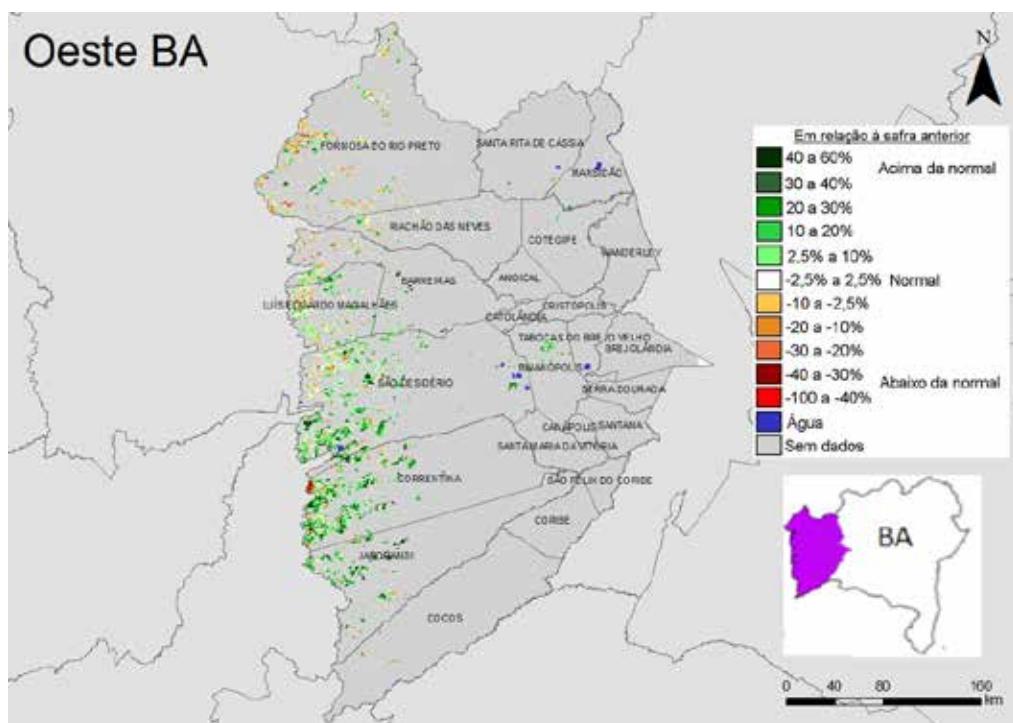
Fonte: Projeto Glam.

O gráfico de quantificação mostra que a safra atual tem um pouco mais de lavouras com altos valores de IV que o ano anterior. O cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média dos 6 últimos anos e 2% acima da safra passada.

A linha vermelha no gráfico da direita mostra uma queda em meados de novembro. No entanto, a forte ascensão nas últimas quinzenas indica recuperação das lavouras da região.

8.2.8. BAHIA

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.



Na safra atual as chuvas chegaram mais cedo e com distribuição mais regular que na safra passada. No Oeste da Bahia os plantios foram iniciados em outubro, sendo possível encontrar, em meados de dezembro, plantas de milho com o porte de 1 metro de altura e plantas de soja em estádio de florescimento, por isso o mapa acima mostra intensas colorações verdes nos municípios de Jaborandi, Correntina e no sudeste de São Desidério. Historicamente as precipitações pluviométricas ocorrem primeiro e com mais abundância na porção de maior latitude sul, ficando atrasada e menos intensa nos municípios de Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, Formosa do Rio Preto e na porção nordeste do município de São Desidério. Em meados

de novembro era possível encontrar produtores dessecando, com a aplicação de herbicida, as áreas cobertas de milheto e plantas espontâneas, e preparando o solo para cultivo. Nestas áreas os plantios de milho e soja atingiram respectivamente 60% e 80% das áreas no fim de novembro. Os tons avermelhados no mapa representam o solo nu e a vegetação seca pela ação do herbicida, visto que as plantas de milho e soja recém germinadas ainda não possuem massa foliar para cobrir o solo. É provável que na safra passada estas mesmas áreas estivessem com vegetação espontânea, visto que os plantios ocorreram em meados de dezembro, após as primeiras chuvas em 2015.

Gráfico 58 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Oeste BA

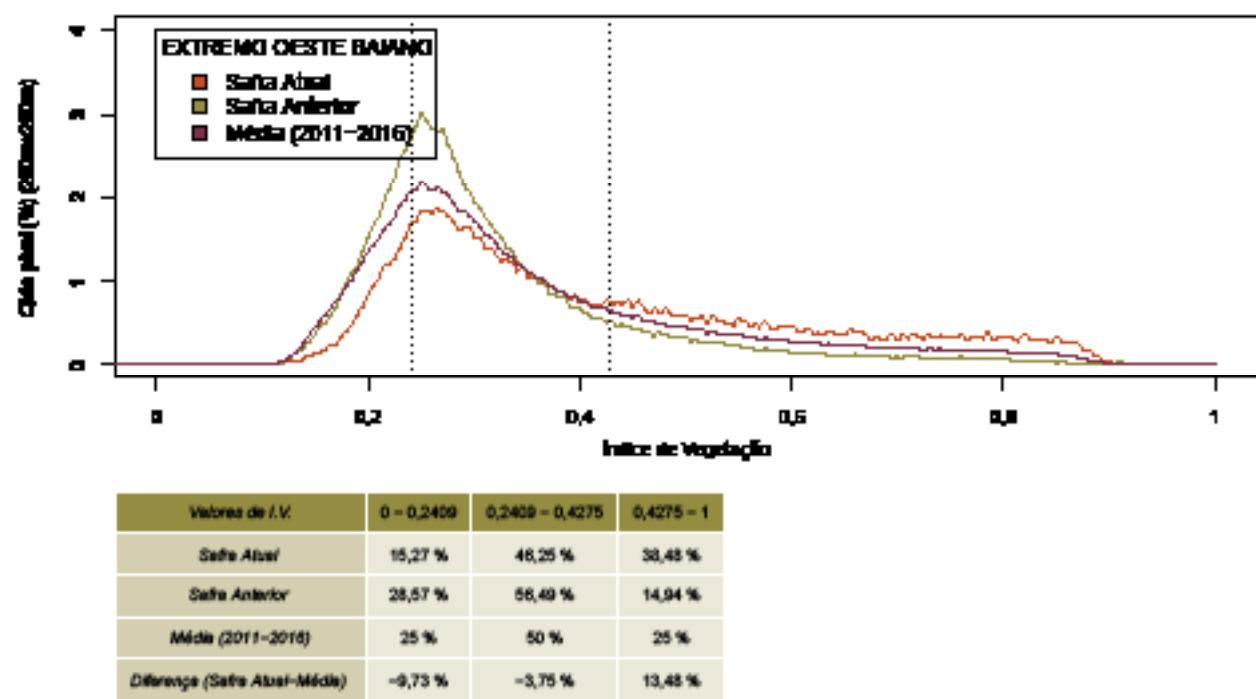
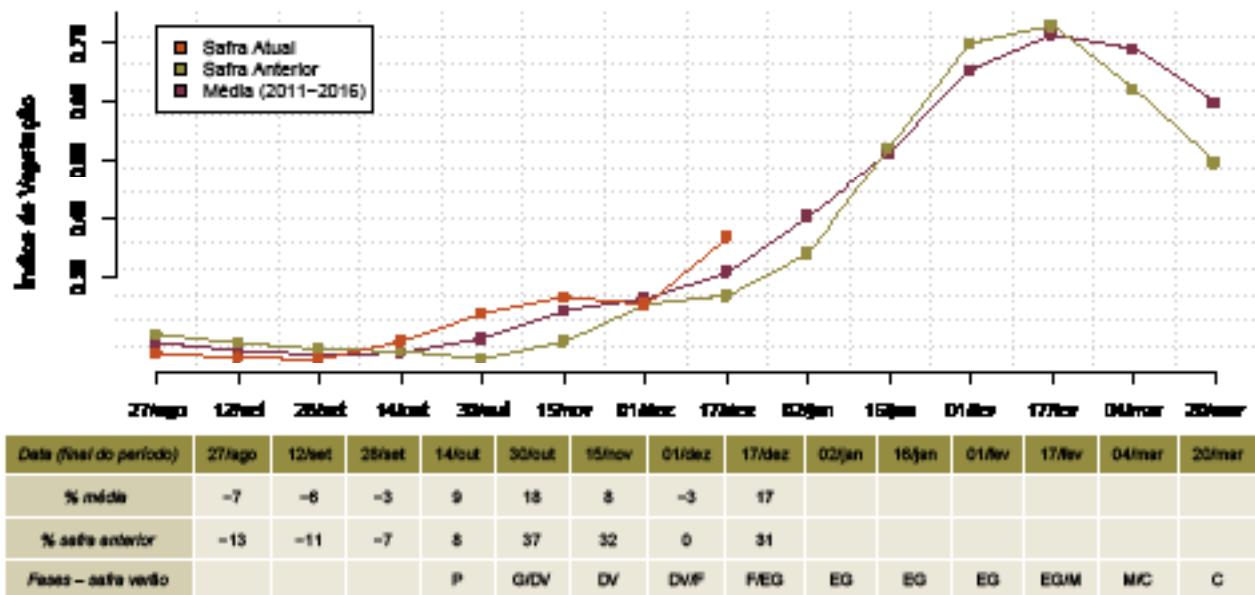


Gráfico 59 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste BA

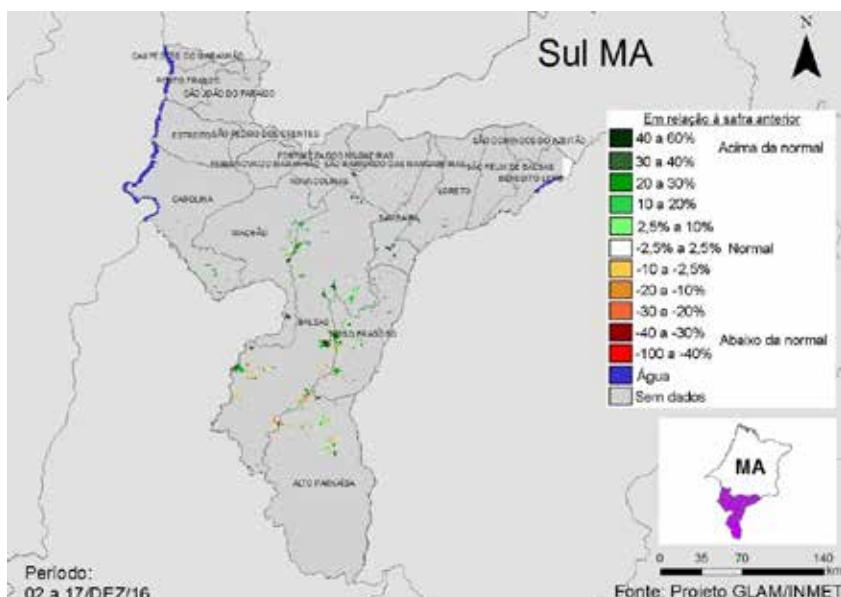


O gráfico de quantificação ilustra o adiantamento do ciclo fenológico das culturas de milho e soja nos municípios de Jaborandi, Correntina e São Desidério e o início dos plantios nos demais municípios. A curva vermelha no gráfico, representando a safra atual, indicando que cerca de 39% das áreas possuem índice de vegetação acima de 0,42, contra cerca de 15% da safra passada e 25% da média dos últimos 6 anos. Os últimos três anos agrícolas foram caracterizados pelo atraso e distribuição irregular das chuvas, e esta crise hídrica se intensificou na safra passada.

O gráfico da direita, demonstrando a evolução temporal, mostra que a partir de 14 de outubro a safra atual se destaca com índices superiores à safra passada e à média dos últimos 6 anos. Esta inclinação da curva (linha vermelha) representa o início das chuvas, estimulando o desenvolvimento das plantas espontâneas e o plantio nas microrregiões próximas a divisa com o estado de Goiás. A queda da curva entre o dia 15/11 e 01/12 é consequência do intenso preparo do solo e da dessecação das áreas para o plantio direto.

8.2.9. MARANHÃO

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



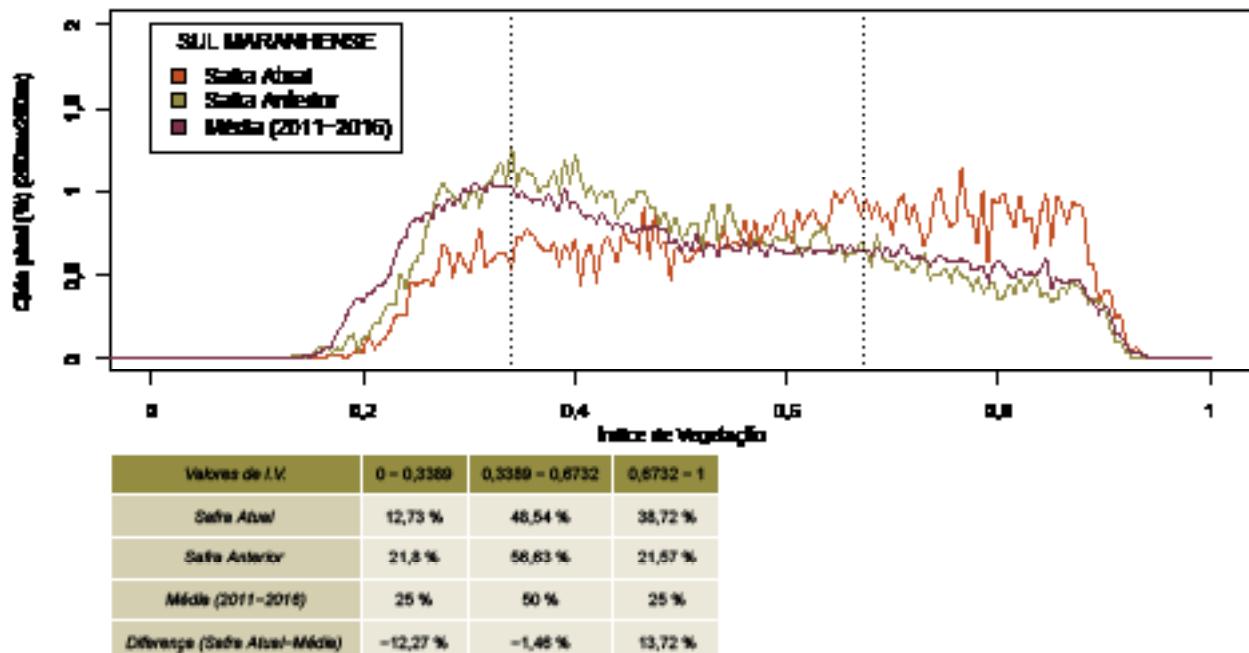
Fonte: Projeto Glam.



O excesso de cobertura de nuvens dificultou a obtenção de dados de satélites para plena cobertura das áreas agrícolas no Sul do estado. Entretanto, onde a coleta foi possível, os dados indicam padrão positivo

do desenvolvimento das lavouras em relação à safra passada, conforme predomínio das áreas em verde no mapa.

Gráfico 60 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Sul MA



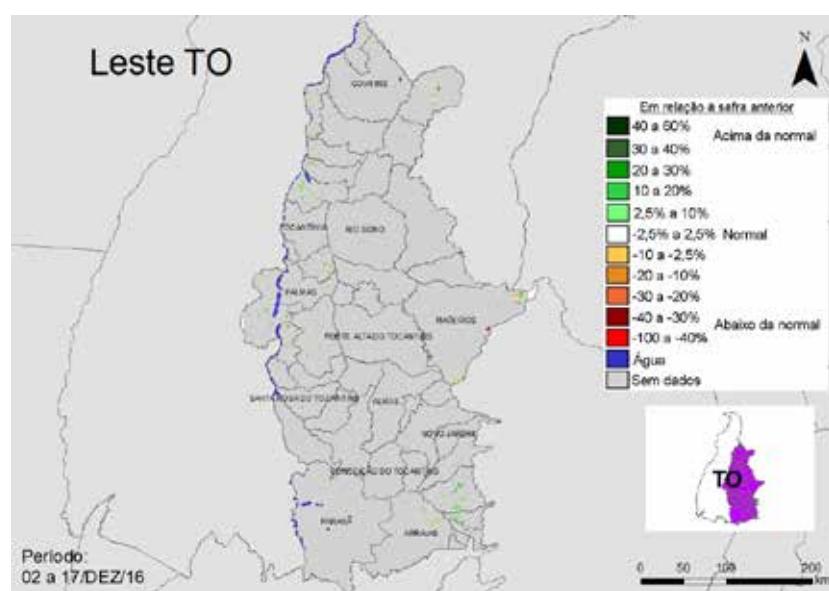
Fonte: Projeto Glam.

O gráfico mostra que na safra atual existe uma maior quantidade de lavouras respondendo com altos valores de IV do que nos anos-safra anteriores. O cálculo ponderado com dados deste período, integrando to-

das as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 16% acima da média dos 6 últimos anos e 17% acima da safra anterior.

8.2.10. TOCANTINS

Figura 15 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



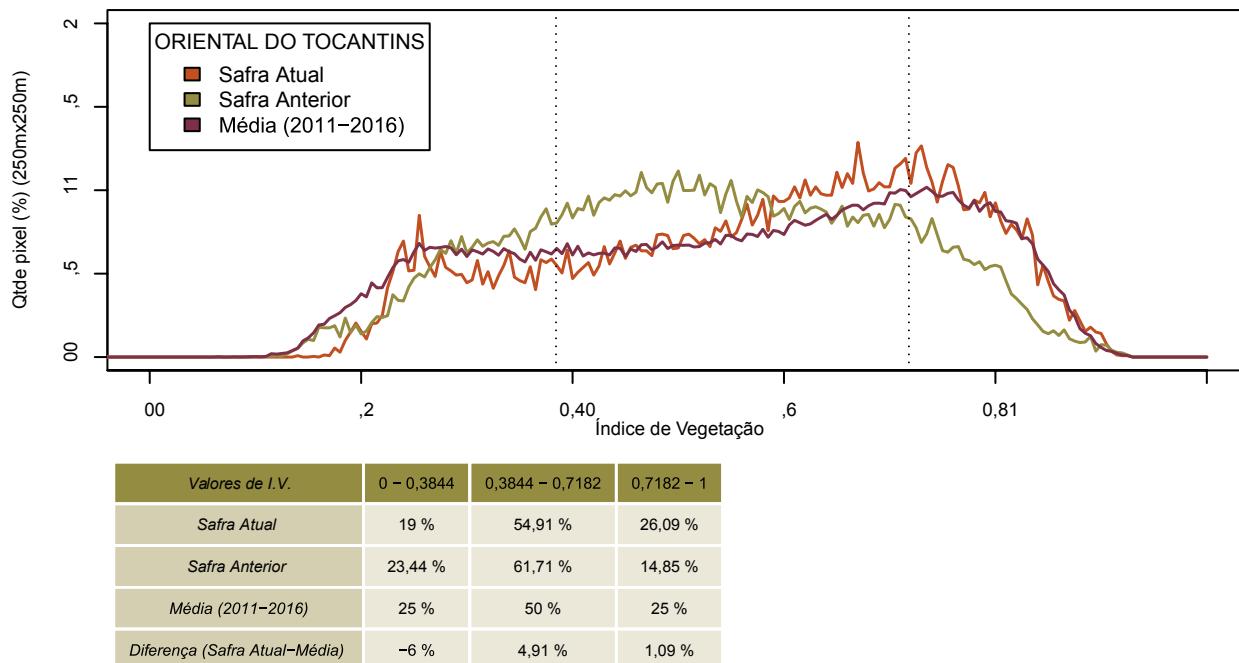
Fonte: Projeto Glam.



Excesso de cobertura de nuvens, no período do monitoramento, dificultou a obtenção de dados de satélites para plena cobertura das áreas agrícolas no Leste

do Tocantins. Entretanto, o predomínio das áreas em verde no mapa, indica padrão positivo do desenvolvimento das lavouras em relação à safra passada.

Gráfico 61 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Leste TO



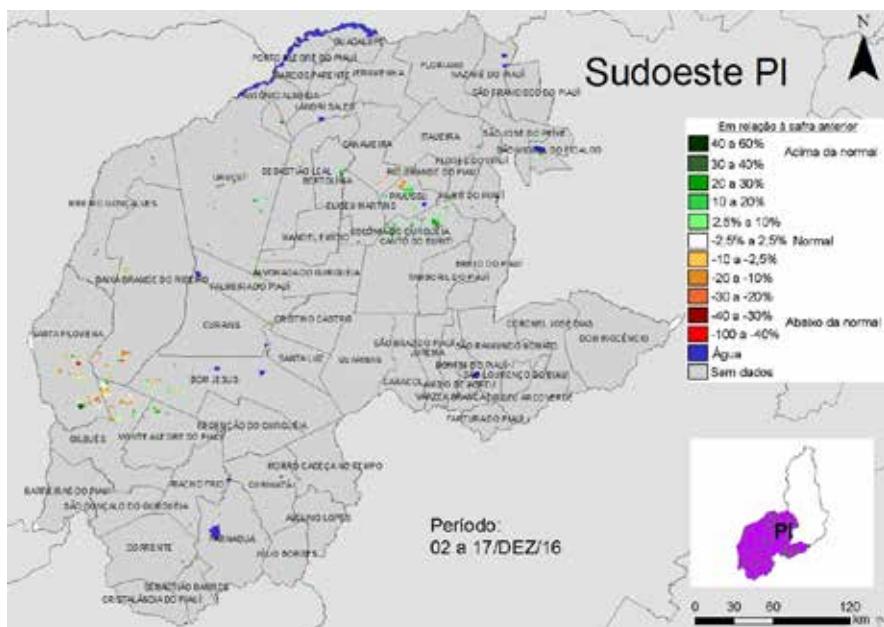
Fonte: Projeto Glam.

O gráfico mostra que na safra atual existe uma maior quantidade de lavouras respondendo com altos valores de IV do que na safra passada. O cálculo ponderado com dados deste período, integrando todas as

faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média dos 6 últimos anos e 10% acima da safra anterior.

8.2.11. PIAUÍ

Figura 16 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



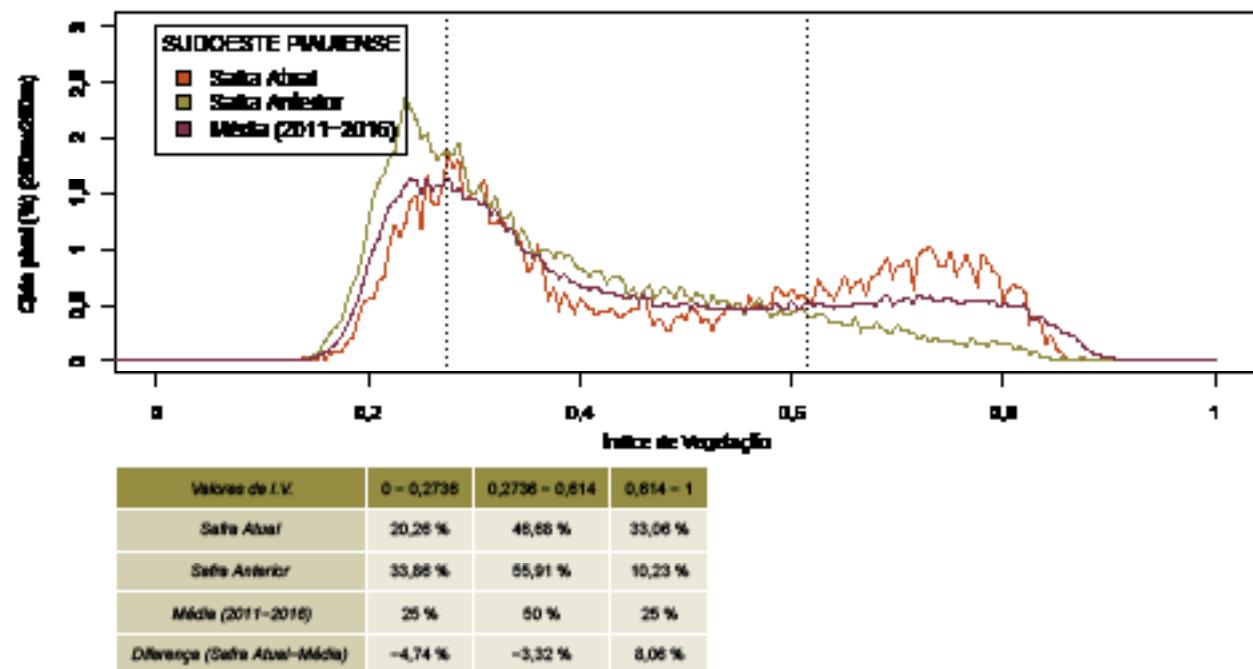
Fonte: Projeto Glam.



Excesso de cobertura de nuvens, no período do monitoramento, dificultou a obtenção de dados de satélites para cobertura de todas áreas agrícolas no Sudo-

este do Piauí. Entretanto, onde a coleta foi possível, os dados indicam padrão médio acima da safra anterior.

Gráfico 62 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV - Sudoeste PI



Fonte: Projeto Glam.

O gráfico mostra que na safra atual existe uma maior quantidade de lavouras respondendo com altos valores de IV do que na safra passada. O cálculo ponderado com dados deste período, integrando todas as

faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos 6 últimos anos e 27% acima da safra anterior.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

O quarto levantamento de safra aponta para uma previsão de área plantada com a fibra na temporada 2016/17 de 905,2 mil hectares, 5,2% menor que a temporada passada. A redução, observada na área plantada, foi influenciada pela continuação da conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques internacionais elevados pressionam os preços da pluma.

A Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, vem a cada levantamento aumentando a intenção de plantio para à safra 2015/16. Em Mato Grosso, principal produtor nacional, a safra de algodão aponta para uma recuperação na produção em relação ao ocorrido na safra passada. Após o fim do vazio sanitário do algodão em Mato Grosso no dia 1º de dezembro nas regiões centro-sul e sudeste, e 15 dezembro nas regiões oeste, médio-norte e nordeste, as áreas de primeira safra começam a ser semeadas em todo estado, ainda que em ritmo lento. Todavia, o maior volume, cerca de 85% da área total do estado, será destinado à segunda safra da cultura, cujo plantio será realizado após a colheita da soja durante janeiro e fevereiro. Com isso, estima-se a área total de algodão em 592 mil hectares na safra 2016/17, número ainda 1,5% inferior aos 600,8 mil hectares registrados na safra passada.

Em Goiás a expectativa dos produtores é que a safra

2016/17 será de recuperação da produtividade para patamares históricos devido a melhores condições climáticas, porém, com redução de área plantada. Não foram relatados maiores problemas com relação a financiamento e a aquisição de insumos para o plantio. Fim do período de vazio sanitário no décimo dia de novembro, os produtores de algodão da região leste do estado iniciaram a semeadura já na segunda quinzena de novembro e as lavouras se encontram no estádio de germinação, em boas condições fitossanitárias e sem relatos de replantios. Os produtores das demais regiões do estado ainda aguardam findar o período de proibição para dar início ao plantio da cultura.

Em Mato Grosso do Sul o levantamento apontou para uma diminuição na redução de intenção de plantio em relação à safra anterior, estando previsto queda de aproximadamente 6,4% na área cultivada, devendo atingir em torno de 28 mil hectares. Aproximadamente 60% de toda a área plantada ocorre no sistema de agricultura de precisão. Além disso, a maioria dos cotonicultores possuem algodoeira para o beneficiamento do produto, agregando valor e ao mesmo tempo utilizando o subproduto caroço como fonte de renda. Houve uma redução expressiva da área plantada da fibrosa no estado nos últimos anos, entretanto, como os produtores possuem algodoeiras, cujo custo de implantação e manutenção é elevado, a área tende a se estabilizar ou até mesmo a retomada do crescimento nas próximas safras, a depender de condições de mercado.

A cultura se encontra em fase de plantio na região nordeste, maior produtora de algodão do estado, sendo os municípios de Costa Rica e Chapadão do Sul os maiores produtores. O plantio atingiu 50% em Chapadão do Sul e 20% em Costa Rica e a fase predominante é a de germinação. Até o presente levantamento as lavouras estão se desenvolvendo normalmente devido às condições climáticas favoráveis. O plantio iniciou em dezembro, que coincidiu com a normalização das chuvas na região. As fases predominantes são de floração e desenvolvimento vegetativo. Assim, como no nordeste do estado, as demais áreas estão em boas condições de desenvolvimento, não existindo destaque com relação a pragas e doenças até o momento. As produtividades na região nordeste são maiores devido aos níveis de tecnologia aplicada e também às características edafoclimáticas mais favoráveis. Em torno de 70% do algodão plantado é considerado “algodão safra”, plantado em dezembro e 30% plantado a partir de 10 de janeiro, que é o “al-

godão safrinha”. As produtividades do algodão safra são maiores, podendo chegar aos 4.500 kg/ha e a safrinha em torno de 4.100 kg/ha.

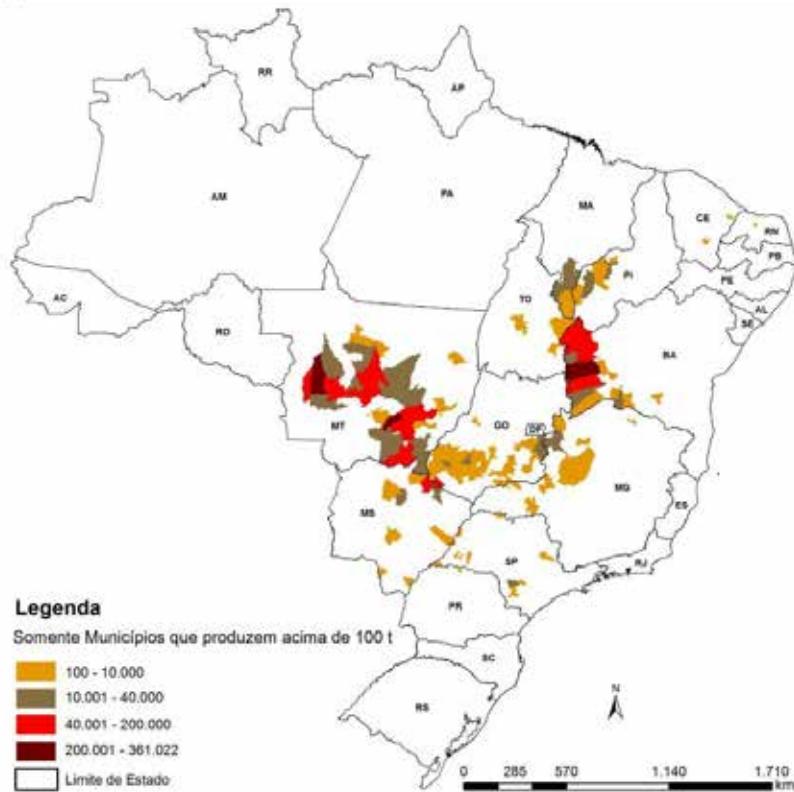
Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, está estimada atingir 19,6 mil hectares, sinalizando a manutenção da área em relação à safra anterior. O plantio de algodão no estado tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando encerra o período de vazio sanitário de 60 dias, instituídos pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e para proteger a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o algodão deverá sofrer redução de 14% na expectativa de área plantada. No entanto, a possibilidade de melhoria nas condições climáticas, ao se comparar com o desempenho da safra passada, sugere o retorno da produtividade aos níveis históricos, com a produção podendo atingir 865,9 mil toneladas de algodão em caroço, representando um incremento de 22,1% em comparação com o exercício anterior. A Bahia é o maior produtor regional e o segundo maior produtor nacional. A área de plantio para o algodão, estimada em 201,5 mil hectares, apresentou uma redução de 14,3% em relação à safra passada. Essa retração foi motivada pela atual conjuntura de mercado, que está promovendo impactos negativos nos preços da pluma. Algumas iniciativas estão sendo adotadas para fomentar o cultivo do algodoeiro fora das tradicionais regiões de plantio. Destaca-se o projeto de irrigação complementar por sistema de gotejamento desenvolvido pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) no município de Malhada/BA. O projeto integra um conjunto de ações que visam garantir e fomentar a produção algodoeira da agricultura familiar no sudoeste baiano.

No Maranhão a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado, sendo estimada uma área plantada equivalente a 19 mil hectares, representando uma redução de 9,1% quando comparada com o plantio anterior. No Piauí a redução ocorrida na área plantada atingiu 21,4% em relação ao exercício anterior. O motivo da redução está relacionado a questões de mercado e devido à dificuldade de obtenção de crédito, considerando que esta é uma cultura de custos elevados. Nesta safra, o fato positivo está relacionado à expectativa de aumento na produtividade devido a expectativa de normalidade climática aguardada para a safra atual.

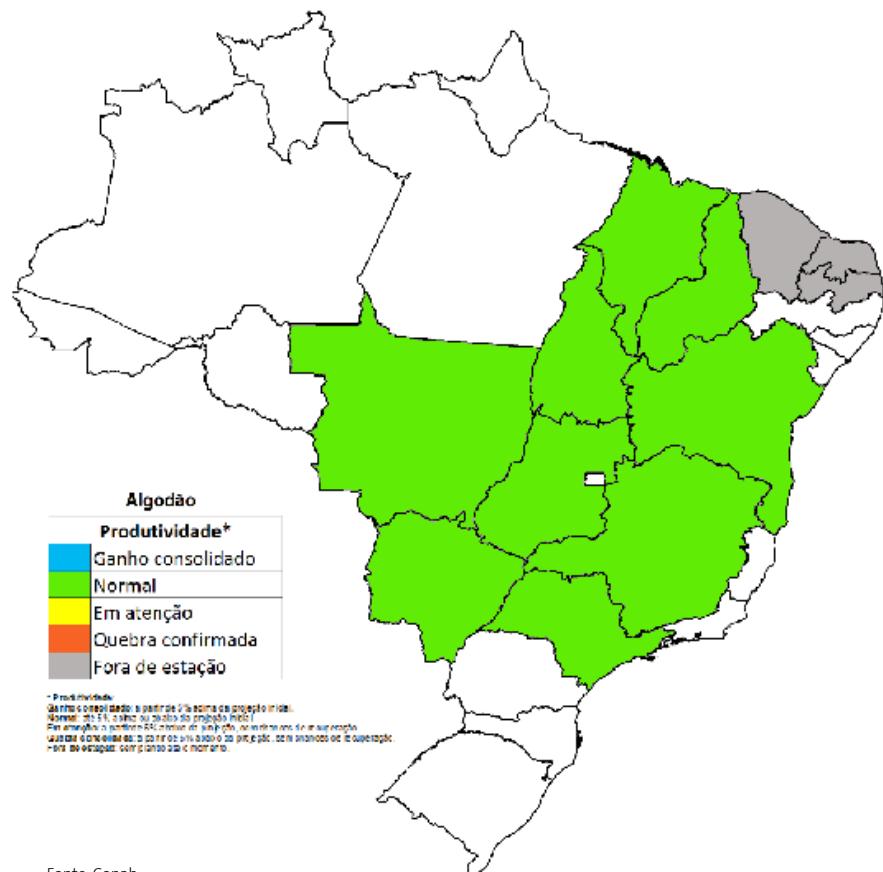


Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 18 – Mapa da estimativa de produtividade: Algodão (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	C				G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	M/C	C
MG	Noroeste de Minas		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra		PP/P	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 5- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	6,2	(15,1)	1.132	1.425	25,9	8,3	8,8	6,0
TO	7,3	6,2	(15,0)	1.132	1.425	25,9	8,3	8,8	6,0
NORDESTE	262,3	225,5	(14,0)	1.081	1.536	42,1	283,6	346,3	22,1
MA	20,9	19,0	(9,1)	1.580	1.618	2,4	33,0	30,7	(7,0)
PI	5,5	4,3	(21,4)	485	1.456	200,2	2,7	6,3	133,3
CE	0,3	0,3	-	187	225	20,3	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.674	2,4	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,1	-	145	242	66,9	-	-	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	1.052	1.532	45,6	247,3	308,7	24,8
CENTRO-OESTE	660,4	651,0	(1,4)	1.460	1.585	8,6	963,9	1.032,1	7,1
MT	600,8	592,0	(1,5)	1.466	1.577	7,6	880,5	933,7	6,0
MS	29,9	28,0	(6,4)	1.616	1.738	7,5	48,3	48,7	0,8
GO	29,7	31,0	4,3	1.182	1.603	35,6	35,1	49,7	41,6
SUDESTE	23,8	22,5	(5,5)	1.357	1.389	2,4	32,3	31,2	(3,4)
MG	19,6	19,6	-	1.368	1.395	2,0	26,8	27,3	1,9
SP	4,2	2,9	(31,0)	1.305	1.347	3,2	5,5	3,9	(29,1)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	231,7	(14,1)	1.083	1.533	41,5	291,9	355,1	21,7
CENTRO-SUL	685,1	673,5	(1,7)	1.455	1.579	8,5	996,9	1.063,3	6,7
BRASIL	954,7	905,2	(5,2)	1.350	1.567	16,1	1.288,8	1.418,4	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



Tabela 6 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	6,2	(15,1)	2.831	3.563	25,9	20,7	22,1	6,8
TO	7,3	6,2	(15,0)	2.831	3.563	25,9	20,7	22,1	6,8
NORDESTE	262,3	225,5	(14,0)	2.703	3.840	42,0	709,0	865,9	22,1
MA	20,9	19,0	(9,1)	3.949	4.046	2,5	82,5	76,9	(6,8)
PI	5,5	4,3	(21,4)	1.212	3.641	200,4	6,7	15,7	134,3
CE	0,3	0,3	-	534	642	20,2	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.406	2,5	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,1	-	414	691	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	2.629	3.830	45,7	618,3	771,7	24,8
CENTRO-OESTE	660,4	651,0	(1,4)	3.653	3.969	8,6	2.412,7	2.583,6	7,1
MT	600,8	592,0	(1,5)	3.664	3.943	7,6	2.201,3	2.334,3	6,0
MS	29,9	28,0	(6,4)	4.090	4.399	7,6	122,3	123,2	0,7
GO	29,7	31,0	4,3	3.000	4.069	35,6	89,1	126,1	41,5
SUDESTE	23,8	22,5	(5,5)	3.400	3.478	2,3	80,9	78,3	(3,2)
MG	19,6	19,6	-	3.420	3.488	2,0	67,0	68,4	2,1
SP	4,2	2,9	(31,0)	3.305	3.410	3,2	13,9	9,9	(28,8)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	231,7	(14,1)	2.707	3.832	41,6	729,7	888,0	21,7
CENTRO-SUL	685,1	673,5	(1,7)	3.643	3.952	8,5	2.495,6	2.661,9	6,7
BRASIL	954,7	905,2	(5,2)	3.378	3.922	16,1	3.225,3	3.549,9	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	6,2	(15,1)	1.699	2.138	25,9	12,4	13,3	7,3
TO	7,3	6,2	(15,0)	1.699	2.138	25,8	12,4	13,3	7,3
NORDESTE	262,3	225,5	(14,0)	1.622	2.304	42,0	425,4	519,6	22,1
MA	20,9	19,0	(9,1)	2.369	2.428	2,5	49,5	46,2	(6,7)
PI	5,5	4,3	(21,4)	727	2.185	200,6	4,0	9,4	135,0
CE	0,3	0,3	-	347	417	20,2	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.732	2,5	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,1	-	269	449	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	1.577	2.298	45,7	371,0	463,0	24,8
CENTRO-OESTE	660,4	651,0	(1,4)	2.194	2.383	8,6	1.448,8	1.551,5	7,1
MT	600,8	592,0	(1,5)	2.198	2.366	7,6	1.320,8	1.400,6	6,0
MS	29,9	28,0	(6,4)	2.474	2.661	7,6	74,0	74,5	0,7
GO	29,7	31,0	4,3	1.818	2.466	35,6	54,0	76,4	41,5
SUDESTE	23,8	22,5	(5,5)	2.043	2.089	2,3	48,6	47,1	(3,1)
MG	19,6	19,6	-	2.052	2.093	2,0	40,2	41,1	2,2
SP	4,2	2,9	(31,0)	2.000	2.063	3,2	8,4	6,0	(28,6)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	231,7	(14,1)	1.624	2.300	41,6	437,8	532,9	21,7
CENTRO-SUL	685,1	673,5	(1,7)	2.187	2.373	8,5	1.498,7	1.598,6	6,7
BRASIL	954,7	905,2	(5,2)	2.028	2.355	16,1	1.936,5	2.131,5	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão – ICAC em seu relatório semanal de 27 de dezembro de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 fechou em 21,07 milhões de toneladas e estima-se uma produção de 22,77 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse resultado significa um aumento estimado de 8% na produção de pluma.

O consumo mundial estimado segundo o comitê deverá ser de 24,15 milhões de toneladas em 2015/16. Já para a safra 2016/17, a previsão é que o consumo fique em 24,13 milhões de toneladas, o que indica uma

quase estabilidade. Este valor preliminar ainda fica bem abaixo do consumido na safra 2014/15, que foi de 24,465 milhões de toneladas. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas.

Caso se confirme as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo do globo em 1,36 milhões toneladas de algodão.

Panorama nacional

De acordo com o último levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.418,4 mil toneladas, valor este 10,06% maior que a apurada para a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 4,06% na área a ser plantada, de 964 mil ha para 925 mil ha, um aumento significativo na produtividade deve compensar as perdas de área. Até agora, o clima nas regiões produtores é bem favorável.

A cadeia do algodão sofreu bastante com a crise pela qual vem passando o Brasil. Um dos setores mais atin-

gidos foi a indústria têxtil, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Algodão, ABRAPA, só em 2015 um total de 4.451 indústrias de transformação foram fechadas em São Paulo. Em 2016 esta tendência não foi revertida e o setor também continuou sendo atingido. Como medidas para ajudar o setor a ABRAPA lançou uma campanha de marketing nacional para incentivar o uso de produtos de algodão, em detrimento ao uso de fios sintéticos e às importações de produtos acabados. Quanto à economia brasileira, a expectativa é de que a melhora nos indicadores só comece a aparecer no segundo semestre de 2017.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A intenção de plantio da lavoura de amendoim, nesta temporada, aponta para incremento de área de 0,1%, produtividade de 0,4% e produção de 0,5% em relação à safra anterior.

Em São Paulo o amendoim teve seu plantio concluído. Os produtores procuram investir nessa cultura, nessa safra, em razão dos excelentes preços de mercado.

Grande parte da produção (80%) é destinada aos países europeus, enquanto que o restante é consumido internamente pelas fábricas de doces. As áreas desta cultura vêm da rotação com a cana-de-açúcar, bem como, de reformas de pastagens.

Figura 19 - Amendoim em desenvolvimento vegetativo em Pontal/SP. Nov,2016



Fonte: Conab.



Em Minas Gerais a área de plantio de amendoim está estimada em 1,9 mil hectares, visto que até o momento não há indícios de ampliação das áreas de plantio de cunho comercial, nem tampouco das áreas exploradas pela agricultura familiar. O plantio comercial de amendoim tem se concentrado basicamente no Triângulo Mineiro, com lavouras altamente tecnificadas, plantadas normalmente em novembro e dezembro. Estimando-se uma produtividade média de 3.500 kg/

ha e a produção pode alcançar 6,7 mil toneladas.

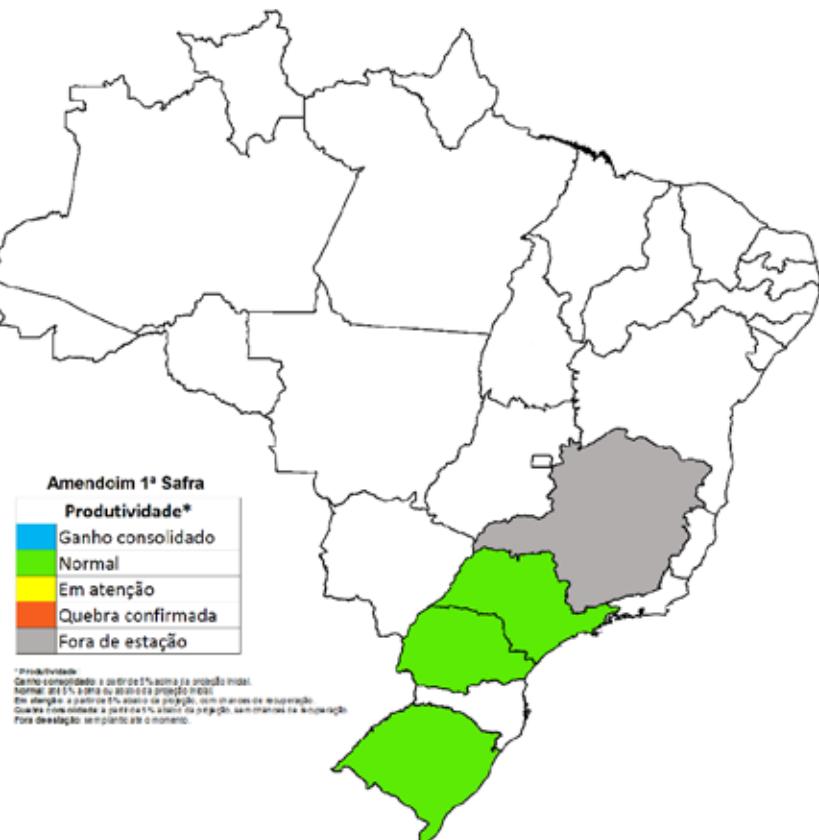
No Paraná a cultura é destinada à subsistência e ao comércio local, sem expressão econômica. A área estimada é de 1.9 mil hectares, levemente acima da safra passada. As lavouras estão em desenvolvimento vegetativo e floração, em sua maioria, e estão em boas condições.

Figura 20 - Amendoim em desenvolvimento vegetativo em Paranavaí/PR. Nov,2016



Fonte: Conab.

Figura 21 - Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim primeira safra (Safra 2016/17) – dezembro/2016



Fonte: Conab.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	105,1	-	3.543	3.558	0,4	372,4	374,0	0,4
MG	2,0	1,9	(5,0)	3.800	3.500	(7,9)	7,6	6,7	(11,8)
SP	103,1	103,2	0,1	3.538	3.559	0,6	364,8	367,3	0,7
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.153	0,1	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.583	(3,4)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	110,4	0,1	3.524	3.538	0,4	388,8	390,7	0,5
BRASIL	110,3	110,4	0,1	3.524	3.538	0,4	388,8	390,7	0,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



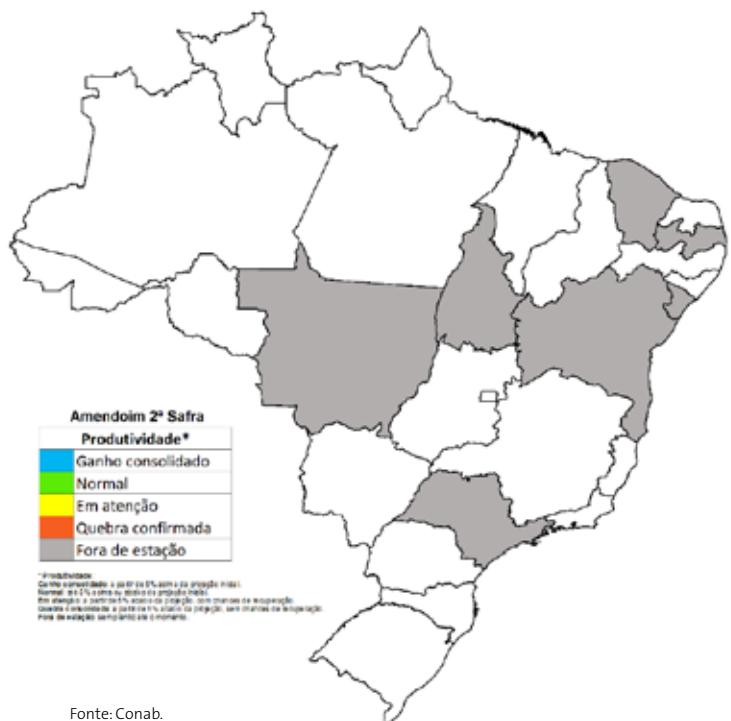
9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 23 - Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim segunda safra (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Fonte: Conab.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

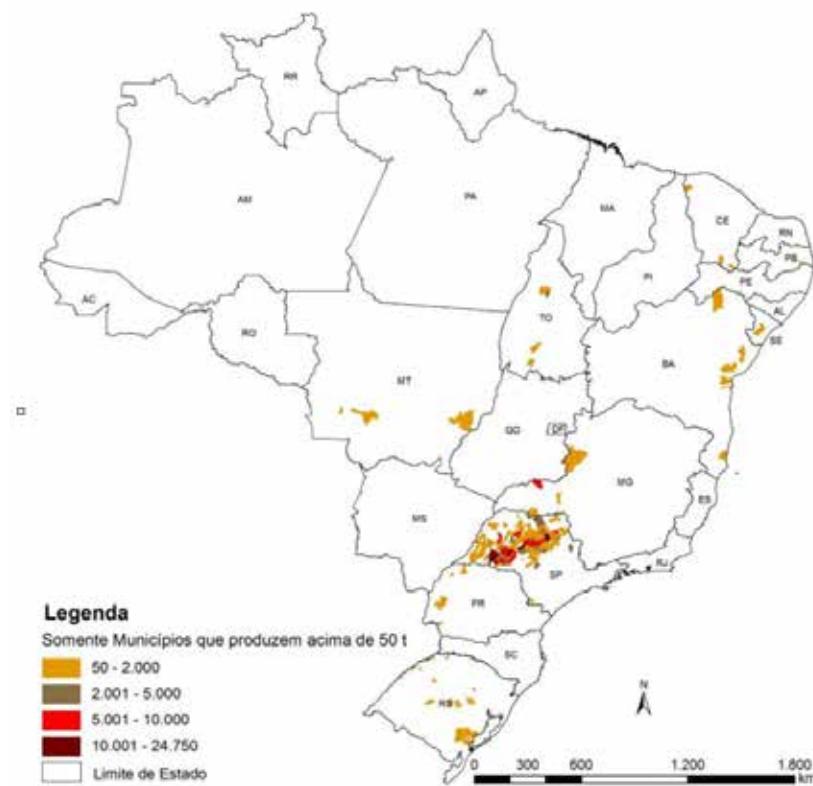
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,7	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	116,7
TO	0,7	0,7	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	116,7
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	894	142,9	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
MT	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
SUDESTE	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
SP	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
NORTE/NORDESTE	4,1	4,1	-	1.117	1.566	40,2	4,5	6,4	42,2
CENTRO-SUL	5,2	5,2	-	2.469	2.583	4,6	12,8	13,4	4,7
BRASIL	9,3	9,3	-	1.873	2.135	14,0	17,3	19,8	14,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 24 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,7	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	116,7
TO	0,7	0,7	-	1.740	3.714	113,5	1,2	2,6	116,7
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	1.000	171,7	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	600	38,6	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.636	17,5	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	933	(6,9)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
MT	0,1	0,1	-	1.403	2.000	42,6	0,1	0,2	100,0
SUDESTE	110,2	110,2	-	3.494	3.513	0,5	385,1	387,2	0,5
MG	2,0	1,9	-	3.800	3.526	(7,2)	7,6	6,7	(11,8)
SP	108,2	108,3	-	3.489	3.513	0,7	377,5	380,5	0,8
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.153	0,1	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	-	2.674	2.579	(3,6)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	4,1	-	1.117	1.566	40,2	4,5	6,4	42,2
CENTRO-SUL	115,5	115,6	0,1	3.477	3.496	0,5	401,6	404,1	0,6
BRASIL	119,6	119,7	0,1	3.396	3.429	1,0	406,1	410,5	1,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.3. ARROZ

O quarto levantamento para a cultura do arroz na safra 2016/17, aponta redução na área plantada de 3,2% em relação à safra passada. As análises dos números indicam queda especialmente naqueles locais onde a cultura é realizada no sistema de sequeiro e a manutenção e/ou aumento, onde é irrigada. Na safra passada a queda de produtividade ocorreu nos locais da cultura de sequeiro em razão de chuvas abaixo da média, enquanto o cultivo irrigado, sobretudo no sul do país, foi afetado por excesso de chuvas durante todo o ciclo, resultando em baixa luminosidade e impactando a produtividade. Para este exercício há uma expectativa de normalização do clima, e a apostam de que ocorram produtividades próximas dos anos normais.

A Região Sul, responsável por cerca de 80% da produção nacional, deve ter incremento de área de 1,9% em relação ao exercício anterior. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. No Rio Grande do Sul, foi praticamente encerrada a seeadura e os estandes apresentam-se bons em todas as regiões produtoras. As lavouras se encontram no estádio de desenvolvimento vegetativo, e os produtores executam os tratos culturais necessários, como o controle de invasoras e pragas, adubações em cobertura e o monitoramento da irrigação. Os prognósticos em relação às produtividades, ainda que prematuros, são todos acima de 7.500 kg/ha, com expectativa de

aumento significativo caso as condições climáticas continuem favoráveis.

Em Santa Catarina as lavouras se encontram implantadas, e a maior parte estão em fase de perfilhamento. No sul do estado, a falta de água, observada no levantamento anterior, foi normalizada. Foram registradas chuvas mais intensas e as previsões climáticas começam a melhorar para os produtores, principalmente aqueles dependentes de riachos menores e da água da chuva para a condução das lavouras. Assim, até o momento, não se observa cenários que apontem para perdas de produtividade, a menos que se reproduza a situação do início do plantio, com clima predominante seco. No norte do estado foi a presença de dias nublados, com baixa insolação que preocupou os produtores. A situação tem redundado em desenvolvimento mais lento das plantas, mas, até o momento, não há estimativa de atraso no calendário de colheita. Não foi constatada presença de pragas ou doenças na cultura em níveis que possam afetar a produção estimada, apesar de haver focos de patógenos em algumas regiões, os quais estão sendo controlados com defensivos. Em relação à área destinada para a cultura, não foram observadas alterações em relação à safra passada, devendo permanecer em torno de 147,4 mil hectares.

A Região Norte, segunda maior produtora nacional, praticamente manteve a área cultivada na tempora-



da passada - 264,7 mil hectares contra 265,4 mil na anterior. Em Tocantins o plantio da safra de sequeiro tem a finalidade de abertura de área para o cultivo da soja e é realizada por agricultores familiares, tendo como destinação o autoconsumo. Nesta safra, há uma tendência de queda da área para este segmento, influenciado pela opção dos produtores por cultura com melhores expectativas de mercado, como o milho e a soja, bem como pela diminuição de área de abertura, em virtude da diminuição do acesso ao crédito.

Com relação ao plantio irrigado, apesar do baixo nível dos reservatórios e rios, contatou-se aumento da área de cultivo e melhor perspectiva de produtividade para a cultura do arroz irrigado. Segundo os orizicultores, a expectativa é de que o rendimento das lavouras não será fortemente prejudicado, pois as precipitações neste ano estão mais regulares. Do total da área semeadas, 5,0% já foi colhido, 37,9 encontra-se em fase de germinação, 49,5% em desenvolvimento vegetativo, 11,2% em floração e 0,7% em maturação.

Em Rondônia o início do plantio previsto acontecer na primeira quinzena de setembro sofreu atraso em virtude da escassez das chuvas. Informações obtidas, dão conta de que o plantio se encontra praticamente encerrado. As fases atuais da lavoura são, germinação 10%, desenvolvimento vegetativo 40%, floração 30% e frutificação 20% e se encontram em bom estado de desenvolvimento. As áreas de arroz estão situadas em regiões com solos relativamente bem servido de água das chuvas e as demais de pastagens, que estão sendo sistematizadas, recebendo insumos para a sua recuperação e preparadas para o plantio de arroz. Como atualmente não ocorrem abertura de novas áreas, a tendência é de manutenção/redução na sua área. Existem no estado duas a três grandes empresas comercializadoras de arroz e que financiam as lavouras existentes. Essas empresas fornecem os insumos e fomentam toda a cadeia produtiva.

No Centro-Oeste, terceira maior região produtora, predomina o cultivo em sequeiro. A estimativa é que a área tenha redução de 16,3% em relação à safra passada e a performance da cultura está vinculada a abertura de novas áreas e as restrições que essa ação vêm registrando nos últimos anos. No Mato Grosso, o plantio dos 122 mil hectares está na reta final, com redução superior a 30 mil hectares em relação à safra passada. A maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo e os trabalhos de semeadura das áreas remanescentes serão finalizados nas primeiras semanas de janeiro. As boas condições climáticas deverão refletir em melhor produtividade, cuja média é estimada em 3.142 kg/ha, rendimento 9,2% superior aos observados na safra 2015/16.

No Mato Grosso do Sul o plantio foi planejado de

maneira escalonada, de forma que a colheita vai se processar em épocas distintas. Como a semeadura foi feita dentro do zoneamento agrícola do estado, o desempenho atual das lavouras se mostra compatível, apresentando sinais de que apresentarão boas produtividades. As pragas e doenças até o momento não afetaram diretamente a produtividade esperada, fruto das práticas de aplicações preventivas e monitoramento, que vem sendo realizadas com êxito. A distribuição de águas nesses solos sistematizados apresentam uma lámina de água uniforme, condicionando umidade adequada ao ambiente de cultivo. Tal prática também previne o surgimento de plantas daninhas e o controle de algumas pragas de solo.

Em Goiás a cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro, encontram-se sob forte declínio, sendo cultivados em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência (excetuando a produção do arroz irrigado), tornando a produção goiana deste grão inexpressiva nacionalmente. Existe um projeto executado pelo governo estadual que doa sementes e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares. A maior parte do arroz de sequeiro produzido em Goiás é realizado através deste programa. Neste último levantamento constatamos atrasos na distribuição dos insumos básicos por meio do programa Lavoura Comunitária em Goiás. Tais atrasos afastam a semeadura da janela temporal adequada para o plantio de arroz de terras altas, podendo até ser inviabilizado caso a semeadura não seja iniciada nos próximos dias.

Na Região Nordeste a cultura é realizada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. À semelhança de outras regiões do país, a cultura tem tido declínio nas áreas de sequeiro, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. A expectativa detectada neste levantamento é de redução na área em 19,6% comparado com o exercício anterior, o que aumenta a dependência da produção oriunda de outros estados. A safra do Maranhão, apresentará forte redução na área plantada, estimando-se uma queda de 35,9%, em comparação com o exercício passado. Na Bahia a intenção de plantio da lavoura de arroz aponta para um forte incremento na área plantada 15,4% para a safra 2016/17. Este aumento é atribuído a retomada das áreas não cultivadas na última safra devido às adversidades climáticas. Os plantios tiveram início em dezembro.

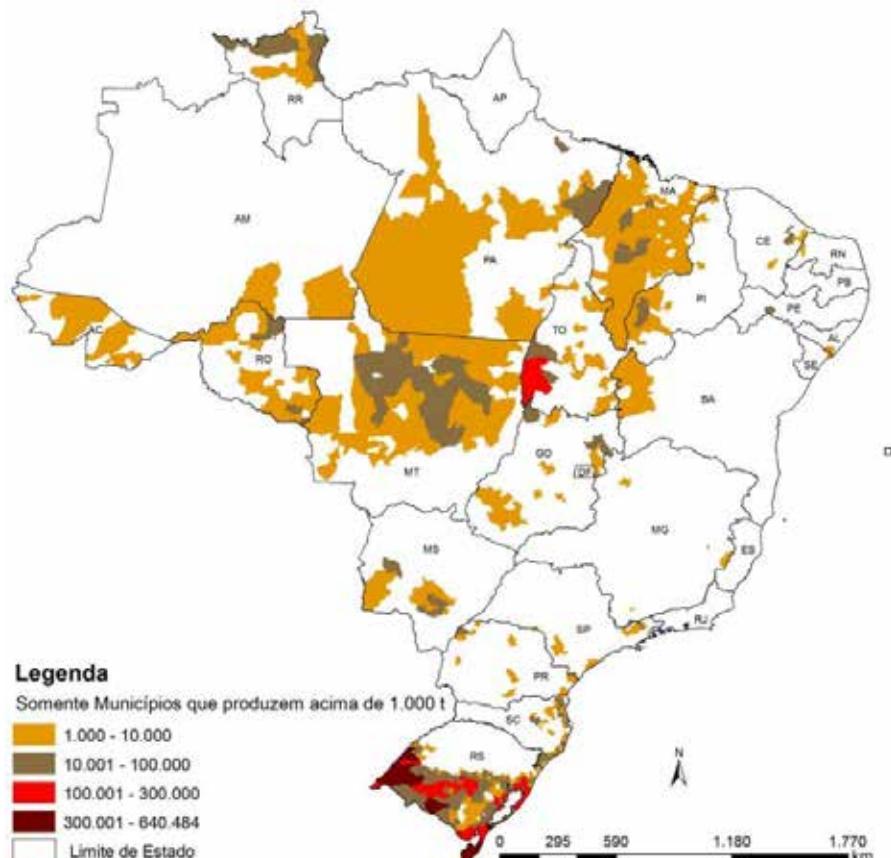
Na Região Sudeste a cultura tem pouca expressão. A área plantada deve ser inferior em 2,9% ao se comparar com à safra passada. São Paulo o maior produtor regional, apresentará redução de 3,3% na intenção de plantio. A produção se concentra nas regiões do Vale do Paraíba (Pindamonhangaba e Guaratinguetá) sob irrigação e seu consumo se dá nas próprias regiões



onde são produzidos. O produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis (soja/milho) na expectativa de ganhos maiores. Em Minas Gerais a área de plantio de arroz deverá apresentar manutenção em relação ao observado na safra passada. Fatores como a baixa competitividade em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em áreas de várzea são as cau-

sas apontadas pela baixa expressividade da lavoura, principalmente nos sistemas de sequeiro e de várzea úmida. Parte das lavouras ainda existentes são conduzidas por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico, e se destinam basicamente ao consumo próprio.

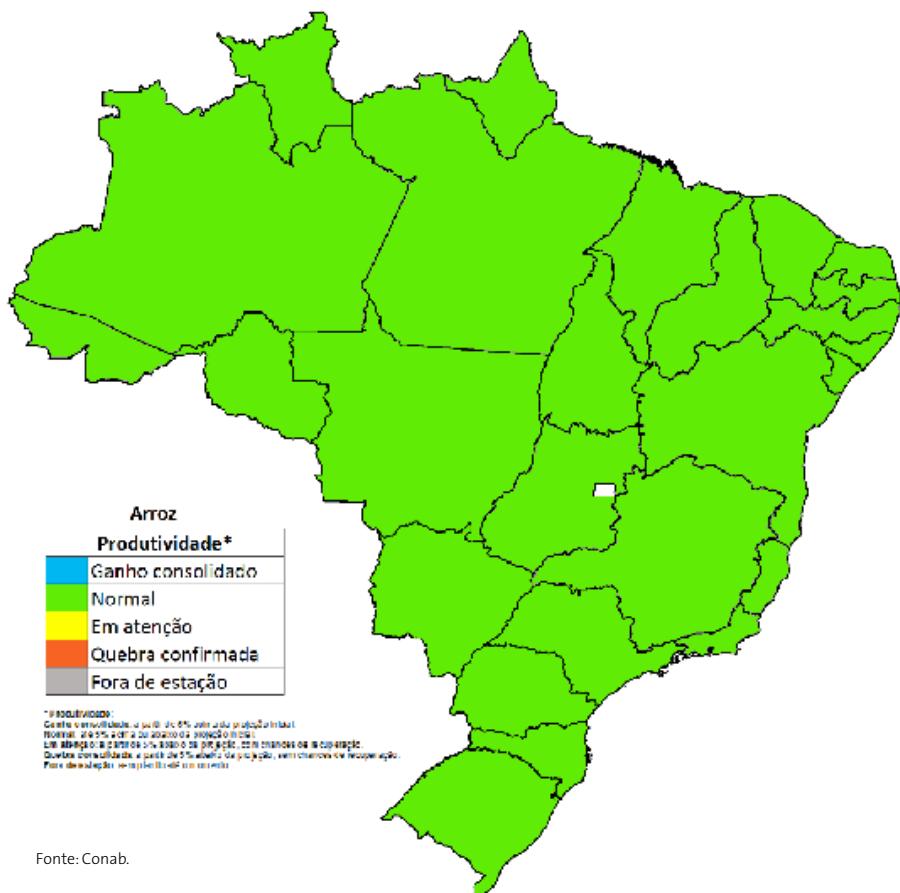
Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 26 – Mapa da estimativa de produtividade: Arroz (Safra 2016/17) – Dezembro/2016



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Arroz (Safra 2016/17).

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	264,7	(0,3)	3.835	4.263	11,2	1.017,8	1.128,4	10,9
RR	8,6	12,4	44,0	7.023	6.930	(1,3)	60,4	85,9	42,2
RO	42,6	42,5	(0,3)	3.423	3.168	(7,4)	145,8	134,6	(7,7)
AC	5,1	4,3	(15,6)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,7	42,1	2.290	2.185	(4,6)	4,4	5,9	34,1
AP	1,5	1,2	(21,0)	918	1.002	9,2	1,4	1,2	(14,3)
PA	72,9	72,9	-	2.520	2.414	(4,2)	183,7	176,0	(4,2)
TO	132,8	128,7	(3,1)	4.632	5.588	20,6	615,2	719,2	16,9
NORDESTE	283,3	227,9	(19,6)	1.389	1.805	29,9	393,7	411,3	4,5
MA	181,5	116,3	(35,9)	1.478	1.497	1,3	268,3	174,1	(35,1)
PI	79,1	87,7	10,9	755	1.871	147,8	59,7	164,1	174,9
CE	4,7	4,7	-	648	1.688	160,5	3,0	7,9	163,3
RN	1,0	1,0	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	-
PB	0,8	0,8	-	197	872	342,6	0,2	0,7	250,0
PE	0,3	0,3	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	14,3
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
BA	7,8	9,0	15,4	510	837	64,1	4,0	7,5	87,5
CENTRO-OESTE	192,5	161,2	(16,3)	3.159	3.569	13,0	608,0	575,3	(5,4)
MT	152,5	122,0	(20,0)	2.876	3.142	9,2	438,6	383,3	(12,6)
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.300	29,6	68,0	97,7	43,7
GO	26,0	23,7	(9,0)	3.900	3.980	2,1	101,4	94,3	(7,0)
SUDESTE	17,0	16,5	(2,9)	3.200	3.331	4,1	54,5	55,0	0,9
MG	6,5	6,3	(3,1)	2.300	2.550	10,9	15,0	16,1	7,3
ES	0,2	0,2	-	2.480	2.481	-	0,5	0,5	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.358	(8,4)	1,1	1,0	(9,1)
SP	10,0	9,7	(3,3)	3.785	3.855	1,8	37,9	37,4	(1,3)
SUL	1.249,6	1.273,3	1,9	6.825	7.434	8,9	8.528,9	9.466,0	11,0
PR	26,2	25,2	(3,9)	4.582	6.425	40,2	120,0	161,9	34,9
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.115	(0,3)	1.052,3	1.048,8	(0,3)
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.500	9,7	7.356,6	8.255,3	12,2
NORTE/NORDESTE	548,7	492,6	(10,2)	2.572	3.126	21,5	1.411,5	1.539,7	9,1
CENTRO-SUL	1.459,1	1.451,0	(0,6)	6.299	6.958	10,5	9.191,4	10.096,3	9,8
BRASIL	2.007,8	1.943,6	(3,2)	5.281	5.987	13,4	10.602,9	11.636,0	9,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observou-se uma baixa liquidez em face do período de festas de final de ano. Em meio a fraca demanda varejista, as beneficiadoras apresentaram baixo interesse de compra. A maior entrada de arroz mercosulino tem sido fator determinante na manutenção dos preços nos patamares atuais, diante da significativa redução da produção da Safra 2015/16. Somados todas as variáveis citadas acima, o preço médio estadual encerrou a semana, cotado a R\$48,36 por saco de 50kg de arroz em casca. No mês, identificou-se um ameno aumento de 0,08% e, no ano, nota-se uma significativa majoração de 21,05% no preço. No Mato Grosso, a safra 2015/16 local já foi comercializada, quase em sua totalidade, ao longo de 2016 e, hoje, identifica-se um mercado quase parado. Como resultado, os preços no estado seguem estáveis.

Em relação ao atacado, o mercado apresenta viés de alta cotado em R\$ 81,45 por fardo de 30 kg de arroz beneficiado como resultado da redução da produção brasileira na Safra 2015/16 e o aumento da inflação

nos últimos dois anos. Assim, os preços no atacado apresentaram no mês expansão de 15,12% e, no ano, de 22,78%. Já no varejo de São Paulo, segundo dados do Dieese, o quilo do arroz foi comercializado a R\$ 3,09, o que representa um aumento anual de 10,75%. Ressalta-se que o consumo total de arroz, algo longo dos últimos 4 anos, segue apresentando constantes retrações. Hoje, estima-se que o consumo nacional está abaixo dos históricos 12,0 milhões de toneladas de arroz (base casca). Para a Safra 2016/17, a previsão de consumo é de 11,5 milhões de toneladas.

No mercado de arroz tailandês, na última semana, o preço do grão apresentou baixa de 0,80% e, no mês, alta de 1,65%, apesar do quase encerramento da principal colheita da safra 2016/17 e da expectativa de retorno à normalidade produtiva local. Esse comportamento deve-se a expectativa de redução de produção chinesa, principal mercado produtor e consumidor de arroz.

No período comercial 2015/16 consolidado, de março



de 2015 até fevereiro de 2016, observa-se um relevante saldo de 858,8 mil toneladas em base casca. Para os nove primeiros meses de análise do período comercial 2016/17, março a novembro de 2016, observa-se um saldo negativo de 195,1 mil toneladas. Em novembro, o Brasil exportou 46,8 mil toneladas de arroz base casca e importou 99,5 mil toneladas. Dentre os principais destinos do produto brasileiro, destacam-se a Gâmbia, com uma aquisição de 17,9 mil toneladas de arroz quebrado a um preço médio de comercialização de US\$ 297,39/t e o Peru – com aquisição de 2,4 mil toneladas de arroz polido a um preço médio de US\$ 581,57/t.

Sobre as compras nacionais de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o

mercado brasileiro, comercializou 47,4 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 423,58/t de arroz polido, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 756,75/t. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Goiás. Sobre a Argentina e o Uruguai, nota-se uma expressiva expansão dos volumes importados pelo Brasil. Este produto vem sendo direcionado principalmente para os estados de SP, do RS, de SC e do PE. Na soma de todas as compras no mercado internacional em novembro de 2016, o Brasil importou 108,88% a mais do que o registrado no mês de novembro de 2015, no qual o volume foi de 47,6 mil toneladas.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O quarto levantamento de safra, vinculado ao plantio da safra 2016/17, aponta para um crescimento na área plantada estimada em 1.140,2 mil hectares, o que configura incremento de 16,5% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura está estimada em 1.153 kg/ha, na média nacional, 9,1% acima da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão da primeira é estimada em 1.314,9 mil toneladas, representando acréscimo de 27,1% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,2 mil toneladas. A maioria dos agricultores usa recursos próprios para viabilizar o plantio.

Na Região Sul é esperada incremento na área plantada de 293,8 mil hectares, 8,5% em relação ao ocorrido no exercício anterior, que foi de 270,9 mil hectares, estima-se aumento na produtividade de 7,7%, saindo de 1.680 kg/ha, para 1.809 kg/ha em relação à safra 2015/16, estima-se também aumento na produção de 531,3 mil toneladas, 16,8% em relação à safra anterior, que foi de 455 mil toneladas.

No Paraná a área referente ao feijão cores foi responsável por um aumento de 36% em relação à safra anterior, reflexo, principalmente, dos altos preços pagos pelo feijão em todo o ano de 2016, porém, com o avanço da colheita, os preços recebidos pelos produtores recuaram. A área total de feijão no estado aumentou em 5,9%. Aproximadamente 14% da área já foi colhida, com registro de pequena perda de qualidade do grão devido à estiagem e frio no momento de plantio. A previsão de área plantada na primeira safra de fei-

jão é de 192,1 mil hectares, com rendimento de 1.818 kg/ha, ou seja, 15,4% maior do que a safra 2015/16.

Em Santa Catarina, a semeadura do feijão cultivado na primeira safra atinge mais de 90% da área destinada para a cultura, devendo ser encerrada no final de dezembro ou início de janeiro, estas últimas nas regiões mais altas, onde o clima é mais ameno. As condições das lavouras apresentaram melhorias no decorrer das últimas semanas, haja vista que o clima se apresentou favorável na maior parte das regiões, com chuvas regulares e temperaturas mais típicas para a estação. Contudo, ainda foram observadas temperaturas baixas, principalmente na região serrana, onde foram registradas mínimas abaixo de dez graus Celsius durante dezembro. Conforme observado no levantamento anterior, as condições climáticas desfavoráveis (frio) em outubro e parte de novembro afetaram negativamente algumas lavouras que já haviam sido implantadas, resultando em desenvolvimento mais lento e menor porte das plantas, o que deve acabar por reduzir o potencial produtivo. Nas lavouras mais tardias, implantadas dentro de condições climáticas mais normais, as condições das lavouras estão melhores, tanto em nível sanitário quanto fisiológico, o que deve contribuir para uma elevação da produtividade, compensando a perda nas áreas plantadas mais cedo. Com o escalonamento do plantio, as lavouras se apresentam desde germinação até formação de grãos, uma vez que, em meados de janeiro, devem ser observadas colheitas na região oeste. Pragas e doenças não estão sendo observadas em níveis que possam causar perdas na qualidade e produtividade.



No Rio Grande do Sul há expectativa de aumento de área plantada de 51 mil hectares, que deverá ficar em 17,2% em relação à safra passada, que foi de 43,5 mil hectares. Mesmo com queda de 12,1% na produtividade, estimada em 1.683 kg/ha, a produção estimada é de 85,8 mil toneladas, incremento de 3%. O feijão preto primeira safra, encontra-se em pleno desenvolvimento no estado, encontrando-se lavouras em todos os estádios, desde germinação (11%) até a colheita, ainda que muito no início (cerca de 1%, na região de Santa Rosa e Ijuí) e predominando os estádios de floração e enchimento de grãos (57%). Apresenta diferentes potenciais produtivos, conforme a região e o regime de precipitações até então verificado. Nos municípios da região Nordeste as condições têm sido favoráveis, com chuvas regulares e lavouras com boa sanidade, embora a recente redução no volume de chuvas traga preocupação aos produtores de sequeiro, temendo diminuição na produtividade final caso não ocorram precipitações nos próximos dias. As baixas temperaturas à noite na região de Erechim e a escassez de chuvas em Passo Fundo e municípios do entorno impedem o desenvolvimento de 100% do potencial produtivo das lavouras. Na região de Lajeado lavouras iniciando a maturação, enquanto Caxias do Sul, Vacaria e Passo Fundo em fase final de floração e adiantado estádio de enchimento de grãos. No geral, estima-se produtividade média acima 1.500 kg/ha no estado. As lavouras do feijão cores primeira safra, ainda sendo implantadas na região Nordeste e Serra, com cerca de 80% da área já semeada, apresentando boa germinação e início do desenvolvimento vegetativo. Considerando a mecanização da semeadura e o nível tecnológico dos produtores, estima-se que poucas áreas deverão restar para plantio em janeiro, a permanecer as condições climáticas atuais, que são favoráveis. Como boa parte dos cultivos da leguminosa se dá sob pivôs, pode-se estimar rendimentos acima de 40 sc/ha (2.400 kg/ha) que, aos preços hoje praticados, torna o empreendimento altamente remunerador.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 32,5% da área plantada, com a leguminosa em 268,1 mil hectares, para o exercício 2016/17, impulsionada pelos preços atrativos. O clima se encontra favorável ao plantio.

Em Minas Gerais, a área de plantio na safra atual está estimada em 181,8 mil hectares. O plantio foi iniciado em outubro e foi concluído em dezembro. Com produtividade média de 1.268 kg/ha, a produção pode alcançar 230,5 mil toneladas, 20,4% superior à safra passada. As lavouras se encontram, predominantemente em fase de floração (30%) e granação (70%).

Em São Paulo o feijão sinaliza com forte crescimento

na área plantada no estado paulista (59,2%) devido aos preços bastante atrativos junto ao mercado produtor no momento do plantio. Seu plantio é realizado sob irrigação e se dá em julho e agosto e colhido entre novembro e janeiro do ano seguinte. As maiores áreas estão localizadas na região sudoeste de São Paulo (Itaí, Itapeva, Taquarituba e Capão Bonito). A menor oferta desse produto está relacionada à queda na produção, que envolveram fatores climáticos, estiagem e geadas, que prejudicaram a produtividade, especialmente na safra de inverno, assim como a redução da área plantada do feijão da segunda safra. Segundo informações obtidas junto ao Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de Itapeva, esta cultura já está entrando na fase final de colheita, na principal região de produção do estado paulista (sudoeste). Diferente do que ocorreu na safra passada, onde, em razão do excesso de chuvas que ocorreram durante a colheita, ocasionou um produto de má qualidade e consequente recuo nos preços obtidos nas vendas. Nesse momento, o feijão que está sendo colhido é considerado de boa e ótima qualidade, o que deverá trazer bons ganhos aos produtores.

No Rio de Janeiro a cultura é basicamente plantada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo. Está previsto para esta safra um crescimento nas áreas em relação à safra passada. Estima-se uma produtividade média de 887 kg/ha, 19,9% inferior à safra passada. A produção deve ficar em 1,6 mil toneladas.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 ocorrerá a partir de janeiro 2017. Nas áreas de sequeiro a opção dos produtores deverá se fixar no feijão caupi, que é mais resistente, como alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre nesse mês. Com os indícios de normalização do período chuvoso, os produtores aguardam a época das águas para iniciar o plantio. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Na Bahia se estima que a área de plantio deverá ficar em 250,4 mil hectares, representando uma variação positiva de 32,3% em relação à safra passada, produtividade estimada em 389 kg/ha, incremento de 10,4% em relação à safra 2015/16, aumento também na produção de 97,3 mil toneladas, incremento de 46,1% em relação à safra anterior. Em relação ao feijão cores primeira safra, estima-se uma área a ser plantada de 63,07 mil hectares, representando uma variação positiva de 25,4% em relação à safra passada. No centro-norte, nesta safra as estimativas indicam que serão



cultivados 12,6 mil hectares. Redução de 11,2% em relação à safra passada. Isso se deve à incerteza por parte dos produtores quanto ao regime de chuvas. O plantio do feijão, até o momento, atinge cerca de 15% da área estimada. No centro-sul, com as chuvas de novembro foram iniciados os plantios. Estima-se que sejam cultivados cerca de 23,7 mil hectares entre cultivos de sequeiro e irrigado. A expectativa de boas chuvas e a valorização do preço do feijão na safra passada fomentam o cultivo. Percebe-se que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura de necessidade hídrica maior que o feijão caupi. Foi relatada a intempestividade na entrega das sementes do Programa Semeando e destacado que a utilização de sementes híbridas ou variedades mais adequadas à região poderiam permitir melhores rendimentos. No extremo oeste, as áreas a serem cultivadas com feijão cores representam cerca de 29% do total de feijão (cores mais caupi) cultivado. Estima-se um crescimento de 26 mil hectares na área plantada. Esse aumento pode ter sido influenciado pela elevada

cotação da saca e pela retomada das áreas não cultivadas por conta das adversidades climáticas da safra passada. Para o feijão caupi primeira safra, estima-se uma área de 187,28 mil hectares, representando uma variação positiva de 32,3% em relação à safra passada. No centro-norte se estima que sejam cultivados 12,3 mil hectares de feijão caupi. O plantio já supera 30% da área total estimada. No território de Irecê a área prevista para o plantio da safra de verão é de 14.180 hectares, com produtividade média de 600 kg/ha. No centro-sul, com as chuvas de novembro foi iniciado o plantio. Estima-se que sejam cultivados cerca de 95,7 mil hectares em regime sequeiro. No extremo oeste, as áreas que serão cultivadas com feijão caupi representam cerca de 71% do total de feijão (cores mais caupi) cultivado. A expectativa é que sejam cultivados cerca de 64 mil hectares, dividindo-se o plantio em duas épocas: em novembro e dezembro com o início das chuvas e em fevereiro e março após a colheita da soja.

Figura 27 - Feijão caupi em Germinação no município de Guanambi/BA. Nov, 2016



Fonte: Conab.

No Piauí para o feijão primeira safra, a expectativa é de um pequeno aumento com relação à safra passada da ordem de 1,4%, com área de 214,5 mil hectares. O plantio de feijão em algumas áreas que se deseja fazer safrinha de milho foi realizado em outubro, fato observado na região da serra do Quilombo em Bom Jesus, áreas que já se encontram em frutificação, visto que para o cerrado piauiense calcula-se uma média de 25% da área de feijão plantada até o momento do quarto levantamento. A expectativa de aumento da produtividade do feijão é de 136% em relação à safra anterior, totalizando 328 kg/ha, o que se explica pelo péssimo regime climático da safra passada e expectativa de normalidade no regime climático da safra atual.

No Maranhão o plantio dessa cultura iniciou apenas na região sul do estado, visto que parte desta se encontra no estádio de desenvolvimento vegetativo. A área total a ser plantada atingirá 24,3 mil hectares, com produtividade esperada de 477 kg/ha, 1,9% superior à safra passada, que foi de 468 kg/ha, obtendo-se produção de 11,6 mil toneladas, 15,9% menor que a safra 2015/16.

Em Tocantins foi constatada, neste levantamento, uma redução na área plantada de 65,2% da cultura relacionada ao grupo cores e um acréscimo de 16,7% ao caupi, se comparada à safra anterior. Apesar de tratar-se de cultura semeada prioritariamente pelo segmento da agricultura familiar, com a utilização de



baixa tecnologia, a produtividade nesta safra deverá obter um resultado superior ao alcançado na anterior, levando-se em conta a regularidade climática obtida até esta oportunidade, diferentemente da registrada na safra passando, quando o índice de precipitações foi insignificante em relação aos níveis normais. Com relação à queda da produtividade em relação à safra anterior, relativa ao grupo cores, esclarecemos que foi causada pela inexistência de plantio nas regiões norte e sul do estado, onde obtivemos produtividades elevadas na safra 2015/16, enquanto que nesta safra a área plantada encontra-se somente no município de Dianópolis, localizado na região sudeste, com estimativa de rendimento em 600 kg/ha. Para este levantamento, a área de plantio está estimada em 4,7 mil hectares, com produtividade média de 604 kg/ha, 15,7% inferior à safra passada. A produção deve ficar entre 2,8 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste do Brasil se observa incremento de área em 19,5%, produtividade em 9,2% e na produção de 30,5% em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Findado o período de vazio sanitário em Goiás (5 de outubro na região 1 e 20 de outubro na região 2), as semeaduras do feijão primeira safra se concentraram durante outubro, beneficiadas pelas precipitações regulares e o bom balanço hídrico do solo. Os produtores de feijão demonstram bastante incentivados para o aumento da área plantada para a próxima safra, porém, a forte queda dos preços do feijão carioca no mercado, provocado pela retração do consumo, ocorrido nas últimas semanas, deixaram os produtores de feijão bastante preocupados com relação à rentabilidade futura da cultura. As lavouras se encontram em fase de florescimento e com boas condições fitosanitárias. Não foram relatados maiores problemas com relação a replantios e ataques de mosca branca nos estádios iniciais da cultura. Neste levantamento, incremento de área, produtividade e produção, estimados em 62 mil hectares de área, com produtividade média de 2.410 kg/ha e a produção em 149,4 mil

toneladas.

Nessa primeira safra, também conhecida como safra das águas, cultivada no Distrito Federal, estima-se manutenção na área a ser plantada, quando comparada com a safra anterior, estima-se uma produtividade média de 2.470 kg/ha, o que poderá resultar em uma produção de 29,9 mil toneladas, superior em 66,1% à obtida na safra 2015/16. O plantio foi concluído, predominando a fase de desenvolvimento vegetativo. O pico da colheita ocorre em fevereiro de 2017, finalizando em março. A área segregada com feijão primeira safra em cores, preto, corresponde a 90% e 10%, respectivamente, nesta primeira safra não se verifica o plantio de feijão caupi.

A primeira safra 2016/17 de feijão em Mato Grosso tende a ser maior do que a registrada na temporada anterior, passando de 5,9 mil hectares no ciclo 2015/16 para 9,5 mil hectares no atual. Destes, a lavoura de feijão-carioca primeira safra, cujo plantio foi realizado entre setembro e novembro, já tem os primeiros talhões colhidos na região oeste do estado. Contudo, a maior parte da lavoura está em estádio de maturação e a colheita será realizada em janeiro. Na atual safra, observou-se um incremento considerável de área em torno de 215%, saindo de 1,9 mil hectares na safra passada para 6 mil hectares, por conta da boa cotação do grão. A produtividade esperada é de 1.993 kg/ha, rendimento 6,4% superior aos 1.872 kg/ha alcançada na safra 2015/16. Portanto, maiores áreas e rendimento resultam no aumento de 236% na produção da variedade, saindo de 3,5 mil toneladas na safra passada para 11,9 mil toneladas na atual. Em relação ao feijão caupi primeira safra, este é semeado durante novembro e dezembro na região sudeste do estado. Estima-se que a safra 2016/17 registre área de 3,5 mil hectares, 500 hectares menos que no período 2015/16. A produtividade média esperada é de 1.200 kg/ha, ante aos 700 kg/ha obtidos na safra anterior devido às melhores condições climáticas. Mesmo com menor área, a produção da primeira safra 2016/17 do feijão caupi deve ser 45% maior do que a anterior, passando de 2,9 toneladas para 4,2 mil toneladas.



Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

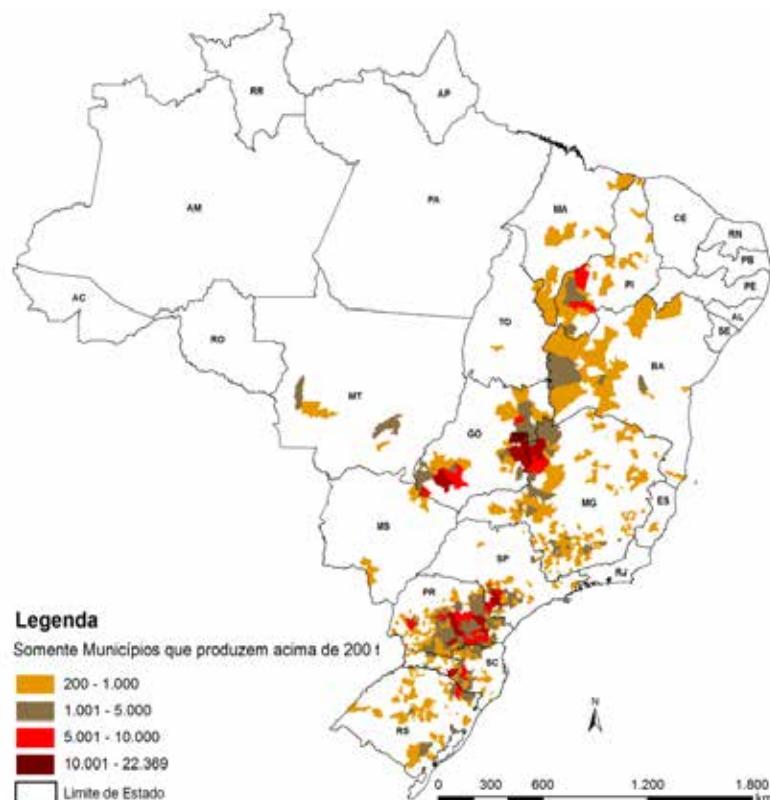
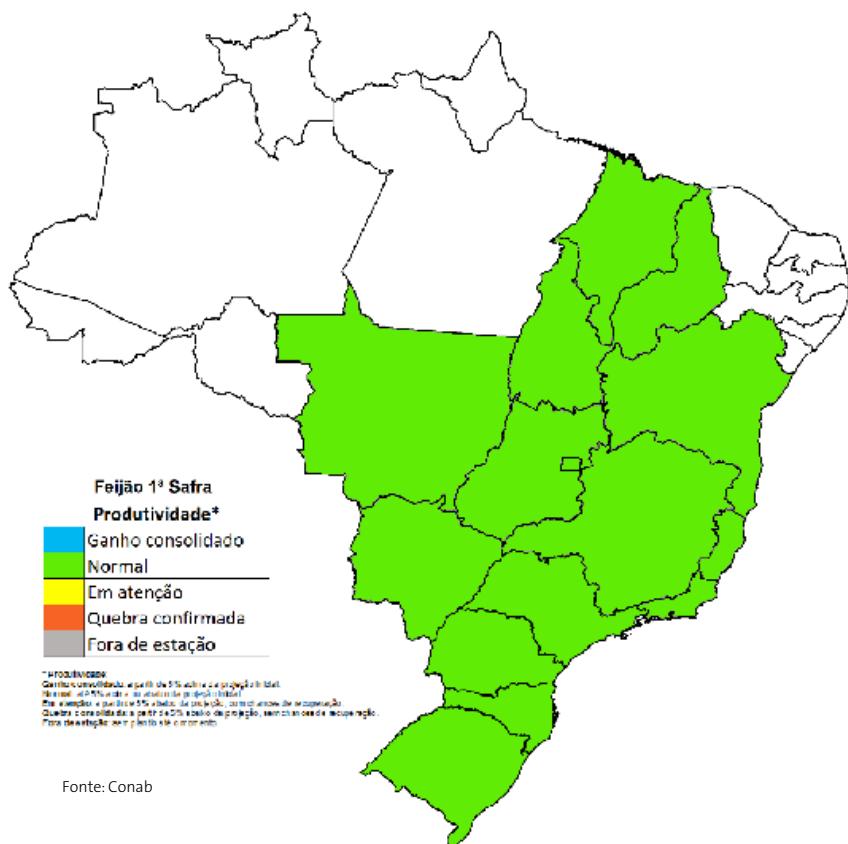


Figura 29 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão primeira safra (Safra 2016/17) – Dezembro/2016



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Mato-grossense		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
GO	Leste Goiano	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Goiano	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
DF	Distrito Federal	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte de Minas	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP**	Bauru	DV	F	FR	M	C							P
	Assis	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
	Itapetininga	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

[Yellow] Baixa restrição - falta de chuvas [Green] Favorável [Grey] Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,7	2,2	716	604	(15,7)	3,3	2,8	(15,2)
TO	4,6	4,7	2,2	716	604	(15,7)	3,3	2,8	(15,2)
NORDESTE	430,2	489,2	13,7	255	366	43,6	109,8	179,3	63,3
MA	29,5	24,3	(17,6)	468	477	1,9	13,8	11,6	(15,9)
PI	211,5	214,5	1,4	139	328	136,0	29,4	70,4	139,5
BA	189,2	250,4	32,3	352	389	10,4	66,6	97,3	46,1
CENTRO-OESTE	70,6	84,4	19,5	2.129	2.325	9,2	150,4	196,2	30,5
MT	5,9	9,5	61,0	1.091	1.627	49,1	6,5	15,5	138,5
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.781	(1,1)	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	62,0	19,2	2.400	2.410	0,4	124,8	149,4	19,7
DF	12,1	12,1	-	1.485	2.470	66,3	18,0	29,9	66,1
SUDESTE	202,3	249,8	23,5	1.561	1.563	0,1	315,8	390,5	23,7
MG	146,6	163,5	11,5	1.306	1.319	1,0	191,4	215,7	12,7
ES	4,9	4,9	-	1.239	810	(34,6)	6,1	4,0	(34,4)
RJ	0,8	1,8	125,0	1.107	887	(19,9)	0,9	1,6	77,8
SP	50,0	79,6	59,2	2.348	2.126	(9,5)	117,4	169,2	44,1
SUL	270,9	293,8	8,5	1.680	1.809	7,7	455,0	531,3	16,8
PR	181,4	192,1	5,9	1.575	1.818	15,4	285,7	349,2	22,2
SC	46,0	50,7	10,2	1.869	1.900	1,7	86,0	96,3	12,0
RS	43,5	51,0	17,2	1.915	1.683	(12,1)	83,3	85,8	3,0
NORTE/NORDESTE	434,8	493,9	13,6	260	369	41,7	113,1	182,1	61,0
CENTRO-SUL	543,8	628,0	15,5	1.694	1.780	5,1	921,2	1.118,0	21,4
BRASIL	978,6	1.121,9	14,6	1.057	1.159	9,7	1.034,3	1.300,1	25,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	2.290	54,7	1,8	2,7	50,0
DF	1,2	1,2	-	1.480	2.290	54,7	1,8	2,7	50,0
SUDESTE	4,4	10,7	143,2	972	834	(14,2)	4,3	8,9	107,0
MG	1,6	6,9	331,0	570	830	45,6	0,9	5,7	533,3
ES	2,0	2,0	-	1.239	800	(35,4)	2,5	1,6	(36,0)
RJ	0,8	1,8	125,0	1.107	887	(19,9)	0,9	1,6	77,8
SUL	174,9	173,7	(0,7)	1.618	1.751	8,2	283,0	304,1	7,5
PR	125,3	113,4	(9,5)	1.563	1.813	16,0	195,8	205,6	5,0
SC	16,1	19,3	19,9	1.731	1.901	9,8	27,9	36,7	31,5
RS	33,5	41,0	22,4	1.770	1.508	(14,8)	59,3	61,8	4,2
CENTRO-SUL	180,5	185,6	2,8	1.601	1.701	6,3	289,1	315,7	9,2
BRASIL	180,5	185,6	2,8	1.601	1.701	6,3	289,1	315,7	9,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,3	(66,7)	1.252	600	(52,1)	1,1	0,2	(81,8)
TO	0,9	0,3	(65,2)	1.252	600	(52,1)	1,1	0,2	(81,8)
NORDESTE	50,3	63,1	25,4	670	670	-	33,7	42,3	25,5
BA	50,3	63,1	25,4	670	670	-	33,7	42,3	25,5
CENTRO-OESTE	65,4	79,7	21,9	2.225	2.383	7,1	145,7	189,9	30,3
MT	1,9	6,0	215,8	1.872	1.993	6,5	3,6	12,0	233,3
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.781	(1,1)	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	62,0	19,2	2.400	2.410	0,4	124,8	149,4	19,7
DF	10,9	10,9	-	1.486	2.490	67,6	16,2	27,1	67,3
SUDESTE	197,3	225,1	14,1	1.576	1.645	4,4	311,0	370,4	19,1
MG	144,4	142,6	(1,2)	1.316	1.394	5,9	190,0	198,8	4,6
ES	2,9	2,9	-	1.239	817	(34,1)	3,6	2,4	(33,3)
SP	50,0	79,6	59,2	2.348	2.126	(9,5)	117,4	169,2	44,1
SUL	96,0	120,1	25,1	1.792	1.892	5,6	172,0	227,3	32,2
PR	56,1	78,7	40,3	1.603	1.825	13,8	89,9	143,6	59,7
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	1.900	(2,3)	58,1	59,7	2,8
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	63,4	23,8	680	670	(1,6)	34,8	42,5	22,1
CENTRO-SUL	358,7	424,9	18,5	1.752	1.854	5,8	628,7	787,6	25,3
BRASIL	409,9	488,3	19,1	1.619	1.700	5,0	663,5	830,1	25,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	604	3,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	17,6	586	604	3,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	426,1	12,2	200	322	60,5	76,1	137,1	80,2
MA	29,5	24,3	(17,6)	468	477	1,9	13,8	11,6	(15,9)
PI	211,5	214,5	1,4	139	328	136,0	29,4	70,4	139,5
BA	138,9	187,3	34,9	237	294	24,1	32,9	55,1	67,5
CENTRO-OESTE	4,0	3,5	(12,5)	720	1.000	38,9	2,9	3,5	20,7
MT	4,0	3,5	(12,5)	720	1.000	38,9	2,9	3,5	20,7
SUDESTE	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
MG	0,6	14,0	2.233,0	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
NORTE/NORDESTE	383,6	430,5	12,2	204	324	59,0	78,3	139,8	78,5
CENTRO-SUL	4,6	17,5	280,4	743	840	13,0	3,4	14,7	332,4
BRASIL	388,2	448,0	15,4	210	345	63,7	81,7	154,5	89,1

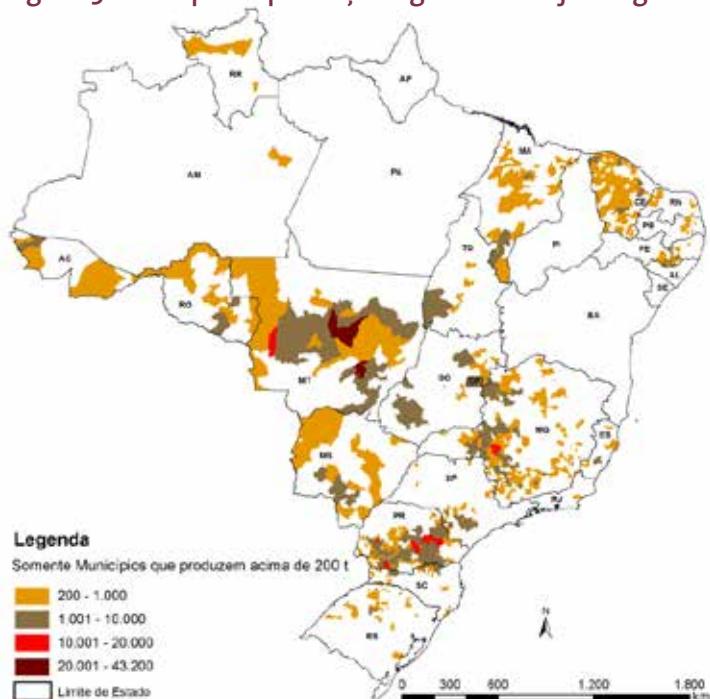
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..

Figura 31 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão segunda safra (Safra 2016/17) – Dezembro/2016

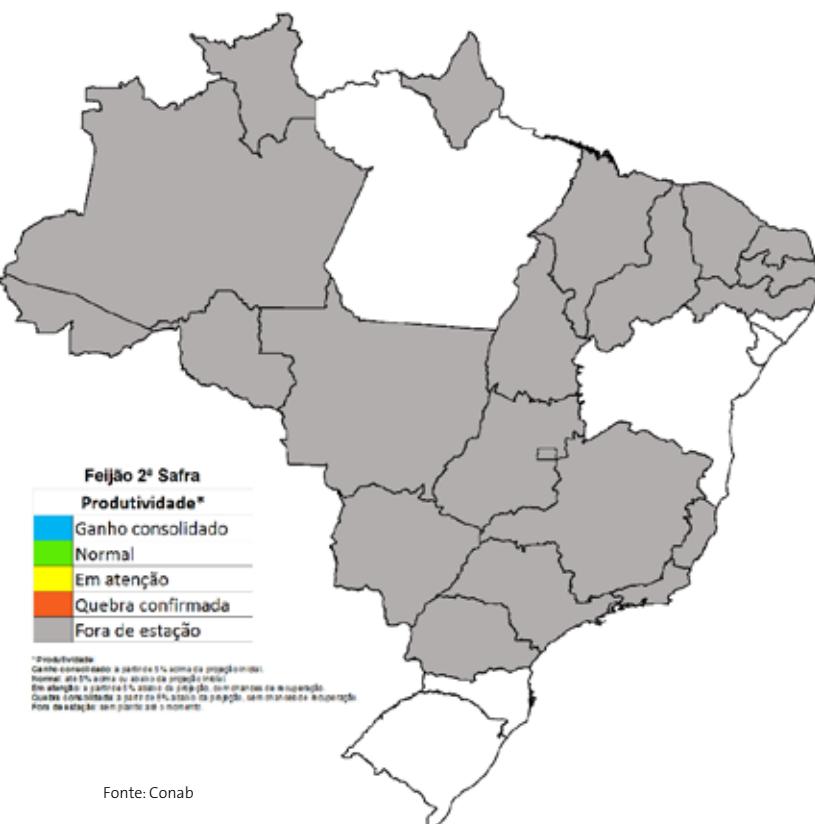


Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	47,1	47,1	-	846	828	(2,2)	39,9	38,9	(2,5)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
TO	10,5	10,5	-	1.009	988	(2,1)	10,6	10,4	(1,9)
NORDESTE	650,0	650,0	-	177	283	59,2	115,3	183,6	59,2
MA	47,6	47,6	-	536	526	(1,9)	25,5	25,0	(2,0)
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	371,1	-	155	253	63,2	57,5	93,9	63,3
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	86,8	-	143	271	88,8	12,4	23,5	89,5
PE	111,6	111,6	-	107	272	154,9	11,9	30,3	154,6
CENTRO-OESTE	230,4	230,4	-	879	1.427	62,4	202,6	328,8	62,3
MT	186,0	186,0	-	766	1.353	76,6	142,5	251,7	76,6
MS	14,0	14,0	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	51,4
GO	29,5	29,5	-	1.500	1.819	21,3	44,3	53,7	21,2
DF	0,9	0,9	-	1.990	2.490	25,1	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	140,8	140,8	-	1.316	1.391	5,7	185,4	195,8	5,6
MG	118,8	118,8	-	1.265	1.351	6,8	150,3	160,4	6,7
ES	5,7	5,7	-	870	955	9,7	5,0	5,4	8,0
RJ	1,0	1,0	-	906	978	7,9	0,9	1,0	11,1
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	245,6	245,6	-	1.513	1.646	8,8	371,5	404,2	8,8
PR	203,8	203,8	-	1.476	1.645	11,5	300,8	335,2	11,4
SC	17,4	17,4	-	1.841	1.701	(7,6)	32,0	29,6	(7,5)
RS	24,4	24,4	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	1,8
NORTE/NORDESTE	697,1	697,1	-	223	319	43,4	155,2	222,5	43,4
CENTRO-SUL	616,8	616,8	-	1.231	1.506	22,3	759,5	928,8	22,3
BRASIL	1.313,9	1.313,9	-	696	876	25,9	914,7	1.151,3	25,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	5,3	-	828	872	5,3	4,4	4,6	4,5
MG	2,0	2,0	-	740	800	8,1	1,5	1,6	6,7
ES	2,3	2,3	-	870	888	2,1	2,0	2,0	-
RJ	1,0	1,0	-	906	978	7,9	0,9	1,0	11,1
SUL	110,9	110,9	-	1.547	1.605	3,8	171,5	178,0	3,8
PR	73,0	73,0	-	1.486	1.600	7,7	108,5	116,8	7,6
SC	13,5	13,5	-	1.800	1.615	(10,3)	24,3	21,8	(10,3)
RS	24,4	24,4	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	1,8
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	116,3	116,3	-	1.514	1.572	3,8	176,1	182,8	3,8
BRASIL	118,0	118,0	-	1.494	1.554	4,0	176,3	183,3	4,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	41,1	41,1	-	871	860	(1,3)	35,9	35,3	(1,7)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
TO	4,5	4,5	-	1.457	1.500	3,0	6,6	6,8	3,0
NORDESTE	30,1	30,1	-	165	328	99,5	4,9	9,9	102,0
PB	24,0	24,0	-	177	323	82,5	4,2	7,8	85,7
PE	6,1	6,1	-	116	350	201,7	0,7	2,1	200,0
CENTRO-OESTE	61,3	61,3	-	1.216	1.809	48,7	74,6	110,9	48,7
MT	17,0	17,0	-	868	2.000	130,5	14,7	34,0	131,3
MS	14,0	14,0	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	51,4
GO	29,5	29,5	-	1.500	1.819	21,3	44,3	53,7	21,2
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.500	25,0	1,6	2,0	25,0
SUDESTE	135,5	135,5	-	1.335	1.411	5,7	181,0	191,2	5,6
MG	116,8	116,8	-	1.274	1.360	6,8	148,8	158,8	6,7
ES	3,4	3,4	-	870	1.000	14,9	3,0	3,4	13,3
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	134,7	134,7	-	1.485	1.680	13,1	200,0	226,2	13,1
PR	130,8	130,8	-	1.470	1.670	13,6	192,3	218,4	13,6
SC	3,9	3,9	-	1.982	2.000	0,9	7,7	7,8	1,3
NORTE/NORDESTE	71,2	71,2	-	573	635	11,0	40,8	45,2	10,8
CENTRO-SUL	331,5	331,5	-	1.374	1.594	16,0	455,6	528,3	16,0
BRASIL	402,7	402,7	-	1.232	1.424	15,6	496,4	573,5	15,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	6,0	-	673	604	(10,3)	4,0	3,6	(10,0)
TO	6,0	6,0	-	673	604	(10,3)	4,0	3,6	(10,0)
NORDESTE	618,2	618,2	-	178	280	57,2	110,2	173,3	57,3
MA	47,6	47,6	-	536	526	(1,9)	25,5	25,0	(2,0)
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	371,1	-	155	253	63,2	57,5	93,9	63,3
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	61,1	-	131	250	90,8	8,0	15,3	91,3
PE	105,5	105,5	-	106	267	151,9	11,2	28,2	151,8
CENTRO-OESTE	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
MT	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
NORTE/NORDESTE	624,2	624,2	-	183	283	54,8	114,2	176,9	54,9
CENTRO-SUL	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
BRASIL	793,2	793,2	-	305	497	63,0	242,0	394,6	63,1

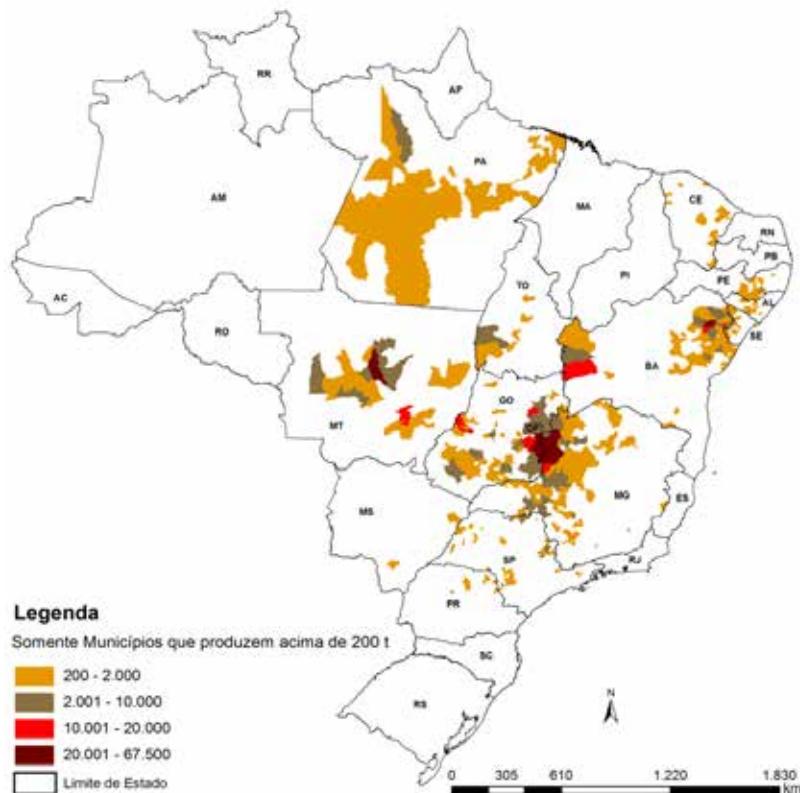
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



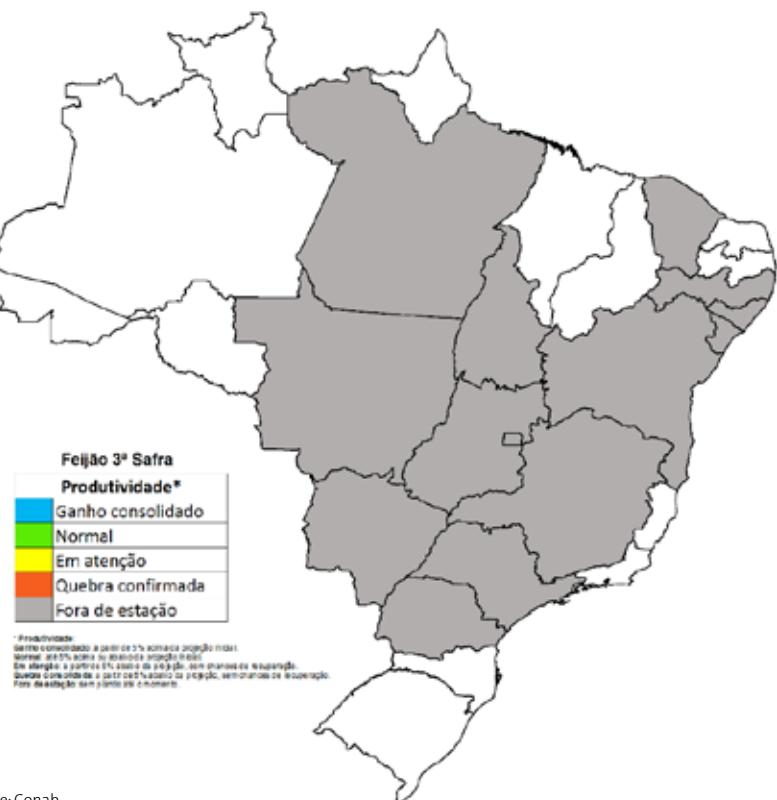
9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 33 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão terceira safra (safra 2016/17) – Novembro/2016



Fonte: Conab



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,9	39,9	-	849	838	(1,3)	33,9	33,5	(1,2)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	7,0	7,0	-	1.440	1.383	(3,9)	10,1	9,7	(4,0)
NORDESTE	332,7	332,7	-	347	618	78,4	115,3	205,5	78,2
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	85,5	85,5	-	370	348	(5,9)	31,6	29,7	(6,0)
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	4,3
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	372,6	372,6	-	400	642	60,3	149,2	239,0	60,2
CENTRO-SUL	172,4	172,4	-	2.420	2.515	3,9	417,3	433,6	3,9
BRASIL	545,0	545,0	-	1.039	1.234	18,8	566,5	672,6	18,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	8,7	-	818	822	0,5	7,1	7,1	-
PA	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	296,6	296,6	-	350	637	82,1	103,7	188,7	82,0
PE	71,7	71,7	-	386	360	(6,7)	27,7	25,8	(6,9)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	4,1
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	305,3	305,3	-	363	642	76,8	110,8	195,8	76,7
CENTRO-SUL	171,9	171,9	-	2.423	2.516	3,9	416,6	432,5	3,8
BRASIL	477,2	477,2	-	1.105	1.317	19,2	527,4	628,3	19,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

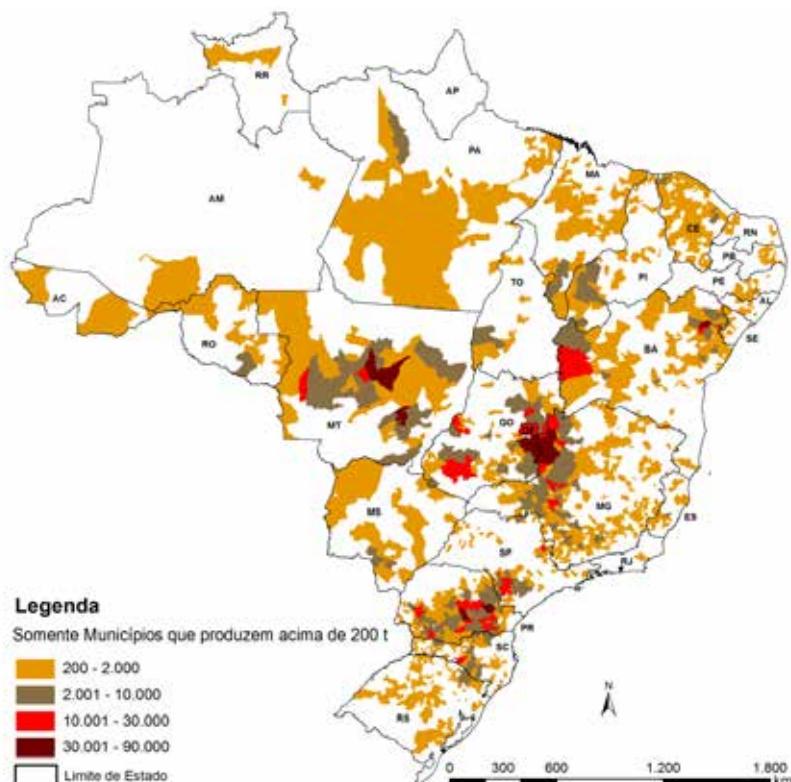
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	31,2	31,2	-	857	842	(1,8)	26,8	26,3	(1,9)
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	6,2	6,2	-	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,1	-
NORDESTE	36,1	36,1	-	322	467	45,1	11,6	16,8	44,8
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	13,8	13,8	-	284	285	0,4	3,9	3,9	-
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	-	570	641	12,4	38,4	43,1	12,2
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	67,6	67,6	-	572	645	12,7	38,7	43,6	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	91,7	0,1	841	821	(2,4)	77,1	75,2	(2,5)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	22,1	22,2	0,5	1.084	1.031	(4,9)	24,0	22,9	(4,6)
NORDESTE	1.412,9	1.471,9	4,2	241	386	60,3	340,4	568,4	67,0
MA	77,1	71,9	(6,7)	510	509	(0,1)	39,3	36,6	(6,9)
PI	214,5	217,5	1,4	145	332	129,5	31,0	72,2	132,9
CE	375,8	375,8	-	156	263	68,7	58,5	98,7	68,7
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	86,8	-	143	271	88,8	12,4	23,5	89,5
PE	197,1	197,1	-	221	305	38,1	43,5	60,0	37,9
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	388,7	449,9	15,7	354	542	53,3	137,5	243,9	77,4
CENTRO-OESTE	386,8	400,6	3,6	1.445	1.847	27,8	558,9	739,9	32,4
MT	233,4	237,0	1,5	1.003	1.495	49,1	234,0	354,4	51,5
MS	14,6	14,8	1,4	1.030	1.530	48,6	15,0	22,6	50,7
GO	122,7	132,7	8,1	2.318	2.422	4,5	284,4	321,4	13,0
DF	16,1	16,1	-	1.582	2.578	63,0	25,5	41,5	62,7
SUDESTE	425,2	472,7	11,2	1.670	1.694	1,4	710,1	800,7	12,8
MG	334,5	351,4	5,1	1.555	1.591	2,3	520,0	559,0	7,5
ES	10,6	10,6	-	1.041	888	(14,7)	11,0	9,4	(14,5)
RJ	1,8	2,8	55,6	995	920	(7,6)	1,8	2,6	44,4
SP	78,3	107,9	37,8	2.264	2.129	(6,0)	177,3	229,7	29,6
SUL	521,0	543,9	4,4	1.590	1.728	8,7	828,5	939,9	13,4
PR	389,7	400,4	2,7	1.510	1.720	13,9	588,5	688,7	17,0
SC	63,4	68,1	7,4	1.862	1.850	(0,6)	118,0	126,0	6,8
RS	67,9	75,4	11,0	1.797	1.661	(7,6)	122,0	125,2	2,6
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.563,6	3,9	278	412	48,4	417,5	643,6	54,2
CENTRO-SUL	1.333,0	1.417,2	6,3	1.574	1.750	11,2	2.097,5	2.480,5	18,3
BRASIL	2.837,5	2.980,8	5,1	886	1.048	18,2	2.515,0	3.124,1	24,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	-	1.578	2.393	51,6	2,4	3,6	50,0
DF	1,5	1,5	-	1.578	2.393	51,6	2,4	3,6	50,0
SUDESTE	9,7	16,0	64,9	893	847	(5,2)	8,7	13,5	55,2
MG	3,6	8,9	147,2	664	823	23,9	2,4	7,3	204,2
ES	4,3	4,3	-	1.042	847	(18,7)	4,5	3,6	(20,0)
RJ	1,8	2,8	55,6	995	920	(7,6)	1,8	2,6	44,4
SUL	285,8	284,6	(0,4)	1.590	1.694	6,5	454,5	482,1	6,1
PR	198,3	186,4	(6,0)	1.534	1.730	12,7	304,3	322,4	5,9
SC	29,6	32,8	10,8	1.762	1.783	1,2	52,2	58,5	12,1
RS	57,9	65,4	13,0	1.693	1.548	(8,6)	98,0	101,2	3,3
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	297,0	302,1	1,7	1.567	1.653	5,4	465,6	499,2	7,2
BRASIL	298,7	303,8	1,7	1.559	1.645	5,5	465,8	499,7	7,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão carioca total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	50,7	50,1	(1,2)	869	852	(1,9)	44,1	42,6	(3,4)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
PA	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
TO	6,2	5,6	(9,7)	1.558	1.528	(1,9)	9,7	8,6	(11,3)
NORDESTE	377,0	389,8	3,4	378	618	63,7	142,3	240,9	69,3
PB	24,0	24,0	-	177	323	82,5	4,2	7,8	85,7
PE	77,8	77,8	-	365	359	(1,5)	28,4	27,9	(1,8)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	239,2	252,0	5,4	420	728	73,3	100,6	183,6	82,5
CENTRO-OESTE	212,0	226,3	6,7	2.008	2.275	13,3	425,6	514,7	20,9
MT	60,4	64,5	6,8	1.712	2.066	20,7	103,4	133,2	28,8
MS	14,6	14,8	1,4	1.030	1.530	48,6	15,0	22,6	50,7
GO	122,7	132,7	8,1	2.318	2.422	4,5	284,4	321,4	13,0
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.620	64,3	22,8	37,5	64,5
SUDESTE	414,9	442,7	6,7	1.689	1.753	3,7	701,0	776,0	10,7
MG	330,3	328,5	(0,5)	1.566	1.645	5,1	517,1	540,5	4,5
ES	6,3	6,3	-	1.040	916	(11,9)	6,6	5,8	(12,1)
SP	78,3	107,9	37,8	2.264	2.129	(6,0)	177,3	229,7	29,6
SUL	235,2	259,3	10,2	1.591	1.766	11,0	374,2	457,8	22,3
PR	191,4	214,0	11,8	1.485	1.712	15,3	284,3	366,3	28,8
SC	33,8	35,3	4,4	1.948	1.911	(1,9)	65,9	67,5	2,4
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	427,7	439,9	2,9	436	645	48,0	186,4	283,5	52,1
CENTRO-SUL	862,1	928,3	7,7	1.741	1.884	8,2	1.500,8	1.748,5	16,5
BRASIL	1.289,8	1.368,2	6,1	1.308	1.485	13,5	1.687,2	2.032,0	20,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	40,9	41,6	1,7	806	783	(2,9)	33,0	32,5	(1,5)
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	15,9	16,6	4,4	900	864	(4,0)	14,3	14,3	-
NORDESTE	1.034,2	1.080,4	4,5	191	303	58,2	197,9	327,2	65,3
MA	77,1	71,9	(6,7)	510	509	(0,1)	39,3	36,6	(6,9)
PI	214,5	217,5	1,4	145	332	129,5	31,0	72,2	132,9
CE	375,8	375,8	-	156	263	68,7	58,5	98,7	68,7
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	61,1	-	131	250	90,8	8,0	15,3	91,3
PE	119,3	119,3	-	127	269	112,6	15,1	32,1	112,6
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	149,5	197,9	32,4	247	305	23,5	36,9	60,4	63,7
CENTRO-OESTE	173,3	172,8	(0,3)	756	1.283	69,7	130,9	221,7	69,4
MT	173,0	172,5	(0,3)	755	1.282	69,8	130,6	221,2	69,4
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
MG	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
NORTE/NORDESTE	1.075,1	1.122,0	4,4	215	321	49,3	230,9	359,7	55,8
CENTRO-SUL	173,9	186,8	7,4	756	1.246	64,8	131,4	232,9	77,2
BRASIL	1.249,0	1.308,8	4,8	290	453	56,0	362,3	592,6	63,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

O mercado permanece calmo, com fraco movimento de compradores e poucas negociações. A origem do produto recém-colhido é quase toda da região sudeste de São Paulo e uma pequena quantidade do Estado de Minas Gerais, sendo que os lotes provenientes desse último Estado apresentam volume considerável de grãos tipo comercial nota 8,0 para baixo.

Um dos principais motivos para esse comportamento de mercado está na dificuldade de repassar aumentos para os produtos direcionados aos supermercados, que não estão conseguindo desovar seus estoques, devido ao baixo consumo.

Cabe mencionar que, as cotações do grão, no segundo semestre deste ano, apresentaram desvalorizações em todos os segmentos do setor: produtor, atacado e varejo. Nos dois últimos meses de 2016, mesmo com menor oferta do produto, devido à entressafra, os preços seguiram em trajetória de queda.

No Sul do país a 1ª safra da temporada 2016/2017 está concluída, e as áreas plantadas apresentam lavouras distribuídas desde a fase de desenvolvimento vegetativo até a colheita. Neste momento, como de hábito, os compradores se retraem na comercialização, mas a colheita se intensifica.

Diante desta situação, os compradores se sentem

numa situação cômoda para programar suas compras, aguardando, inclusive, o incremento da oferta de feijão novo, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática, e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é de que os preços recuem ainda mais ou fiquem, na melhor das hipóteses, nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, em função do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,2 milhões de toneladas.

Desta forma prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira safra, apurada no levantamento de campo realizado em dezembro/16, pela Conab, mais as previsões para a segunda e terceira safras, totalizarão 3,12 milhões de toneladas, que somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 200,0 mil toneladas, propiciarião um suprimento de 3,52 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 212,2 mil toneladas.

Tabela 28 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.515,8	250,0	2.963,9	2.800,0	50,0	113,9
2016/17(*)	188,1	3.124,1	200,0	3.512,2	3.200,0	100,0	212,2

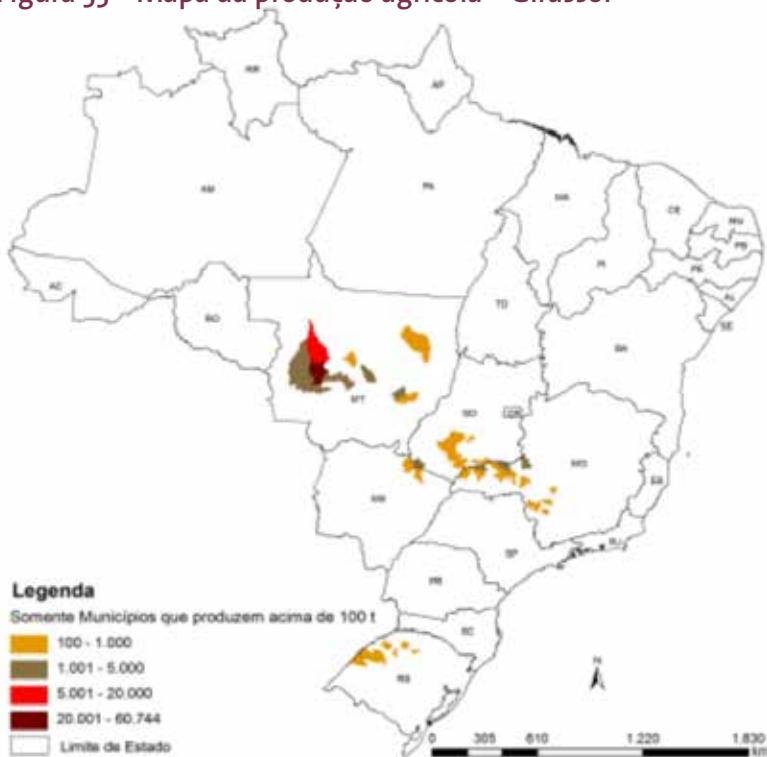
Fonte: Conab.

Nota: dados estimados em janeiro/2017



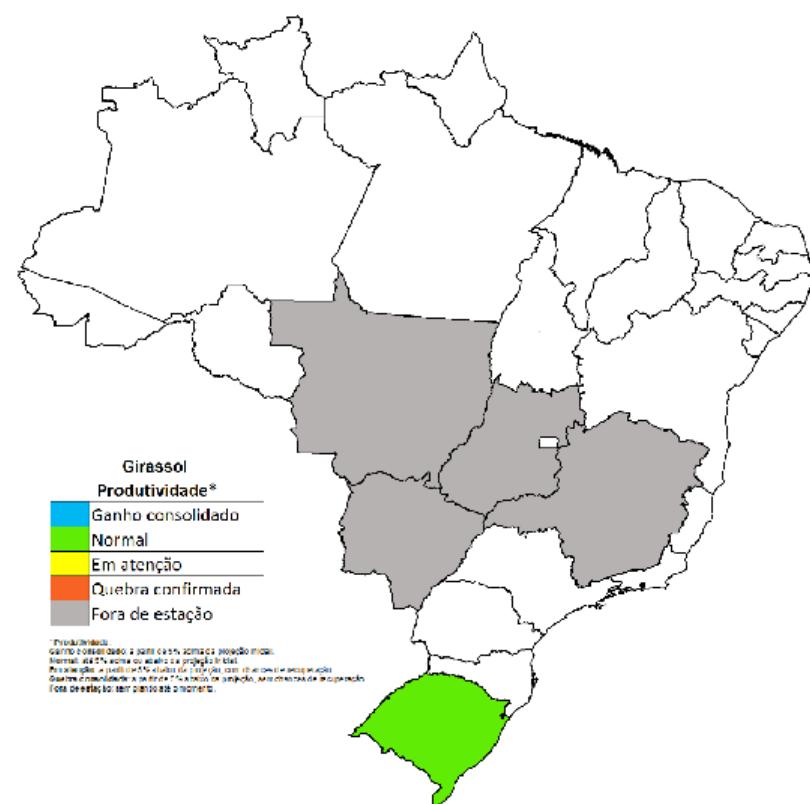
9.1.5. GIRASSOL

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 36 – Mapa da estimativa de produtividade: Girassol (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Fonte: Conab



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	40,9	40,9	-	1.252	1.388	10,9	51,2	56,7	10,7
MT	25,6	25,6	-	1.390	1.426	2,6	35,6	36,5	2,5
MS	1,3	1,3	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	25,0
GO	14,0	14,0	-	1.000	1.302	30,2	14,0	18,2	30,0
SUDESTE	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
MG	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,2	51,2	-	1.216	1.395	14,7	62,3	71,4	14,6
BRASIL	51,2	51,2	-	1.216	1.395	14,7	62,3	71,4	14,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 de mamona é de aumento de área, alcançando 31,8 mil hectares, que representa acréscimo de 5,3% em relação à safra passada, que foi de 30,2 mil hectares.

Para a Bahia a estimativa de área plantada, nesta safra, é de 22,7 mil hectares. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada.

Figura 37 – Mamona remanescente da safra 2015/16 no município de Irecê-BA. Nov, 2016.



Fonte: Conab

Em Minas Gerais, concentrada na região Norte de Minas, a área de plantio de mamona está estimada em 200 hectares em face dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante às dificuldades de mercado. As adversidades climáti-

cas ocorridas nas últimas safras vêm inviabilizando o cultivo desta oleaginosa. Com produtividade média 1.000 kg/ha, incremento de 10% em relação à safra 2015/16, a produção poderá alcançar 200 toneladas, desde que o clima se mostre mais favorável, permitindo assim, uma recuperação da produtividade média.



Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Mamona

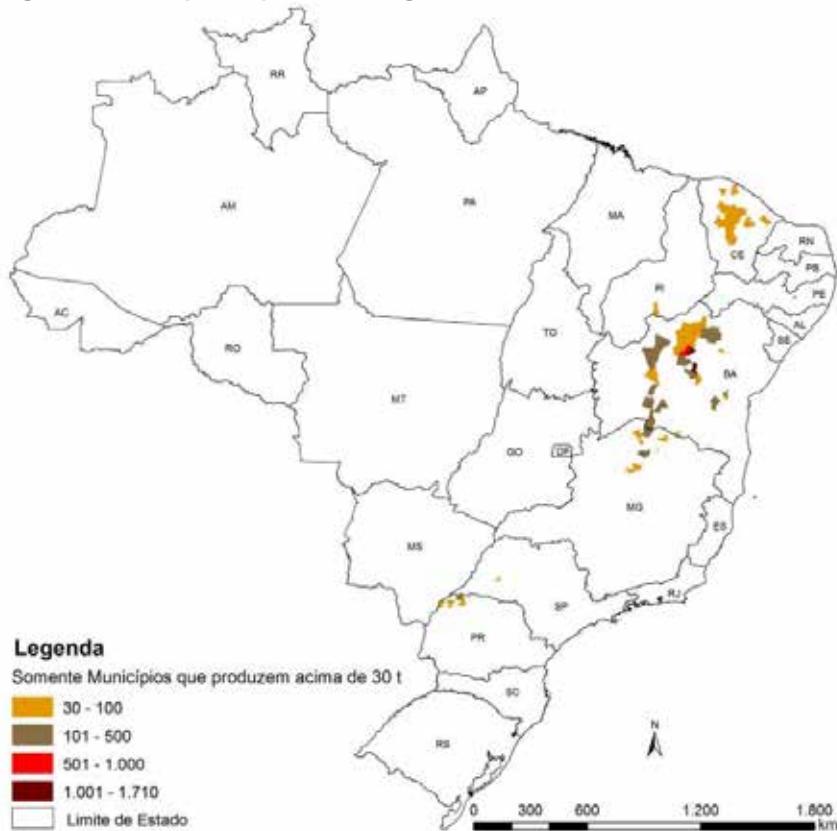


Figura 39 – Mapa da estimativa de produtividade: Mamona (Safra 2016/17) – Dezembro/2016

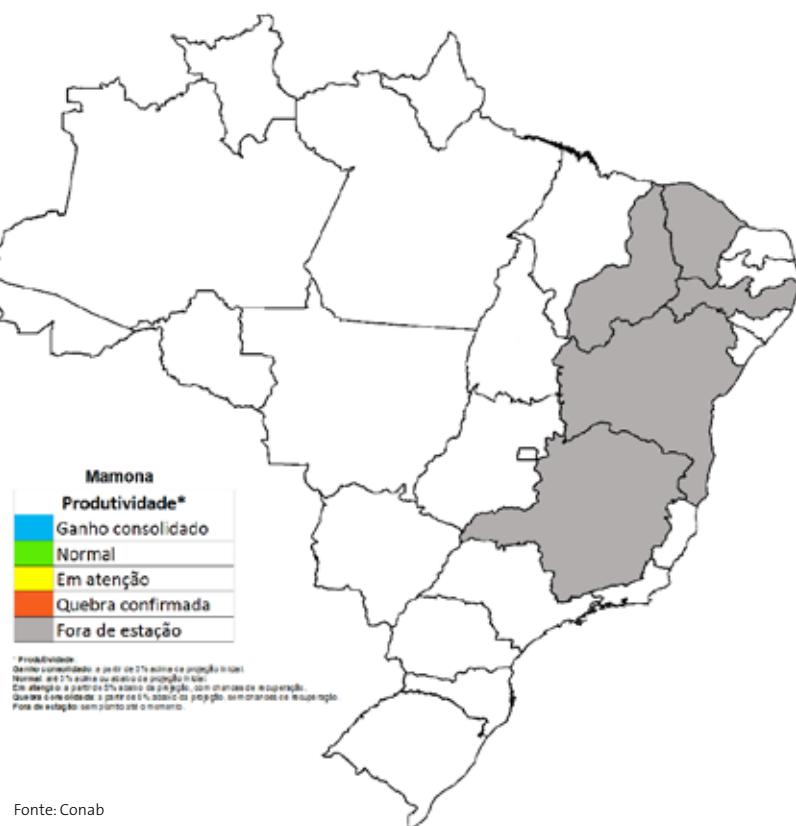


Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	29,9	31,6	5,7	472	657	39,1	14,1	20,8	47,5
PI	0,6	0,6	-	500	494	(1,2)	0,3	0,3	-
CE	8,3	8,3	-	122	359	194,3	1,0	3,0	200,0
BA	21,0	22,7	8,0	610	770	26,2	12,8	17,5	36,7
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	1.000	10,0	0,3	0,2	(33,3)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	1.000	10,0	0,3	0,2	(33,3)
NORTE/NORDESTE	29,9	31,6	5,7	472	657	39,1	14,1	20,8	47,5
CENTRO-SUL	0,3	0,2	(33,3)	909	1.000	10,0	0,3	0,2	(33,3)
BRASIL	30,2	31,8	5,3	477	659	38,2	14,4	21,0	45,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra a lavoura de milho será influenciada pelos bons níveis de preços que antecederam o período de plantio. Os produtores de milho verão, tais como os de soja, dispõem de capital para financiamento da produção, bem como utilizam bom nível tecnológico no sistema de cultivo. Essas características criam para a cultura a expectativa de elevadas produtividades, a depender do desempenho da atividade climática. Ao contrário do milho plantado na segunda safra, os produtores de milho verão não fazem contratos futuros, optando por produzirem silagem ou comercializar o produto no disponível por ocasião da colheita no mercado local.

A área estimada neste levantamento prevê um incremento nacional de 3,2% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, com aumento previsto de 6% na área plantada nessa safra. Na região do Matopiba, estrategicamente situada, de onde se pode optar por deslocar parte dos excedentes produtivos para exportação, como também para atendimento ao Nordeste, o forte incremento observado no plantio passado, devido às frustações do clima que estimulou a troca de soja por milho, retoma nessa temporada com a área de soja seguindo sua tendência de contínuo crescimento da área entre os grãos produzidos no país. Esta redução na área se justifica pela situação atípica ocorrida na safra 2015/16 quando houve um aumento significativo da área de milho devido à substituição da soja por problemas climáticos, quando foi necessário o replantio, ou por falta de janela climática para o plantio da leguminosa. Por essa razão, a área plantada de milho verão na região do Matopiba, neste exercício, apresenta forte decréscimo em relação ao ano anterior. O total da área plantada com milho primeira safra para o período 2016/17 está prevista atin-

gir 5.558,5 mil hectares, contra 5.387,7 mil observado no exercício anterior.

Na Região Sul deverá ocorrer forte incremento de área, com a previsão de 5,6% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul a área estimada para a cultura de milho, em torno de 805 mil hectares, já está praticamente semeada, restando áreas que serão implantadas somente após o encerramento da safra de fumo e colheita tanto da soja quanto do próprio milho do cedo. Esta possibilidade é bastante provável, considerando que em muitas regiões não serão alcançados os resultados inicialmente projetados para o milho, podendo aquele semeado em sucessão às culturas de verão obter preços compensadores. Devido à ampla janela para semeadura do cereal, encontram-se lavouras em todos os estádios de desenvolvimento, sendo 38% em vegetativo, 22% em floração, 32% em enchimento de grãos e 8% já em maturação e próximos de colher. Chama a atenção o incremento da área cultivada com a utilização de irrigação por pivô central em determinadas regiões, como São Luiz Gonzaga e Palmeira das Missões, onde aproximadamente 50% da área emprega esta tecnologia, projetando produtividade média em torno de 12.000 kg/ha.

Em Santa Catarina a área destinada ao cultivo do milho, se encontra totalmente semeada. As boas condições das lavouras são reflexos do quadro climático observado na maioria das regiões produtoras. Chuvas dentro do normal, acompanhadas por temperaturas amenas durante a noite favoreceram o desenvolvimento da cultura, que melhor assimila os nutrientes disponibilizados na adubação. Na medida em que o quadro mais crítico da cultura se aproxima, é importante que esse quadro perdure, uma vez que a ocorrência de uma estiagem mais prolongada poderia re-



duzir em muito o potencial produtivo.

Em algumas regiões o estádio de desenvolvimento se encontra mais avançado, como no oeste do estado, onde muitas lavouras entraram em fase final de formação de grãos e logo devem entrar em maturação, o que reduz certa dependência em relação ao clima, principalmente às chuvas. A presença de pragas e doenças se limita a pontos isolados e seu controle está sendo feito de forma eficiente, não devendo, até o momento, comprometer o resultado do cultivo. A área destinada ao plantio do cereal apresentou forte crescimento em relação à safra passada, resultado, entre outros, das altas cotações do grão nos últimos tempos e o fomento de algumas empresas e órgãos de assistência técnica no sentido de alavancar a produção estadual, a qual se mantém abaixo do consumo, principalmente pelo setor pecuário, o qual necessita trazer milho de outras regiões para alimentar seus plantéis.

No Paraná a primeira safra de milho registrou forte incremento de 18,7% na área plantada em relação à safra anterior, fruto da boa comercialização passada e perspectiva de manutenção. Apesar das chuvas terem ocorrido abaixo da média para novembro, o bom regime de chuvas ocorrido em dezembro compensou o estresse e as lavouras se recuperaram adequadamente. Com relação à sanidade das plantações, observa-se a presença da lagarta-do-cartucho e percevejo em poucas lavouras, uma vez que as doenças estão menos presentes nesta safra.

Na Região Sudeste a cultura deverá experimentar expressivo incremento na área plantada, cerca de 5,9% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra foi reavaliada em 899 mil hectares. Estima-se uma produtividade média de 6.343kg/ha, coerente com o nível tecnológico das lavouras e expectativa de condições climáticas normais. É possível que a área de plantio de milho ainda apresente alterações nos próximos levantamentos, após o encerramento do período de plantio e levantamento das áreas efetivamente plantadas. Lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo (80%) e floração (20%). Em São Paulo a conjuntura para o plantio da lavoura é favorável, caracterizado pela escassez do grão em âmbito nacional e no estado, em particular. O produtor enxergou uma boa alternativa para investir neste cereal na expectativa de excelentes ganhos, no médio prazo. O levantamento sinalizou crescimento na área (2,7%), com a expectativa de uma boa produção do cereal.

Na Região Centro-Oeste é onde se registra o maior incremento percentual na área plantada, com uma previsão de 8,6% em relação ao exercício passado. Goiás aparece como principal produtor regional, com

um aumento para a primeira safra de 5,5%. A lavoura se encontra na fase vegetativa, com bom desenvolvimento devido às boas condições climáticas, chuvas bem distribuídas e baixa incidência de ataques de pragas. A necessidade de cumprir contratos de entrega de milho durante a safrinha deste ano, frustrada pela quebra da segunda safra de milho, bem como uma melhor rentabilidade na produção de milho com os atuais patamares de preços, contribuíram para o aumento da área plantada nesta safra de verão, quebrando uma sequência de redução de área plantada nas últimas safras. Em Mato Grosso a área de plantio com o milho primeira safra permanece inalterada em relação à safra 2015/16. Com o fim do plantio da soja, os poucos produtores que fazem o plantio do milho primeira safra, para consumo dentro da própria fazenda, direcionam os esforços para a finalização da semeadura do cereal nas áreas remanescentes. Em relação ao rendimento, as expectativas são boas, com estimativa média de 7.300 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha, no período produtivo anterior.

Em Mato Grosso do Sul a estimativa de área plantada com a cultura é de cerca de 28 mil hectares, representando um aumento de 75% em comparação com a safra anterior. Este aumento se deu em decorrência dos preços favoráveis do cereal no mercado interno. Com relação à produtividade, há uma expectativa de redução em relação à safra anterior em decorrência do estresse hídrico que acometeu a cultura em algumas regiões do estado em novembro. Nesta época as plantas estavam nos estádios iniciais de desenvolvimento vegetativo, quando começa a se definir o número de fileiras das espigas, consequentemente o potencial produtivo da cultura.

Cabe salientar que em face da normalização das chuvas em dezembro, o plantio do milho foi concluído. Nas regiões norte (representada pelos municípios de Sonora, Pedro Gomes e São Gabriel do Oeste) e nordeste (representada pelos municípios de Chapadão do Sul e Costa Rica), onde se concentram a maior parte do milho verão no estado devido às características topoclimáticas dos chapadões e o uso das melhores tecnologias, tais como híbridos simples e agricultura de precisão há sempre maiores produtividades. Os estádios predominantes da cultura no norte do estado é o de desenvolvimento vegetativo e floração, enquanto que no extremo sul o milho está prioritariamente em frutificação. Na região do bolsão ou leste do estado, a cultura está principalmente em floração, e, ressalta-se que nesta região a cultura sofreu severos problemas de estresse hídrico nas primeiras fases de desenvolvimento. No tocante à ocorrência de pragas e doenças não há o que se destacar, sendo controladas as pragas iniciais e os eventos transgênicos estão eficientes para o controle das lagartas.



Na Região Norte-Nordeste a expectativa neste segundo levantamento é de queda na área plantada com milho primeira safra, numa readequação com a lavoura de soja. Deve-se destacar, no entanto, que o plantio do cereal nessas regiões, consolida-se em dezembro e primeira quinzena de janeiro. Em Tocantins a expectativa é que a área total plantada apresente forte redução em relação à safra anterior em função da boa perspectiva de preços da leguminosa e a uma certa normalização do clima. Apesar do quadro acima exposto, nas regiões culturalmente produtoras de milho, a expectativa é de crescimento na área semeada devido principalmente à boa rentabilidade da cultura e também por aspectos técnicos para melhoria do solo

No Maranhão a cultura teve seu plantio iniciado logo após as primeiras chuvas ocorridas no sul do estado, na segunda metade de outubro. Os grandes e médios produtores, que dispõem de manejos tecnificados já haviam preparado a área a ser cultivada no intuito de otimização de tempo, o que explica a existência de plantas pendoando (em fase de floração). A área a ser cultivada nesta safra (264,4 mil hectares) praticamente não trará alterações em relação à da safra 2015/16 (268,4 mil hectares).

No Piauí o plantio está se iniciando, coincidindo com as primeiras chuvas. Desse total, cerca de 70% se encontra em desenvolvimento vegetativo e 30% germi-

nando. Como consequência do retorno das áreas para a soja, o milho primeira safra apresentará uma redução de área na ordem de 14,4%, atingindo 403,2 mil hectares. A produtividade esperada para esse milho, incluindo agricultura empresarial e familiar, gira em torno de 2.100 kg/ha, estimando-se um aumento de 40,9% em relação à anterior, o que se explica pelo pés-simo regime climático da safra passada e expectativa de normalidade no regime climático da safra atual. Neste ambiente, quando se considera o rendimento apenas para agricultura empresarial, a previsão é que se colha acima 8.000 kg/ha.

Na Bahia a forte demanda por proteína vegetal nos mercados interno e externo e os indícios de normalização do período chuvoso provocaram forte estímulo entre os produtores. Estima-se que sejam cultivados 431,4 mil hectares desse cereal. Em relação à safra passada haverá aumento de 16,2%. Pode-se atribuir esse aumento ao preço de mercado e à necessidade de rotação de cultura com as lavouras de soja e algodão. Cerca de 60% da área prevista já foi semeada. As sementes utilizadas na maioria das áreas cultivadas são transgênicas, resistentes à ação de herbicidas e ao ataque de lagartas. As lavouras estão apresentando bom desenvolvimento, gerando ótimas expectativas quanto à produção.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

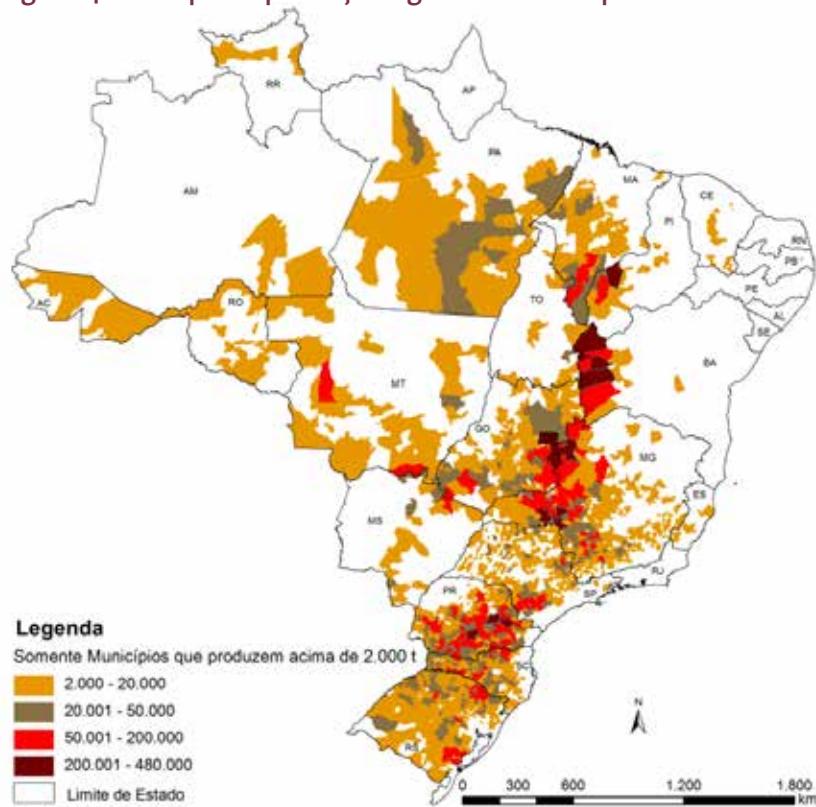
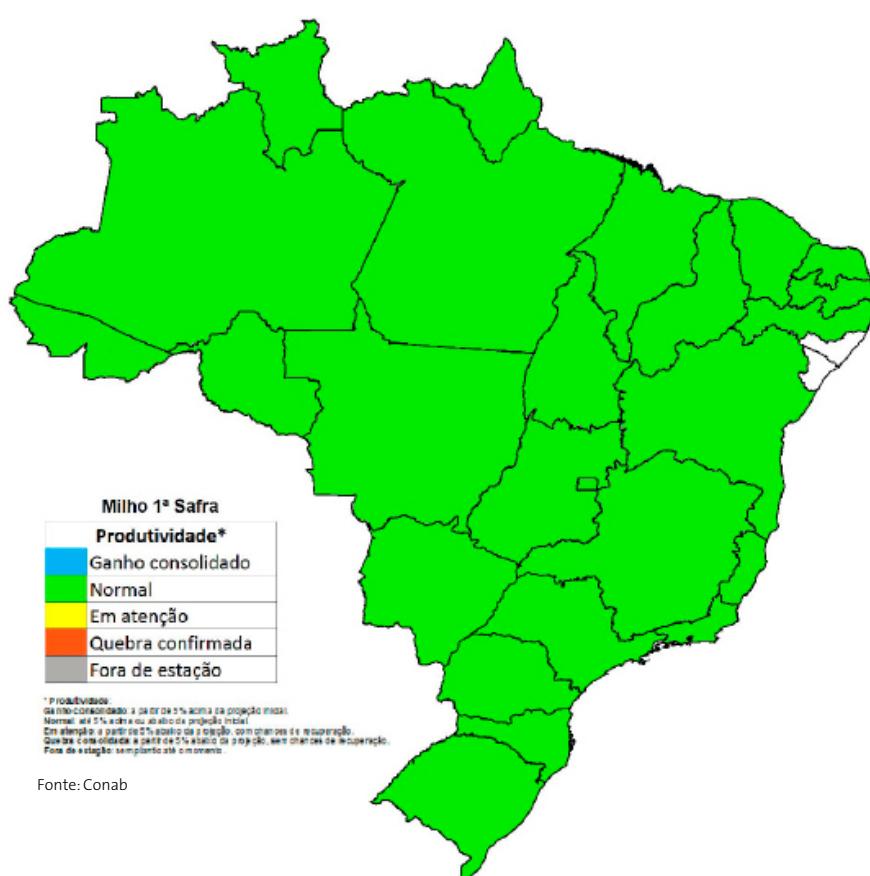


Figura 41 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho primeira safra (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MA	Oeste Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Maranhense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
PI	Norte Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	M/C	C	
	Sudeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	
	Noroeste Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Jaguaribe					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RN	Oeste Potiguar					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Agreste Potiguar						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PB	Sertão Paraibano					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
	Agreste Paraibano						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C		
	Agreste Pernambucano						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C		C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Leste Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Bauru	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campinas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Macro Metropolitana Paulista	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		C			
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	358,1	350,8	(2,0)	3.135	3.315	5,7	1.122,8	1.162,7	3,6
RR	4,6	4,6	-	3.036	2.225	(26,7)	14,0	10,2	(27,1)
RO	38,6	38,6	-	2.657	2.654	(0,1)	102,6	102,4	(0,2)
AC	39,6	35,2	(11,0)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	11,6	114,8	2.515	2.577	2,5	13,6	29,9	119,9
AP	1,8	1,8	-	902	952	5,5	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	202,0	3,0	3.299	3.307	0,2	646,9	668,0	3,3
TO	72,0	57,0	(20,9)	3.436	4.692	36,6	247,4	267,4	8,1
NORDESTE	1.865,2	1.853,4	(0,6)	1.537	2.067	34,5	2.866,9	3.830,2	33,6
MA	268,4	264,4	(1,5)	2.687	2.576	(4,1)	721,2	681,1	(5,6)
PI	471,0	403,2	(14,4)	1.490	2.100	40,9	701,8	846,7	20,6
CE	460,2	460,2	-	356	847	137,9	163,8	389,8	138,0
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	84,6	-	237	463	95,4	20,1	39,2	95,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
BA	371,4	431,4	16,2	3.312	4.163	25,7	1.230,1	1.795,9	46,0
CENTRO-OESTE	320,3	347,8	8,6	7.636	7.954	4,2	2.445,9	2.766,6	13,1
MT	31,1	31,2	0,3	6.412	7.300	13,8	199,4	227,8	14,2
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.725	(3,1)	144,0	244,3	69,7
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.500	11,3	180,6	214,5	18,8
SUDESTE	1.237,0	1.309,7	5,9	6.079	6.236	2,6	7.519,9	8.167,8	8,6
MG	837,4	899,0	7,4	6.100	6.343	4,0	5.108,1	5.702,3	11,6
ES	13,6	13,6	-	2.910	2.457	(15,6)	39,6	33,4	(15,7)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.407	(7,4)	5,2	6,5	25,0
SP	384,0	394,4	2,7	6.164	6.150	(0,2)	2.367,0	2.425,6	2,5
SUL	1.607,1	1.696,8	5,6	7.403	7.353	(0,7)	11.898,1	12.476,0	4,9
PR	414,1	491,6	18,7	7.953	8.464	6,4	3.293,3	4.160,9	26,3
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	7.849	7,1	2.712,1	3.142,0	15,9
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	6.427	(10,2)	5.892,7	5.173,1	(12,2)
NORTE/NORDESTE	2.223,3	2.204,2	(0,9)	1.794	2.265	26,2	3.989,7	4.992,9	25,1
CENTRO-SUL	3.164,4	3.354,3	6,0	6.909	6.979	1,0	21.863,9	23.410,4	7,1
BRASIL	5.387,7	5.558,5	3,2	4.799	5.110	6,5	25.853,6	28.403,3	9,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

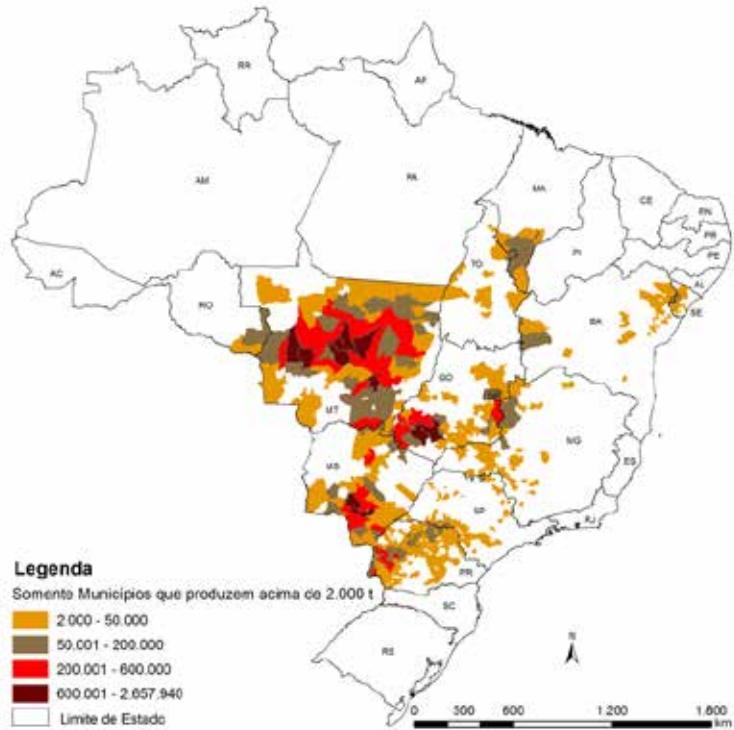
Para o milho segunda safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, a despeito da manutenção dos números referentes a área plantada, os níveis de produtividades estão previstos retomarem um quadro de normalização, contemplando as especificidades das diversas regiões e à aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. A explicação do método se encontra no item relacionado à produtividade, constan-

te no boletim divulgado pela Conab a cada início de temporada.

A posição consolidada para o plantio do milho, reunindo a primeira e segunda safras, no exercício 2016/17, deverá atingir 16.093,3 mil hectares, comparado com o plantio do ano passado, 15.922,5 mil hectares.

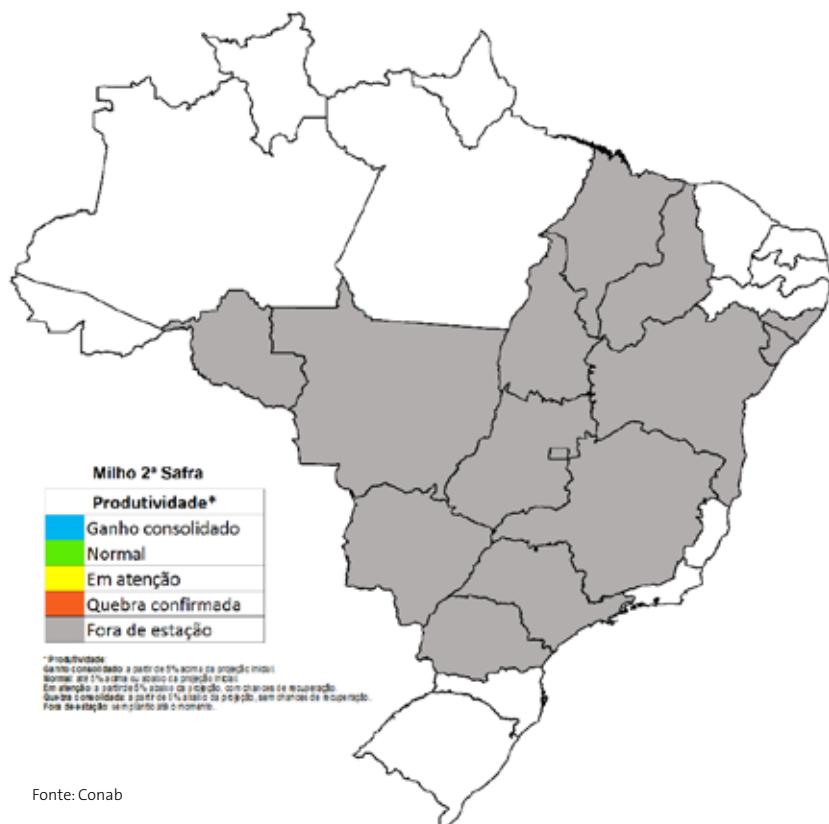


Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 43 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho segunda safra (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Fonte: Conab



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	215,1	215,1	-	3.924	4.636	18,1	844,1	997,2	18,1
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.500	(2,4)	551,3	537,8	(2,4)
TO	95,6	95,6	-	3.063	4.805	56,9	292,8	459,4	56,9
NORDESTE	560,0	560,0	-	1.087	2.909	167,6	608,9	1.629,1	167,5
MA	85,9	85,9	-	1.784	3.300	85,0	153,2	283,5	85,1
PI	21,5	21,5	-	1.756	4.409	151,1	37,8	94,8	150,8
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	1.022	4.390	329,5	180,9	777,0	329,5
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	6.747,1	-	3.824	5.568	45,6	25.798,5	37.570,3	45,6
MT	3.769,0	3.769,0	-	3.999	5.679	42,0	15.072,2	21.404,2	42,0
MS	1.665,0	1.665,0	-	3.679	5.138	39,7	6.125,5	8.554,8	39,7
GO	1.274,7	1.274,7	-	3.537	5.700	61,2	4.508,6	7.265,8	61,2
DF	38,4	38,4	-	2.400	9.000	275,0	92,2	345,6	274,8
SUDESTE	814,3	814,3	-	2.793	5.107	82,9	2.274,5	4.159,0	82,9
MG	371,0	371,0	-	2.191	5.721	161,1	812,9	2.122,5	161,1
SP	443,3	443,3	-	3.297	4.594	39,3	1.461,6	2.036,5	39,3
SUL	2.198,3	2.198,3	-	5.091	5.332	4,7	11.191,5	11.721,3	4,7
PR	2.198,3	2.198,3	-	5.091	5.332	4,7	11.191,5	11.721,3	4,7
NORTE/NORDESTE	775,1	775,1	-	1.874	3.388	80,8	1.453,0	2.626,3	80,8
CENTRO-SUL	9.759,7	9.759,7	-	4.023	5.477	36,1	39.264,5	53.450,7	36,1
BRASIL	10.534,8	10.534,8	-	3.865	5.323	37,7	40.717,5	56.076,9	37,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)

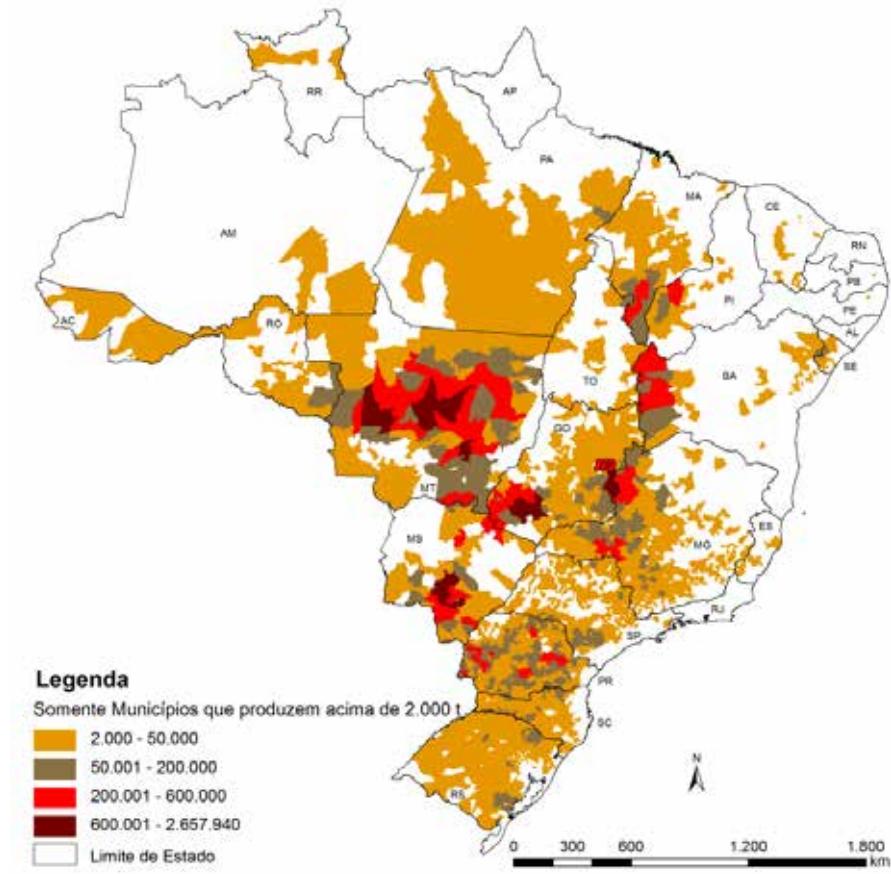


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	565,9	(1,3)	3.431	3.817	11,2	1.966,8	2.159,9	9,8
RR	4,6	4,6	-	3.036	2.225	(26,7)	14,0	10,2	(27,1)
RO	158,1	158,1	-	4.135	4.049	(2,1)	653,8	640,2	(2,1)
AC	39,6	35,2	-	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	11,6	-	2.515	2.577	2,5	13,6	29,9	119,9
AP	1,8	1,8	-	902	952	5,5	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	202,0	-	3.299	3.307	0,2	646,9	668,0	3,3
TO	167,6	152,6	-	3.223	4.763	47,8	540,2	726,8	34,5
NORDESTE	2.425,2	2.413,4	(0,5)	1.433	2.262	57,8	3.475,6	5.459,3	57,1
MA	354,3	350,3	-	2.468	2.754	11,6	874,4	964,6	10,3
PI	492,5	424,7	-	1.502	2.217	47,6	739,5	941,5	27,3
CE	460,2	460,2	-	356	847	137,9	163,8	389,8	138,0
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	84,6	-	237	463	95,4	20,1	39,2	95,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	1.022	4.390	329,5	180,9	777,0	329,5
BA	618,7	678,7	-	2.340	3.318	41,8	1.447,9	2.251,9	55,5
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.094,9	0,4	3.996	5.685	42,3	28.244,4	40.336,9	42,8
MT	3.800,1	3.800,2	-	4.019	5.692	41,6	15.271,6	21.631,9	41,6
MS	1.681,0	1.693,0	-	3.730	5.197	39,4	6.269,5	8.799,1	40,3
GO	1.521,1	1.534,7	-	4.228	6.090	44,0	6.430,5	9.345,8	45,3
DF	65,2	67,0	-	4.184	8.360	99,8	272,8	560,1	105,3
SUDESTE	2.051,3	2.124,0	3,5	4.775	5.804	21,5	9.794,3	12.326,8	25,9
MG	1.208,4	1.270,0	-	4.900	6.161	25,7	5.921,0	7.824,8	32,2
ES	13,6	13,6	-	2.910	2.457	(15,6)	39,6	33,4	(15,7)
RJ	2,0	2,7	-	2.600	2.407	(7,4)	5,2	6,5	25,0
SP	827,3	837,7	-	4.628	5.327	15,1	3.828,5	4.462,1	16,5
SUL	3.805,4	3.895,1	2,4	6.068	6.212	2,4	23.089,7	24.197,3	4,8
PR	2.612,4	2.689,9	-	5.545	5.904	6,5	14.484,9	15.882,2	9,6
SC	370,0	400,3	-	7.330	7.849	7,1	2.712,1	3.142,0	15,9
RS	823,0	804,9	-	7.160	6.427	(10,2)	5.892,7	5.173,1	(12,2)
NORTE/NORDESTE	2.998,4	2.979,3	(0,6)	1.815	2.557	40,9	5.442,4	7.619,2	40,0
CENTRO-SUL	12.924,1	13.114,0	1,5	4.730	5.861	23,9	61.128,4	76.861,0	25,7
BRASIL	15.922,5	16.093,3	1,1	4.181	5.249	25,6	66.570,8	84.480,2	26,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

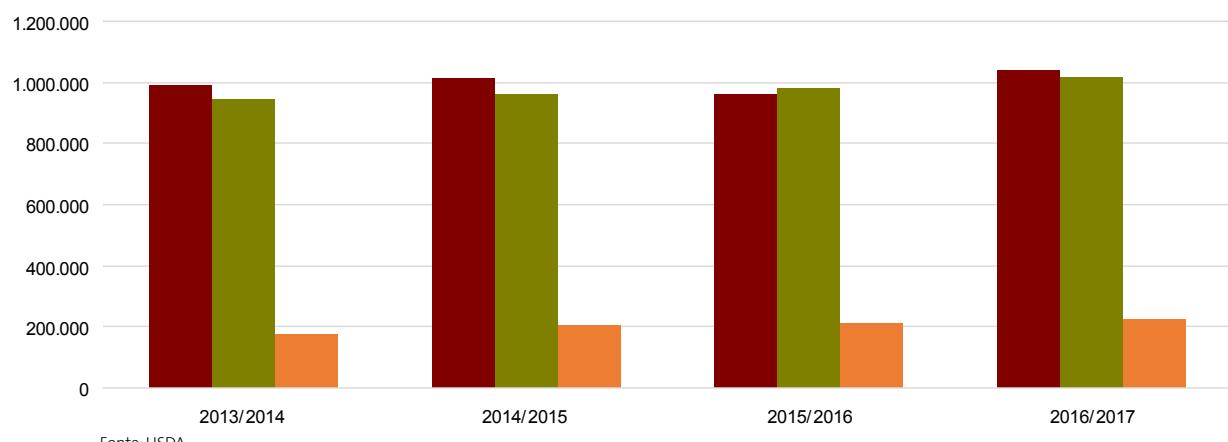
Mercado internacional

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou no dia 12/01/2016 o quadro de oferta e demanda mundial. Este departamento estima que a produção mundial de milho deva ultrapassar 1,0 bilhão de toneladas e, mesmo com um consumo

também acima de 1,0 bilhão, os estoques finais devem ficar em 222,24 milhões – o maior volume da história – gerando uma relação estoque/consumo, bastante confortável, de 21,9%.



Gráfico 63 –Produção, consumo e estoque mundial de milho (mil t)



Fonte: USDA

Segundo o Usda, o maior produtor de milho são os Estados Unidos com uma estimativa de produção de aproximadamente 386,74 milhões de toneladas de milho, na segunda posição vem a China com uma

produção estimada de 216 milhões de toneladas e o Brasil ocupa a terceira posição com 83,88 milhões de toneladas.

Tabela 34 – Produção e consumo total

SAFRA	Estados Unidos	China	Brasil	União Europeia	Argentina	Ucrânia
2012/2013	273.192	205.614	81.506	59.142	27.000	20.922
2013/2014	351.272	218.489	80.052	64.931	26.000	30.900
2014/2015	361.091	215.646	84.672	75.840	28.700	28.450
2015/2016	345.486	224.632	66.571	58.481	29.000	23.333
2016/2017	386.748	216.000	83.882	60.279	36.500	27.000

Fonte: Conab.

Preços internacionais

Os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) continuam em baixos, mas no mês de dezembro tive uma pequena alta de 1,82%, o principal fator desta alta foram as altas exportações americanas de milho.

Fatores altistas:

- a. Ajuste de posições vendidas na Bolsa de Chicago
- b. Bom desempenho das exportações norte-americanas de milho;
- c. A Agência de Proteção Ambiental – EPA (sigla em inglês) em expandir o volume obrigatório de uso de combustíveis renováveis de 18,80 para 19,28 bilhões de galões.

2. Fatores baixistas:

- a. Elevada oferta de milho mundial e altos estoque de

passagem.

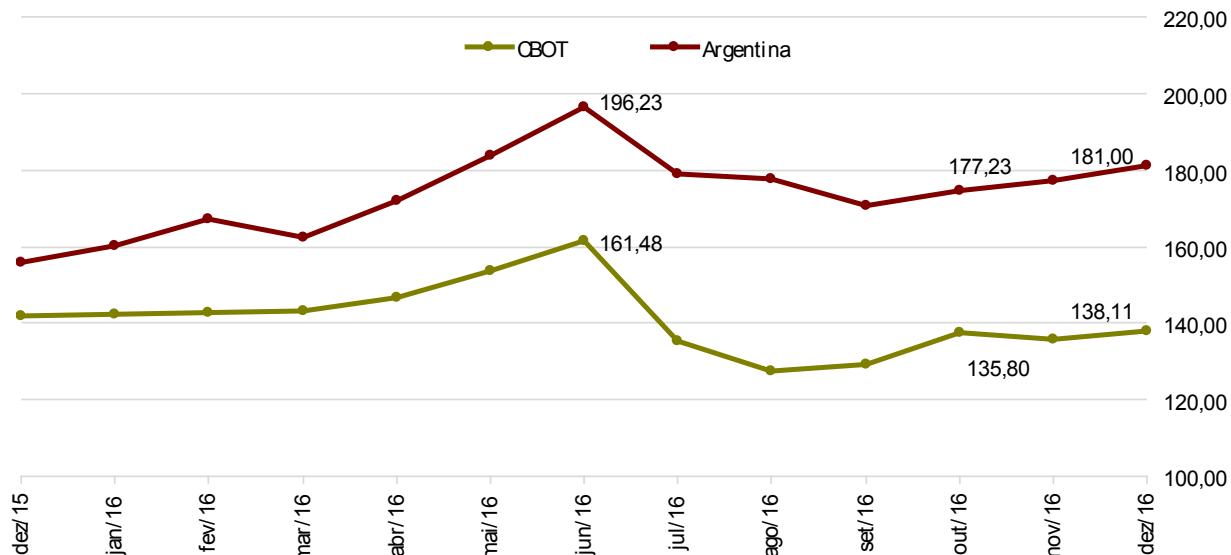
b. Colheita da safra dos Estados Unidos, finalizada, confirmado os elevados níveis de produtividade estimados;

c. Em função da conjuntura política norte-americana, o dólar teve forte valorização sobre as demais moedas, o que exerce uma pressão de baixa sobre o preço das commodities.

Neste cenário conjuntural, as cotações do milho no mercado internacional seguem em níveis baixos, onde a média mensal do mês de dezembro de 2016 na Bolsa de Chicago (CBOT) chegou a US\$ 4,10/bushel (US\$ 161,48/t) e em Rosário o preço FOB atingiu US\$ 196,23/t.



Gráfico 64 – Cotações médias de milho na Bolsa de Chicago e FOB Rosário – ARG (US\$/t)



Fonte: CMEGroup/Minagi

Salienta-se que estas cotações baixas em Chicago têm influenciado negativamente na tomada de decisão de venda dos produtores norte-americanos, visto que a rentabilidade do mesmo diminui, fazendo com que estes segurem seus produtos estocados.

Apesar disso, estas condições de preços aumentam o interesse dos demandantes externos pelo milho

Mercado Nacional

Além do aumento de produção, o quadro de oferta e demanda de milho do Brasil traz, uma pequena alteração nas exportações e importação da safra 2015/2016

No caso das exportações, em função dos altos valores do cereal no mercado interno e, também, pela quebra de produção do milho 2ª safra 2015/16, o alto volume de milho, que tradicionalmente deveria ser embarcado no mês de novembro e dezembro, ficou muito abaixo do que se esperava realizar no início da referida safra. Em números absolutos, o Brasil embarcou, em dezembro de 2016, um total de apenas 1 milhão de

norte-americano frente a outros players, por se tornar um produto mais barato.

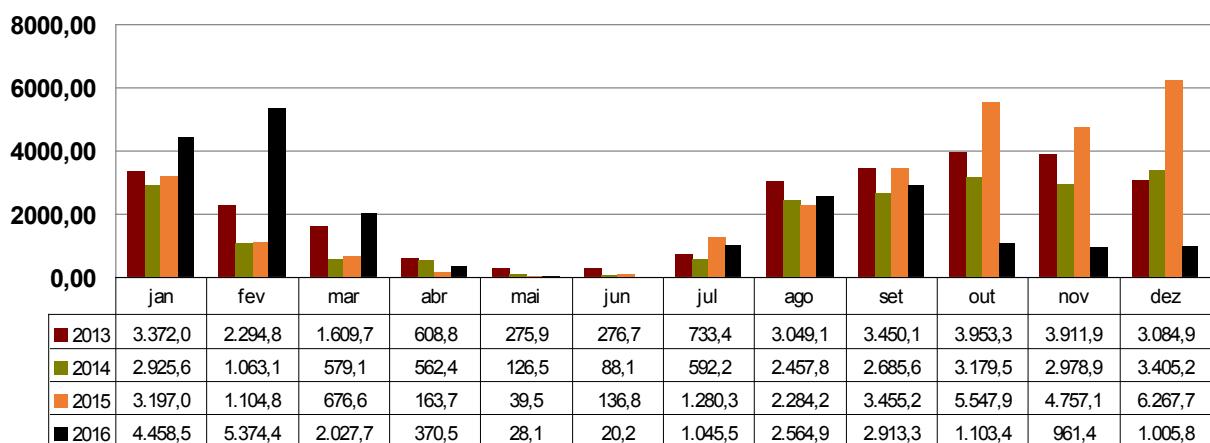
Por isso, provavelmente, para que os produtores estadunidenses tenham interesse em vender o milho, se fará necessária um aumento nos prêmios internos, mas até o ponto que mantenha a competitividade do produto.

tonelada. Já no dezembro de 2015 estas exportações eram de 6,26 milhões de toneladas.

Com isto as exportações somadas no ano de 2016 de fevereiro a dezembro de 2016 são estimadas em 17,41 milhões de toneladas e até janeiro de 2017 (safra 2015/2016) estas exportações devem alcançar aproximadamente 18,3 milhões de toneladas. Com o aumento da produção brasileira e com o dólar em alta, para safra 2016/2017 as exportações são estimadas em aproximadamente 24 milhões de toneladas.



Gráfico 65 – Exportações brasileiras de milho de jan/13 a dez/16 (mil t)



Fonte: Secex

Por outro lado, as importações que estavam sendo, nos últimos anos, bastante incipientes, já ultrapassam os 2,5 milhões de toneladas, oriundo principalmente da Argentina e Paraguai.

E um dos fatores que pesou na tomada de decisão de importação do grão, por parte dos produtores de aves e suínos, não foi somente a menor disponibilidade do cereal, mas a diferença do preço interno com o preço

de paridade. Tanto que, a maior parte do milho importado veio por via terrestre, preferencialmente do Paraguai, com um custo bem mais baixo.

Com isto as importações são estimadas em 2,7 milhões de toneladas para safra 2015/2016 e caso não haja nenhum problema climático na safra 2016/2017 as importações devam ser de apenas 500 mil toneladas.

9.1.8. Soja

O quarto levantamento da safra 2016/17 aponta um crescimento na área plantada de 1,6%, comparado com o plantio ocorrido na safra anterior. A consolidação desses números ocorre, a despeito da superprodução norte-americana, que derrubou as cotações, coincidindo com o período do plantio brasileiro. Informantes consultados dão conta da estratégia montada nessa safra pelos produtores nacionais, de apostarem no aumento do plantio da oleaginosa, utilizando o melhor pacote tecnológico disponível, como forma de compensar a frustração da temporada passada. O comportamento errático do clima nas últimas semanas do ano, especialmente nos estados centrais, trouxe certa insegurança ao setor, mas o quadro dos últimos dias veio reforçar as expectativas que boas produtividades serão alcançadas neste exercício.

Na Região Sul é esperada uma redução na área plantada de 1,5% em relação ao ocorrido no exercício anterior, atingindo 11.376,6 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. No Rio Grande do Sul, aproveitando as condições climáticas favoráveis, o plantio se encontra praticamente encerrado, com quase 100% da área em desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas até agora verificadas não estão afetando as expectativas de rendimento, que se mantêm semelhantes às obtidas na safra an-

terior, dada à tecnologia empregada na instalação das lavouras e à perspectiva de chuvas mais regulares durante o ciclo.

Em Santa Catarina o plantio está na fase final, com a conclusão prevista para dezembro. As condições das lavouras são consideradas boas, favorecidas pelo clima estável, chuvas dentro da média e boas condições sanitárias, sem ocorrência de surtos de doenças e pragas. Grande parte das lavouras ($\pm 80\%$) se encontra em desenvolvimento vegetativo, pois boa parte do plantio ocorreu a partir do final de outubro, concentrando-se em novembro. Na região oeste já se observa lavouras em fase de granação e deverão ser colhidas em meados de janeiro, propiciando um segundo plantio da espécie, considerada como “safrinha”, a qual está se tornando uma prática habitual na região. Ainda, devem ser observados plantios de soja sobre áreas de feijão primeira safra e milho, colhidos em janeiro e fevereiro, caso as condições climáticas permitam. A área, em muitas regiões, permaneceu estável em relação ao observado na safra passada. Em outras, observou-se leve redução no plantio, perdendo espaço para o milho.

No Paraná o plantio da soja está concluído e houve redução de 3,8% na área plantada, quando comparada

à safra anterior, que atingiu 5,45 milhões de hectares. As chuvas ocorridas em dezembro recuperaram as lavouras da estiagem de novembro, e as plantações se encontram em ótimas condições. A frente fria ocorrida em dezembro não afetou a cultura, já que ela estava, em sua grande maioria, em desenvolvimento vegetativo, que é uma fase em que a cultura não se apresenta suscetível. Quanto à sanidade foram relatados casos isolados de ferrugem asiática e mofo branco.

Na Região Sudeste a expectativa da área plantada com a oleaginosa é que a área plantada, nesta safra, tenha incremento de 0,1% em relação ao ocorrido no exercício anterior, 2.328,6 mil hectares, contra 2.326,9 mil hectares. Em Minas Gerais a área de plantio foi reavaliada para 1.447,2 mil hectares, o que representa redução de 1,5% em comparação com a safra passada. O plantio foi iniciado em outubro, com a ocorrência das primeiras chuvas. O calendário de plantio da soja se estende, normalmente, até dezembro. À semelhança da safra anterior, é possível que haja um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha. Projeta-se uma produtividade média de 3.200 kg/ha, acompanhando os excelentes resultados obtidos na safra anterior e considerando o pacote tecnológico adotado pelos sojicultores mineiros. Toda área prevista se encontra plantada e as lavouras se encontram, na sua maioria, na fase de desenvolvimento vegetativo.

Em São Paulo as maiores áreas estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrado condições propícias para o seu desenvolvimento, ao contrário do que ocorre nas regiões situadas mais ao norte/nordeste do estado, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos. A lavoura de soja aponta para um crescimento de 2,8% na área recém-plantada e o avanço é ancorado nos bons preços de mercado, tanto internamente como externamente.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora da oleaginosa no país, o plantio da safra 2016/17 foi finalizado no início de dezembro. Em Mato Grosso a regularidade das chuvas possibilitou que nesta safra os produtores trabalhassem dentro da janela ideal de plantio da oleaginosa. Com isso, as atenções se voltam para o desenvolvimento da lavoura, cujas condições são excelentes. O estágio predominante da cultura é a floração e frutificação. Estima-se que os primeiros talhões sejam colhidos ainda em dezembro, na região médio norte e oeste do estado. Contudo, a maior parte da colheita em Mato Grosso deverá ocorrer entre janeiro e fevereiro, permitindo a semeadura do milho

segunda safra, dentro do melhor período para a cultura.

O clima favorável permite uma expectativa de produtividade condizente com a média histórica do estado. Estima-se rendimento de 3.141 kg/ha, 10,3% maior que na safra passada, quando foram registrados 2.848 kg/ha. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou aumento de 1,3%, saindo de 9,14 milhões de hectares na safra 2015/16, para 9,25 milhões na atual. O aumento de área plantada e a recuperação da produtividade deverá contribuir para a produção recorde de 29 milhões de toneladas, superando em 11,7% os 26 milhões de toneladas na safra passada.

Em Mato Grosso do Sul, com o encerramento do plantio e a retomada das chuvas, a ferrugem asiática passa a ser a maior preocupação dos produtores a partir de agora. Apesar de não haver registros significativos de ataques de pragas e doenças, as aplicações para controle de patógenos, principalmente ferrugem asiática, têm sido preventivas e o complexo das lagartas está sendo bem controlado pela tecnologia transgênica. O crédito para custeio teve uma liberação mais rápida em relação às safras anteriores. Muitos produtores acessaram o sistema de pré-custeio oferecido no primeiro trimestre de 2016, planejando melhor a compra de insumos para a produção e usufruindo de uma menor taxa de juros. Como alternativa ao crédito bancário, há a aquisição de insumos nas cooperativas e fornecedores com a condição de pagamento por ocasião da colheita.

Haverá aumento da área plantada, principalmente em decorrência da incorporação das áreas de pastagens degradadas e da não renovação de contratos com as usinas de cana-de-açúcar. Estima-se uma área total de 2,52 milhões de hectares, com um aumento de 3,8% em relação à safra anterior.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 vem ocorrendo desde a segunda quinzena de outubro. Nas áreas de sequeiro a opção dos produtores deverá se fixar nas variedades tardias, como alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre em janeiro. Na Bahia se estima que sejam cultivados 1.582,5 mil hectares, representando um incremento de 3,6% em relação à safra anterior. O plantio da safra 2016/17 teve início em outubro nas áreas irrigadas com sistema de pivô central, por produtores que receberam autorização para o plantio antecipado. A cultura da soja em campo irrigado está apresentando ótimo desenvolvimento vegetativo e excelente qualidade fitossanitária, estimando-se que o cultivo atinja 40 mil hectares. Para o cultivo de sequeiro a expectativa é que tenham sido plantados

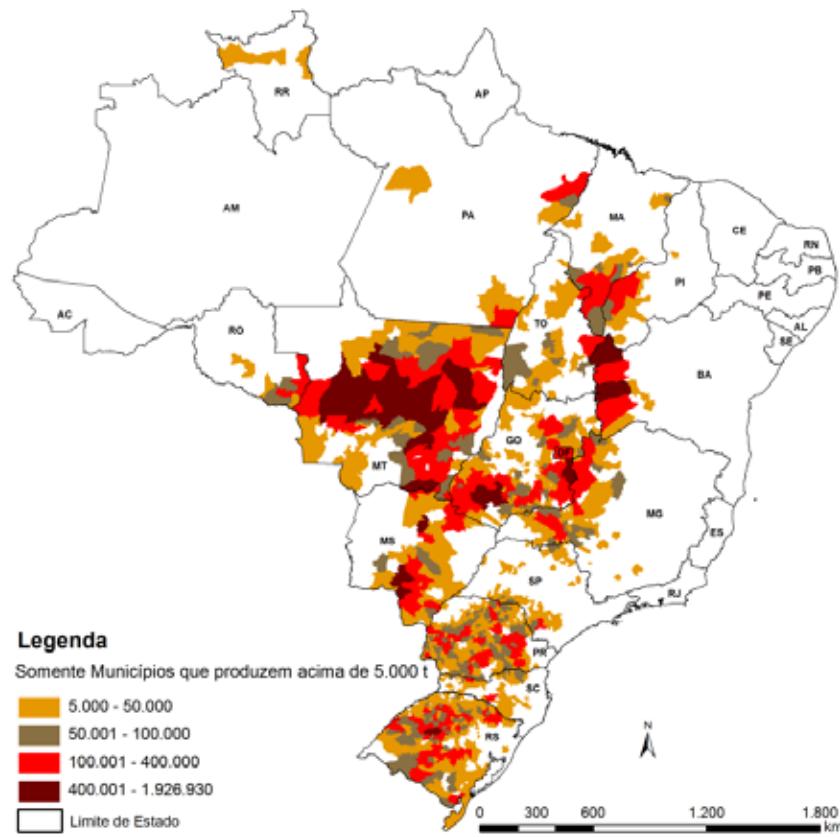


1.540 mil hectares. O plantio está evoluindo de forma acelerada, atingindo-se 95% da área estimada. Espera-se que até o final de dezembro estejam finalizados. As sementes utilizadas, na maioria das áreas cultivadas, são transgênicas, resistentes à ação de herbicidas e ao ataque de lagartas. O percentual de sementes convencionais é inferior a 1%. Estima-se que 50% das áreas cultivadas utilize sementes certificadas.

Em Tocantins praticamente toda a área já foi plantada e a expectativa para esta safra é que a área cultivada obtenha um crescimento de aproximadamente 10% em relação à safra anterior, impulsionado pelo cultivo em áreas onde na última safra não foi possível realizar o plantio ou pela necessidade de replantio, e que devido aos problemas climáticos optou-se pelo milho, além da abertura de novas áreas, movido pelas atuais conjuntura de mercado e facilidades na comercialização desta oleaginosa. Em algumas regiões produtoras, boa parte do plantio passou por estresse hídrico, que ocorreu entre o final de novembro e início de dezembro, com presença de pancadas de chuvas pontuais e irregulares, provocando a paralisação do plantio, que foi retomado no primeiro decêndio de dezembro.

No Maranhão a área destinada para soja está com o plantio praticamente encerrado. Há alteração positiva nesta safra de 13,9% em relação à safra anterior, com

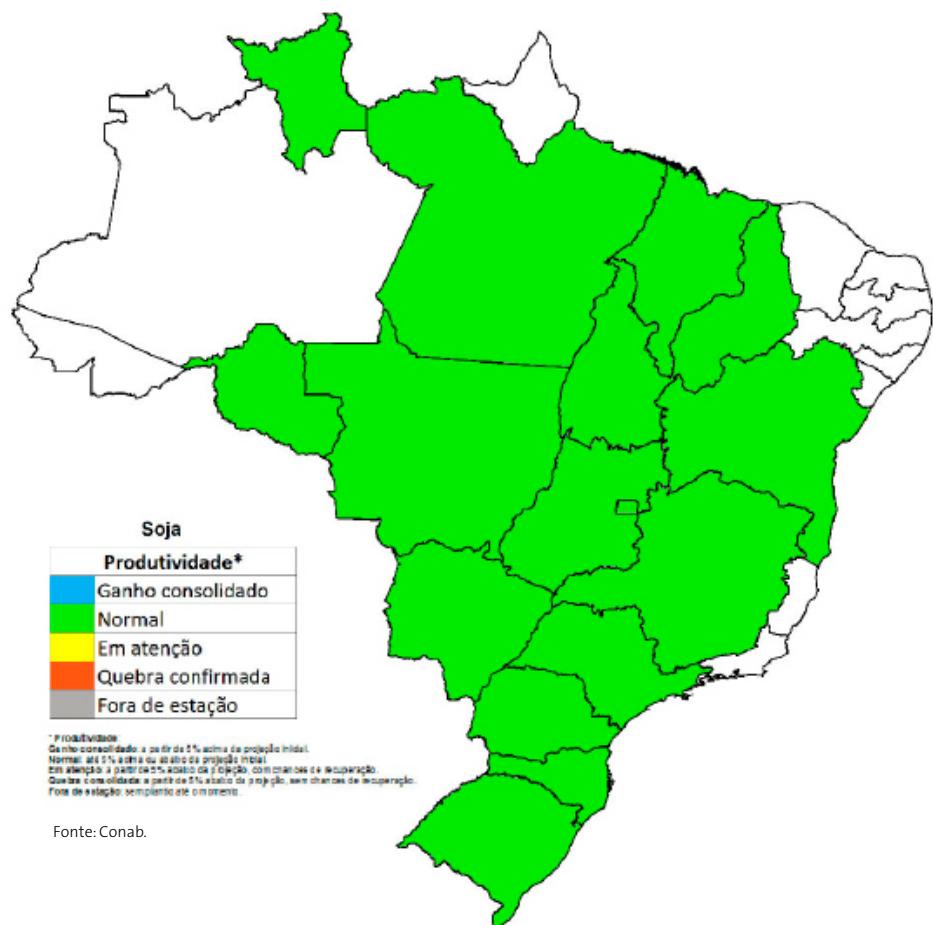
Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Soja



expectativas de produtividades próximas às médias históricas. No Piauí as regiões produtoras de soja já estão encerrando o plantio, estimando-se que aproximadamente 90% de toda área planejada foi semeada. Os primeiros plantios iniciaram em outubro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro e no final do mês, na região de Bom Jesus. Nas demais áreas do cerrado piauiense, os plantios intensificaram a partir do dia 10 de novembro. Do total plantado cerca de 15% se encontra em germinação, 75% em desenvolvimento vegetativo e 10% em floração. Estima-se um aumento no plantio em 21%, causado pelo retorno das áreas que migraram para o milho na safra passada por ocasião dos problemas climáticos, e também de um incremento de área proveniente de outras culturas. Dessa forma, espera-se que a área de soja atinja os 684,3 mil hectares.

O somatório das expectativas para a temporada 2016/17 indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 1,6% em relação à safra passada, totalizando 33.787,2 mil hectares, com uma expectativa de produção em torno de 103.778,3 mil toneladas.

Figura 46 – Mapa da estimativa de produtividade: Soja (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Soja primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M	M	M/C	C				
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M	M	M/C	C				
DF	Distrito Federal			P/G	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC	Serrana	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.788,4	13,5	2.423	3.002	23,9	3.818,9	5.369,3	40,6
RR	24,0	35,0	46,0	3.300	3.066	(7,1)	79,2	107,3	35,5
RO	252,6	261,2	3,4	3.028	3.106	2,6	765,0	811,3	6,1
PA	428,9	536,1	25,0	3.003	3.080	2,6	1.288,0	1.651,2	28,2
TO	870,8	956,1	9,8	1.937	2.928	51,2	1.686,7	2.799,5	66,0
NORDESTE	2.878,2	3.162,6	9,9	1.774	2.871	61,8	5.107,1	9.078,4	77,8
MA	786,3	895,8	13,9	1.590	2.782	75,0	1.250,2	2.492,1	99,3
PI	565,0	684,3	21,1	1.143	2.886	152,5	645,8	1.974,9	205,8
BA	1.526,9	1.582,5	3,6	2.103	2.914	38,6	3.211,1	4.611,4	43,6
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.131,0	1,4	2.931	3.129	6,7	43.752,6	47.350,1	8,2
MT	9.140,0	9.259,0	1,3	2.848	3.141	10,3	26.030,7	29.082,5	11,7
MS	2.430,0	2.521,8	3,8	2.980	3.120	4,7	7.241,4	7.868,0	8,7
GO	3.285,1	3.280,2	(0,2)	3.120	3.100	(0,6)	10.249,5	10.168,6	(0,8)
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.300	-	231,0	231,0	-
SUDESTE	2.326,9	2.328,6	0,1	3.255	3.193	(1,9)	7.574,9	7.435,6	(1,8)
MG	1.469,3	1.447,2	(1,5)	3.220	3.200	(0,6)	4.731,1	4.631,0	(2,1)
SP	857,6	881,4	2,8	3.316	3.182	(4,0)	2.843,8	2.804,6	(1,4)
SUL	11.545,4	11.376,6	(1,5)	3.047	3.036	(0,4)	35.181,1	34.544,9	(1,8)
PR	5.451,3	5.244,9	(3,8)	3.090	3.246	5,0	16.844,5	17.024,9	1,1
SC	639,1	638,5	(0,1)	3.341	3.350	0,3	2.135,2	2.139,0	0,2
RS	5.455,0	5.493,2	0,7	2.970	2.800	(5,7)	16.201,4	15.381,0	(5,1)
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.951,0	11,1	2.004	2.918	45,6	8.926,0	14.447,7	61,9
CENTRO-SUL	28.797,4	28.836,2	0,1	3.004	3.098	3,1	86.508,6	89.330,6	3,3
BRASIL	33.251,9	33.787,2	1,6	2.870	3.072	7,0	95.434,6	103.778,3	8,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

Não houve modificações significativas do quadro de oferta e demanda mundial de soja feito Departamen-

to de Agricultura Americano – USDA divulgado pelo USDA no dia 12 de dezembro de 2016.

a) Produção Mundial de Soja

- Aquele Departamento, estimou que a produção mundial de soja para a safra 2016/17, será de 336,09 milhões de toneladas.
- Se comparado à safra anterior houve um aumento de 7,31%, ou seja, o mundo produzirá 22,89 mi-

- lhões de toneladas a mais que a safra passada.
- Estados Unidos com 35,31%, Brasil com 30,35% e Argentina com 16,96, juntos são responsáveis por 82,62% da safra mundial.

b) Produção de soja - Estados Unidos

- A safra 2016/17 dos Estados Unidos já está 100% colhida, a estimativa do Usda é de que esta safra gire em torno de 118,69 milhões de toneladas.
- Comparada com a safra 2015/16, houve um aumento de 11,83 milhões de toneladas (11,07%).

- Além do aumento de área de plantio americana, a produtividade para a safra em vigor foi acima do esperado, pois ao contrário do que se esperava, o clima na época de desenvolvimento da safra foi excelente.



c) Produção de soja - Brasil

- A estimativa/Usda é de que o Brasil continue como o segundo maior produtor de soja do mundo com 102 milhões de toneladas de soja em grãos.
- Em relação à safra 2015/16, o Usda estima um

crescimento de safra brasileira de 5,70% entre as safras, ou seja, a safra 2016/17 no Brasil deverá ser de 5,50 milhões de toneladas maior que a safra anterior.

d) Produção de soja - Argentina

- Para a Argentina, o Usda avalia que a safra 2016/17 seja de 57 milhões de toneladas e tenha um aumento de apenas 200 mil toneladas (0,35%) em relação à estimada na safra 2015/16.
- Segundo a Bolsa de Cereais da Argentina, devido ao aumento das áreas de trigo e milho e as modificações dos marcos regulatório registrada desde o final de 2015, onde o governo retiras as taxas de exportações destas culturas. Além destes fatores, também ocorreu um leve aumento de área de girassol no norte do país, ocasionando em uma redução das áreas disponíveis de soja.

- Em relação à safra passada a área estimada para esta cultura de soja para safra 2016/17 terá uma redução de 2,5%, passando de 20,10 milhões de hectares da safra atual (2015/16) para 19,6 milhões de hectares (2016/17).
- Com esta estimativa de área a produção da Argentina pode chegar a 52,5 milhões de toneladas. Já a safra 2015/16 foi estimada pelo Departamento de Agricultura da Argentina em 58,8 milhões de toneladas, ou seja, há uma expectativa de redução de produção entre as safras 2015/16 e 2016/17 em 10,71%.

Tabela 36 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 nov(b)	2016/2017 dez(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,86	118,69	118,69	11,83	11,07	0,00	0,00
Brasil	96,50	102,00	102,00	5,50	5,70	0,00	0,00
Argentina	56,80	57,00	57,00	0,20	0,35	0,00	0,00
China	11,79	12,50	12,50	0,72	6,07	0,00	0,00
Outros	41,26	43,03	45,90	4,64	11,26	2,87	6,66
Total	313,20	333,22	336,09	22,89	7,31	2,87	0,86

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Importação mundial

A China é o maior importador de soja do mundo, responsável por 62,79% de todas as importações mun-

diais. Em segundo lugar, muito distante, vem a União Europeia com 10,07% das importações mundiais.

a) Importação - China

- Apesar da estimativa de redução do crescimento econômico chinês, o Usda estima aumento nas importações de grãos de soja deste país, para a safra 2016/17.

- O valor das importações chinesas, estimado para próxima safra é 3,33%, maior que o da safra anterior, passando de 83,23 milhões para 86 milhões na safra 2016/17.



Tabela 37 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 nov(b)	2016/2017 dez(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,23	86,00	86,00	2,77	3,33	0,00	0,00
União Europeia	14,73	13,00	13,80	-0,93	-6,31	0,80	6,15
Mexico	4,13	4,30	4,30	0,17	4,22	0,00	0,00
Japão	3,19	3,10	3,10	-0,09	-2,70	0,00	0,00
outros	27,72	29,81	29,76	2,05	7,39	-0,05	-0,16
Total	132,99	136,21	136,96	3,98	2,99	0,75	0,55

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Exportação mundial

Segundo o USDA, o Brasil é o maior exportador de soja em grãos do mundo, responsável por 41,93% de todas as exportações mundiais. Os Estados Unidos vêm em

segundo lugar com 40,06% e a Argentina em terceiro lugar com 6,66%. Juntos, estes três países são responsáveis por 88,46% de todas as exportações mundiais.

a) Exportação - Brasil

- Para o Brasil, dito departamento estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de 58,40 milhões de toneladas; valor 7,39% maior que o estimado na safra 2015/16, estimado em 54,38 milhões de toneladas.
- Como a maior parte das exportações brasileira de grãos é para a China, e com o aumento de 3,33%

de importações deste país, há grandes possibilidades de que as exportações brasileiras alcancem este patamar. Além disto, com os preços internacionais e o dólar em alta, as exportações brasileiras para safra 2016/17 devem tomar fôlego e ficarem bem acima das exportações da safra 2015/16.

b) Exportações - Estados Unidos

- Na safra 2016/17, os Estados Unidos deverão exportar, aproximadamente, 55,79 milhões de toneladas. Em seu relatório de dezembro o Usda detectou um pequeno aumento de 5,89%, se comparado ao estimado em outubro. Este aumento está relacionado aos altos valores de venda para exportação, para a safra em vigor.
- Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, as exportações acumuladas mensais de soja em grãos, para este país, em dezembro de 2016, foram estimadas em 7,38 milhões de toneladas; valor inferior em 3,09%, em relação ao mesmo período de 2015. O valor total de exportação

da safra atual é estimado, até o momento, em 31,51 milhões de toneladas, isto é, 16,55% maior que no mesmo período do ano anterior.

- Já as vendas para exportações (valores informados de exportações futuras ou grãos vendidos para exportações futuras), foram estimadas em 6,18 milhões de toneladas para o mês de dezembro, superior em 19,86% em relação ao mesmo período de 2015.
- Com isto há grandes possibilidades de que as exportações americanas para safra 2016/17 sejam maiores que as estimadas atualmente.

c) Exportações - Argentina

- Não obstante na Argentina, a maior parte da safra é esmagada internamente; por este motivo é que o Usda estima para a safra 2016/17, uma exporta-

ção de apenas 9,0 milhões de toneladas, ou seja, apenas 15,78% da safra estimada para 2017.



Tabela 38 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 nov(b)	2016/2017 dez(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	54,38	58,40	58,40	4,02	7,39	0,00	0,00
Estados Unidos	52,69	55,79	55,79	3,10	5,89	0,00	0,00
Argentina	9,92	9,25	9,00	-0,67	-9,27	-0,25	-2,70
Paraguai	5,30	5,30	5,30	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	9,66	10,42	10,76	0,75	11,36	0,34	3,29
Total	131,95	139,16	139,25	7,21	5,53	0,09	0,07

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

- Mesmo produzindo apenas 12,50 milhões de toneladas, a China é o maior esmagador de soja do mundo, graças a sua importação que deve chegar a 86 milhões de toneladas.
- Assim, mesmo com pouco aquecimento das indus-
- Para a safra 2016/17, os esmagamentos são estimados em 52,53 milhões de toneladas.
- Em comparação à safra anterior, houve um incremento de esmagamento de apenas 1,19 milhões
- Para a safra 2016/17, os esmagamentos da Argentina foram estimados em 43,80 milhões de toneladas; um aumento de 1,32% em relação à safra

trias chinesas, os esmagamentos de soja, estimados pelo Usda, tiveram um pequeno crescimento de 6,40%, ficando em 86,50 milhões de toneladas.

b) Esmagamento - Estados Unidos

de toneladas.

c) Esmagamento - Argentina

2015/16, estimada em 43,23 milhões de toneladas.

d) Esmagamento - Brasil

toneladas.

Tabela 39 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 nov(b)	2016/2017 dez(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,30	86,50	86,50	5,20	6,40	0,00	0,00
Estados Unidos	51,34	52,53	52,53	1,19	2,32	0,00	0,00
Argentina	43,23	44,30	43,80	0,57	1,32	-0,50	-1,13
Brasil	39,90	40,50	40,50	0,60	1,50	0,00	0,00
outros	60,64	64,35	66,12	5,48	9,03	1,77	2,75
Total	276,41	288,17	289,44	13,04	4,72	1,27	0,44

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



Estoques mundiais

a) Estoques - Estados Unidos

- O fato mais importante deste relatório vem dos estoques de passagem americanos. Para a safra 2016/17, o Usda estima um aumento desses estoques, passando de 5,36 milhões de toneladas

para 13,08 milhões de toneladas, ou seja, um valor 143% maior de uma safra para outra, caracterizando-se como o maior valor de estoque dos últimos 10 anos.

Tabela 40 - Estoque final mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 nov(b)	2016/2017 dez(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	31,95	31,15	32,00	0,05	0,16	0,85	2,73
Brasil	18,63	18,48	18,48	-0,15	-0,81	0,00	0,00
China	16,91	14,46	14,46	-2,45	-14,49	0,00	0,00
Estados Unidos	5,36	13,08	13,08	7,71	143,80	0,00	0,00
outros	3,95	3,91	3,52	-0,43	-10,81	-0,38	-9,78
Total	77,22	81,53	82,85	5,63	7,28	1,32	1,62

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Preços internacionais

Os preços internacionais são dados pela bolsa de valores de Chicago (CBOT), estes valores influenciam dire-

tamente nos preços nacionais.

- Os preços internacionais fecharam o mês de dezembro de 2016 uma pequena alta cotados em média a US\$ 10,19/bu (US\$ 374,71/t.), em novembro estes valores foram cotados a US\$ 10,03/bu (US\$ 368,80/t.).

- Em relação aos preços internacionais cotados no mesmo período do mês de dezembro de 2015, há de se informar que tiveram pequena baixa neste ano, de 0,29%.

a) Principais fatores que afetam os preços internacionais

Fatores baixistas:

- Segundo, ainda, aquele Departamento americano, os EUA devem produzir na safra 2016/17, aproximadamente 118,69 milhões de toneladas de soja, a maior produção americana historicamente, devendo consumir e exportar cerca de 52,53 e 55,79 milhões de toneladas de grãos de soja, respectivamente. Com isto, os americanos devem finalizar com estoques finais de 18,03 milhões de toneladas.
- Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento – Conab o Brasil deve produzir na safra 2016/17 em torno de 103,78 milhões de toneladas de grãos -, também, a maior safra, historicamente.
- Os estoques de passagem mundial devem ser de

82,85 milhões de toneladas, da mesma forma, o maior estoque praticado historicamente.

Fatores altistas:

- Quebra das safras asiáticas de palma, afetando os preços de óleo de soja mundiais.
- A estimativa feita pelo Usda é de que a colheita americana de soja já tenha terminado. Mesmo com uma estimativa de produção americana maior que 118,68 milhões de toneladas e um estoque de passagem estimado em mais de 13 milhões de toneladas (o maior historicamente), os preços internacionais continuam firmes, sustentados na alta demanda de exportação e esmagamentos de soja dos Estados Unidos.

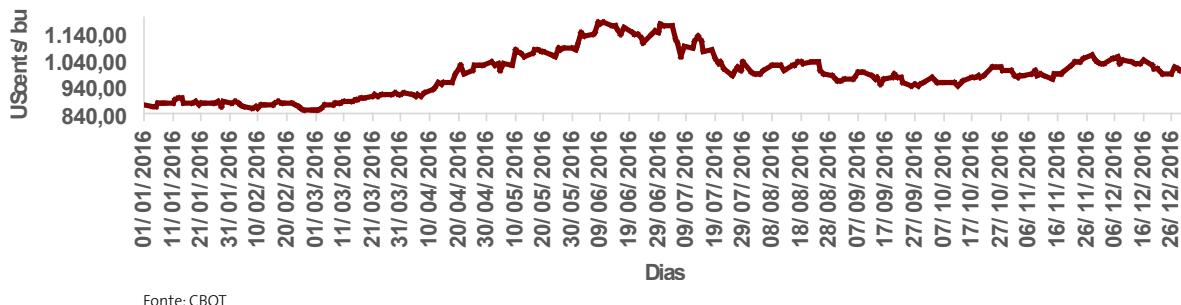
b) Resumo mensal e expectativa para o próximo mês (preços)

- No início do mês de dezembro os preços internacionais eram cotados a US\$ 10,29/bu (US\$ 378,31/t.). Fechando o mês de novembro com

uma pequena baixa cotados a US\$ 10,03/bu (US\$ 368,88/t.)



Gráfico 66 - Comportamento dos Preços (spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) - 2016

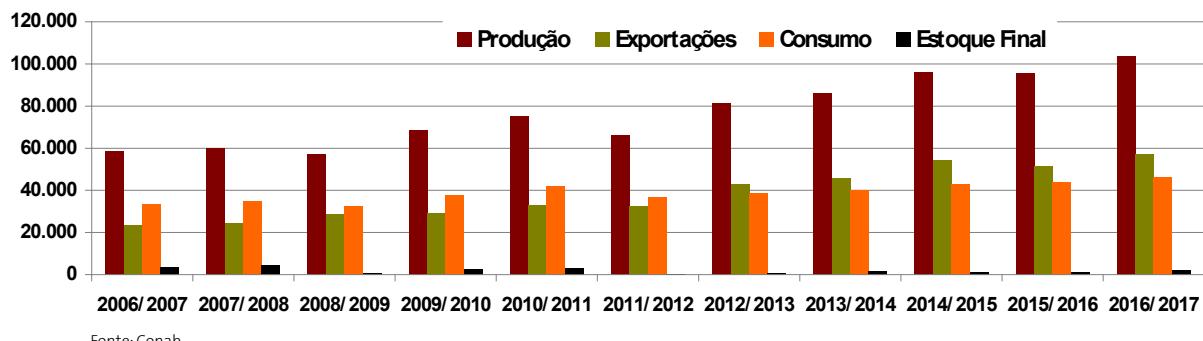


- As exportações mensais americanas de setembro a dezembro de 2016 estão maiores que os valores exportados no mesmo período do ano de 2015. Assim como as vendas para exportações.
- Os preços internacionais estão sustentados pela demanda de soja e grãos dos Estados Unidos e os preços praticados no complexo soja principalmente do óleo, onde os preços internacionais estão em alta, foram motivados pela quebra de safra de Palma nos principais países produtores.
- Para janeiro, a tendência é de que o fator clima na América do Sul dite os valores CBOT. Há grandes possibilidades de manutenção ou aumento destes preços, devido à temeridade do mercado, quanto a uma possível estiagem (veranico) ocorrida na época de floração/enchimento de grãos no Brasil e na Argentina.

Mercado nacional

a) Oferta e demanda nacional

Gráfico 67 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



a) Produção brasileira

- Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) no seu quarto levantamento de Safra a produção nacional de soja em grãos será em média de 103,778,3 milhões de toneladas.
- Mato Grosso-MT, Paraná-PR, Rio Grande do Sul-RS,

Goiás-GO e Mato Grosso do Sul-MS, são responsáveis por 76,62% da safra brasileira de grãos. O chamado MATOPIBA (Maranhão-MA, Tocantins-TO, Piauí-PI, Bahia-BA) deve produzir aproximadamente 11,44 da safra total.

b) Demanda brasileira

- Com a quebra de safra 2015/16 que motivou em uma pequena redução de oferta para esmagamento brasileiro, com o aumento da demanda interna e mundial de farelo, e óleo de soja para 2017. Os esmagamentos brasileiros de soja para 2017 devem ter um leve aumento de 6,96% em relação

a 2016, estimados em 43 milhões de toneladas. Este valor somado aos outros usos como semente e perdas, são estimados em 46,50 milhões de toneladas.

- No farelo de soja, o aumento da demanda interna é estimado em 9,67%, tendo como base, prin-



- cipalmente, o crescimento de plantel de animais consumidores de proteína em suas rações como suíno, aves e bovinos.
- No óleo de soja, o aumento da demanda interna deve ser também de apenas 6,58%, considerando um aumento de demanda para consumo humano e no uso de biodiesel.

c) Exportações brasileiras de grãos de soja

- Em dezembro a Secretaria de Comercio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior (Secex/MDIC) estimou que as exportações brasileiras de soja em grão foram de 653,1 mil toneladas.
- Por este motivo, as exportações de soja em grãos para safra 2015/2016 fecharam em aproximadamente 51,59 milhões de toneladas
- Para a safra 2016/17, as exportações de soja em grãos são estimadas em 57 milhões de toneladas, levado em consideração principalmente o aumento de importação da China e um crescimento mundial de importações observado pelas fortes

d) Estoques finais Brasil

- Já a safra 2016/17, apesar de uma expectativa de aumento de demanda interna e das exportações, o Brasil deve produzir uma safra recorde de mais de 103,77 milhões de toneladas, o que somados aos estoques de passagem devem gerar um suprimento total de mais de 105,54 milhões de toneladas. Sendo assim, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para safra 2016/17 devem

Comercialização nacional

- A maior parte do plantio brasileiro já está finalizada, e grande parcela já se encontra em estádio fenológico de floração e enchimento de grãos. Com isto, o mercado internacional voltará seus olhos para o clima no Brasil, principalmente no que se refere a uma possível estiagem nos meses de dezembro/16 e janeiro/17, com a especulação em cima deste fundamento devendo manter os preços internacionais estáveis ou com leve alta em relação aos preços praticados em dezembro.
- Os preços médios nacionais de dezembro de 2016, nas principais praças produtoras de grãos tiveram uma pequena queda se comparados a novembro de 2016 cotados em média a R\$ 70,29/60kg.
- Com a entrada da nova safra a tendência de baixa

- As exportações de farelo e óleo de soja devem ter um aumento de 12,76% e 10,71% respectivamente levando em consideração principalmente uma redução da safra na Argentina, onde o Brasil poderia atuar com uma maior fatia no mercado internacional.

exportações americanas.

- Este valor é 10,50% maior que o estimado para a safra 2016 - apesar disto, a exportação de soja em grãos, estimada para 2017, é apenas 5% maior que 2015 e o principal fato desta “discrepância”, baseia-se na quebra de safra em 2015/16, que diminuiu a oferta de grãos tanto internamente quanto para exportações. Além disto, os agricultores estão esperando melhores preços internacionais para o ano de 2017 e devem exportar uma quantidade maior que foi na safra anterior.

ser de 2,05 milhões de toneladas, um valor dentro da média dos últimos 5 anos.

- Apesar da quebra de safra brasileira de grãos, na safra 2015/16, as exportações foram aquém das expectativas, além do que, os esmagamentos foram bastante reduzidos ao estimados e com isto, os estoques finais brasileiros, para a safra 2015/16, estão estimados em 1,46 milhões de toneladas.

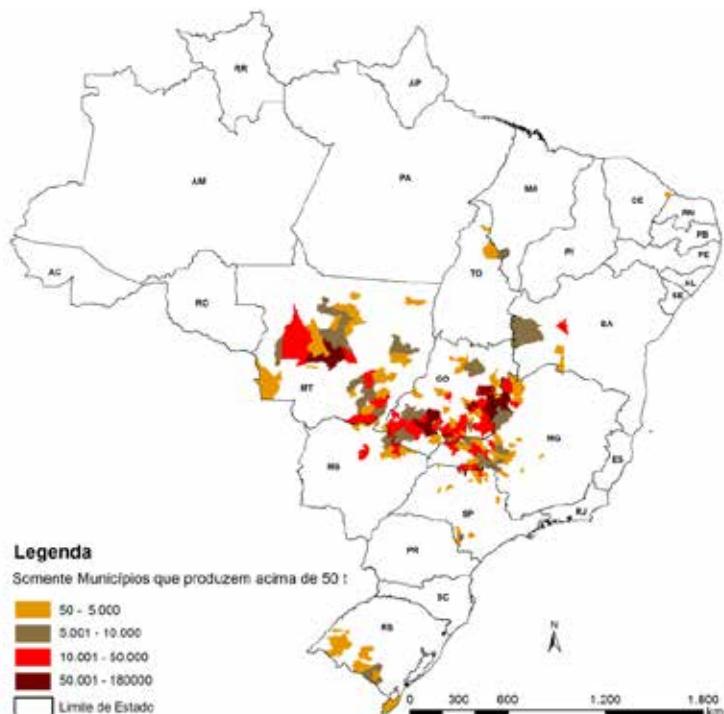
deve continuar, porém com pouca variação negativa devido a estabilidade do dólar e dos preços internacionais.

- Em dezembro de 2016 os preços médios do dólar frente ao real foram de pequena alta, de aproximadamente 3,59%, motivada principalmente pelo desfecho das eleições americanas. Para o mês de janeiro, a expectativa é de que o dólar continue estável com um viés de alta.
- A comercialização antecipada da safra brasileira está pouco avançada em relação a outras safras, com pouco negócios firmados. O agricultor está esperando um melhor momento dos preços internacionais para fechar negócios.



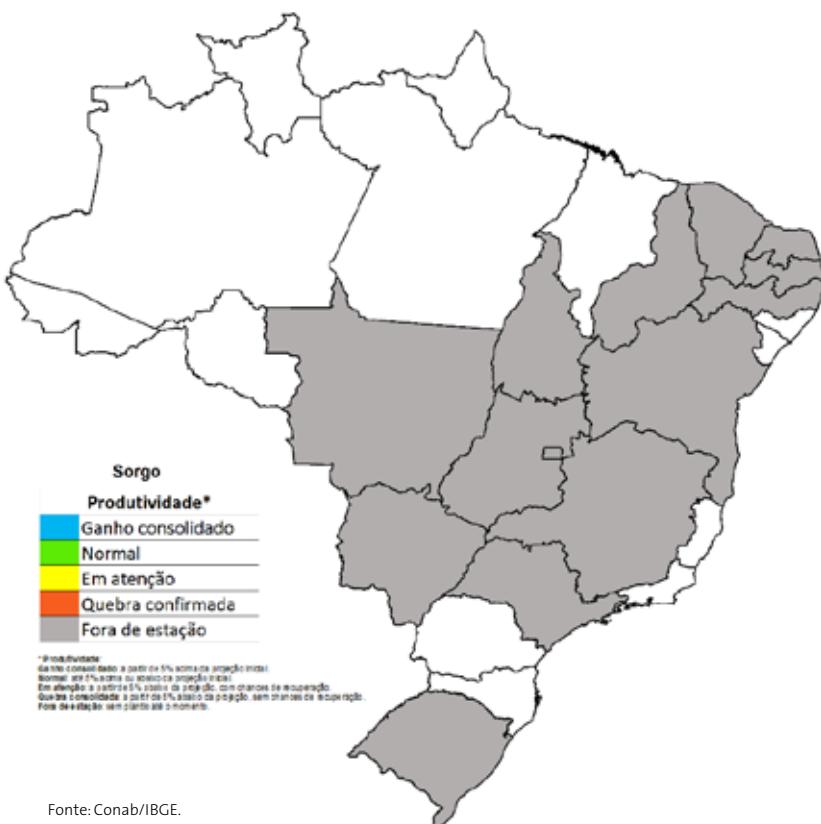
9.1.9. SORGO

Figura 47 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 48 - Mapa da estimativa de produtividade: Sorgo (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	23,9	(4,8)	1.687	1.725	2,3	42,3	41,2	(2,6)
TO	25,1	23,9	(4,9)	1.687	1.725	2,3	42,3	41,2	(2,6)
NORDESTE	97,1	106,5	9,7	942	939	(0,3)	91,4	100,0	9,4
PI	2,8	2,8	-	45	775	1.622,2	0,1	2,2	2.100,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	0,4	-	1.224	1.383	13,0	0,5	0,6	20,0
PB	0,3	0,3	-	800	1.150	43,8	0,2	0,3	50,0
PE	4,5	4,5	-	167	276	65,3	0,8	1,2	50,0
BA	88,4	97,8	10,6	1.006	965	(4,1)	88,9	94,4	6,2
CENTRO-OESTE	262,8	262,8	-	1.836	3.095	68,5	482,6	813,3	68,5
MT	49,0	49,0	-	1.915	2.430	26,9	93,8	119,1	27,0
MS	9,5	9,5	-	3.390	3.226	(4,8)	32,2	30,6	(5,0)
GO	201,0	201,0	-	1.700	3.217	89,2	341,7	646,6	89,2
DF	3,3	3,3	-	4.500	5.149	14,4	14,9	17,0	14,1
SUDESTE	185,0	185,0	-	2.102	3.018	43,6	388,8	558,4	43,6
MG	172,6	172,6	-	2.018	3.000	48,7	348,3	517,8	48,7
SP	12,4	12,4	-	3.266	3.273	0,2	40,5	40,6	0,2
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	130,4	6,7	1.095	1.083	(1,1)	133,7	141,2	5,6
CENTRO-SUL	456,8	456,8	-	1.965	3.062	55,8	897,8	1.398,7	55,8
BRASIL	579,0	587,2	1,4	1.782	2.623	47,2	1.031,5	1.539,9	49,3

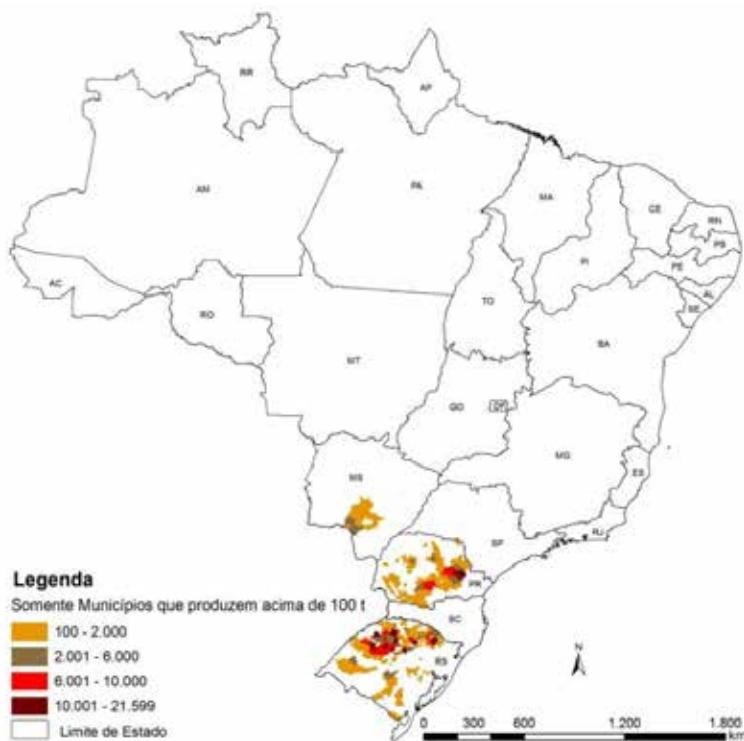
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017

9.2 CULTURAS DE INVERNO - SAFRA 2016

9.2.1. Aveia

Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Aveia (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RS	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva  Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
MS	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
SUL	176,5	276,5	56,7	1.879	2.912	55,0	331,7	805,3	142,8
PR	58,1	58,2	0,1	1.959	2.508	28,0	113,8	146,0	28,3
RS	118,4	218,3	84,4	1.840	3.020	64,1	217,9	659,3	202,6
CENTRO-SUL	189,5	291,5	53,8	1.853	2.840	53,3	351,2	827,8	135,7
BRASIL	189,5	291,5	53,8	1.853	2.840	53,3	351,2	827,8	135,7

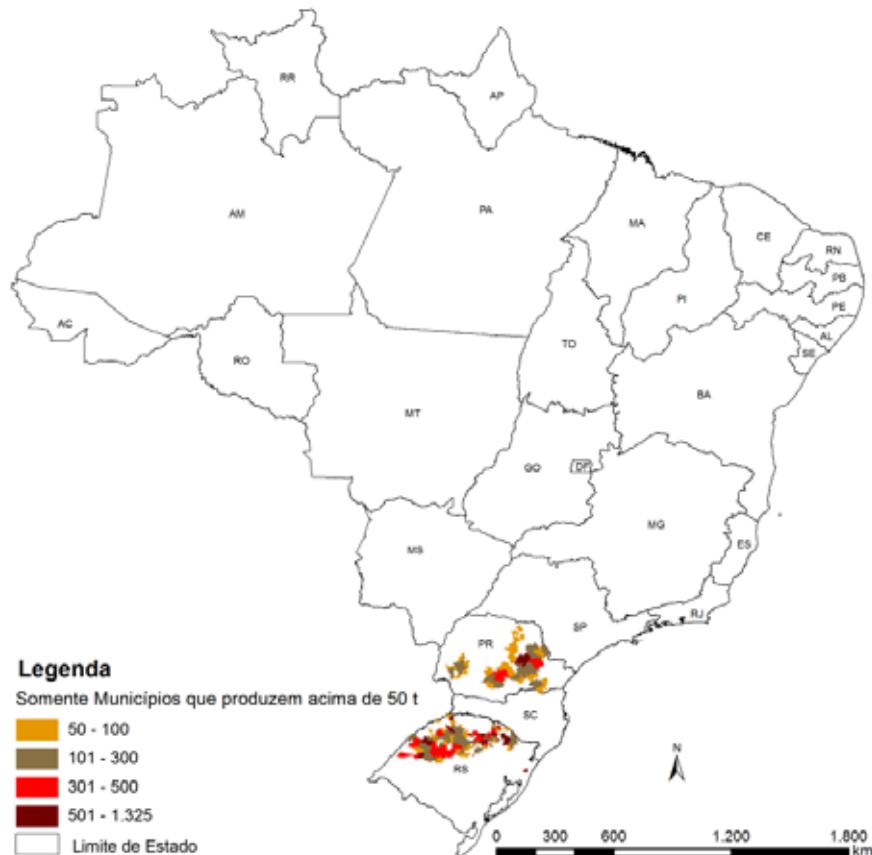
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.2.2. CANOLA

Figura 50 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.514	22,5	54,9	71,9	31,0
PR	7,9	6,3	(20,2)	1.403	1.479	5,4	11,1	9,3	(16,2)
RS	36,5	41,2	12,9	1.200	1.520	26,7	43,8	62,6	42,9
CENTRO-SUL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.514	22,5	54,9	71,9	31,0
BRASIL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.514	22,5	54,9	71,9	31,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.2.3. CENTEIO

Figura 51 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1
PR	1,2	1,0	(21,0)	1.890	2.402	27,1	2,3	2,4	4,3
RS	0,5	1,5	200,0	1.200	2.700	125,0	0,6	4,1	583,3
CENTRO-SUL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1
BRASIL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1

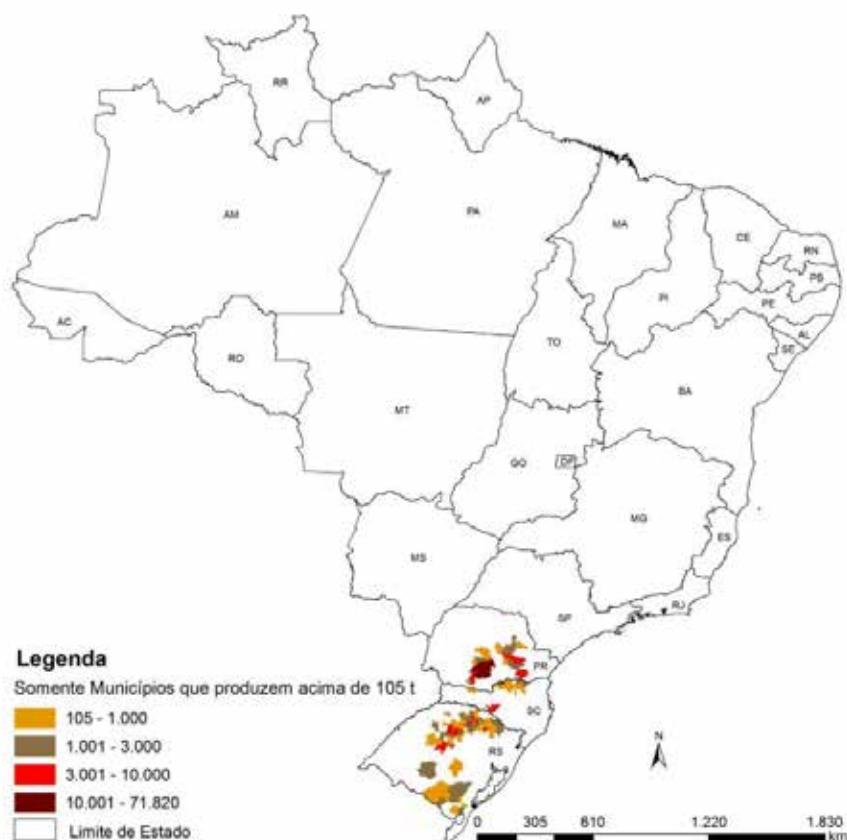
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.2.4. CEVADA

Figura 52 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.921	52,7	263,0	374,8	42,5
PR	50,1	42,5	(15,1)	3.689	4.682	26,9	184,8	199,0	7,7
SC	2,8	1,3	(53,6)	1.380	4.800	247,8	3,9	6,2	59,0
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	3.274	118,3	74,3	169,6	128,3
CENTRO-SUL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.921	52,7	263,0	374,8	42,5
BRASIL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.921	52,7	263,0	374,8	42,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Cevada (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
PR	Centro Oriental Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Serrana						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

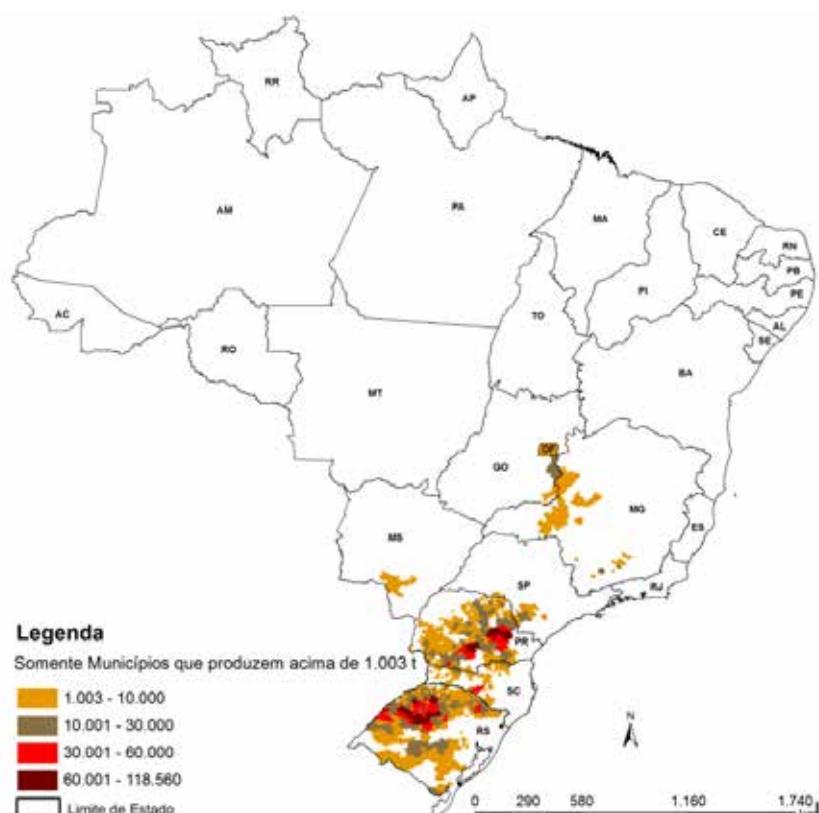
Baixa restrição - falta de chuvas FAVORÁVEL Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

9.2.5. TRIGO

Figura 53 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
SP	Itapetininga				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
	Norte Catarinense				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
	Serrana				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		

Legendas:

[Yellow] Baixa restrição - falta de chuvas [Green] Favorável [Orange] Média restrição - falta de chuva [Blue] Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	-	3,0	-	-	6.000	-	-	18,0	-
BA	-	3,0	-	4.200	6.000	42,9	-	18,0	-
CENTRO-OESTE	26,2	32,9	25,6	3.363	3.657	8,7	88,1	120,3	36,5
MS	15,0	17,8	18,7	2.000	2.328	16,4	30,0	41,4	38,0
GO	9,6	14,3	49,0	5.054	5.182	2,5	48,5	74,1	52,8
DF	1,6	0,8	(50,0)	6.000	6.000	-	9,6	4,8	(50,0)
SUDESTE	156,4	161,1	3,0	3.247	2.852	(12,2)	507,8	459,4	(9,5)
MG	82,2	84,3	2,6	2.982	2.599	(12,8)	245,1	219,1	(10,6)
SP	74,2	76,8	3,5	3.541	3.129	(11,6)	262,7	240,3	(8,5)
SUL	2.266,2	1.921,4	(15,2)	2.179	3.190	46,4	4.939,0	6.129,1	24,1
PR	1.339,9	1.086,4	(18,9)	2.506	3.140	25,3	3.357,8	3.411,3	1,6
SC	65,0	58,1	(10,6)	1.800	3.800	111,1	117,0	220,8	88,7
RS	861,3	776,9	(9,8)	1.700	3.214	89,1	1.464,2	2.497,0	70,5
NORTE/NORDESTE	-	3,0	-	-	6.000	-	-	18,0	-
CENTRO-SUL	2.448,8	2.115,4	(13,6)	2.260	3.171	40,3	5.534,9	6.708,8	21,2
BRASIL	2.448,8	2.118,4	(13,5)	2.260	3.175	40,5	5.534,9	6.726,8	21,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017



9.2.5. 1. OFERTA E DEMANDA

A estimativa de produção anunciada pela Conab para 2016/17, é recorde nacional, e seu volume passa de 5.534,9 mil de toneladas para 6.726,8 mil toneladas sendo 21,5% maior e deverá equivaler a 62,7% da demanda brasileira dessa matéria-prima e a 64,7% do volume esperado de moagem industrial nesse período.

Os dados consolidados de 2014/15 e 2015/16 permitiram uma reavaliação da moagem industrial em 2014/15 para 10,3 milhões de toneladas-, menor em 6,7% à de 2013/14, devido aos problemas internos, que registraram significativa redução do consumo.

A sustentação da condição de restrição ao consumo em 2015/16 ocorreu em uma conjuntura de menor produção de trigo, prejudicada por problemas de qualidade, dado o clima desfavorável, principalmente no estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, a moagem da indústria foi novamente afetada, recuando para 10,0 milhões de toneladas.

Em 2016/17 a produção de 6,72 milhões de toneladas é maior em 1.191,9 mil toneladas, frente à produção anterior, acenando com a possibilidade de ocorrer o início da recuperação da moagem industrial no Brasil para 10,4 milhões de toneladas, em função de maior disponibilidade da matéria-prima de boa qualidade e perspectiva de normalização do consumo.

A avaliação de superávit próximo de 1,0 milhão toneladas no estado do Rio Grande do Sul considera a produção estadual de 2,49 milhões de toneladas e a capacidade industrial de moagem estimada pela Abitrigó de 1,4 milhão de toneladas, incluindo trigo importado.

Esse superávit exigiu a intervenção do governo através da Política de Garantia de Preços Mínimos - PGPM, no sentido de favorecer a comercialização desse excesso de produção para outros estados consumidores das regiões Norte e Nordeste.

Em quatro leilões realizados foram ofertadas 1.330.000 t e negociadas 515.580 t, basicamente através de PEPRO que negociou 51,6% do total ofertado e 90,1% do ofertado para este instrumento.

Parcela deste excedente, com menor qualidade, deverá ser demandada pela indústria de ração em substituição ao milho. A alternativa de aquisição pelo

Governo Federal de parte dessa produção excedente para recompor os estoques públicos, praticamente inexistentes na atualidade, está sendo negociado pelo governo.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evolua para 14,4 milhões de toneladas, surpreendendo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, esse país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, dessa maneira, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente.

Cerca de 1,67 milhão de toneladas de trigo argentino tiveram como destino o Brasil entre agosto e dezembro de 2016, ao custo unitário de US\$194,11/t. De forma semelhante, o trigo estadunidense, em volume de 1,0 milhão de toneladas e ao custo unitário de US\$194,79/t, deu entrada no país nesse período.

Chama a atenção o volume de trigo importado no mês de dezembro de 713,7 mil toneladas, ante 464,4 mil toneladas em idêntico mês do ano anterior; ao tempo em que o governo intervém no mercado com os instrumentos de PEP e PEPRO para estimular a comercialização da safra nacional recorde de 6,72 milhões de toneladas de matéria-prima de muito boa qualidade.

Dessa forma, o volume de trigo importado no segundo semestre de 2016, foi de 3.496.782 t em plena temporada da colheita brasileira, exigindo uma reavaliação das importações no ano-safra para 5,95 milhões de toneladas - agosto/2016 a julho/2017.

Essa situação requer significativo recuo dos volumes de importações a partir de janeiro corrente, premissa exequível frente à supersafra atual de trigo; preços abaixo dos preços mínimos; indústrias abastecidas e, também, pela situação de crise que afeta o setor de moagem gerada pela ampla redução do consumo no mercado interno.

Nessa conjuntura, estimam-se exportações de 700 mil toneladas que são consideradas viáveis por agentes de mercado com três navios já sendo preparados com aproximadamente 150 mil toneladas com destino à Coréia do Sul e Indonésia entre outros ainda não identificados. Aguarda-se moagem de 10,4 milhões de toneladas e estoque de passagem de 2,0 milhões de toneladas, acima do consumo médio mensal.



Tabela 47 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil

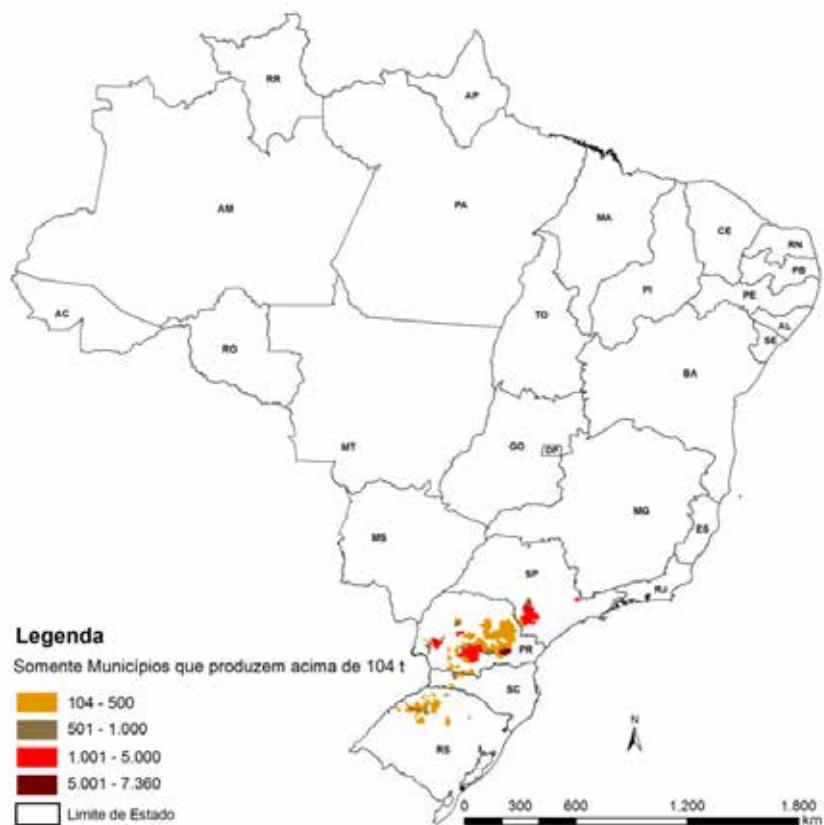
Safra	Estoque inicial (01 agosto)	Produção	Importação grãos	Suprimento	Exportação grãos	Consumo interno			Estoque final (31 julho)
						Moagem Industrial	Sementes (1)	Total	
2011/12	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	1.901,0	9.820,0	324,9	10.144,9	1.956,1
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽¹⁾	809,3	6.726,8	5.950,0	13.486,1	700,0	10.400,0	317,3	10.717,3	2.068,8

Fonte: Conab/MDIC

Nota: (1) Estimativa

9.2.6. TRITICALE

Figura 54 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	7,5	74,4	3.140	2.853	(9,1)	13,5	21,4	58,5
SP	4,3	7,5	75,4	3.133	2.856	(8,8)	13,5	21,4	58,5
SUL	17,2	16,0	(7,0)	2.523	2.919	15,7	43,4	46,7	7,6
PR	10,9	9,7	(11,2)	2.829	3.097	9,5	30,8	30,0	(2,6)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.243	19,9	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.700	34,0	11,5	15,4	33,9
CENTRO-SUL	21,5	23,5	9,3	2.647	2.898	9,5	56,9	68,1	19,7
BRASIL	21,5	23,5	9,3	2.647	2.898	9,5	56,9	68,1	19,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017





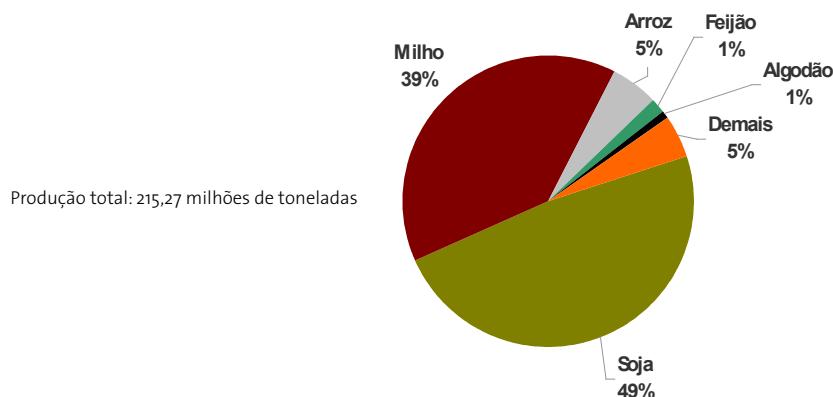
10. RECEITA BRUTA

Os dados do 4º Levantamento de Safra de Grãos 2016/2017 da Conab, realizado em dezembro/2016 e divulgados em janeiro/2017, indicam que a produção agrícola brasileira, em condições normais, poderá ser de 215,3 milhões de toneladas, novo recorde da série histórica, iniciada na safra 1976/77, e terá variações de 15,3% sobre a safra anterior – prejudicada por fatores climáticos – e de 3,6% sobre o recorde anterior (207,77 milhões de toneladas), ocorrido na safra 2014/2015.

Também são esperadas safras recordes de soja e de milho 2ª safra - 103,8 milhões de toneladas e 56,1 milhões de toneladas, respectivamente - superando em 7,8% e 2,7% os anteriores, de 96,2 milhões de toneladas e 54,6 milhões de toneladas, ambos verificados na safra 2014/15.

A produção de algodão, arroz, feijão, milho e soja corresponde a aproximadamente 95% do valor apurado no 4º Levantamento da Conab, conforme demonstrado no gráfico abaixo; além disso, essas mesmas lavouras ocupam cerca de 94% da área total informada neste Levantamento.

Gráfico 68 – Produção Brasileira de Grãos - Safra 2016/17 - Produto - Produção (Milhões de toneladas) - Participação sobre o total²



Fonte: Conab

Utilizando os atuais dados de produção apontados para as safras 2015/16 e 2016/17 e os preços médios recebidos pelos produtores nos meses de dezembro de 2015 e de 2016, respectivamente, foi estimada a recei-

ta bruta de R\$ 193,3 bilhões para a safra 2016/17 para algodão, arroz, feijão, milho e soja, valor 21,2% superior ao da safra 2015/16 (R\$ 159,5 bilhões), cujo resumo encontra-se na tabela 49..

Tabela 49 – Receita Bruta da Produção Agrícola – produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Unid.	12/2015	12/2016	Variação	12/2015	12/2016	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,42	10,1%	15	70,8	85,43	21,9%	6,02	8,08	34,2%
Arroz	10,60	11,64	9,7%	60	48,31	59,22	22,6%	8,54	11,49	34,5%
Feijão	2,52	3,12	24,2%	60	153,40	194,92	27,1%	6,43	10,15	57,8%
Milho	66,57	84,48	26,9%	60	25,97	31,39	20,9%	28,81	44,19	53,4%
Soja	95,43	103,78	8,7%	60	68,97	69,02	0,1%	109,70	119,38	8,8%
Total								159,50	193,28	21,2%

Fonte: Conab

Nota: Estimativa de produção em janeiro/2017 e preços de dezembro/2016.

Como pode ser observado na tabela, todos os produtos apresentam aumentos de produção (que pode decorrer de crescimento de área, de produtividade ou de ambos) e de preços, exceto a soja, cujas cotações praticamente se mantiveram estáveis em dezembro de 2015 e 2016. Convém ressaltar que a safra 2015/16 foi fortemente afetada por problemas climáticos que prejudicaram o desenvolvimento e o rendimento das culturas analisadas, em especial o feijão e o milho, situação oposta à que se registra, até este momento, nesta temporada.

A receita bruta da produção está concentrada nos estados de Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Bahia, cuja valor soma R\$ 161,0 bilhões e corresponde a 83,3% da receita bruta total, conforme detalhado no gráfico 69.

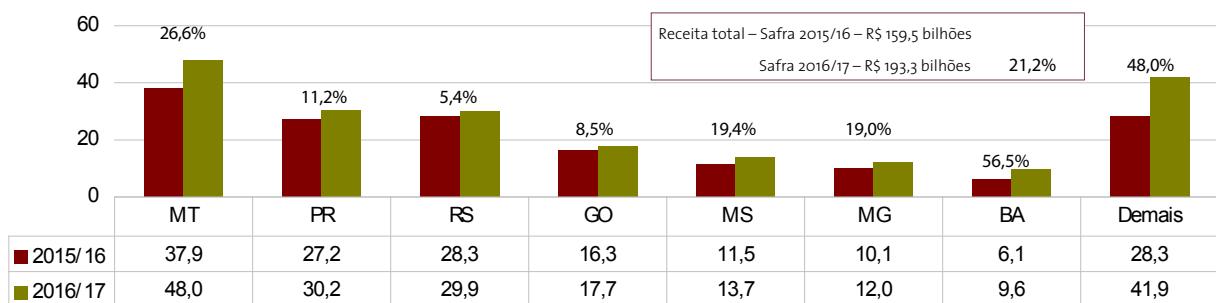
Por ser o maior produtor nacional de algodão, milho e soja e, ainda, ter previsão de colher 53,0 milhões de toneladas de grãos, Mato Grosso tem o maior valor agregado na safra 2016/17 - R\$ 48,0 bilhões, R\$ 10,1 bilhões superior ao da safra anterior. Em seguida, vêm Paraná e Rio Grande do Sul, com receitas de R\$ 30,2 bilhões e R\$ 29,9 bilhões e crescimentos de 11,2% e ,5,4% em relação à safra passada. A receita deriva da comercialização de soja, milho, arroz e feijão.

Na sequência, estão Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Bahia, que incorporam, também, os ganhos com a lavoura de algodão no valor agregado da Receita Bruta, fato que não ocorre no Paraná e Rio Grande do Sul.

² Algodão, amendoim (1^a e 2^a safra), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (carioca, preto e caupi – 1^a, 2^a e 3^a safra), girassol, mamona, milho (1^a e 2^a safra), soja, sorgo e triticale.



Gráfico 69 – Receita Bruta da Produção Agrícola – Estados – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

10.1. ALGODÃO

A receita bruta dos produtores de algodão evoluiu de R\$ 6,02 bilhões para R\$ 8,08 bilhões em decorrência dos aumentos da produção e dos preços médios observados entre dezembro de 2015 e dezembro de 2016.

Esse resultado foi fortemente influenciado pelo comportamento da produção e dos preços no Mato Grosso e na Bahia, que, juntos, produzirão 1.242,4 mil toneladas ou 87,6 % do total da safra 2016/17. A redução de 5,1% na área plantada foi compensada pela melhoria na produtividade e, com isso, a produção, nas duas Unidades da Federação crescerá 10,2% em relação à safra anterior.

O preço da arroba do algodão passou de R\$ 67,89 para

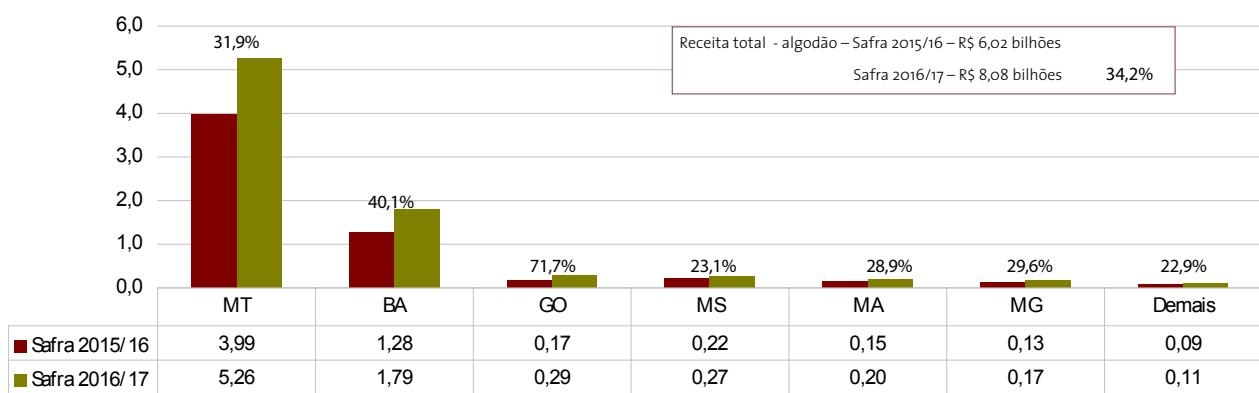
R\$ 84,43 no Mato Grosso, e de R\$ 77,71 para R\$ 87,19 na Bahia, entre dezembro de 2015 e dezembro de 2016.

Combinando o crescimento da produção com o de preços, o valor bruto da produção do Mato Grosso e da Bahia passará de R\$ 5,27 bilhões para R\$ 7,05 bilhões, com variação de 33,9%.

Ressaltando a importância dos dois estados para a cultura, o valor de R\$ 7,05 bilhões corresponde a 87,3% da receita total apurada para o algodão.

O Gráfico 70 apresenta o comportamento da receita bruta para os principais estados produtores.

Gráfico 70 – Receita Bruta da Produção Agrícola – Algodão em pluma – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

10.2. ARROZ

Analogamente ao que ocorre no algodão, cerca 80% da produção de arroz está concentrada em dois estados - Rio Grande do Sul (70,9%) e Santa Catarina (9,0%) e, consequentemente, o resultado final da receita é explicado, basicamente, pelo comportamento da safra e dos preços nestas localidades.

A receita bruta do arroz evoluiu de R\$ 8,5 bilhões na safra 2015/16 para R\$ 11,5 bilhões nesta safra, registrando variação de 34,5%.

No Rio Grande do Sul, com o crescimento de 12,2% na produção e de 21,1% nos preços pagos, a receita espe-



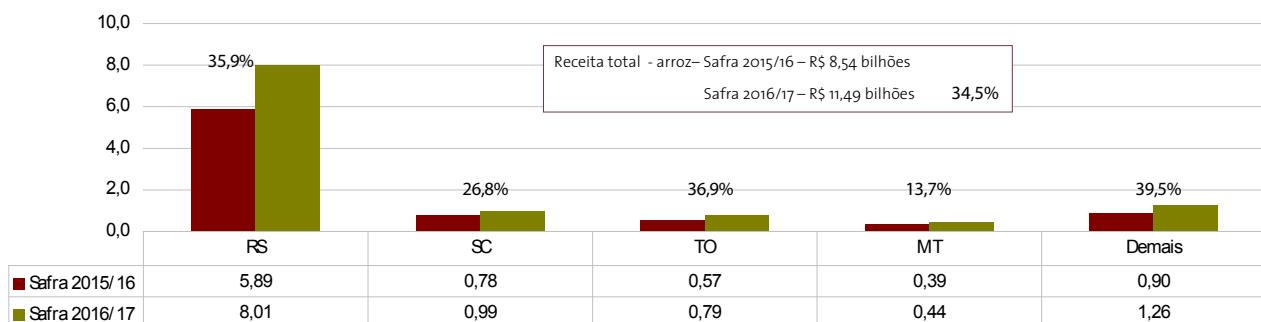
rada para a safra 2016/2017 é de R\$ 8,01 bilhões, 35,9% acima da observada na safra anterior.

Em Santa Catarina houve discreta redução (-0,3%) na produção e aumento de 27,2% nos preços; assim, a receita apurada para esta safra é R\$ 993,2 milhões, R\$ 209,7 milhões superior a temporada 2015/16.

Consolidando a receita dos dois estados chega-se ao total de R\$ 9,0 bilhões, na presente safra, contra R\$ 6,67 bilhões na anterior. O total deste ano corresponde a 78,4% da receita bruta do arroz.

No Gráfico 71 é apresentado o comportamento da receita dos principais estados produtores.

Gráfico 71 – Receita Bruta da Produção Agrícola – Arroz – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

10.3. FEIJÃO

A CONAB efetua o acompanhamento da safra de feijão carioca, preto e caupi, os quais são cultivados em até 3 safras ao longo do ano.

Nesta safra, 80,8% da produção do feijão carioca está concentrada nos estados de Minas Gerais, Paraná, Goiás, São Paulo e Bahia; 96,5% da safra do feijão preto será obtida no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina; e, por fim, 82,5% da produção do feijão caupi será colhida nos estados de Mato Grosso, Ceará, Piauí, Bahia e Maranhão.

A produção de feijão total esperada para a safra 2016/17, de acordo com o 4º Levantamento da CONAB, é de 3.124,1 mil toneladas, sendo 2.032,0 mil toneladas (65,0% do total) de carioca, 592,6 mil toneladas (19,0% do total) de caupi e 499,7 mil toneladas (16,0% do total) de preto.

A partir de agosto/setembro de 2015 os preços de feijão começaram a subir no mercado interno e manti-

veram esse comportamento até setembro de 2016, quando começou processo de queda, que se mantém até hoje.

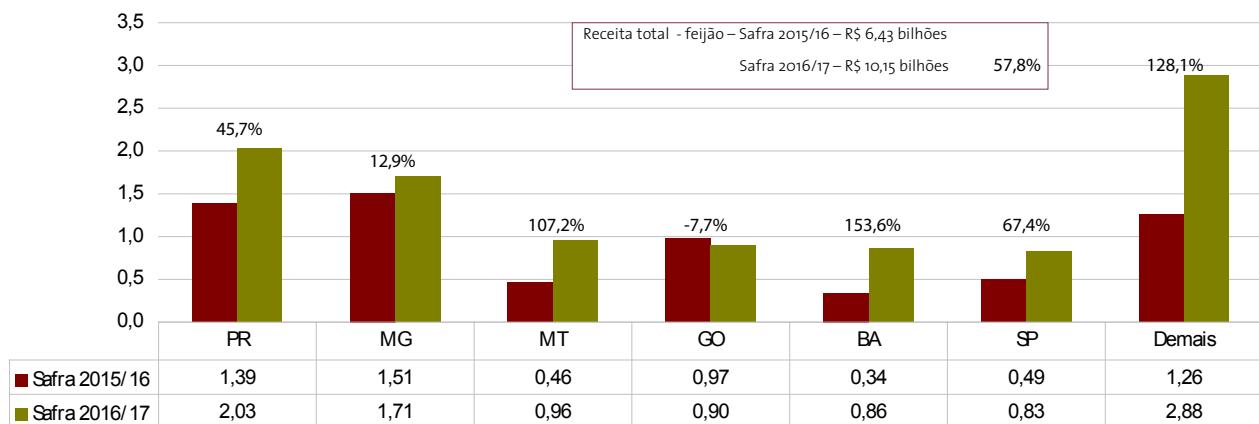
Os preços de feijão preto, porém, estão com ritmo de queda mais lento do que o verificado no carioca, cujas cotações de dezembro/2016, em alguns estados representativos, como Goiás e Paraná, por exemplo, já estão abaixo das encontradas em dezembro/2015, fato que ainda não ocorreu com o feijão preto e o caupi.

Quando se analisa a receita bruta da produção de feijão, as três variedades apresentam os mesmos resultados de crescimento: a) da produção - 20,4% no carioca, 7,3% no preto e 63,6% no caupi; b) dos preços – 6,1% no carioca, 76,7% no preto e 101,7% no caupi; e, c) da receita bruta – 27,7% no carioca, 89,5% no preto e 230% no caupi.

Os valores agregados de todos os feijões estão apresentados no gráfico e tabela a seguir.



Gráfico 72 – Receita Bruta da Produção Agrícola – Feijão – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

Tabela 50 – Consolidação da Receita Bruta - Feijão – Safras 2015/16 e 2016/17

UF	Varie-dade	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/60 kg			VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
		Safra 15/16	Safra 16/17	Var.	12/2015	12/2016	Var.	12/2015	12/2016	Variação
		(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
PR	Carioca	0,28	0,37	28,8%	160,50	154,77	-3,6%	0,76	0,94	24,2%
	Preto	0,30	0,32	5,9%	124,30	201,40	62,0%	0,63	1,08	71,7%
	Caupi	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL - PR		0,59	0,69	17,0%	-	-	-	1,39	2,03	45,7%
MG	Carioca	0,52	0,54	4,5%	174,50	182,04	4,3%	1,50	1,64	9,0%
	Preto	0,00	0,01	204,2%	144,99	291,67	101,2%	0,01	0,04	511,9%
	Caupi	0,00	0,01	2140,0%	79,89	158,33	98,2%	0,00	0,03	4339,3%
TOTAL - MG		0,52	0,56	7,5%	-	-	-	1,51	1,70	12,9%
MT	Carioca	0,10	0,13	28,8%	166,59	167,28	0,4%	0,29	0,37	29,4%
	Preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Caupi	0,13	0,22	69,4%	79,89	158,33	98,2%	0,17	0,58	235,7%
TOTAL - MT		0,23	0,35	51,5%	-	-	-	0,46	0,96	107,2%
GO	Carioca	0,28	0,32	13,0%	205,59	167,78	-18,4%	0,97	0,90	-7,8%
	Preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Caupi	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL - GO		0,28	0,32	13,0%	-	-	-	0,97	0,90	-7,8%
BA	Carioca	0,10	0,18	82,5%	164,68	181,38	10,1%	0,28	0,56	101,0%
	Preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Caupi	0,04	0,06	63,7%	100,00	300,00	200,0%	0,06	0,30	391,1%
TOTAL - BA		0,14	0,24	77,5%	-	-	-	0,34	0,86	153,8%
SP	Carioca	0,18	0,23	29,6%	167,25	216,02	29,2%	0,49	0,83	67,3%
	Preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Caupi	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL - SP		0,18	0,23	29,6%	-	-	-	0,49	0,83	67,3%
Demais	Carioca	0,22	0,26	16,9%	-	-	-	0,55	0,95	73,6%
	Preto	0,16	0,17	6,9%	-	-	-	0,27	0,60	122,4%
	Caupi	0,19	0,30	54,3%	-	-	-	0,44	1,33	199,3%
TOTAL - DEMAIS		0,57	0,73	26,8%	-	-	-	1,26	2,88	128,3%
BRASIL	Carioca	1,69	2,03	20,4%	172,28	182,74	6,1%	4,84	6,19	27,7%
	Preto	0,47	0,50	7,3%	116,56	205,94	76,7%	0,90	1,72	89,5%
	Caupi	0,36	0,59	63,6%	112,69	227,35	101,7%	0,68	2,25	230,0%
TOTAL - BRASIL		2,52	3,12	24,2%	-	-	-	6,43	10,15	57,8%

Fonte: Conab



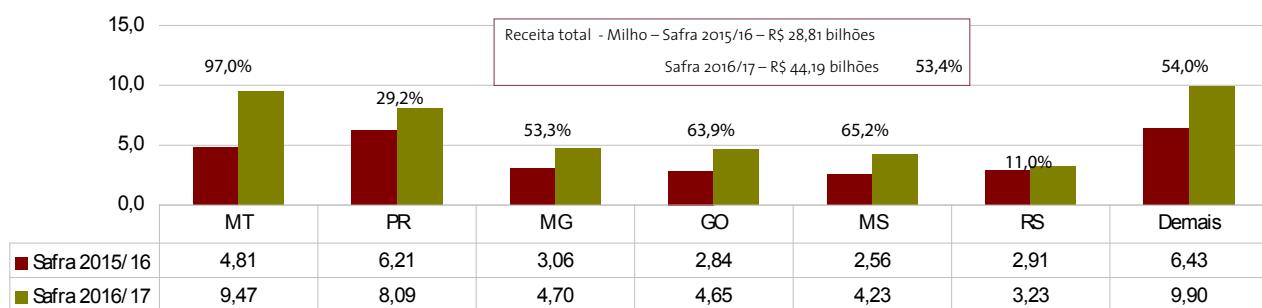
10.4. MILHO

Com o aumento de 3,2% na área de milho 1ª safra e a recuperação da produtividade da 1ª e da 2ª safra, que retornam a níveis normais depois de serem afetadas por problemas climáticos ocorridos no ano passado, a produção total de milho no Brasil, segundo os dados do 4º Levantamento da Conab, saltará de 66,6 milhões de toneladas na safra 2015/16 para 84,5 milhões de toneladas na safra 2016/17, com crescimento de 26,9% entre as temporadas.

A partir do segundo semestre de 2016, teve início a reversão da alta de preços iniciada no final de 2015; entretanto, os preços de mercado variaram, na média, 20,9% entre os meses de dezembro de 2015 e dezembro de 2016.

Diante do panorama de aumentos de preço e de produção, a receita bruta saltou dos atuais R\$ 28,8 bilhões para R\$ 44,2 bilhões, apresentando incremento de 53,4%.

Gráfico 73 – Receita Bruta da Produção Agrícola – Milho – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

10.5. SOJA

Em onze dos dezesseis estados que cultivam a soja pesquisados pela CONAB, haverá crescimento da área plantada (BA, MA, MS, MT, PA, PI, RO, RR, RS, SP e TO) e da produção (BA, MA, MS, MT, PA, PI, PR, RO, RR, SC e TO), um não apresentou alteração (DF) e quatro reduziram o cultivo (GO, MG, PR e SC) e a produção (GO, MG, RS e SP).

No total geral, área, produtividade e produção apresentarão crescimento em relação à safra passada. A área passará de 33,3 milhões de hectares para 33,8 milhões de hectares; a produtividade, de 2.870 kg/ha para 3.072 kg/ha; e a produção de 95,4 milhões de toneladas para 103,8 milhões de toneladas.

O volume de 103,8 milhões de toneladas estabelece novo recorde de produção, superando em 7,8% o anterior, alcançado na safra 2014/15, quando foram colhidos 96,2 milhões de toneladas.

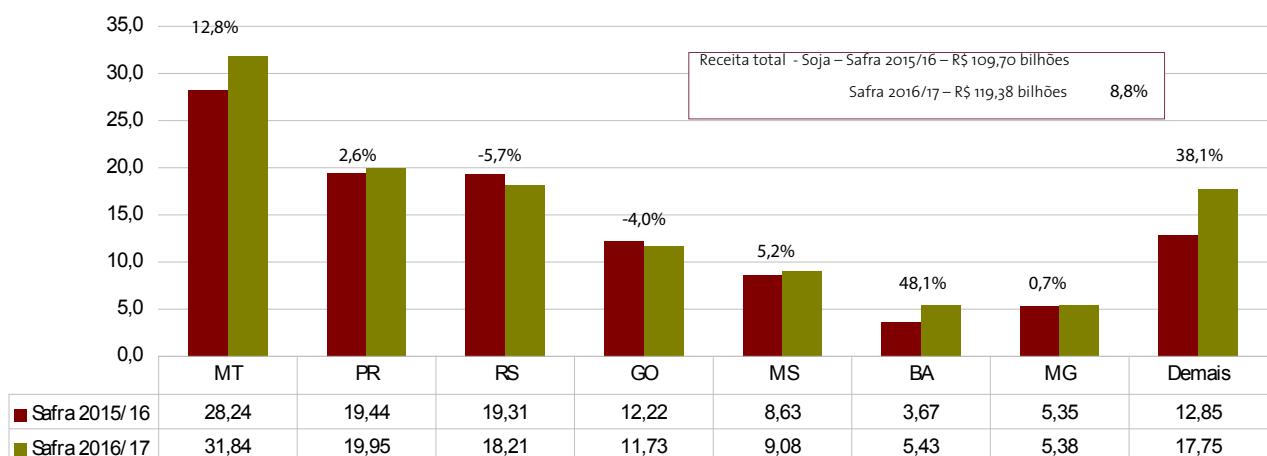
De maneira semelhante ao milho, os preços de soja no Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia e Minas Gerais (estados que respondem por 85,5% da produção total da soja), apresentaram crescimento ao longo do primeiro semestre de 2016, até o mês de junho. A partir de julho, iniciou-se o movimento de baixa, que chegou até dezembro, porém em níveis ainda superiores aos registrados em dezembro de 2015.

Considerando a produção de 103,8 milhões de toneladas e o preço médio de R\$ 69,02/sc de soja, a receita bruta da safra 2016/17 atingiu o montante de R\$ R\$ 119,4 bilhões nesta safra, superando o valor de R\$ 109,7 bilhões de 2015/16.

No gráfico a seguir são apresentados os resumos para os principais estados.



Gráfico 74 – Receita Bruta da Produção Agrícola – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17





11. ARMAZENAGEM

Na cadeia produtiva dos produtos agrícolas a armazenagem representa etapa fundamental para fornecimento constante de alimentos ao longo do ano, também exerce um papel fundamental na cadeia logística. A armazenagem está presente tanto no processo de escoamento da safra quanto na manutenção dos produtos para que sejam consumidos em períodos de entre safra.

O abastecimento regular de grãos contribui para estabilidade dos preços ao consumidor, o que faz com que o sistema de armazenagem possua papel relevante na economia do país.

As unidades armazenadoras têm como objetivo principal a guarda de produtos agrícolas, com foco em manter a sua qualidade e reduzir perdas. De forma básica, os armazéns que recebem o produto direto das lavouras, sujo e úmido, possuem equipamentos para limpar e secar o produto. A umidade elevada, temperatura elevada e o alto teor de impureza são os principais fatores que resultam em perda de grãos. Existem também as estruturas de armazenagem que recebem os produtos já limpo e secos, assim, não necessitando de aparelhos de limpeza e secagem.

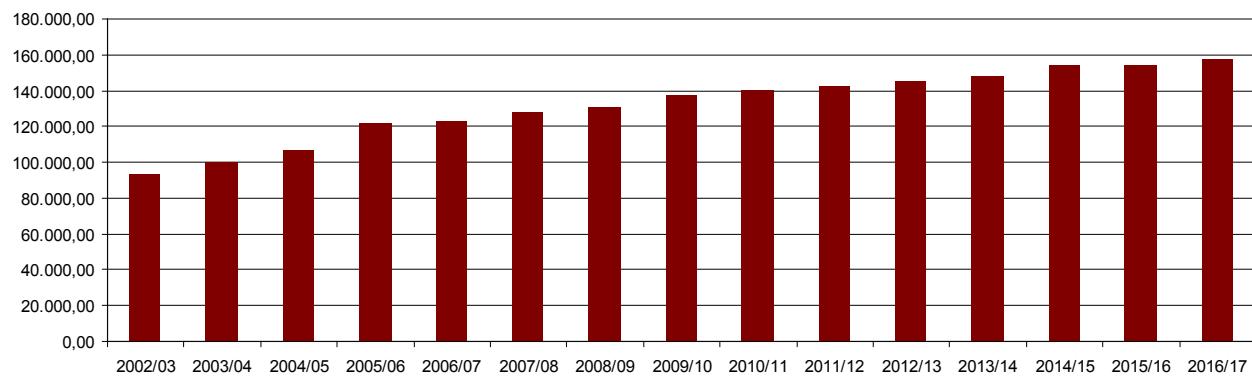
Para estocar a safra 2016/17 o Brasil possui hoje ao seu dispor uma capacidade estática de cerca de 158 milhões de toneladas. Do total da capacidade estática, 40,5% está na Região Sul e 35,3% na Região Centro-Oeste, ou seja, aproximadamente 75,8% do espaço disponível para armazenagem de produtos agrícolas

está nessas duas regiões.

Considerando os últimos 15 anos, a capacidade está-

tica do Brasil teve uma taxa média de crescimento de 3,8%. O gráfico abaixo ilustra a evolução nesses anos.

Gráfico 75 – Evolução capacidade estática do Brasil (mil t)



Fonte: Conab.

De forma geral, considerando o tipo de armazenagem dos produtos, os armazéns podem ser classificados como convencional, granel e misto. Basicamente os armazéns do tipo convencional são utilizados para guarda de produtos ensacados e enfardados, tais como: café, feijão, farinha, fibras e açúcar. Já os arma-

zéns a granel armazenam grãos sem nenhum tipo de invólucro, tais como: soja, milho, arroz, trigo e sorgo. Por fim, o armazém do tipo misto normalmente possui um piso plano que permite o armazenamento tanto a granel quanto convencional.

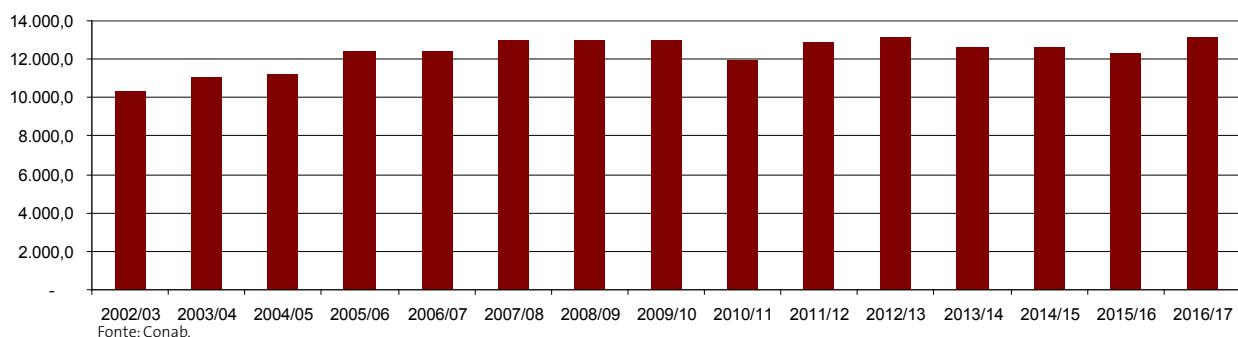
11.1. CENTRO-OESTE

11.1.1. Goiás

Nos últimos 15 anos a capacidade estática de Goiás não apresentou crescimento expressivo, a taxa média de crescimento nesse período foi de 1,6%. A capacidade atual é de 13,1 milhões de toneladas, isso representa 23,6% do total do Centro-Oeste posicionando o

estado como a segunda maior capacidade da região. O tipo de armazém predominante do estado é granel, perfazendo cerca de 93% dos 13,1 milhões de toneladas.

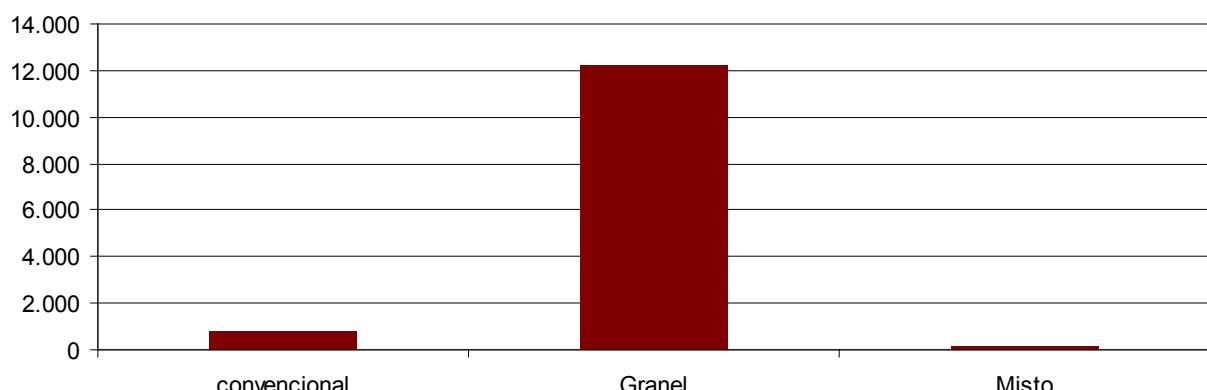
Gráfico 76 – Capacidade estática do estado de GO (mil t)



Fonte: Conab.



Gráfico 77 – Capacidade estática por tipo GO (mil t)



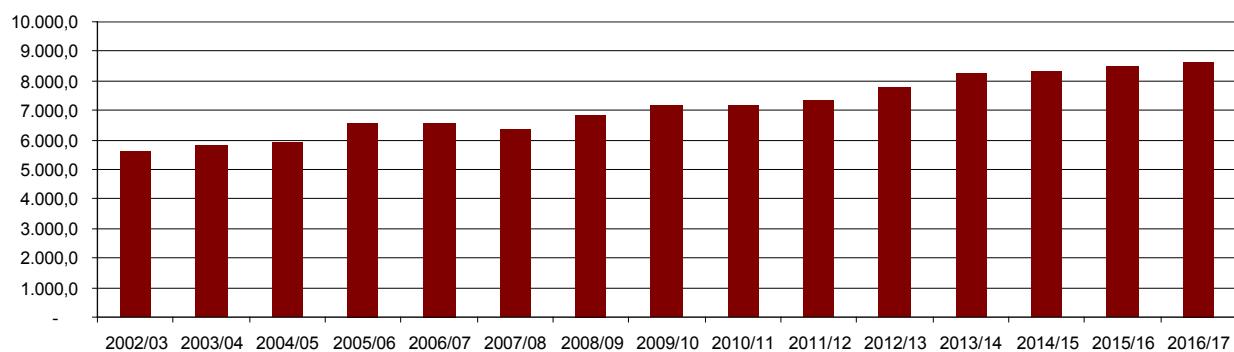
Fonte: Conab.

11.1.2. MATO GROSSO DO SUL

A capacidade atual do Mato Grosso do Sul é de 8,6 milhões de toneladas, isso representa 15,5% do total da Região Centro-Oeste. Nos últimos 15 anos a taxa mé-

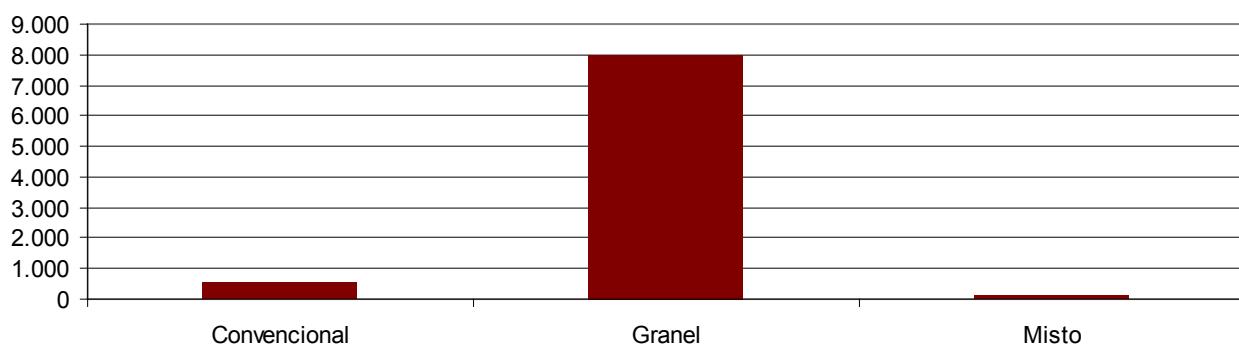
dia de crescimento da capacidade estática em Mato Grosso do Sul foi de 2,9%. A armazenagem a granel também é predominante na região.

Gráfico 78 – Capacidade estática do estado de MS (mil t)



Fonte: Conab.

Gráfico 79 – Capacidade estática por tipo MS (mil t)



Fonte: Conab.

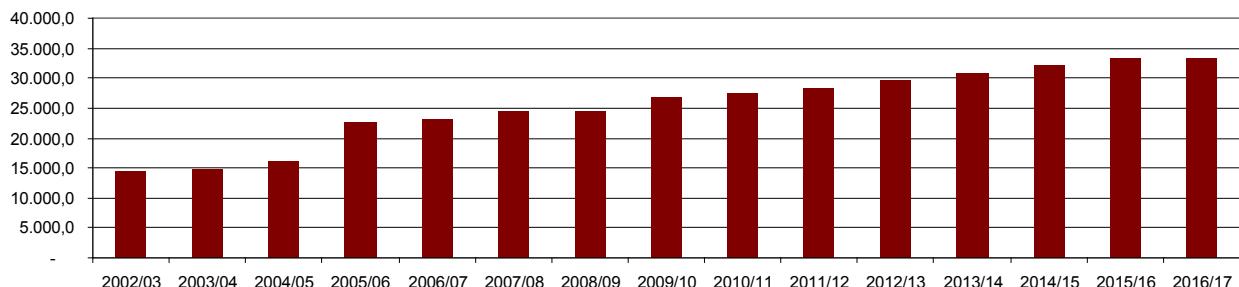


11.1.3. MATO GROSSO

O Mato Grosso é o principal parque armazenador do Centro-Oeste, possuindo 60% da capacidade da região. Nos últimos 15 anos apresentou taxa média de crescimento da capacidade estática de 5,8%. O cres-

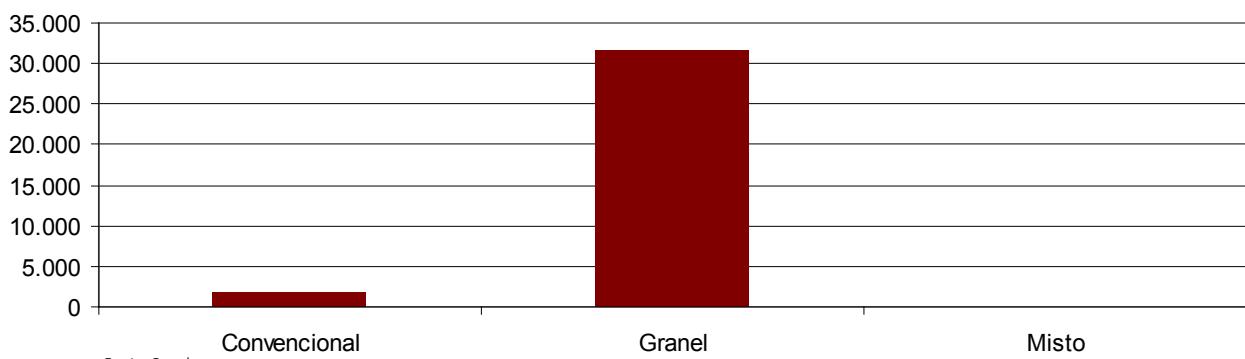
cimento apresentado está acima da média nacional, que foi de 3,8%. A capacidade atual é de cerca de 33,5 milhões de toneladas.

Gráfico 80 – Capacidade estática do estado de MT (mil t)



Fonte: Conab.

Gráfico 81 – Capacidade estática por tipo MT (mil t)



Fonte: Conab.

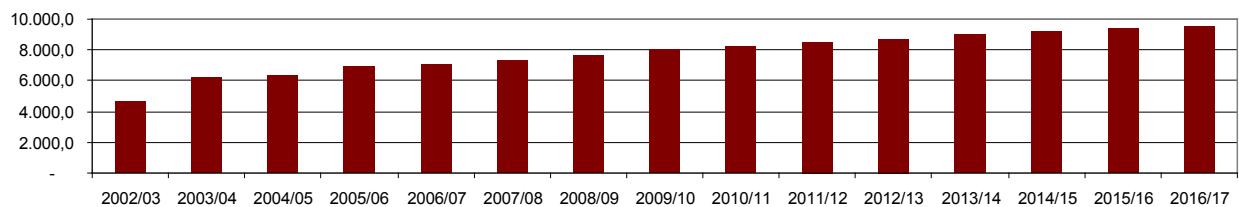
11.2. SUDESTE

11.2.1. MINAS GERAIS

Minas Gerais possui o segundo maior parque armazenador do Sudeste, detém 40% da capacidade da região. Nos últimos 15 anos apresentou taxa média de crescimento da capacidade estática de 4,8%. Com

relação ao tipo de armazenagem, esse estado se destaca por possuir 3,1 milhões de capacidade do tipo convencional, utilizada basicamente para armazenamento de café.

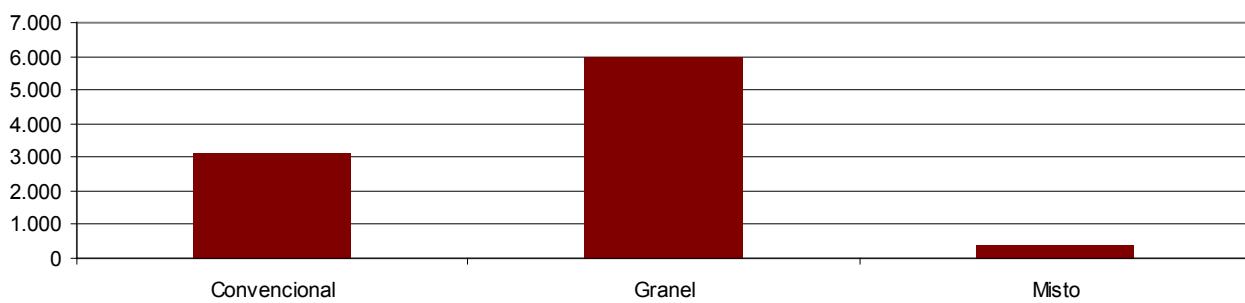
Gráfico 82 – Capacidade estática do estado de MG (mil t)



Fonte: Conab.



Gráfico 83 – Capacidade estática por tipo MG (mil t)



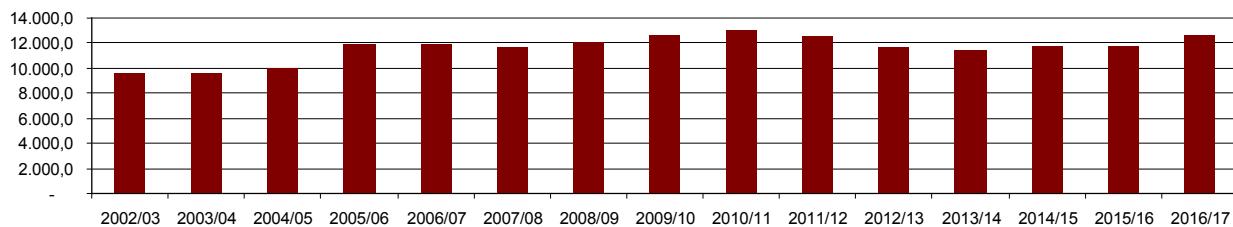
Fonte: Conab.

11.2.2. SÃO PAULO

São Paulo é o principal parque armazensor do Sudeste possuindo 53% da capacidade da região. Nos últimos 15 anos apresentou uma taxa média de crescimento da capacidade estática de 1,8%. A capacidade atual é de 12,6 milhões de toneladas. Também possui

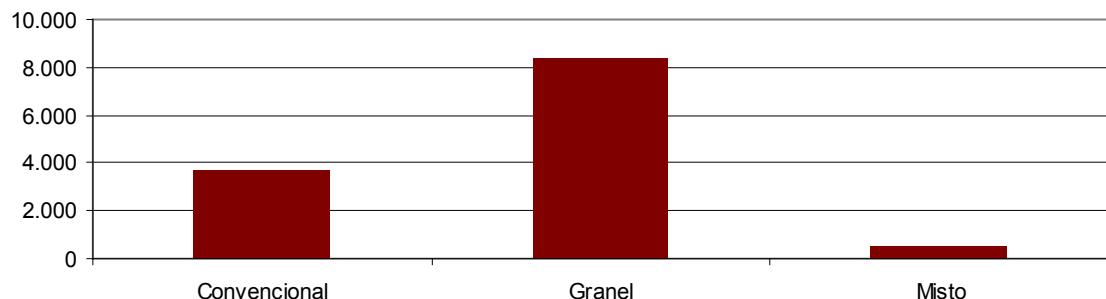
um elevado percentual da sua capacidade voltada para armazenagem convencional, 33%, esses armazéns são utilizados basicamente para guardar café e açúcar.

Gráfico 84 – Capacidade estática do estado de SP (mil t)



Fonte: Conab.

Gráfico 85 – Capacidade estática por tipo SP (mil t)



Fonte: Conab.

11.3. SUL

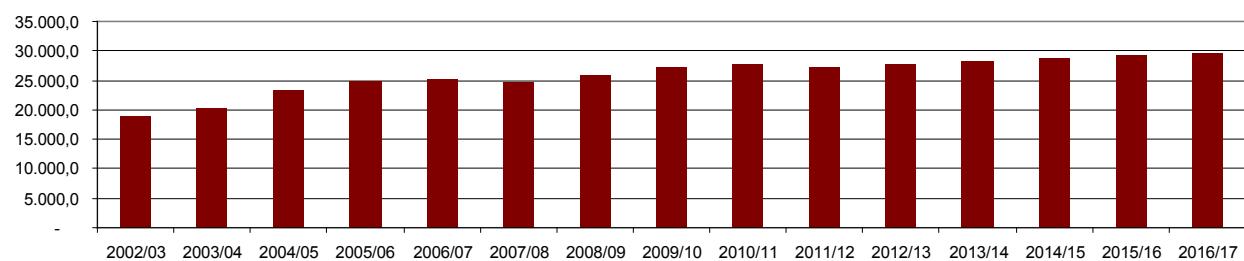
11.3.1. PARANÁ E RIO GRANDE DO SUL

O Paraná e o Rio Grande do Sul possuem praticamente a mesma capacidade estática, 29,7 e 28,8 milhões de toneladas, respectivamente. Os dois estados tiveram também o mesmo desempenho nos últimos 15 anos com relação à taxa média de crescimento da

capacidade estática, apresentando um aumento de cerca de 3%. O Paraná apresenta uma capacidade estática convencional equivalente à de São Paulo, cerca de 3,7 milhões de toneladas.

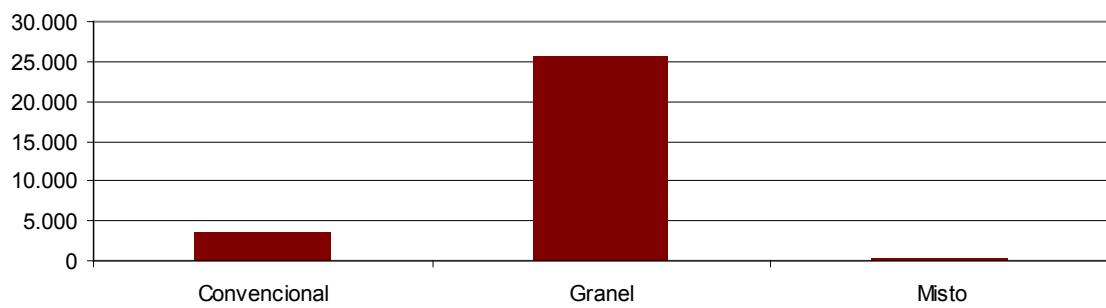


Gráfico 86 – Capacidade estática do estado do PR (mil t)



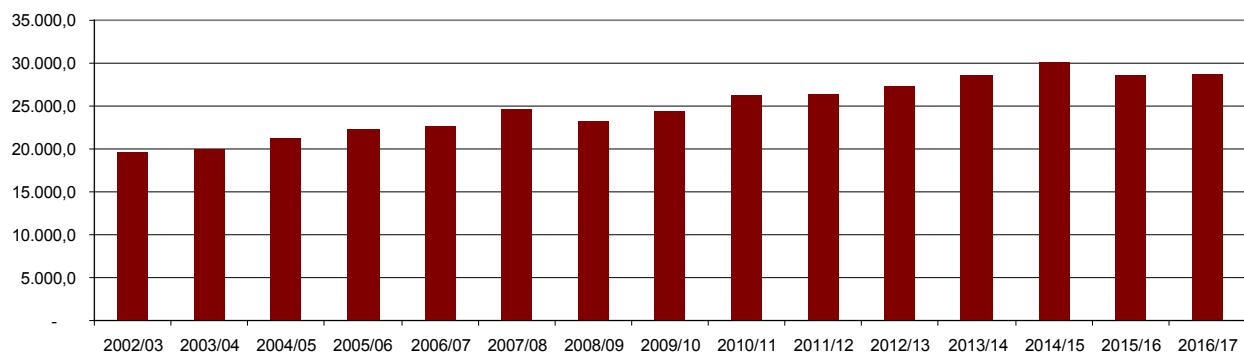
Fonte: Conab.

Gráfico 87 – Capacidade estática por tipo PR (mil t)



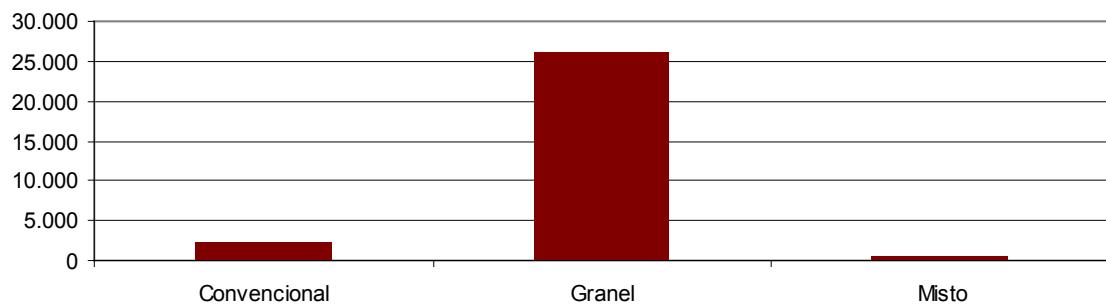
Fonte: Conab.

Gráfico 88 – Capacidade estática do estado do RS (mil t)



Fonte: Conab.

Gráfico 89 – Capacidade estática por tipo RS (mil t)



Fonte: Conab.



12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

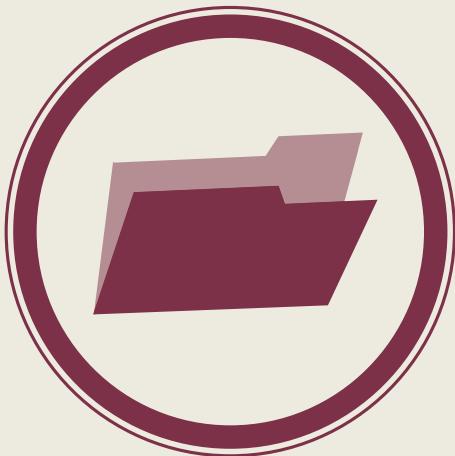
Tabela 51 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.288,8	25,0	1.662,9	720,0	780,0	162,9
	2016/17	162,9	1.418,4	45,0	1.626,3	750,0	600,0	276,3
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.602,9	1.150,0	12.715,8	11.400,0	950,0	365,8
	2016/17	365,8	11.636,0	1.100,0	13.101,8	11.500,0	1.100,0	501,8
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.515,0	325,0	3.038,1	2.800,0	50,0	188,1
	2016/17	188,1	3.124,1	200,0	3.512,2	3.200,0	100,0	212,2
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.570,8	2.400,0	79.372,1	53.387,8	18.000,0	7.984,3
	2016/17	7.984,3	84.480,2	500,0	92.964,5	56.100,0	24.000,0	12.864,5
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.434,6	400,0	96.760,3	43.700,0	51.591,0	1.469,3
	2016/17	1.469,3	103.778,3	300,0	105.547,6	46.500,0	57.000,0	2.047,6
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.100,0	2.190,1
	2016/17	2.190,1	33.110,0	1,0	35.301,1	17.000,0	15.900,0	2.401,1
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	70,0	8.207,7	6.380,0	1.400,0	427,7
	2016/17	427,7	8.385,0	40,0	8.852,7	6.800,0	1.550,0	502,7
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	5.950,0	13.486,1	10.717,3	700,0	2.068,8

Notas: Estimativa em Novembro de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

Fonte: Conab.





13. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 10 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

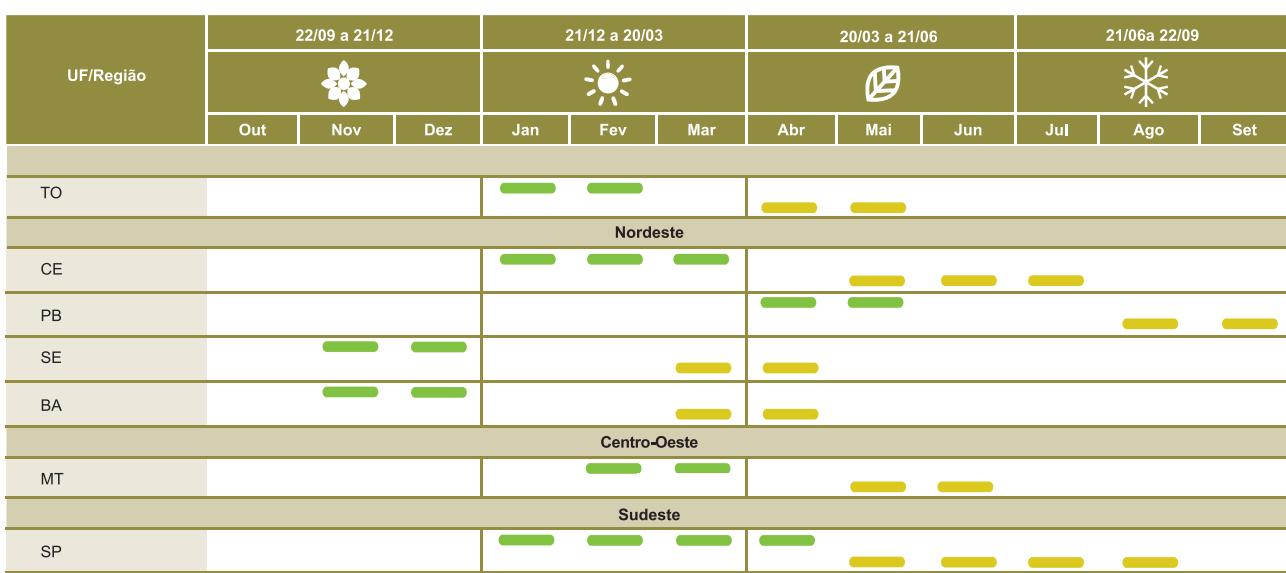
REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

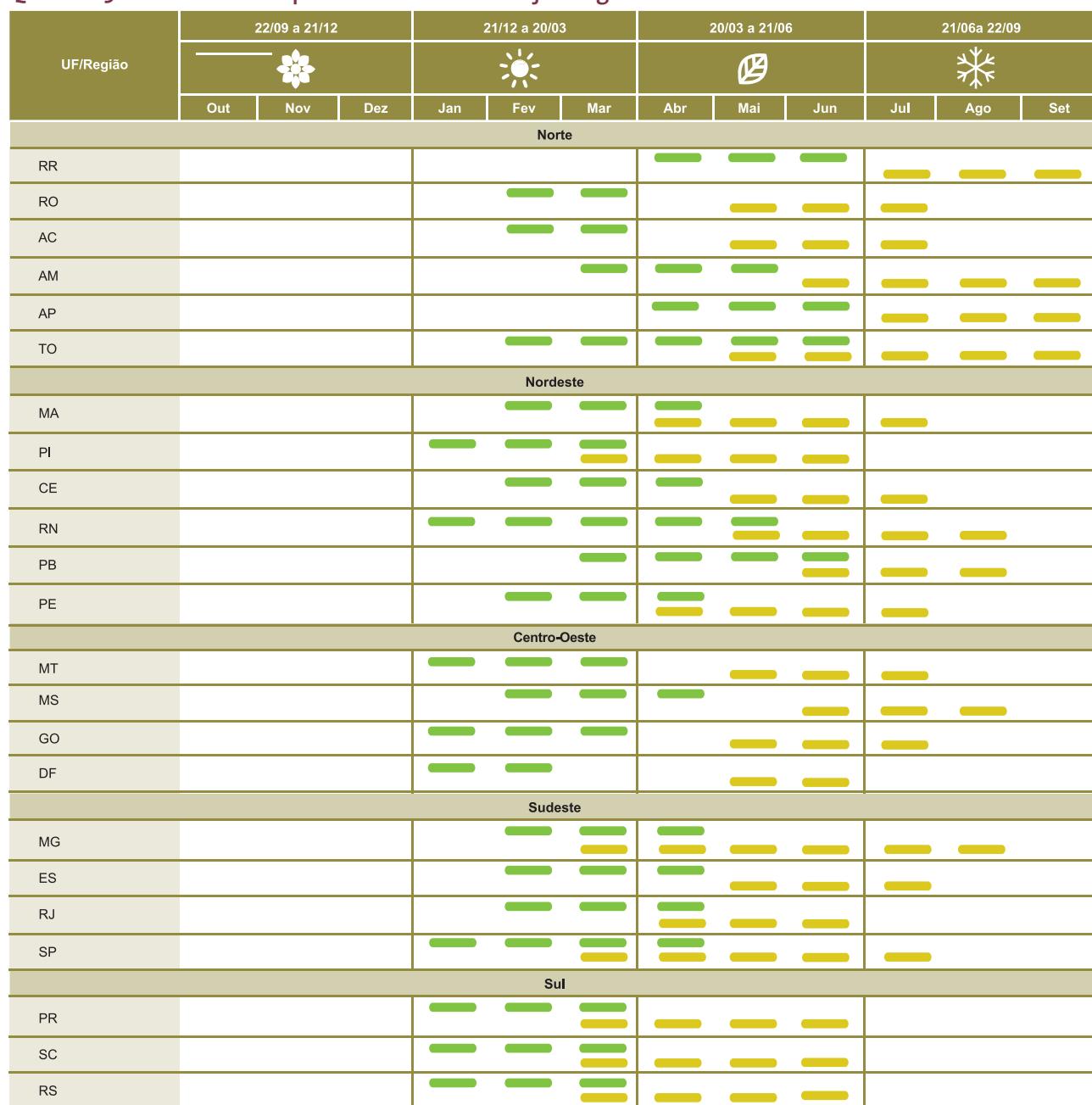


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



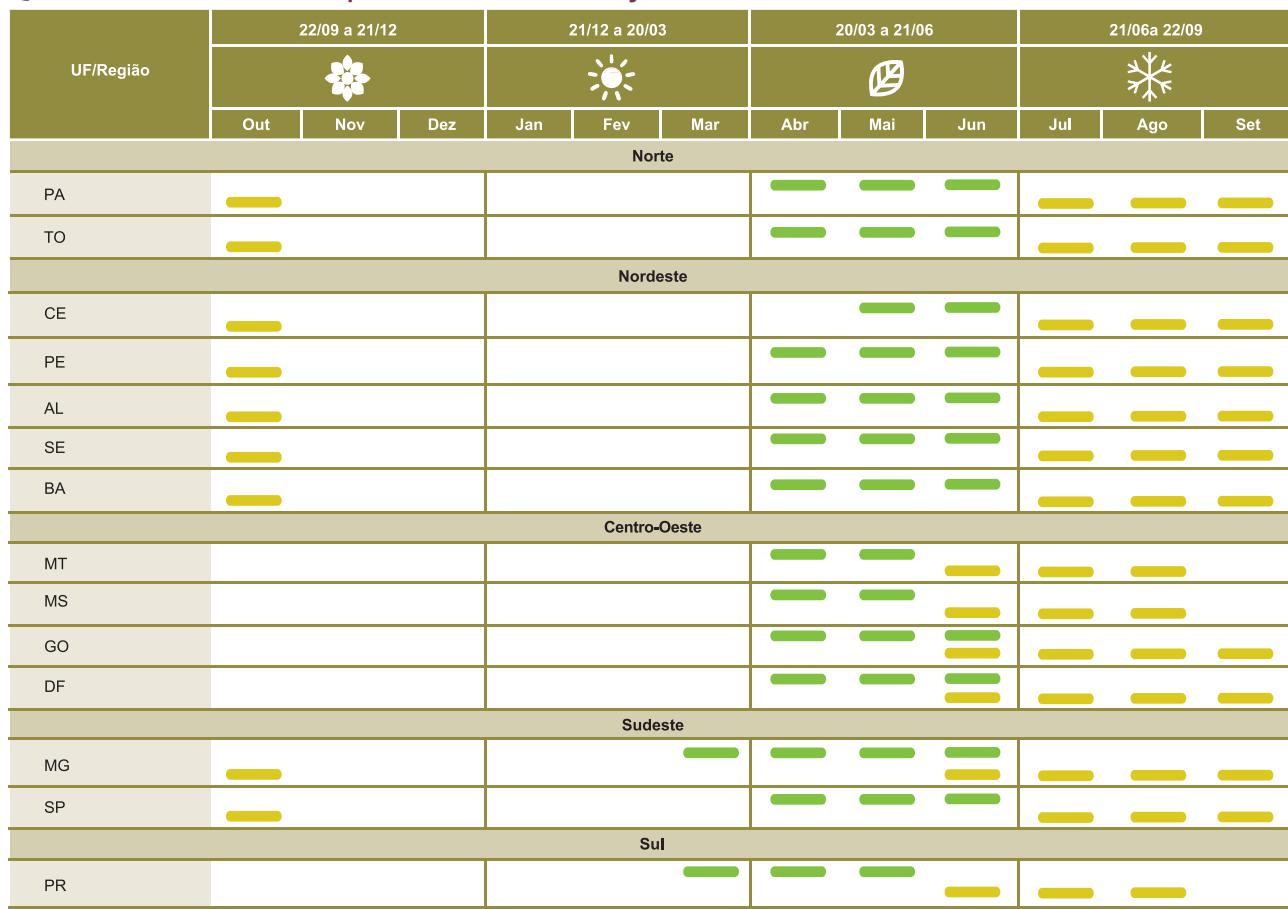
Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



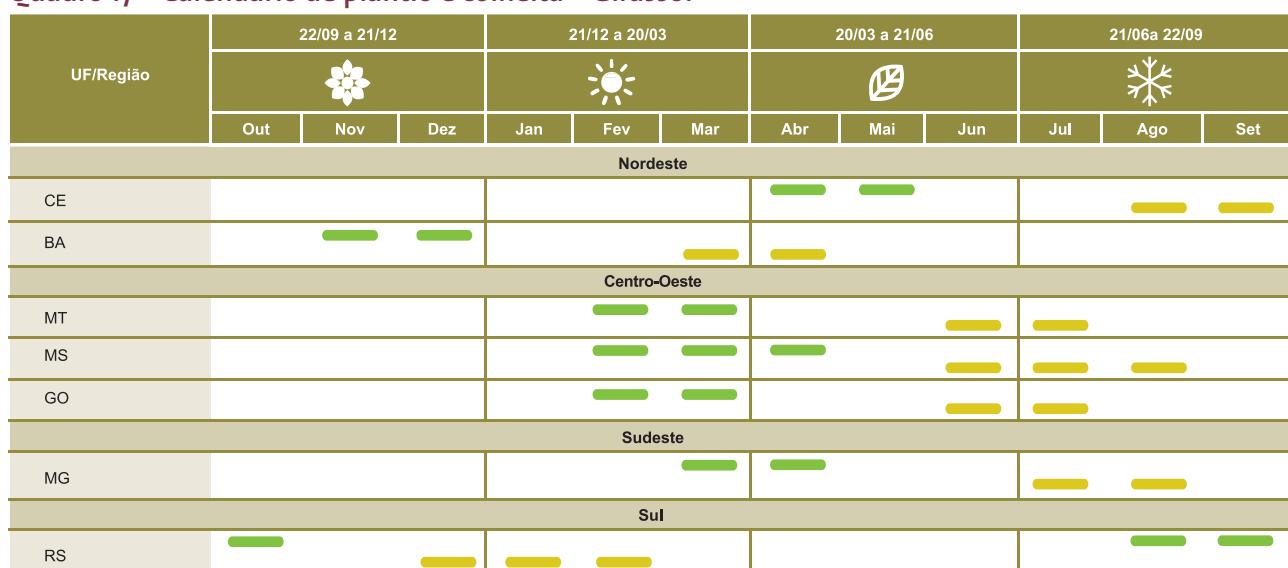
Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

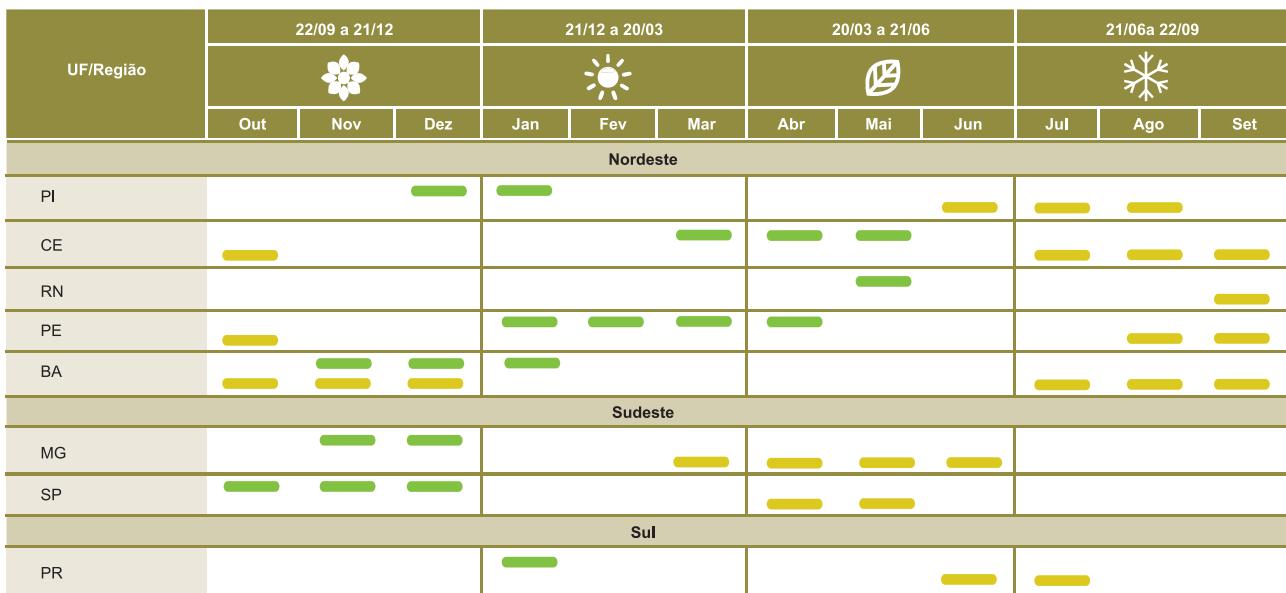


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

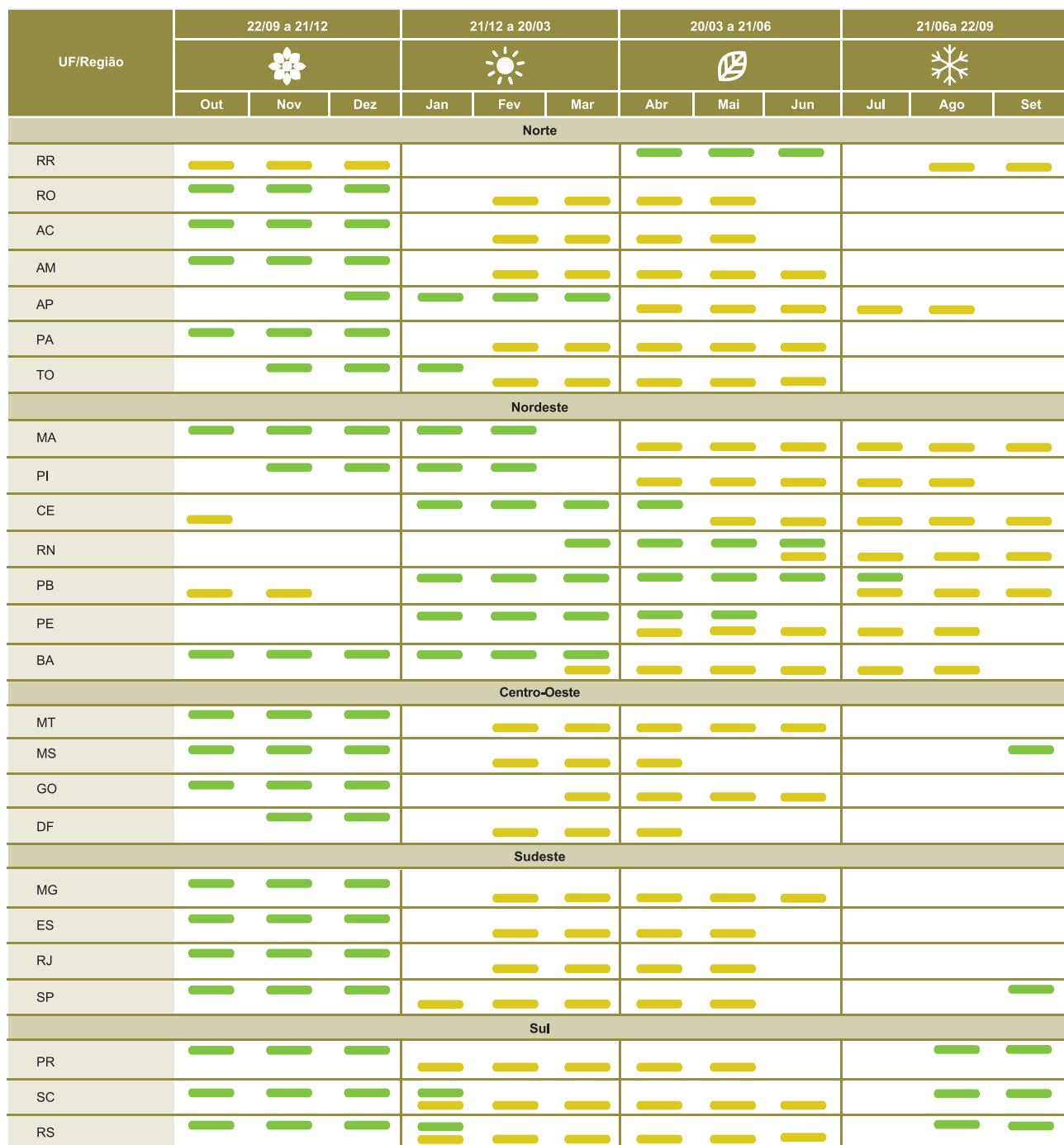


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra



Legenda: ■ Plantio ■ Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Soja

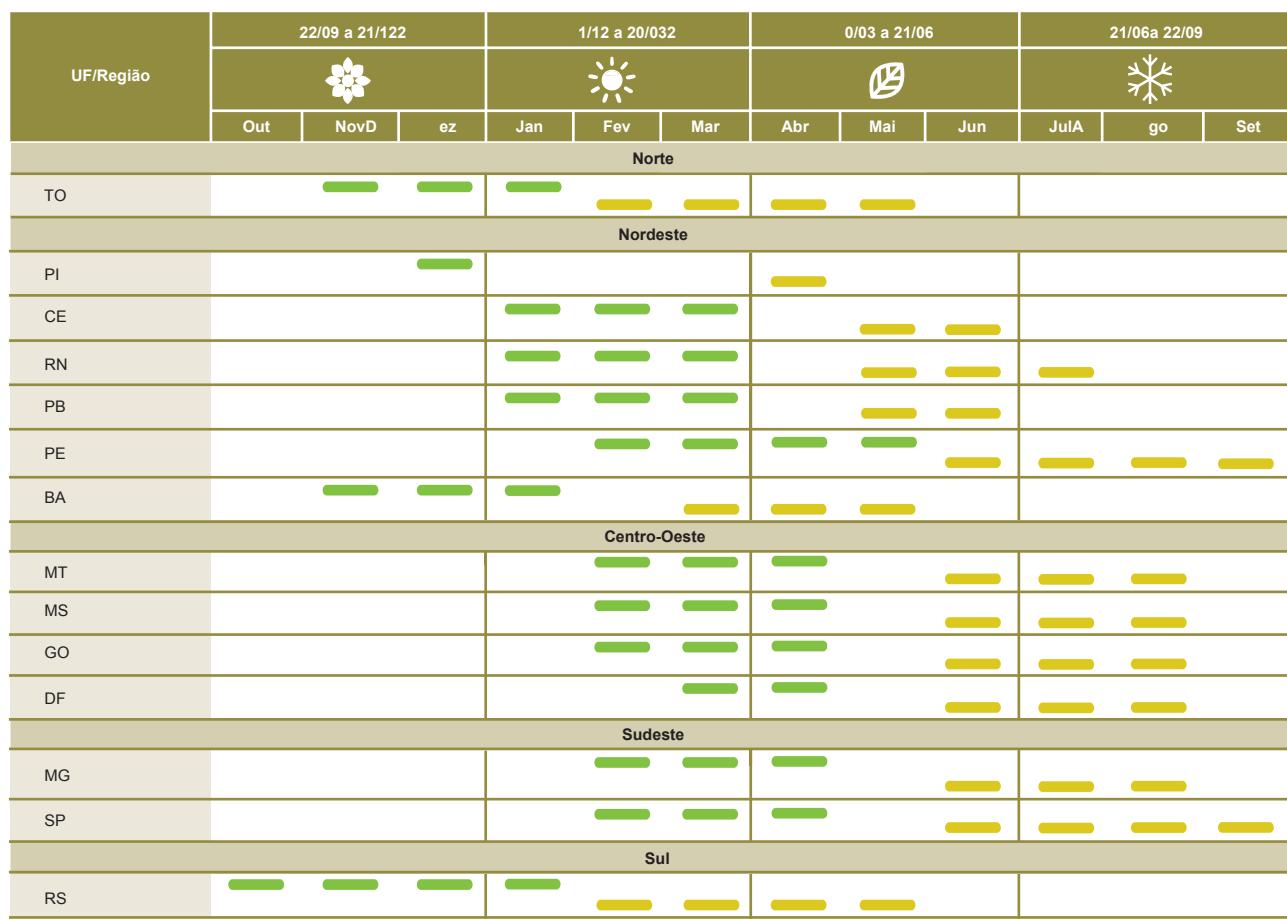
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab



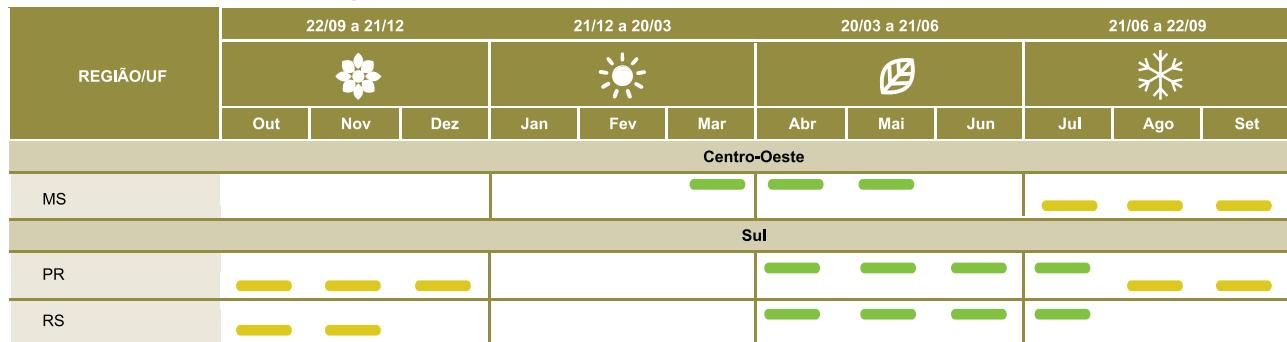
Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

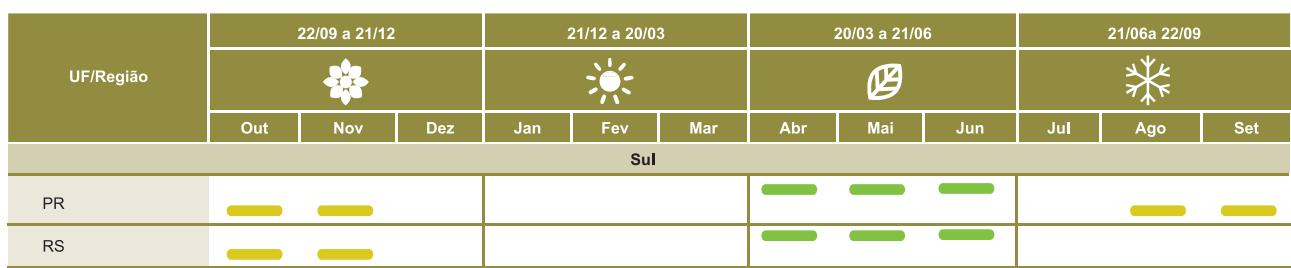


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



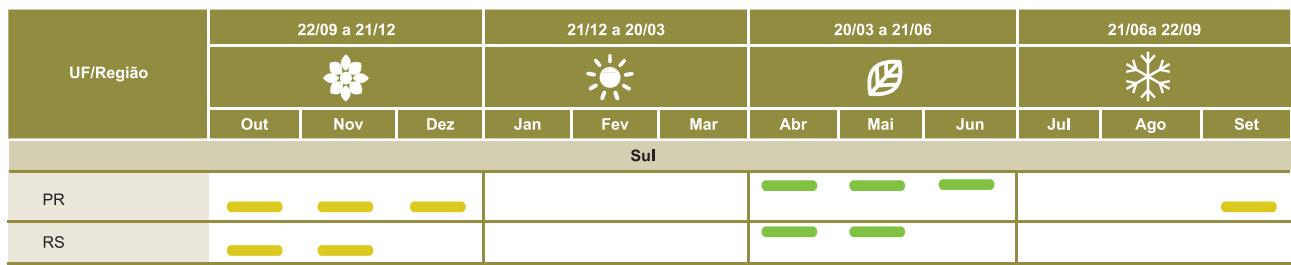
Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Canola



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

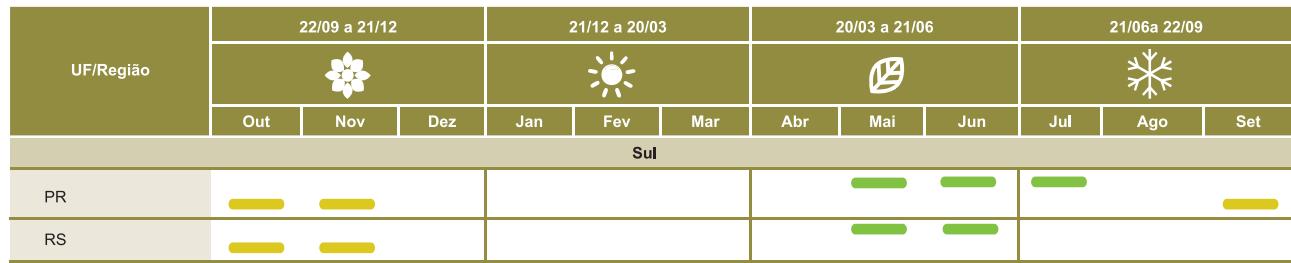
Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Centeio



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

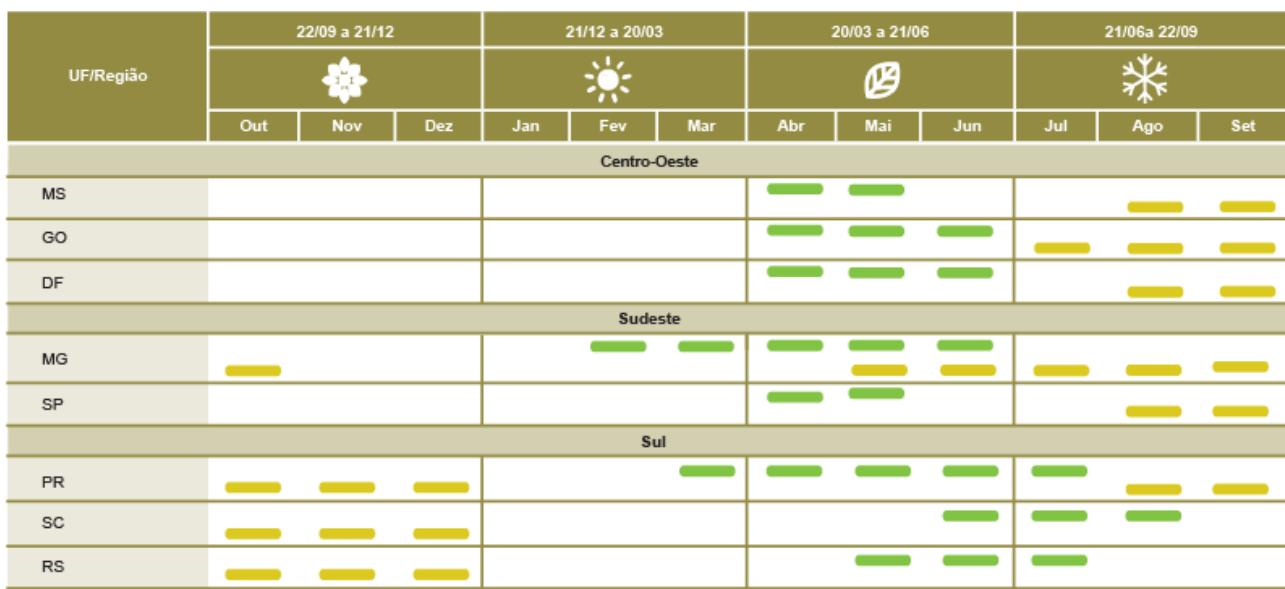


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab



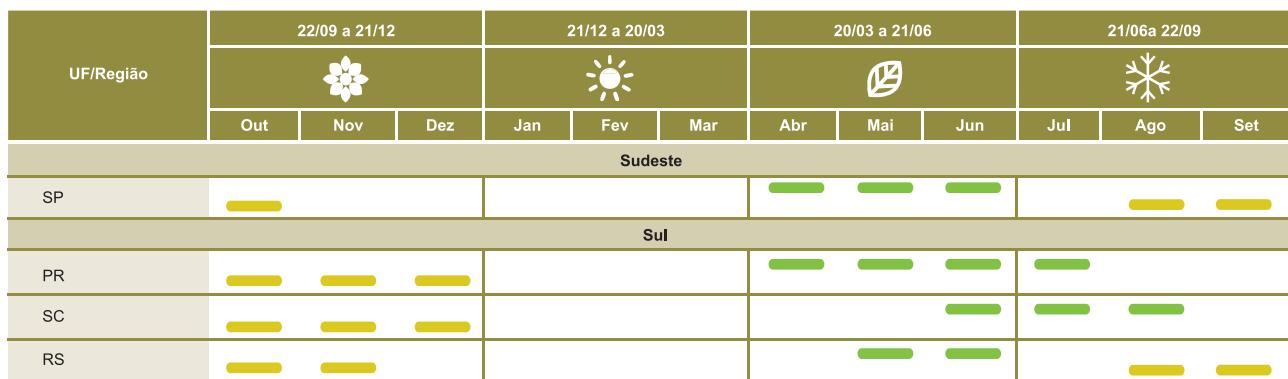
Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Trigo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 28 - Calendário de plantio e colheita – Triticale



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

